



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

**Algarve: Tradição Arquitectónica e
Contemporaneidade**
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Vanessa Alexandra Rosa Afonso

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof^a. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Covilhã, Outubro de 2018

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Aos meus Pais, por todo o esforço e dedicação
E por acreditarem sempre em mim

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Esta dissertação foi escrita de acordo com o antigo acordo ortográfico.

Agradecimentos

Este trabalho que aqui se apresenta pode não ser o reflexo de todo o trabalho e esforço feitos até ao momento, mas marca sem dúvida o fim de uma grande e importante etapa. Momentos e memórias únicas e marcantes que ficam guardados para o resto da vida e que contribuíram para fazer de mim a pessoa que sou hoje.

Por esta oportunidade e tudo o que veio por acréscimo, tudo devo à minha família e amigos, a quem agradeço do fundo do coração.

Em especial aos meus pais, por sempre me apoiarem e sempre estarem presentes, por me tornarem mais forte e nunca me deixarem desistir, tendo sempre uma palavra amiga, carinhosa e de incentivo para me dar, felicitando-me nos bons momentos e encorajando-me nos maus.

Ao meu irmão, que sempre me fez ver a vida de uma perspectiva diferente. E isso é importante para não nos esquecermos que o mundo não segue apenas no sentido que a sociedade nos faz acreditar ser a mais correcta e a que estamos habituados.

Aos meus avôs que sempre torceram por mim e me incentivaram, para no futuro ter uma profissão da qual me orgulhe. Em especial ao meu avô que sempre foi um entusiasta e de uma forma subtil sempre me encorajou a trabalhar sempre mais e ser sempre melhor. Talvez sem se aperceber, desempenhou um papel muito importante.

À Anha, que desde sempre esteve presente na minha vida, bem como durante toda esta jornada, por todas as palavras meigas e de encorajamento. E aos meus primos que sempre estiveram presentes.

Ao Yilson por ser igualmente um grande pilar, por estar sempre presente nos bons e nos maus momentos, por me fazer acreditar todos os dias, de que seria capaz, mesmo quando eu pensava não ter mais forças para lutar e continuar, por ser o meu amigo e companheiro fiel por quem me apaixono todos os dias e que de alguma forma ou razão se voltou a cruzar no meu caminho durante este capítulo tão importante. Tendo sempre uma palavra amorosa e positiva para me dizer.

À Mónica e à Catarina pela amizade que nos une desde pequenas e mesmo estando longe, sempre fizeram questão que as sentisse por perto. Sempre disponíveis para me ouvir e me porem a par das novidades da vida que deixei.

Ao Ivanildo e ao Armando pela amizade, pelo apoio, por estarem sempre presentes e sempre prontos a ajudar, incentivar e a me animar ou apenas para me ouvir.

À Mafalda Antunes pela amizade, pelo sentido de humor, por me alegrar, por me ouvir e me compreender tão bem, por fazer parte de bons e únicos momentos vividos na Covilhã e fora dela, e por ter entrado na minha vida já tarde mas de uma forma que não irei esquecer.

À Patrícia Aldeia e ao Alex Mendes que me acompanharam nesta caminhada do início ao fim, pela amizade e com quem partilho memórias tão boas e saudades de momentos tão marcantes.

À Ana Aleixo que foi muitas vezes a minha parceira de trabalho, com uma força de vontade e entusiasmo contagiantes, que me superou e me influenciou. Que muito me ajudou e se tornou numa boa amiga.

À minha fisioterapeuta na Covilhã, Rosário que constantemente me ajudou fisicamente, que sempre esteve disponível quando eu mais precisava e me “salvou” em momentos críticos.

À Danielle por ter sido mais que uma colega de primeiro ano, uma excelente amiga e por quem senti uma grande cumplicidade.

À Andreia Amaro que juntamente com a Catarina me receberam carinhosamente, que me mostrou através de um olhar mais próximo, aquela que seria a cidade onde iria viver os próximos anos e que se certificou de que os iria aproveitar ao máximo, sendo sempre uma excelente amiga.

À Catarina Sampaio que sem me conhecer, me acolheu de braços abertos e um sorriso sincero e contagiante, em sua casa desde o primeiro dia, incluindo-me no grupo de amigos tal como no seio familiar. Com quem aprendi muito e me transmitiu preciosos valores, e uma mensagem que guardo para sempre, de que devemos seguir os nossos sonhos e não deixar escapar nenhuma oportunidade. Por tudo e pela amizade que desta convivência resultou vou estar eternamente grata.

À Clara que apesar de não ter linguagem humana, conseguia sempre transmitir mensagens e sentimentos mostrando todos os dias o seu amor incondicional, que me marcou de uma forma que jamais esquecerei.

À Cláudia que apareceu na altura certa. Veio confirmar as minhas convicções, complementar e acentuar os gostos que já tinha, com uma energia e um positivismo incríveis, sempre disponível para ver o lado bom da vida, mas também da cidade de Olhão. Enaltecendo tudo o que existiu e ainda existe de verdadeiramente belo e importante na nossa cidade e região, na arquitectura tradicional algarvia e respectivas tradições.

Também ao Marcelo, pelo seu positivismo, boa disposição e amizade. Que em conjunto com a Cláudia formaram a Saudade, empresa com que viria a colaborar e onde muito me ajudaram com o fornecimento de material gráfico, (fotografias e plantas) que complementam este trabalho.

Ao Florent Stepin e ao Filipe da Palma pelo material gráfico cedido e entusiasmo.

E por fim, mas não menos importante, à minha professora e orientadora Ana Maria Martins que sempre foi tão carinhosa, alegre e positiva, sempre me incentivou e me fez acreditar que estaria a ir pelo bom caminho. Mandando sempre muita força e entusiasmo, quando me sentia perdida e desesperada.

A todos os demais amigos, colegas e professores que de alguma maneira contribuíram para a minha evolução, acrescentando algo ao meu autoconhecimento e para a minha formação. A todos, por fazerem parte da minha história, por fazerem parte de mim e me ajudarem a acreditar que tudo aquilo que queremos com muita força, muito empenho e determinação, conseguimos alcançar.

Resumo

Quando algo muda de repente causa estranheza, quando uma cidade que tinha aspecto de estar abandonada, sem o estar e de repente começa a melhorar dá que pensar, pela sua dimensão e tudo a que a ela está inerente. Quando essa mudança é agradável, faz-nos sentir bem, porque não se gosta de viver numa cidade desinteressante. Deste modo paramos para procurar explicações e compreender a razão para tal mudança.

Foi precisamente o que aconteceu com a cidade de Olhão da Restauração, uma cidade que apesar de possuir características regionais únicas, encontrava-se descuidada, degradada e sem ânimo.

Devido à falta de pontos apelativos em Olhão foi imprescindível que ocorresse um momento de viragem, começando a sentir-se uma nova energia e um novo ambiente. As ruas estreitas e becos sombrios começaram a ganhar novamente vida e luz, as antigas casas estragadas pelo tempo ou devolutas começam a ser renovadas e ocupadas.

Porquê esta mudança? O que aconteceu que tenha despertado este acontecimento? Porquê tanto turismo repentino? O que procuram estes novos habitantes? O que os move?

Tantas perguntas sem resposta e tanto por compreender. Tudo o que antes foi dito, associado ao gosto pela arquitectura tradicional algarvia e a curiosidade por entender as suas características, os materiais, as respectivas localizações e as razões de determinadas configurações e detalhes.

De forma natural surge interesse por duas temáticas que actualmente se interligam - as características da arquitectura algarvia, e o porquê da chegada de turistas associada a instalação de novos habitantes e à transformação da cidade. Ambas parecem estar relacionadas e poderão dar resposta a estas questões.

Foi desta forma, e a partir destes interesses, que surgiu o tema do trabalho que aqui se apresenta. Resultado de uma relação muito próxima com este meio em questão, de um gosto genuíno e abordado de uma forma muito próxima, emotiva e pessoal.

Palavras-chave

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Abstract

When something changes suddenly it's uncomfortable. When a city that had the appearance of being abandoned, without really being, and suddenly begins to improve, it gives us something to think, both by its dimension and everything that is inherent to it. When this change is pleasant, it makes us feel good, because who does like to live in an uninteresting city? In this way we stop to look for explanations and to understand the reason for such a change.

This is precisely what happened to the city of Olhão da Restauração, a city that despite having unique regional characteristics, was careless, degraded and moodless.

Due to the lack of appealing points in Olhão it was imperative that a turning point occurred at some point, starting to feel a new energy and a new environment. The narrow streets and dark alleys of this small city began to gain life and light again, the old houses spoiled by time or vacant begin to be renovated and occupied.

Why this change? What it's the reason for this event to happen? Why so much sudden tourism in this city? What are these new inhabitants looking for? What moves them?

So many unanswered questions and so much to understand. Everything that was said before, associated with the taste for the traditional architecture of Algarve and the curiosity to understand its characteristics, the materials, the respective locations and the reasons of certain configurations and details.

Naturally, there is interest in two themes that are currently intertwined - the characteristics of the Algarve architecture, and why the arrival of tourists associated with the installation of new inhabitants. Both seem to be related and will be able to answer these questions. It was in this way and from these interests that the theme of the work presented here arose.

The result of a very close relationship with this medium in question, of a genuine taste and approached in a very close, emotional and personal way.

Keywords

Algarve | Culture | Traditional Architecture | Olhão | Tourism | Rehabilitation

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Índice

Índice	xi
Lista de Figuras.....	xiii
I - Introdução: Objectivos, Metodologia e Estrutura	xix
II - Breve análise da Arquitectura Popular na Região Algarvia.....	1
2.1. A Casa do Sul	16
2.1.1. Materiais Construtivos.....	20
2.1.2. A Chaminé Algarvia	24
2.1.3. A Platibanda	27
2.2. Características da Casa Rural.....	29
2.3. Características da Casa Urbana	47
III- Características da Região Algarvia apreciadas e que influenciam a procura	59
3.1. Salinas	62
3.2. O Mar.....	65
3.3. Ria formosa	68
3.4. Gastronomia	70
3.5. Indústria Conserveira	75
3.6. Análise geral, Alteração da paisagem.....	82
IV- Influência do Turismo na reabilitação da cidade de Olhão.	97
4.1. Turismo no Algarve - Indicadores para o crescente desenvolvimento do turismo na região.	98
4.2. Imagem publicitária que vendia o Turismo no Algarve	106
4.3. Diferentes tipos de turismo a Barlavento e Sotavento.	109
V - A história da cidade de Olhão	115
5.1. A arquitectura “cubista” da cidade de Olhão.	132
5.2. Transformação da cidade com chegada de novos habitantes.....	145
5.3. Reabilitação de antigas casas em Olhão.....	157
5.4. Exemplos de Reabilitação	166
5.4.1 - Casa Saudade	166
5.4.2 - Casa Xadrez	170
5.4.3 - Casa Mirante	174
Conclusão	181
Referencias Bibliograficas.....	185
Publicações Periódicas	187
Anexos	191

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Lista de Figuras

Figura 1 - A região Algarvia. Fonte: VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013.....	1
Figura 2 - Esquema explicativo, Portugal versus Algarve. Fonte: Editado por mim, adaptado de FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve -Dos primórdios à actualidade; Edições Afrontamento; Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005.....	4
Figura 3 - Mapa do Algarve (Serra, Barrocal e Litoral) Fonte: Editado por mim, adaptado de dissertação de Carlos Filipe Machado Vasconcelos; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7. Adaptado de DGT, 2013.....	6
Figura 4 - Mapa Litológico da região Algarvia. Adaptado de; MOUTINHO, Mário; A Arquitectura Popular Portuguesa; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; 3ª. Edição, Lisboa, 1995; p.15.....	7
Figura 5 - Mapa do Algarve (Barlavento e Sotavento); Adaptado a partir da base de mapa do Google. http://amantesdeviagens.com/conhecer-portugal/distrito-faro/praias-do-algarve/...	8
Figura 6 - Formações Rochosas na praia da Marina em Lagoa versus; Imagens adaptadas do site de Turismo de Portugal - Algarve. http://www.visitalgarve.pt/pt/3275/areas-protégidas-do-algarve.aspx#prettyPhoto	10
Figura 7 - Planície, Ilha da Fuzeta. Fonte: Imagens adaptadas do site de Turismo de Portugal - Algarve. http://www.visitalgarve.pt/pt/3275/areas-protégidas-do-algarve.aspx#prettyPhoto	10
Figura 8 - 1. Mapa de Relevo; 2. Mapa de Pluviosidade; 3. Mapa Isotérmico; 4. Mapa de Tipo de Povoamento rural. Adaptado de, MOUTINHO, Mário; “A Arquitectura Popular Portuguesa”; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; 3ª. Edição, Lisboa, 1995, pp. 15-25.....	12
Figura 9 - Mapa de povoações - Algarve; Adaptado a partir de; RIBEIRO, Orlando; “Geografia e Civilização -Temas Portugueses”; Livros Horizonte, Lda; 3ª. Edição; Lisboa, 1992; p. 57.....	14
Figura 10 - População dispersa e concentrada, três exemplos. a) Moncarapacho; b) Olhão; c) Tavira. Fonte: 1ª. Foto: autoria da autora; 2ª. Foto: autoria de Filipe da Palma; 3ª. Foto: Autoria de Florent Stepin.....	16
Figura 11 - Mapa com distribuição das tipologias de habitação popular da região do Algarve; adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013.....	19
Figura 12 - Cal com diferentes pigmentações. Fotografias de Filipe da Palma.....	21
Figura 13 - Ladrilhos de barro natural e diferentes formas de aplicação.....	23
Figura 14 - Chaminé Algarvia rendilhada.....	24
Figura 15 - Corte de Chaminé de Balão; Fonte: AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa 2004; p.354.	26
Figura 16 - Chaminé de traçado octogonal em Barranco dos Pisões - Monchique. Fonte: AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa 2004; p.354.....	26
Figura 17 - Secção em Chaminé de Balão Olhanense; Fonte: AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa 2004; p.354.....	26
Figura 18 - Casa Rural com Platibanda ornamentada e telhado de duas águas.....	27
Figura 19 - Casa Urbana na cidade de Olhão com platibanda ornamentada.	28

Figura 20 - Portugal Rural, Algarve, décadas de 50/60. Artur Pastor. http://arturpastor.tumblr.com/tagged/Algarve	29
Figura 21 - Uso da parreira como cobertura exterior.....	32
Figura 22 - Dois exemplos de pátios com delimitação em murete com banco e floreiras.....	33
Figura 23 - a) Lagoa - Eira grande com cisterna para recolha de água; b) São Brás de Alportel - Eira sem cisterna; c) Quelfes - tanque de lavagem e Poço Longo ao fundo.....	34
Figura 24 - a) Cacela Velha - poço da vila; b) Parque Natural da Ria Formosa -Nora Mourisca com mecanismos hidráulicos; c) Moncarapacho - Poço do Laranjeiro; d) Altura - Cisterna particular.....	35
Figura 25 - a) Serra de Loulé - Forno no interior da casa; b) São Brás de Alportel - Forno inserido no pátio da casa; c) Alcoutim, Álamo - Forno exterior, junto a dependência destina a cozinha.	35
Figura 26 - Mapa da região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013; e Habitação Rural, na encosta noroeste de Monchique- Serra Algarvia. Adaptado mapa tipológico das casas rurais algarvias; in Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.....	37
Figura 27 - Habitação Rural na “Via Algarviana: troço Monchique - Marmeleite.” Fonte SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa, 2015; p. 40.	39
Figura 28 - Mapa de a região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013; e Habitação Rural, no Algarve Central; adaptado mapa tipológico das casas rurais algarvias; in Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.....	39
Figura 29 - Habitação em Fonte do Bispo, Tavira; AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 320.....	41
Figura 30 - Mapa de a região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013; e Habitação Rural, do Baixo Algarve; Adaptado de Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.....	42
Figura 31 - Habitação com moirões, Aljezur. Adaptado de a casa popular do algarve, FERNANDES, José; p. 42.	43
Figura 32 - Mapa de a região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013; e Habitação junto do vale do Guadiana. Adaptado de Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.	44
Figura 33 - Casa de planta circular com cobertura em colmo; Casa Queimada. Tavira. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 2004; p. 131.	45
Figura 34 - Habitação em Alcaria Alta. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004. p. 213.....	46
Figura 35 - Arquitectura, motivos do sul, década de 50/60; Fonte Artur Pastor, http://arturpastor.tumblr.com/tagged/Algarve	47
Figura 36 - Mapa de a região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7 Adaptado de DGT, 2013; e Habitação de pescadores nas costas arenosas. Adaptado de Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.	49
Figura 37 - Habitação de pescadores nas costas arenosas na praia de Faro. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p.209.	50
Figura 38 - Mapa de a região Algarvia, adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado de; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão - um contributo; 2014; p. 7	

Adaptado de DGT, 2013; e Habitação em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuzeta; Adaptado de Arquitectura no Algarve; FERNANDES, José; p.72.....	51
Figura 39 - Habitações em banda em Olhão. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p.202.....	52
Figura 40 - Tipologia habitacional da casa de Olhão. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p.202.....	53
Figura 41 - Habitações em banda na Fuzeta. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p.202.	54
Figura 42 - Tipologia habitacional da casa na Fuzeta. Adaptado de AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p.202.....	54
Figura 43 - Tavira e os seus telhados de Tesoura. Fotografia de Florent Stepin.....	55
Figura 44 - a) Fachada de Tavira; b) “Telhados Múltiplos”; c) Porta com Reixa; d) Pormenor de Reixa.	57
Figura 45 - Árvores de fruto no Algarve. Fotografia de Florent Stepin.	59
Figura 46 - Série Profissões, Faro, Salinas. Década de 40. Fonte: Artur Pastor.....	61
Figura 47 - Salinas Belamandil (Necton) em Olhão.	62
Figura 48 - Salinas de Tavira, Barra em Ria Formosa.	62
Figura 49 - Conjunto de produtos tradicionais Algarvios.	63
Figura 50 - Cenas da Vida Piscatória. Quarteira, décadas de 40/50. Artur Pastor http://arturpastor.tumblr.com/post/140579710319/cenas-da-vida-piscat%C3%B3ria-quarteira-d%C3%A9cadas-de	64
Figura 51 - Ilha da Fuzeta antes do temporal de 2010; adaptado de https://www.google.pt/search?q=ilha+da+fuzeta+antes+de+2010&dc=0&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiGp7mmpNzWAhXDAxoKHWtuB9gQ_AUICigB&biw=1920&bih=949#imgrc=2yIMyn6lF6e_6M:	66
Figura 52 - Ilha da Fuzeta actualmente; Fonte: Captura no Google earth.....	66
Figura 53 - Antigo Mapa da Ria Formosa; LOURENÇO, Victor; Ria Formosa - Artes e vida; 1991; p.24.	67
Figura 54 - Mapa do Parque Natural da Ria Formosa; fonte FORMOSAMAR; A Ria Formosa; http://www.formosamar.com/pt/ria-formosa#prettyPhoto , consultado pela última vez a 3 de Outubro de 2018.	68
Figura 55 - Série “Ciclo da fruta” II. Décadas de 50/60, Artur Pastor http://arturpastor.tumblr.com/post/140579710319/cenas-da-vida-piscat%C3%B3ria-quarteira-d%C3%A9cadas-de	69
Figura 56 - Mariscos - Mercados de Olhão.	70
Figura 57 - Petiscos ao final do dia. Bairro da Barreta, Olhão.	72
Figura 58 - Gastronomia Regional.....	73
Figura 59 - Doces regionais com frutos secos.	73
Figura 60 - Produtos regionais - Mercado Municipal de Olhão.	73
Figura 61 - Cenas da Vida Piscatória. Olhão, décadas de 50/ 60. Artur Pastor http://arturpastor.tumblr.com/post/140579710319/cenas-da-vida-piscat%C3%B3ria-quarteira-d%C3%A9cadas-de	74
Figura 62 - Réplica do Caíque Bom Sucesso - Presente no Museu da cidade.....	77
Figura 63 - Réplica de uma Réplica construída pela C.M. destinando-se a acções de ídole cultural e lúdica na Ria Formosa.....	77
Figura 64 - Cenas da Vida Piscatória. Décadas de 50/60. Artur Pastor; http://arturpastor.tumblr.com/post/140579710319/cenas-da-vida-piscat%C3%B3ria-quarteira-d%C3%A9cadas-de	78
Figura 65 - Manná - Fábrica de Patés e Conservas de Peixe; https://www.facebook.com/MANNAPateseConservasdePeixe/photos/a.430136237098319.1073741827.365303796914897/974065662705371/?type=3&theater	79

Figura 66 - Operárias a enlatar o peixe (esq.) e a preparar a sardinha para ser cozida (dirt.), Fábrica de conserva em Olhão; Livro: CATIVO, Luciano Victor - “Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe”, Edição Câmara Municipal de Olhão, 1.ª Edição, Out. 2001; p. 73.	80
Figura 67 - Antigo Algarve. https://www.facebook.com/Visitportugal/photos/a.10155101706936661.1073741861.122325156660/10155101707416661/?type=3&theater	81
Figura 68 - Transformação do Território; Fonte: Duas fotografias de Fernando Silva grade, adaptadas: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=905724492798968&set=pb.100000842765541.-2207520000.1533224762.&type=3&theater	86
Figura 69 - Características de cada cidade em respectiva região. a) Veneza; b) Barcelon;; c)Paris; d) Londres; e)Amsterdã; f) Olhão.	88
Figura 70 - Portas Algarvias, cidade de Olhão.....	89
Figura 71 - Antiga Farmácia Pacheco na Zona histórica de Olhão.....	90
Figura 72 - Antiga Farmácia Pacheco em Olhão a publicitar novo espaço.....	92
Figura 73 - Típica Mercearia Antiga, anos 80 - Olhão.....	93
Figura 74 - Artesanato. a) Latoaria; b) Trabalhos de palma; c) Olaria.	94
Figura 75 - Série Profissões. Década de 40. Fotos de Artur Pastor.....	95
Figura 76 - Fórum Algarve, diversas actividades no recinto exterior.	101
Figura 77 - Cenas da vida Rural. Algarve, Tavira. Décadas de 50/70, Artur Pastor.....	105
Figura 78 - Conjunto de figuras promotoras do turismo no Algarve.	106
Figura 79 - Compilação de ilustrações de carácter publicitário dos anos 50-70.	107
Figura 80 - Preservação de materiais antigos.....	109
Figura 81 - Espaços antigos recuperados e reutilização de mobiliários.....	109
Figura 82 - Pensão agrícola - Turismo Rural - Conceição de Tavira.....	110
Figura 83 - Farmhouse of the palm - Habitação e Turismo Rural - São Brás de Alportel.....	110
Figura 84 - Casa Modesta - Turismo Rural - Quatrim do Sul - Olhão.....	111
Figura 85 - Travessia em barco da carreira - Olhão.	113
Figura 86 - Edifício pertencente á sede da estação de comboios, património de Olhão.....	114
Figura 87 - Antigos tanques de salga existentes no Parque Natural da Ria Formosa.....	115
Figura 88 - Cabanas semelhantes às dos primeiros habitantes de Olhão e pescadores. Congectural na Ilha da Culatra, editada na década de 1940. http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.olhaocubista.pt/historia_de_olhao.htm	119
Figura 89 - Foto da Antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário; <i>in</i> ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015; p. 29.....	120
Figura 90 - Actual Igreja da Soledade.....	120
Figura 91 - Parte da Carta Corográfica do Reino do Algarve, de João da Silva Lopes de 1842 com marcação das três barras de acesso ao porto de Faro.....	122
Figura 92 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.....	123
Figura 93 - Homenagem ao “poço das bombas” na Av. Da República.....	125
Figura 94 - Compromisso Marítimo nas traseiras da Igreja da Soledade.....	126
Figura 95 - Avenida da República.....	128
Figura 96 - Levantamento topográfico de 1871/1873, Direcção Geral do Território.	130
Figura 97 - Arquitectura “cubista” em Olhão; Fonte: Arquivo, Artur Pastor.....	131
Figura 98 - Pormenores da construção de uma cabana na costa algarvia. a) Estrutura do esqueleto; b) processo de amarração das canas aos prumos e aos caibros; c) disposição das manadas de junco ou estorno, e maneira de as prender às canas; d) remate do cume. Fonte: Construções primitivas página 195.	133
Figura 99 - Recente vista aérea de Olhão “cubista”; adaptado a partir de : https://www.algarveimobiliaria.com/viver-algarve/olhao/	135
Figura 100 - Ruas, ruelas, passagens, becos e travessas de Olhão.....	136

Figura 101 - Cobertura plana em açoteia com pequeno telhado de tesouro.	138
Figura 102 - a) Claraboia em vidro; b) Saliência abobadada revestida de ladrilho; c) Abóbada pelo interior.....	139
Figura 103 - Primeira organização morfológica da casa cubista; adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura Popular de Olhão: um contributo; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa, 2014.....	139
Figura 104 - a) Escadas altas pelo interior; b) Escadas altas pelo exterior; c) Pangaio.....	140
Figura 105 - Diferentes chaminés de balão.....	141
Figura 106 - Evolução da Casa Cubista de Olhão; adaptado de VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura Popular de Olhão: um contributo; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa, 2014.	142
Figura 107 - acabamentos típicos e diferentes em escadas.....	142
Figura 108 - Um exemplo real da casa com açoteia e mirante.....	143
Figura 109 - Edifício antigo no Largo São João de Deus em Olhão, e posterior restauro - Guestmar.....	149
Figura 110 - Edifício histórico recentemente demolido.....	150
Figura 111 - Casa situada entre a rua dos Micanos (à esquerda) e do Solposto (à direita). Com telhado de tesouro e chaminé de balão; ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015, p.45.....	151
Figura 112 - A mesma habitação após sofrer transformação para o estilo arquitectónico de estilo “cubista” e ser revestida a azulejo; ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015. p.45.....	151
Figura 113 - Edifício na rua dos Micanos, antes e depois da reabilitação.....	151
Figura 114 - Olhão, baixa ribeirinha, mercados e produtos locais.....	155
Figura 115 - Fachada de habitação típica Olhanense, em processo de restauro.....	156
Figura 116 - Exemplos de Escaiolas, Art Déco e tectos revestidos em madeira.....	158
Figura 117 - Moldes e Mosaicos Hidráulicos.....	159
Figura 118 - Materiais antigos, recuperados, para lhes ser dada uma nova vida.....	160
Figura 119 - Objectos antigos recuperados e reutilizados em decoração interior.....	161
Figura 120 - Conjunto de portas antigas para reutilizar.....	162
Figura 121 - Diferenças económicas e variável uso do espaço exterior.....	163
Figura 122 - Exemplos de fachadas descaracterizadas com revestimentos de azulejo e portas e janelas de alumínio.....	164
Figura 123 - Localização Casa Saudade, Rua Dra. Paula Nogueira. Olhão. Adaptado a partir do GoogleMaps.....	165
Figura 124 - Planta do Piso 0 e Piso 1.....	167
Figura 125 - Planta do Piso 1 e Cobertura.....	168
Figura 126 - Localização Casa Xadrez, Rua Serpa Pinto. Olhão. Adaptado a partir do GoogleMaps.....	169
Figura 127 - Planta do Piso 0 e Piso 1.....	171
Figura 128 - Planta da Cobertura.....	172
Figura 130 - Localização Casa Mirante, Rua Capitão Nobre. Olhão. Adaptado a partir do GoogleMaps.....	173
Figura 131 - Planta do Piso 0 e Piso 1.....	176
Figura 132 - Planta da Cobertura.....	177
Figura 133 - Localização dos três casos de estudo - 1. Casa em rua Dra. Paula Nogueira; 2. Casa em rua Serpa Pinto; 3. Casa em rua Capitão Nobre; Azul. Bairro da Barreta (à esquerda); Verde. Bairro do Levante (antigo Bairro dos Sete Cotovelos); Cinza. Edifícios Históricos; Tracejado. Limites da Zona Histórica.	178

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

I - Introdução: Objectivos, Metodologia e Estrutura

1.1.Objectivos:

O Algarve desde há muito tempo tem estado relacionado com a imagem de destino turístico, onde o mar e o sol são sinónimos de descanso e de férias. Não menosprezando estes factores, existem muitos outros intrínsecos à sua morfologia, que caracterizam e valorizam esta região, como o povo e o seu carácter próprio, a história, as tradições e costumes, as características arquitectónicas, e outros aspectos que aguardam a atenção dos mais perspicazes e curiosos.

Através da análise da Arquitectura tradicional, muitas questões são esclarecidas, escondidas nos materiais locais, no processo de fabrico, na localização escolhida para determinada tipologia e como foi criada para dar resposta a um estilo de vida ou ofício, influenciada claramente pelas condições climáticas e pela matéria-prima disponível. Apercebemo-nos que tudo está interligado.

Acredita-se que com o passar dos anos, tal como outras regiões, o Algarve tenha passado por períodos ditos bons e menos bons, resultando daí inevitavelmente aspectos positivos e negativos, acontecimentos estes que deixaram muitas marcas na morfologia e na organização territorial e que contribuíram para a configuração actual desta, muitos deles influenciados pelo fenómeno turístico que se tem feito sentir ao longo dos anos.

Actualmente, a imagem de marca do Algarve mantém-se, mas a Sotavento algo importante se alterou e melhorou, pois vive-se um fenómeno turístico muito diferente do primeiro.

Nesta investigação temos como objectivo analisar a arquitectura tradicional Algarvia, assim como os fenómenos do turismo e por fim a cidade de Olhão, tentando compreender as razões para uma repentina evolução turística que teve como consequência o melhoramento geral desta cidade.

1.2.Contextualização:

A arquitectura sempre foi um tema actual e em constante alteração e actualização, sempre suscitou questões e inspirou artistas, fossem eles escritores, pintores, escultores, músicos, bem como o Homem enquanto elemento social e utilizador do meio ambiente e da cidade. Acredita-se que a arquitectura não seja apenas construção, mas sim um sector muito mais rico, pois envolve diversas existências e é influenciada por vários agentes, incluindo os seus utilizadores, o papel destes no meio em que se inserem e diversos factores associados que tornam determinado local especial. Já inúmeros autores tentaram defini-la mas esta é uma área imensamente vasta, carregada de valor e igualmente a roçar a vertente artística, sendo

possível ser vista e sentida de diferentes formas. Como tal, a cidade que se pretende estudar, nasceu de algo tão simples mas grandioso e valioso como é o mar e consequentemente a pesca. Desde sempre, o mar influenciou gentes de diversas áreas, hoje novamente vê-se palco de grande interesse e azáfama, e não só é uma inspiração para os residentes locais, para novos artistas como para novos turistas que chegam todos os dias.

À cidade que se pretende estudar, actualmente é-lhe dado o nome de Olhão da Restauração mas até chegar a este nome houve muito trabalho, esforço e empenho por parte de pessoas simples, que nada tinham e que apenas partilhavam o mesmo interesse pelo mar e por ter um sítio seu, desde então a transformação tem sido tal que Olhão parece estar na boca do mundo.

Com a globalização e a industrialização em série, tudo evoluiu de forma muito acelerada, e nos anos 70 e 80 do século XX, deu-se uma quebra drástica na indústria de manufactura em muitas áreas como as artes e ofícios tradicionais, fazendo com que gradualmente se perdesse grande parte das características da região, e muitas criações, peças e objectos de cestaria, madeira, barro, cortiça e metal, entre outras, manifestando-se negativamente na paisagem Algarvia. Também a vontade de homogeneização nem sempre se tem mostrado benéfica, criando uma dicotomia, pois se por um lado facilita o entendimento e locomoção de diferentes pessoas num novo lugar, por outro faz com que, mais uma vez, se percam características locais e arquitectónicas importantes, por consequência perde-se a atmosfera única de cada cidade e muito em breve, se assim continuar não haverá nada de novo para conhecer e se extasiar.

Com a modernização e os avanços tecnológicos, a facilidade e rapidez de obter informações, bem como a de locomoção em massa, e ainda o aumento de tempo para lazer e as actuais possibilidades económicas passou a poder-se proporcionar a um grande volume de usuários, uma consequente e ampla troca de informação que inevitavelmente influenciam o visitante, assim como este é influenciado pelo local que visita. Estes acontecimentos fazem com que as cidades tentem rapidamente criar condições capazes de dar resposta ao actual fluxo desmedido.

Assim se descaracterizou grande parte do Algarve, onde muitas cidades ficaram irreconhecíveis, como é o caso de Quarteira, Olhão e Monte Gordo que continuam a ser os exemplos regionais mais evidentes.

Desta forma surgiram no território algarvio, o aeroporto, os hotéis, os campos de golfe, os espaços de restauração e lazer para turistas, uma invasão desproporcionada nos meios urbanos e até rurais, bem como a inflação económica em todos os aspectos, destacando-se o campo imóvel que muito prejudica os habitantes locais.

Porém, por vezes, verifica-se um lado positivo, como o facto de haver mais relações interculturais, maior conhecimento, mais trocas de ideias e de informações que faz com que a mentalidade se torne mais aberta e receptiva, um aproveitamento e valorização significativo daquilo que é tradicional sendo que é enaltecido o que de melhor tem cada cidade. E ainda dá espaço para iniciativas artísticas, projectos criativos e cabeças engenhosas que resolveram

aproveitar a boa altura que se faz sentir e apostar em produtos inovadores e reinventados, partindo de bases tradicionais portuguesas.

O sentido de dever em preservar aquilo que nos foi deixado, seja o meio ambiente, o património cultural ou arquitectónico, deve estar sempre presente, precisando ser tratado com respeito e se possível conservado para que possa perdurar por longos anos, só assim poderá manter-se viva a verdadeira essência e alma portuguesa.

É nessa sequência de pensamento que nos apercebemos o quão mal preservadas estão as nossas cidades. Perdendo constantemente o carácter, pois a vontade de se modernizar é tanta que quase obriga a ignorar autênticas preciosidades, obras de arte ainda de pé e carregadas de valor, de histórias e simbolismo, que apesar do seu aspecto actual degradado e abandonado não lhes é dada uma oportunidade de renascer.

A Arquitectura simboliza uma história materializada em memórias físicas e culturais, com uma riqueza ímpar e que deve ser preservada, pois não há forma de voltar atrás e o tempo tudo leva se não houver consciência e responsabilidade na utilização dos recursos disponíveis para proveito humano, tal como daquilo que nos foi deixado, sinal de muito trabalho, cultura e tentativa de evolução e que deve de ser tratado com o devido respeito. Pois só desta forma será possível manter viva a essência cultural e arquitectónica presente em cada parte do mundo.

Para tal, é necessário que a sociedade esteja sensível a esta questão, se assim não for, caberá aos organismos com maior poder - ex.: Municípios, de cada cidade, encarregar-se de o fazer. Pois só desta forma será possível manter viva a essência cultural e arquitectónica presente em cada parte do mundo. Por essa razão existem ainda cidades únicas e por isso despertam interesse e grande vontade de as visitar, como é o caso de Veneza. Onde é notório o esforço feito por parte de quem lá habita e de quem a governa, para que sejam mantidas as características e costumes.

Para evitar esta perda progressiva das características arquitectónicas da nossa região, o novo arquitecto tem que realizar um estudo contínuo, assim como é de seu dever, fazer entender a importância de se manter viva a tradição construtiva do lugar, para que este não perca a sua identidade.

1.3. Sobre a mudança na cidade de Olhão:

Quando se permanece distante por um largo período de tempo, e por fim se regressa, é-nos mais fácil compreender aquilo que se alterou numa cidade, é nessa perspectiva que nos deparamos com uma repentina mudança e uma “inundação” de turistas/ visitantes, que se deslocam para ir conhecer e acabam por ficar, passando a denominar-se de novos habitantes.

Na cidade de Olhão, localizada no sotavento algarvio, está actualmente a ocorrer tal acontecimento, e sente-se uma nova atmosfera cultural diferente, mais segura e mais leve, que desperta alguma curiosidade.

Algo de especial e característico chama a atenção destes indivíduos e os desafia a tentar a sua sorte neste cantinho do mundo, independentemente da nacionalidade, idade ou profissão que possam ter, ou até da barreira linguística.

A questão intrigante é quando este fenómeno toma proporções desmesuradas e de difícil explicação, pois a cidade de Olhão outrora apresentava um ambiente monótono, inseguro, pesado e pode dizer-se que até um pouco triste, sendo possível captar informações menos positivas se nos distanciássemos, assim como se compreendia e se conhecia a má reputação existente nesta cidade de pescadores, agricultores, prostitutas e contrabandistas, onde de repente tudo mudou.

É, portanto, neste exacto momento que se coloca a questão e se tenta encontrar respostas a perguntas que diariamente nos surgem.

Lamentavelmente a cidade de Olhão passou por um período em que esta atenção e respeito para com o património foi esquecido ou ignorado, por isso grande parte foi destruído. Apesar de tudo, actualmente os novos habitantes demonstram ter algum gosto, cuidado, e dedicação pelos poucos edifícios existentes, e por tudo aquilo que o próprio povo deveria preservar. E sem ser essa a sua principal intenção, porque primeiramente dedicam atenção à sua futura casa, estão simultaneamente a “contaminar” a cidade, no sentido figurativo benéfico, pois estão a conseguir melhorar a cidade e devolver em parte um pouco do seu carácter e beleza, bem como a movimentar um grande sector económico que se encontrava parado, o das artes e ofícios tradicionais, bem como outros.

Esta é uma das razões que fazem com que a cidade de Olhão pareça ganhar vida novamente.

1.4. Metodologia e estrutura:

Para criar uma linha de pensamento organizado e chegar ao objectivo previsto será imprescindível começar por uma contextualização local, seguida de uma breve análise arquitectónica, conjugando características tradicionais de cada tipologia com a localização territorial respectiva. Será importante recolher informações sobre o Algarve em geral, fazendo uma sintetização generalizada das características gerais que demonstram ser apelativas aos turistas e novos habitantes, conduzindo à melhor compreensão para este actual acontecimento no sotavento algarvio. Uma breve referência ao que se entende por Turismo e as suas características, complementaram a restante informação e clarificaram melhor as actuais ocorrências, tendo em conta a questão da sazonalidade no Algarve e nunca esquecendo as condicionantes a ela associadas. Assim como, acontecimentos importantes que marcaram diferentes épocas, como é o caso da construção do aeroporto.

Fazer referência à cidade de Olhão, à sua formação, às suas influências, compreendendo quais os principais alicerces desta cidade e o que a torna tão especial e apelativa hoje em dia. Possivelmente será necessário recuar ao tempo da industrialização onde a pesca e a indústria conserveira eram a única fonte de rendimento da população Olhanense e

o único interesse desta cidade, compreendendo a importância desta actividade e como a ajudou a evoluir.

Apresentar a principal tipologia arquitectónica de Olhão, e quais as suas principais características. Posteriormente quais os cuidados que estão a ser tidos em conta para a sua preservação, fazendo referência a materiais e objectos recuperados, o porquê e como isso tem influenciado o melhoramento da cidade. Terminando com a apresentação de alguns casos de estudo e a prova como este se trata de um assunto bastante actual e que tem sido importante na medida em que se preservam as qualidades arquitectónicas e se dá uma nova vida a esta cidade.

Este documento que partiu de um interesse e gosto pelo tema, evoluiu para um estudo académico e rapidamente se materializou num trabalho físico em campo real, e que trata acontecimentos actuais de uma forma muito próxima. Por essa razão, a informação abordada pode ser descrita de forma emotiva e vivenciada, descrevendo uma região e uma cidade que passou rápida e drasticamente de simples e mal falada para o oposto, sendo agora notícia de diversos meios de comunicação em todo o mundo.

É importante referir que há uma grande necessidade e vontade de mostrar o que existe e como foi ou é, por essa razão faz todo o sentido que seja acompanhado constantemente por um apoio figurativo que transmita a autenticidade dos assuntos abordados. Neste campo, o suporte ilustrativo fotográfico parece ser o mais adequado e mais fiel, sendo imprescindíveis para a compreensão dos espaços, ambientes, objectos ou funções.

E por ser também outra área de grande interesse enquanto ferramenta de captar momentos, guardar recordações e memórias visuais passadas.

Como refere Pier Luigi Dodi: *"I really love photography I think it is the best way to remember things that will never be the same as they were in that exact moment¹".*

1.5. Estado de Arte:

O tema escolhido para a realização deste trabalho foi, Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade, apesar de ser vasto, engloba uma série de assuntos actuais, mas que ao mesmo tempo se relacionam com o passado. Vivemos num tempo que é influenciado pelo que nos foi deixado, tanto pelas actividades, como pelas construções e pelos costumes. Todas estas questões apesar de estarem implícitas nas vivências modernas, estavam adormecidas, até que á pouco tempo algo as despertou e as fez “ganhar vida” de novo, voltando a serem faladas, querendo erguer-se novamente e dando “nova vida” às cidades. Este acontecimento deve-se em parte aos efeitos do turismo e dos turistas. E por se tratar de algo novo e gerador de tanta polémica e mudança está a chamar à atenção de todo o mundo.

¹ DODI, Pier Luigi; National Geographic; https://members.nationalgeographic.com/208099642980/?_ga=2.224872474.1266053542.1525795906-1812857084.1508347521 acedido pela última vez a 20 de Setembro de 2018. Tradução livre: *“Eu realmente adoro fotografia e penso que é a melhor maneira de lembrar coisas que nunca mais serão as mesmas tal como eram nesse exacto momento.”*

É nesta fase que se quer intervir, de forma a entender as razões desta repentina evolução e interesse por parte de estrangeiros. Como a arquitectura dá resposta a estes acontecimentos e como a história do povo e da cidade pode também influenciar este acontecimento.

Será então necessário recorrer a informações de diferentes áreas, e criar uma ligação entre elas, tal como acontece na vida do dia-a-dia, e em particular no Algarve e na Cidade de Olhão, onde tudo está interligado.

Fontes como o importante “*Inquérito*” à *arquitectura*, fruto do trabalho realizado por Keil do Amaral com a ajuda de várias equipas de jovens arquitectos, tendo sido publicado no século XX, em 1961 com o nome de *Arquitectura Popular em Portugal*, pelo Sindicato Nacional dos arquitectos, de enorme importância para a descoberta da arquitectura de carácter popular, tendo posteriormente sido reeditado em 1980 por Alfredo da Mata Antunes, António Azevedo Gomes e Nuno Teotónio Pereira, e em 2004 por Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres. Ou a *Arquitectura tradicional portuguesa e Construções Primitivas em Portugal* de Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira e no último juntamente com Benjamim Pereira.

Também *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese* de José Manuel Fernandes e Ana Janeiro e *A casa popular do Algarve* dos mesmos autores, ou até *A Arquitectura Popular Portuguesa*, de Mário Moutinho, também *Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples* de Raul Lino; *Geografia e Civilização - Temas Portugueses* de Orlando Ribeiro;

Sobre a alteração do território e destruição do património, *O Algarve tal como o destruímos* de Fernando Silva Grade; Relacionado com o turismo, *Território e Turismo no Algarve*, de Sérgio Palma Brito ou *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica* de João Martins Vieira; Sobre a Indústria Conserveira, *Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe* de Luciano Victor Cativo; Sobre Olhão, *Evolução Urbana de Olhão*, de Sandra Romba, *História Breve da Vila de Olhão da Restauração* de Antero Nobre, reeditado pela APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão, também o auxílio de trabalhos de dissertação como *OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante* de Miguel de Jesus Viegas, ou *A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa* de Filipa Mariana Franco Sousa e ainda *A Medina de Olhão: a origem da arquitectura popular de Olhão: um contributo*, de Carlos Filipe Machado Vasconcelos, entre outros.

Para além das fontes bibliográficas referidas que se consideram de grande importância para o desenvolvimento do trabalho, existem outras fontes utilizadas, de carácter provisório em forma de instalação nas ruas da cidade de Olhão, uma exposição em painéis grandes informativos expostos na Avenida da República onde consta a história e arquitectónicas, e outra em forma de percurso pela cidade, intitulada por “Do projecto à Obra _Percurso na arquitectura Olhanense pela Avenida da República e Rua do Comércio” e respectiva brochura.

E ainda material gráfico, como fotografias e desenhos, bem como conhecimentos adquiridos em âmbito real desenvolvido em parceria com o atelier Saudade_algarve.

Considera-se que estas sejam fontes de informação importantes para o desenvolvimento do trabalho e que poderão contribuir para a elaboração de conteúdo diversificado, fidedigno, e de valor. Outras surgirão com o decorrer das pesquisas realizadas.

II - Breve análise da Arquitectura Popular na Região Algarvia

Para compreendermos e nos contextualizarmos no espaço, será necessária uma primeira abordagem geográfica. Deste modo sentiu-se a necessidade de explorar e mencionar algumas informações relevantes que nos ajudassem a complementar conceitos e a estruturar ideias, formando um fio condutor que contribuirá para a melhor compreensão do produto final a que se pretende chegar neste trabalho. Assim será efectuada uma primeira e breve interpretação do território Português e Algarvio, compreendendo que Portugal continental se situa a sudoeste da Europa.



Figura 1. A região Algarvia. (Vasconcelos, 2014, p. 7).

Este “pequeno” País tem uma forma semelhante a um quadrilátero rectangular, como se encontra ilustrado na figura 1, tem um comprimento máximo de 561 km bem como uma largura máxima de 218 km, e com uma área total de 89 000 km², sendo esta quase a quinta parte da superfície ibérica. Uma percentagem de 40% do perímetro total do país corresponde ao litoral, enquanto por outro lado, a fronteira terrestre percorre 1215 km. Tem como limites, Espanha e o oceano Atlântico que o delimitam a norte e leste, como a sul e oeste, respectivamente.²

Apesar de se tratar de um País com uma pequena superfície, Portugal possui uma diversidade geográfica bastante abrangente, dividindo-se em 3 partes, Norte, Centro e Sul, no entanto a sua verdadeira separação natural materializa-se com o Rio Tejo, traduzindo-se num

² REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.6.

limite autêntico e natural. “*Estas regiões contrastam, entre si, quanto ao relevo, à hidrografia, ao clima, ao tipo de culturas e de vegetação, mas também quanto às formas de povoamento, ao tipo de habitação rural.*”³

Iniciando por uma pequena contextualização da região Norte, quanto ao relevo, “*erguem-se as maiores serras: Estrela (1991m) que é a maior altitude do território, Larouco (1525 m), Gerês (1507 m), Montesinho (1438 m), Peneda (1416 m), Marão (1415 m), Nogueira (1318 m).*”⁴

Quanto ao Clima Norteno, “*o território está sujeito a um tempo húmido e chuvoso, de tipo atlântico, mas também a temperaturas altas, com forte luminosidade e falta de chuva, de tipo mediterrânico.*”⁵

No Norte, durante meses o solo enche-se de água e a paisagem possui uma rica diversidade de verdes, e é também onde o milho e as vinhas predominam. Onde o tom cinzento-musgo do granito se multiplica, e onde a cultura da vinha está generalizada, desde o Minho ao Algarve, mas predomina a norte do Tejo.⁶

Existem muitas outras características referentes ao Norte e Centro que se consideram de grande importância, no entanto, para o caso de estudo em questão, são menos relevantes, uma vez que se trata de um estudo focado na região Sul. Ainda assim, não se considerou dispensável expor algumas características da região Norte, pois desta forma é possível fazer uma melhor comparação e compreender mais claramente os costumes que influenciam a forma de habitar destas regiões.

Torna-se mais claro que no Norte e Centro do país, o povo se encontra mais ligado ao campo, ao cultivo da Terra e tudo o que ela lhe pode proporcionar, à criação de animais, e cereais, e revelam ter um estilo de vida mais caseiro, condicionado pelo clima. Por sua vez, os habitantes do Sul estão mais ligados ao mar, à mariscagem, à pesca, e a sua vivência passa-se maioritariamente no espaço exterior da habitação, uma vez que o clima mediterrâneo assim o permite e por um período mais alargado de tempo que no Norte, tirando proveito do sol por muitos meses durante o ano e das actividades que podem ser realizadas em função deste.

O Sul é a região mais extensa mais complexa e também mais variada das grandes regiões em que, geograficamente se divide Portugal.⁷

Aqui, encontra-se o Algarve, banhado pelo Oceano Atlântico, é dividido do resto de Portugal por uma espécie de planícies e planaltos, facto que tem as suas vantagens especialmente no que diz respeito à afectação da meteorologia no Algarve, pois estes impedem que os ventos frios do Norte cheguem a esta região de temperatura amena e calorosa.

³ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.8.

⁴ REIS, Maria Alice; Op. cit.; p.10.

⁵ Idem; p.10.

⁶ Ibidem; pp.12-13.

⁷ Ibidem; p.14.

Esta região possui particularidades que não se percebem em primeira impressão, e esconde algumas curiosidades interessantes, não só do seu quotidiano, mas primeiramente relacionadas com a sua forma enquanto imagem. De Forma a clarificar a organização territorial sentiu-se a necessidade de realizar uma breve síntese geográfica, territorial e arquitectónica, que se irá desenvolver ao longo deste capítulo.

O Algarve encontra-se virado para Sul como se se tratasse de “*um grande anfiteatro natural*”⁸, é a província mais meridional do país e uma região de densidade populacional, riqueza material e de actividades económicas muito diversificadas.⁹ A maior parte dos conselhos Algarvios encontram-se banhados pelo Oceano, os que não estão, são conduzidos até ele por vales e caminhos, chegando a um dos grandes pontos de atracção local.¹⁰

Nesta região a Sul do Tejo, a paisagem é maioritariamente preenchida por planícies em que a sua altura não ultrapassa os 200 m e normalmente acompanham a linha do mar, detém também uma zona de Serra que não superam os 600 m. Apenas a Serra de S. Mamede atinge os 1025 m de altura.¹¹ As serras de Monchique, Fóia com 902m e Picota com 774m, bem como a serra do Caldeirão com 578 m, são inferiores, mas também importantes e dão forma a esta sub-região¹², formando uma grandiosa barreira natural que o separa do Alentejo e defende dos ventos dos quadrantes Norte e Noroeste.¹³ O seu clima é mediterrânico com fraca pluviosidade durante cada ano e Invernos amenos, no litoral, os Verões são quentes e longos, possuindo temperaturas baixas ou muito altas. As influências do Mediterrâneo e os ventos quentes e secos que vêm do Norte de África, e muitas vezes do deserto do Sahara, conferem-lhe características próprias e influenciam o clima do litoral algarvio, oferecendo às águas temperaturas agradáveis e muitas vezes elevadas, cerca de 22º- 25ºC no Verão.¹⁴

Segundo refere a autora Maria Alice Reis, “*A partir do cabo de S. Vicente começa a costa sul que, segundo a orientação este, vai até à foz do rio Guadiana; este rio serve, no Algarve, de fronteira com a Espanha. O litoral algarvio apresenta duas zonas de características diferentes: uma, da Ponta de Sagres a Quarteira, é alta, muito recortada (com praias de areias finas abrigadas por rochedos) e tem uma grande baía (Lagos); a outra, que se estende até ao Guadiana, é baixa, arenosa, tendo algumas ilhas, como a de Faro.*”¹⁵

Acredita-se que o Algarve tem algo de especial e único, difícil de explicar, sobre isto existem várias opiniões de residentes, turistas e autores, ao qual destacamos a do autor Paulo Quitério, que refere: “*O Algarve é um retalho do território português que não se confunde com*

⁸ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.123.

⁹ AAVV; Op. Cit.; p.123.

¹⁰ QUITÉRIO, Paulo; Arquitecturas ou vivências de um espaço; IPPAR; 2009; p.315.

¹¹ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção Geral da Divulgação; 1979; p.14.

¹² AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.123.

¹³ AAVV; Op. Cit.; p.123.

¹⁴ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção Geral da Divulgação; 1979; pp.14-16.

¹⁵ REIS; Op. Cit.; p.27.

a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contigua, nem se assemelha à nesga do continente africano fronteiro. É uma região bem definida, um compartimento com feições características. O mar, a planície, a montanha, o céu sempre azul, o ar sempre transparente e limpo criaram este quadro geográfico, de uma beleza própria, sem analogias. Esta região tem uma identidade própria, fruto dos factores geográficos e históricos, que definem a sua particularidade.”¹⁶

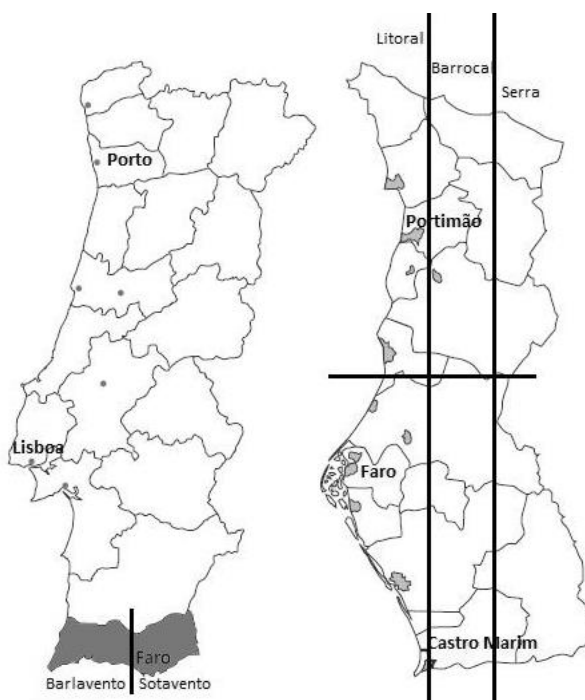


Figura.2. Esquema explicativo, Portugal versus Algarve.

Também o autor Jorge Gaspar retomou e aprofundou as ideias do geógrafo português Amorim Girão e refere a longa autonomia histórica do território, tal como as suas analogias inerentes à região. Referiu que *“o Algarve tem uma clara individualidade e personalidade.”¹⁷* Analisou, compreendeu e mencionou que *“O Algarve é como um Portugal em ponto pequeno”¹⁸*, conseqüentemente a sua forma sugere um “Portugal deitado”, como se pode ver na figura 2.

Existem algumas dualidades tendo em conta a sua forma, pois se realizarmos uma rotação em torno dos seus eixos, poder-se-á compreender melhor.

Reflectindo, e rodando a pequena forma horizontal do Algarve, e se o encaixarmos na forma vertical de Portugal, tendo como referência a cidade do Porto para Portimão assim como Lisboa para Faro, podemos verificar como a forma desta pequena região se assemelha á de Portugal e como a natureza foi tão perspícaz.

¹⁶ QUITÉRIO, Paulo; *Arquitecturas ou vivências de um espaço*; IPPAR; 2009; p.315.

¹⁷ GASPAR, Jorge; *in* FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.8.

¹⁸ GASPAR, Jorge; *in*, FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Op. Cit.*; p.8.

O autor José Manuel Fernandes explica de forma mais detalhada: *“Poderíamos aprofundar ainda mais esta correlação, a duas escalas distintas, referindo-a ao sistema urbano e suas localizações aproximáveis: Lagos para Viana do Castelo; a “segunda cidade”, Portimão e Silves, “cidade fundadora”, respectivamente para o Porto e Lamego; a central Albufeira para o sistema Figueira-Coimbra; Faro, a “maior cidade” para Lisboa, com Loulé para Santarém. E ainda, Olhão para Setúbal (as tradicionais “terceiras cidades” em população), e, embora algo deslocadas, Tavira e Vila Real para... as cidades algarvias. Analisando a estrutura espacial do território algarvio, é consensual a divisão em três faixas longitudinais, no sentido Norte-Sul,[...].”*¹⁹ O que inicialmente parecia ter sido mero acaso, fruto da acção da natureza, mostrou-se posteriormente influenciar outros factores, o autor Jorge Gaspar refere que *“No fundo estas semelhanças, que começaram por ser o resultado da acção da natureza, vão-se acentuando por uma idêntica opção estratégica, que em boa medida é também o resultado das solicitações do exterior: a valorização da fronteira marítima, de molde a procurar no exterior a valorização das suas produções e ao mesmo tempo preservar a autonomia.”*²⁰

Existem ainda outras formas de análise da separação do território, desta vez focada apenas na região do Algarve, segundo alguns autores como Silva Lopes (1841) e Lautensach (1932-1937), *“o Algarve divide-se em três faixas: a Serra, o Barrocal e a Beira-Mar.”*²¹

Também o autor Medeiros Gouveia, refere que a região é composta por 3 sub-regiões ou separações de território com diferentes características, os autores Martins, Castro e Torres, referem que *“Em o Algarve (1938), o dr. Medeiros Gouveia diz: «O Algarve é uma região completa, constituída por 3 sub-regiões tão características que, se não fora uma pulverização excessiva do território, se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve.”*²² Como se pode compreender na figura 3, ilustrada abaixo.

¹⁹ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.8.

²⁰ GASPAS, Jorge; *in*, FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.9.

²¹ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; p.244.

²² AAVV; *Op. Cit.*; p.244.

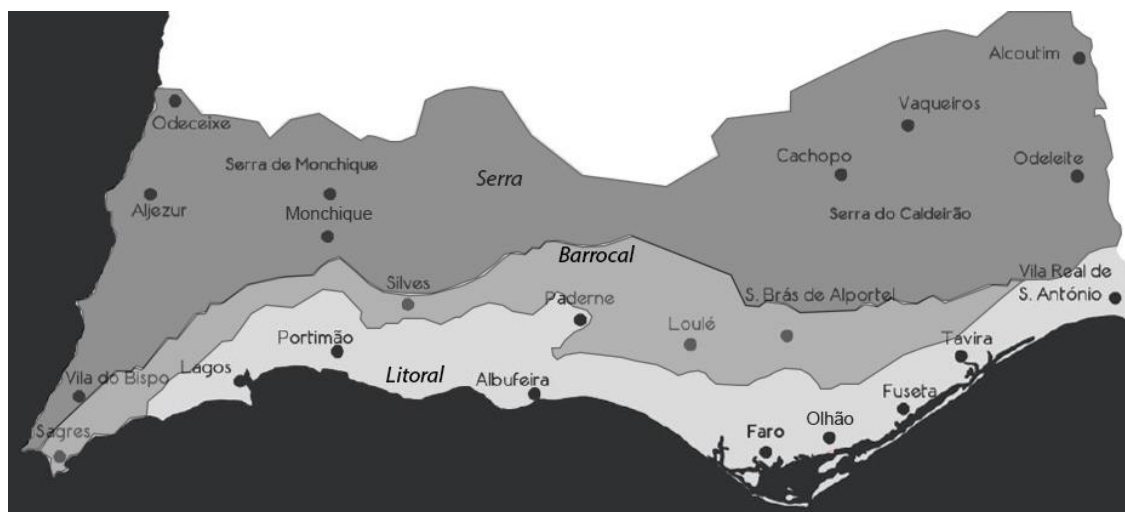


Figura 3. Mapa do Algarve (Serra, Barrocal e Litoral).

A primeira faixa, mais a norte da região, corresponde à Serra, também designada por Alto Algarve.²³ onde os “*terrenos do Carbónico (xistos argilosos)*”²⁴ dominam ao longo de toda a sub-região, denominada também de “*Serra xistenta do Carbónico (à excepção do maciço eruptivo de Monchique...), uma depressão periférica escavada, embora incompletamente, nos arenitos do Triássico.*”²⁵ Tal como o autor Orlando Ribeiro, que refere “*a abundância do material*”²⁶ também Maria Alice Reis refere que esta serra “*é um mar de cerros de xisto*”²⁷ e “*compõe-se de duas partes que contactam apenas pela portela de S. Bartolomeu de Messines (161 m): as serras do Caldeirão e de Monchique.*”(…) “*A Serra ocupa um total de 311 400 hectares, 62% do território regional*”²⁸ e é a sub-região do Algarve com a economia mais pobre e rudimentar, onde também se observa a menor densidade de povoamento.²⁹

Em seguida surge o Algarve central ou mais conhecido por Barrocal, “*constituído por uma série de anticlinais e de planaltos calcários*”³⁰ Para o Autor Silva Lopes, “*o Barrocal é «uma faixa de duas a três léguas de pedra calcária, alguma siliciosa, e terra forte, negra e barrenta, com elevação para a serra»*, dando-lhe também o nome de Algarve Calcário.³¹

²³ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; p.244.

²⁴ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.70.

²⁵ RIBEIRO, Orlando; in FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.8.

²⁶ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.40.

²⁷ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.14.

²⁸ BRITO, Sérgio Palma; “Território e Turismo no Algarve”; Edições Colibri / Centro Internacional em Território e Turismo da Universidade do Algarve; Lisboa; Março de 2009; p.31.

²⁹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; p.248.

³⁰ RIBEIRO, Orlando; in FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.8.

³¹AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; p.244.

Também o autor José Fernandes se pronuncia dizendo que nesta zona há predominância de Mesozóicos, com afloramentos calcários, grés e margas, dando consistência ao Barrocal.³²

Por último, o litoral com 218 km que “é o espaço restante, de relevo baixo, em que a costa apresenta arribas de sedimentação ou se abre em extensos areais.”³³ Composto por “arriba até Quarteira, e, para leste, de restingas arenosas que deixam atrás de si lagunas e canais.”³⁴ Nesta última faixa, de Lagos a Levante, predominam os cenozóicos e antropozóicos, organizando o litoral.³⁵

Para além destas, há ainda outras duas excepções locais. Localizadas em sub-regiões diferentes. Uma em Barrocal, como referem os autores, Fernandes e Janeiro. “De S. Bartolomeu de Messines até Silves, em terrenos Triássicos, encontra-se um arenito, o ‘grés de Silves’, rocha de cor avermelhada escura, que serviu para a edificação do Castelo e da Sé desta cidade (...)” e outra na Serra. “Adentro da área dos terrenos do carbónico, a uns vinte quilómetros a Norte de Portimão, destaca-se o lacólito de Monchique, maciço eruptivo, donde se extrai uma rocha designada por foiaite [...]”³⁶

As localizações dos diferentes tipos de solo referidos podem ser facilmente localizados no mapa da região algarvia apresentada em baixo, (figura 4).

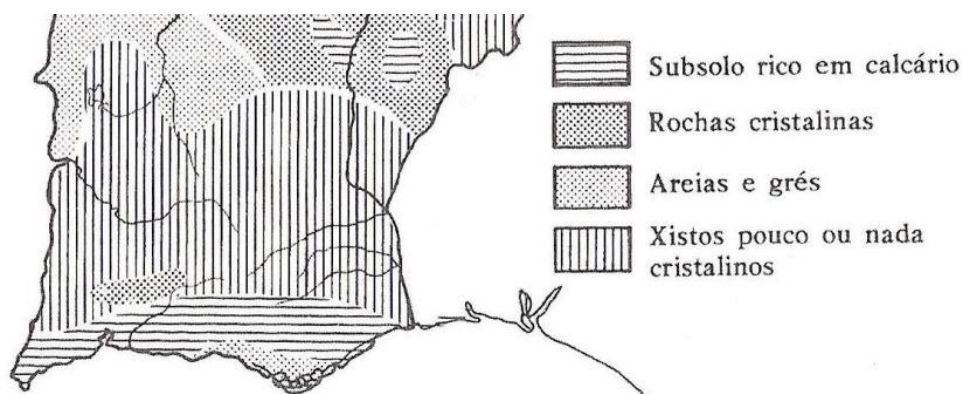


Figura 4. Mapa Litológico da região Algarvia. Adaptado de Mário Moutinho.

Outras formas de divisão, são conhecidas, desta vez transversal, trata-se de uma separação em duas partes, denominadas por, Barlavento na (parte que está virada na direcção do vento, ou seja, está do lado do vento) e que se situa mais à esquerda (Oeste) da região

³²FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.70.

³³REIS, Maria Alice; *Portugal - Síntese Geográfica*; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.14.

³⁴RIBEIRO, Orlando; *in* FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.8.

³⁵FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.70.

³⁶Sindicato 1961; *in* FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.70.

Algarvia. Já o lado direito (Este) denomina-se por Sotavento (lado oposto ao vento, ficando abrigada), a separação é difícil de precisar, uma vez que existem várias opiniões, mas pensa-se que aconteça numa linha imaginária que separa Silves e Albufeira de Loulé. Segundo os autores, Antunes, Gomes e Pereira compreende-se que há várias leituras possíveis. “A linha vertical que as separa passa, segundo uns em Faro, e em Quarteira ou Albufeira, conforme outros. Há ainda quem considere o Baixo-Algarve subdividido em três faixas: barlavento, centro e sotavento, correspondendo o centro a uma zona compreendida entre Tavira e Quarteira, precisamente onde a costa se encontra afastada do mar por um grupo de ilhas arenosas.”³⁷

Barlavento designa a zona Ocidental da região natural do Algarve, habitualmente designado por “Algarve Rochoso” graças à sua costa de falésias imponentes que marcam a paisagem.”³⁸ Dela fazem parte os municípios de Vila do Bispo, Aljezur, Monchique, Lagos, Portimão, Lagoa, Silves e Albufeira, como se pode ver na figura 5.



- 1- Vila do Bispo; 2- Aljezur; 3- Monchique; 4- Lagos; 5- Portimão; 6- Lagoa; 7- Silves;
8- Albufeira; 9- Loulé; 10- Faro; 11- São Brás de Alportel; 12- Olhão; 13- Tavira;
14- Alcoutim; 15- Castro Marim; 16- Vila Real de Santo António.

Figura 5. Mapa do Algarve (Barlavento e Sotavento).

No lado a Barlavento destacam-se algumas cidades, pela beleza natural ou por importância, tanto histórica como económica. Lagos é considerada uma cidade muito importante pela sua localização, tendo em conta o seu papel fundamental na história de Portugal, pois foi ponto de partida de várias viagens na Era dos Descobrimentos entre os séculos XV e XVI. Já na escala de importância económica regional, encontram-se Portimão na foz do

³⁷AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.127.

³⁸Algarve Portal; O Barlavento; <http://pt.algarve-portal.com/article.php?p=4&id=34>, consultado pela última vez dia 3 de outubro de 2018.

rio Arade e conhecida como “capital do Barlavento Algarvio” assim como Lagoa. Albufeira, Armação de Pêra e Praia da Rocha são destinos de eleição nesta região, bem como Alvor, Ferragudo e Carvoeiro, de menor escala, mas igualmente apreciados e bem localizados próximo da costa.³⁹

O litoral do Barlavento Algarvio é caracterizado por praias dotadas de falésias e formações rochosas consideravelmente grandes, (figura 6) cujas tonalidades oscilam entre o amarelo o vermelho e o castanho, como por exemplo as praias de Lagoa, a praia do Barranco das Belharucas, situada em Albufeira, no início da Praia da falésia junto a Olhos de Água ou as praias de Benagil, Carvalheiro, Carvoeiro, praia do Castelo e muitas outras que se sucedem. Já a costa para oeste de Burgau (Vila do Bispo) faz parte do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

O leste Algarvio ou Sotavento estende-se desde Faro até Espanha, que faz fronteira com Portugal e é separado pelo rio Guadiana. Este lado é formado pelos municípios de Loulé, Faro, São Brás de Alportel, Olhão, Tavira, Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António.

Aqui a costa é acompanhada por vilas e aldeias encantadoras, onde a maioria possui acesso a praias tranquilas e agradáveis de areal longo e plano, (figura 7).

A região a Sotavento apresenta grandes diferenças, comparativamente com a de Barlavento, entre elas a tranquilidade, a natureza e a tradicionalidade que ainda se consegue manter em algumas vilas, pois trata-se de uma região que ainda não se encontra demasiado modificada em função do turismo, como se pode verificar em Barlavento. No entanto também possui pequenos resorts e/ou aldeamentos e não se pode dizer que esteja intacta.

Em geral no Sotavento algarvio, os edificad os e habitações mantêm-se mais tradicionais, sendo comum observar maior número de casas pequenas tipicamente algarvias.

Os dois extremos regionais apresentam diferentes formas habitacionais, formas construtivas diversificadas e por se tratar de ambientes distintos, existem necessariamente diferentes respostas a essas condições ambientais e humanas traduzindo-se em interessantes habitações vernaculares, isto é, de carácter popular. Segundo o autor Orlando Ribeiro, “O território de um povo não é um simples dom da natureza, senão uma porção de espaço marcado pela sequência das gerações que, no decurso do tempo, sofreu os embates das mais variadas influências. Uma combinação original e fecunda de dois elementos: Território e Civilização.”⁴⁰

³⁹Algarve Portal; O Barlavento; <http://pt.algarve-portal.com/article.php?p=4&id=34>, consultado pela última vez dia 3 de outubro de 2018.

⁴⁰RIBEIRO, Orlando, in QUITÉRIO, Paulo; *Arquitecturas ou vivências de um espaço*; IPPAR; 2009; p.312.



Figura 6 - Formações Rochosas na praia da Marina em Lagoa.



Figura 7 - Planície, Ilha da Fuzeta.

Apesar de tudo é importante referir que, um pouco por todo o território Algarvio é evidente a transformação da arquitectura, verificando-se uma perda significativa dos vestígios da arquitectura vernacular, perdendo quantidade e qualidade para a arquitectura contemporânea corrente, e aparentemente de baixa qualidade conceptual, com materiais mais actuais que em nada remetem para os métodos tradicionais, assim como se apresentam livres de detalhes arquitectónicos tradicionais, onde o betão armado ganhou grande peso, por razões económicas e muitas vezes impulsionadas pelo turismo, mas também causada pela industrialização dos processos construtivos. Como diz o autor Paulo Quitério, deixou de se construir em alvenaria de pedra, taipa ou adobe para se construir em tijolo industrial⁴¹. O mesmo autor relembra também que *“Em termos arquitectónicos, nas últimas décadas a região do Algarve assistiu a um progressivo abandono dos hábitos tradicionais no meio rural. Os novos materiais (betão armado) e a nova economia (turismo) incidiram directamente no desaparecimento da arquitectura popular. Estas novidades geram novos espaços e novas condições de habitabilidade, distintas dos antepassados. Povoações inteiras mudaram devido à substituição destas ancestrais formas de ocupação. Gerou-se a necessidade de adaptar a habitação aos novos usos, como tal torna-se imprescindível a promoção do futuro desta arquitectura.”*⁴² Cabe a cada indivíduo e aos municípios responsáveis, tentar minimizar os danos causados e reduzir novos possíveis impactos, para que seja possível manter de pé a restante arquitectura que sobreviveu para contar a história que caracteriza o povo Português e levar de geração em geração a cultura que nos define. Como refere Paulo Quitério, *“A casa popular é um dos aspectos mais significativos e relevantes da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais - geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais - das respectivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.”*⁴³

⁴¹ QUITÉRIO, Paulo; *Arquitecturas ou vivências de um espaço*; IPPAR; 2009; p.318.

⁴² QUITÉRIO, Paulo; *Op. Cit*; p.315.

⁴³ *Idem*; p.316.

Sabe-se que ao nível desta matéria, importantes estudos foram realizados numa tentativa de salvamento das referências arquitectónicas que sobreviveram a uma euforia construtiva marcada pela industrialização e pelo turismo. De uma forma cronológica e com o apoio da análise do autor Paulo Quitério no seu artigo *Arquitecturas ou vivências de um espaço (Algarve-Portugal)*; compreende-se que em 1949 pensa-se pela primeira vez na urgência e na necessidade de compreender o que efectivamente este território regional abrangia como material arquitectónico de valor. Foi assim que surgiu a ideia de um inquérito à arquitectura regional Portuguesa que apenas pôde materializar-se 6 anos depois, com a ajuda de verbas para a realização deste trabalho.

Em 1959 os autores Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, atentos a esta evolução, publicam o artigo *Arquitectura*, o primeiro estudo sobre a arquitectura popular portuguesa, que viria a antecipar o famoso “*Inquérito*”, fruto do trabalho realizado por Keil do Amaral com a ajuda de várias equipas de jovens arquitectos, tendo sido publicado no século XX, em 1961 com o nome de *Arquitectura Popular em Portugal*, pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de enorme importância para a descoberta da arquitectura de carácter popular⁴⁴, tendo posteriormente sido reeditado em 1980 por Alfredo da Mata Antunes, António Azevedo Gomes e Nuno Teotónio Pereira, e em 2004 por Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres.

O tema da arquitectura popular algarvia é imensamente rica e vasta, com variados detalhes, e particularidades. Cada época é marcada por um estilo e associados a esses diversos estilos existem determinadas características, inúmeros exemplos e referências.

Neste estudo, focar-nos-emos em salientar as diferenças formais, construtivas e particularidades correspondentes a dois modelos habitacionais muito frequentes na região Algarvia - a casa rural e a casa urbana - onde se inserem exemplos adequados ao presente estudo, e que se pretende explorar, de forma a compreender as razões por de trás de determinadas características, como por exemplo, da platibanda, a chaminé ou o uso da parreira.

Analisando diferentes pesquisas realizadas pelos autores acima referidos, compreende-se que Portugal, apesar da pequena área territorial de que é dotado, tem um valioso legado patrimonial.

Nele existem diferentes tipos de ambientes, configurações territoriais, condições climatéricas, solos, entre outras condicionantes que influenciam a dispersão da povoação pelo território nacional e consecutivamente as respectivas vivências e actividades do homem nos diferentes locais.

No livro *Arquitectura Popular em Portugal* pode ler-se que “*Se a constituição geológica do solo orienta e define o destino do homem no lugar, comumente o clima desse lugar determinará a sua vida, amoldando a sua existência física e psíquica e definindo a sua actividade, o seu comportamento, o seu agregado familiar, a sua habitação, o povoado e*

⁴⁴ QUITÉRIO, Paulo; *Arquitecturas ou vivências de um espaço*; IPPAR; 2009; p.314.

região. A inclemência ou a amenidade do Sol, a ausência ou a abundância de chuvas, a frequência de vendavais ou a brandura das brisas, paralelamente com a riqueza ou pobreza do solo e seu relevo, a montanha, a planície, o rio e a presença do mar, encaminham o homem para o seu destino (figura 8). Ele observa e estuda todos os fenómenos que o rodeiam, estimulando a sua imaginação. Trabalha e constrói em acordo com todos eles, identificando-se coerentemente com a Natureza.”⁴⁵

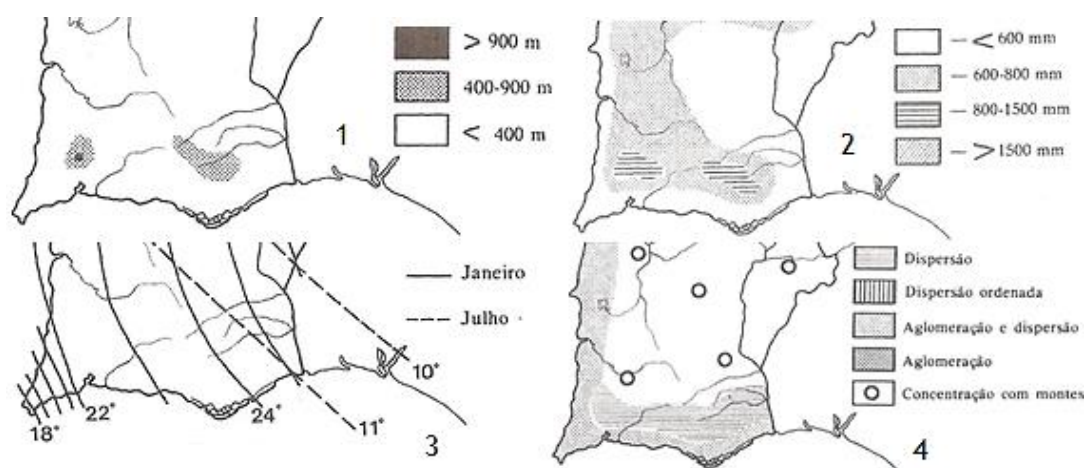


Figura 8. 1. Mapa de Relevo; 2. Mapa de Pluviosidade; 3. Mapa Isotérmico; 4. Mapa de Tipo de Povoamento rural.

Estes factores, por sua vez afectam inevitavelmente o tipo de habitação criada para determinada região. Pois a forma é criada consoante a função pretendida e condicionada pelos factores inumerados anteriormente, existindo o mesmo objecto (casa) criado para a mesma função (habitar) tanto no Norte como no Sul, com formas semelhantes, atendendo ao mesmo propósito, mas variando nos materiais, disposição e acrescentando ou subtraindo volumes, consoante a função das actividades ligadas a essa região e a essas vivências. Em grande parte também influenciada pela matéria-prima disponível nas respectivas regiões, que por sua vez é determinante das condições climáticas.

Desde sempre foi habitual privilegiar os materiais naturais e locais na construção das habitações, tanto por questões de acessibilidade, como económicas, que implicitamente resultavam finalmente num contributo caracterizador e valorizador da região em que se inseriam. Desta forma formaram-se estilos regionais característicos que muito bem ajudam a distinguir a habitação do Sul, da do Norte.

Pode assim concluir-se que a forma da casa é fortemente condicionada tanto pelas imposições geoclimáticas como geomorfológicas e pelo estilo de vida do homem.

Como consta na obra *Arquitectura Popular em Portugal*: “*Se ao aparecimento de diferenciados materiais correspondem características especiais nas edificações, também a*

⁴⁵AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p. 159.

específicas condições climáticas correspondem as formas construtivas mais próprias dessas condições.”⁴⁶

A Arquitectura Vernacular tem sido objecto de estudo, desde os primórdios no Neolítico, em que o homem primitivo demonstrou as primeiras manifestações de arquitectura e as suas habilidades no manuseamento de materiais existentes no seu meio ambiente, seja pedra, madeira ou vegetais “(...), com o seu engenho, cria os meios de adaptação ao ambiente que o rodeia, procurando o mais produtivo aproveitamento da terra e a técnica mais adequada à construção do seu abrigo, de acordo com as condições geológicas e climáticas”⁴⁷, até à actualidade, não só pelos recursos, como pela sua simplicidade mas também pela sua importância regional, pelos métodos construtivos, como por exemplo a sobreposição, (o arco, a abóbada, ou cúpula), que eram realizados com pedra, madeira, taipa ou adobe, entre outros materiais empregues nas diferentes regiões. E pelo facto destes materiais básicos e naturais proporcionarem condições mais saudáveis aos habitantes, apesar de simples, rudes e de conforto reduzido.

Desde a cabana primitiva até à habitação contemporânea o conceito mantém-se, uma vez que o homem sempre precisou e continua a precisar de se abrigar e satisfazer as suas necessidades básicas. No entanto, com o passar dos anos, o antigo abrigo deixou de ser apenas abrigo e evoluiu para a função de habitar, tendo sido aperfeiçoado, adaptado conforme as culturas e evoluindo consoante as tecnologias e inovação de materiais, onde para além da sua função original - abrigar - a forma e disposição foram sendo adaptadas à vida do homem, ao modo de vida e ofício que este desempenha, desde os agricultores e pescadores, passando pelos artesãos, escritores, pintores, desportistas, a arquitectos, estilistas, médicos entre outros, mas todos com necessidades distintas e que sempre procuraram o conforto e um espaço que satisfizesse e fosse ao encontro do gosto pessoal e estilo de vida.

De uma forma muito próxima, objectiva e detalhada, o autor Raul Lino clarifica esta situação⁴⁸.

Apesar das formas simples que caracterizam as antigas construções familiares, são essas mesmas formas geométricas que dão lugar às construções contemporâneas - partindo sempre da forma de um paralelepípedo, (salvo excepções), existindo uma infinidade de opções e conjugações consoante as possibilidades, gostos, hábitos, meio envolvente e número de pessoas que ocupam determinada habitação. Mais uma vez a sua forma difere também consoante a região, e no Algarve, podem ser encontradas diversificadas habitações de carácter rural, bem como de carácter urbano, onde neste caso se inserem as casas de pescadores e as casas “cubistas”(denominação dada à arquitectura característica da cidade de Olhão), sendo esta última tipologia, a que mais interesse tem no contexto deste estudo e a que será mais aprofundada no último capítulo.

⁴⁶ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.282.

⁴⁷ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.162.

⁴⁸ Anexo 1.

O presente capítulo pretende compilar os diferentes tipos de habitação da região do Algarve, não se tratando de um estudo exaustivo e pormenorizado como o que podemos desfrutar nas ilustres obras *Arquitectura Popular em Portugal*, *Arquitectura no Algarve - Dos primórdios à actualidade* ou *A casa popular do Algarve* onde o foco é essencialmente este tema.

Antes de se prosseguir com a análise das diferentes tipologias importa ainda clarificar o conceito de arquitectura popular ou vernacular, ainda que seja extremamente difícil definir pois depende de vários factores, incluindo o tipo de vivência em cada local.

A arquitectura vernacular ou popular, intitula diferentes ferramentas para a realização do abrigo enquanto casa, com metodologias e diferentes materiais que necessariamente conduzem a soluções funcionais distintas, uma vez que a forma nasce através da função a que se destina e materializa-se numa tradução das vivências do povo em linguagem construída, é muitas vezes uma arquitectura sem arquitectos.

É comum ao ambiente rural como ao urbano, no entanto é no rural que melhor se define como um reflexo da sociedade deste meio, dando grande importância ao envolvente exterior e aos respectivos “adereços” funcionais, sejam platibandas, coberturas, chaminés, beirais, terraços, bancos, fornos, vegetação, engenhos para o aproveitamento de água, ou outros.

Todos eles correspondem a uma determinada sub-região e conseqüentemente a um determinado estilo ou ofício, onde as suas características exteriores e morfológicas nos ajudam a compreendê-la, bem como a localizá-la geograficamente⁴⁹, (figura 8).

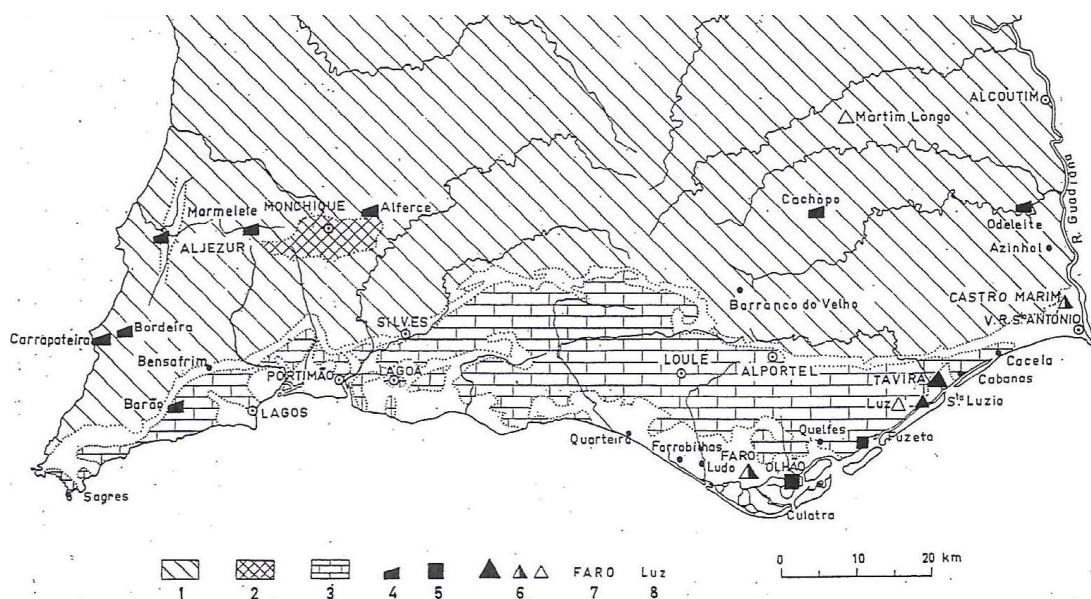


Figura 9. Mapa de povoações - Algarve; 1. Serra de Xisto; 2. Serra de Monchique; 3. Barrocal e terrenos predominantemente calcários (a branco, o litoral não calcário, a «depressão» e o fosso de Aljezur); 4. Casas de telhados de uma água; 5. Açoteias; 6. Telhados «de Tesouro» (predomínio, alguns, raros); 7. Cidades e vilas; 8. Aldeias e lugares.

Como se pode compreender pela informação já abordada, a dispersão populacional no Algarve nunca foi uniforme, verificando-se constantemente uma preferência pelo litoral.

⁴⁹ QUITÉRIO, Paulo; *Arquitecturas ou vivências de um espaço*; IPPAR; 2009; p.313.

Acredita-se que pelas diferenças climáticas, geológicas e pela diversidade de escolha comercial, profissional e de actividades presentes em cada faixa regional, contribuindo possivelmente, já naquela altura, a estima pela proximidade com o mar.

Desta forma se verificam dois tipos de população, o disperso e o concentrado.

O primeiro diz respeito à população que se dedica especialmente à horticultura, aos trabalhos no campo e que se espalha ao longo do território. Este tipo de organização da população pelo território encontra-se num meio maioritariamente rural, a que se associam variadas organizações tipológicas. Os vários tipos de propriedades existentes no Algarve são o morgado, a quinta, o monte, a fazenda, e a courela ou horta, que por sua vez diferem consoante a ordem económica.⁵⁰

O segundo refere-se, como o próprio nome indica, a um conjunto de população reunido num determinado local, este caso verifica-se maioritariamente no litoral, aplica-se às cidades costeiras e às aldeias de pescadores, onde o seu número de habitantes é cada vez maior, e insere-se já num meio mais urbano.⁵¹

Por esta razão se considerou importante criar uma separação de situações rurais e urbanas, de forma a melhor compreender as diferentes situações e características. As figuras apresentadas em baixo (figura 10), esclarecem a questão da população dispersa ou concentrada.

A primeira figura, em Moncarapacho refere-se à população dispersa e as seguintes mostram dois aglomerados urbanos, Olhão, a cidade que abordaremos mais à frente, e Tavira que se destaca e caracteriza pelas singulares coberturas em telhados de tesoura.



⁵⁰ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.141.

⁵¹ MOUTINHO, Mário; A Arquitectura Popular Portuguesa; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; Lisboa, 1995; p.141.



Figura 10 - Exemplos: a) População dispersa em Moncarapacho; b) Aglomerado urbano da cidade de Olhão com Açoteias; c) População concentrada na cidade de Tavira com telhados de tesouro.

2.1. A Casa do Sul

A casa do Sul de Portugal é um objecto Arquitectónico único e variado, “*com diferentes expressões dentro da própria região, resultado da relação das populações com as especificidades geomorfológicas da terra, da sua adaptação aos aspectos geoclimáticos, às suas particularidades naturais e culturais da região, a arquitectura popular algarvia apresenta-se, nas suas características, dotada de uma originalidade muito própria.*”⁵² Tal como a casa do Norte de Portugal ou as casas das restantes regiões, cada uma à sua maneira, é valiosa e de referência, alberga em si uma imensidão de variantes tipológicas e construtivas, de detalhes, de matérias, de formas e de outras variadas características que passaremos a clarificar neste capítulo. “*A habitação tradicional algarvia revela assim muito mais do que um simples elemento construído, exprimindo toda uma série de valores e de princípios que constituem, na*

⁵² CIIPC - Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRS; As casas dos Nossos avós. A Arquitectura Popular Algarvia, Projecto educativo para ao anos lectivos 2013-2015; <https://ciipcacela.wordpress.com/educacao-para-o-patrimonio/projectos-educativos-tematicos-regulares/as-casas-dos-nossos-avos-a-arquitectura-popular-algarvia-projecto-educativo-para-os-anos-lectivos-2013-2015/>, acedido pela última vez a 1 de setembro de 2018.

*sua diversidade, a própria cultura algarvia, sendo ela própria uma síntese do «ser algarvio», enquanto elemento que articula as diferentes dimensões de habitar e viver na paisagem e na região.»*⁵³

A casa do Sul é completamente distinta da casa do Norte, motivo que se deve fortemente ao clima, ao terreno, aos materiais locais e conseqüentemente ao modo de vida, em geral pobre, mas onde a população sempre soube tirar o maior proveito das matérias-primas disponíveis. Manifestando um enorme poder criativo e funcional, sensível na realização de detalhes decorativos ou pormenores subtis, mas verdadeiramente belos, criando elementos marcantes e históricos que ainda hoje traduzem o carácter arquitectónico popular do Algarve.⁵⁴

Na casa do Sul praticamente não é utilizado o xisto como nas casas do Norte, por sua vez dá-se lugar a materiais facilmente moldáveis de origem argilosa (que posteriormente se materializava na Taipa e colmo), a calcários moles e friáveis, (originando a tão utilizada cal) e a mármore. Também os sistemas construtivos diferem, assim como a organização interna. No entanto partilham dois elementos em comum, a planta rectangular simples, bem como a cobertura de duas águas, sendo que por vezes esta se realiza de forma diferente da existente no Norte. A cobertura do Sul varia ainda entre esta primeira, ou de uma água ou açoteia, havendo casos em que conjuga a açoteia com uma das outras opções.

Esta casa é quase sempre de piso térreo, verificando-se este caso com mais frequência nos meios rurais. Esta forma deve-se à fragilidade construtiva, pois os materiais são leves e ao facto de, no Sul não serem necessárias lojas no piso inferior, como habitualmente acontece no Norte, no Sul a casa destina-se exclusivamente à habitação da família. Existem diversas dependências, mas estas encontram-se separadas da casa principal.

Também a orientação da casa é importante e o Algarvio posiciona-a de forma inteligente para um melhor aproveitamento da luz solar, escolhendo a orientação a sul, neste sentido, a casa mantém-se quente nos meses de mais frio e a luz chega ao interior dos compartimentos, para os meses de mais calor foi engenhoso e talentoso na sua resolução, aproveitando a vegetação natural para seu proveito, assim como a construção de varandas e alpendres.⁵⁵

Para além desta diversidade de funcionalidades, formas e muito mais, é importante referir que existem meios distintos. O meio rural e o urbano, fazendo com que necessariamente haja duas formas organizacionais a diferenciar, a casa rural da casa urbana e suas respectivas variantes e distintas características.

Vários autores foram pioneiros e realizaram preciosos estudos extremamente elaborados e completos sobre esta ampla temática, acompanhando-os de desenhos e fotos que

⁵³ CIIPC - Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSA; As casas dos Nossos avós. A Arquitectura Popular Algarvia, Projecto educativo para ao anos lectivos 2013-2015; <https://ciipcacela.wordpress.com/educacao-para-o-patrimonio/projectos-educativos-tematicos-regulares/as-casas-dos-nossos-avos-a-arquitectura-popular-algarvia-projecto-educativo-para-os-anos-lectivos-2013-2015/>, acedido pela última vez a 1 de setembro de 2018.

⁵⁴ CIIPC - Op. Cit.;

⁵⁵ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.41.

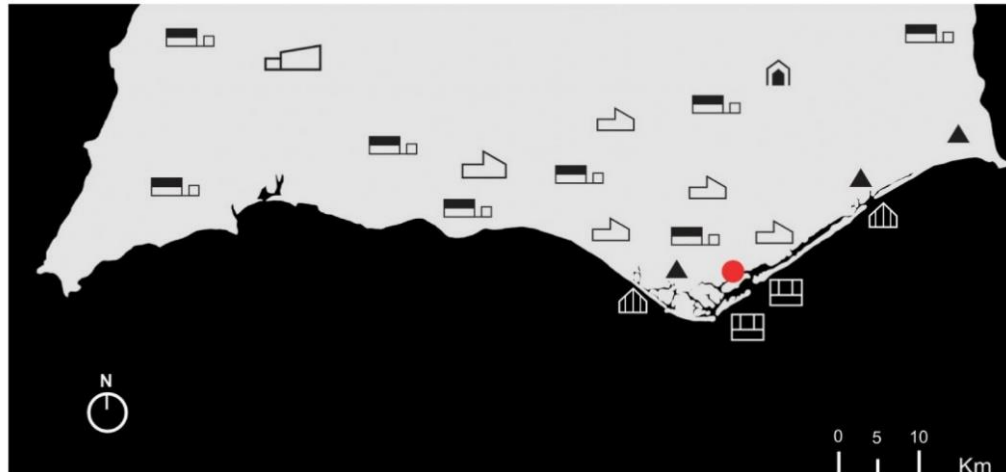
muito bem expressam as vivências da época. É com base nesses estudos de autores como, José Eduardo Horta Correia, Keil do Amaral, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Mário Moutinho, Orlando Ribeiro, Raul Lino, José Manuel Fernandes, entre outros, que nos apoiamos e abordamos este tema criando um apanhado geral das características básicas que constituem a casa do Sul.

Pela sua vasta informação, a tarefa de seu estudo é bastante trabalhosa e abrangente. Ainda assim, na presente análise focar-nos-emos nos principais exemplos arquitectónicos e respectivas características do ambiente rural e urbano.

Os autores José Fernandes e Ana Janeiro, abordam o mesmo tema, fazendo um apanhado geral desta informação abundante e tratam os diferentes tipos de habitação do Sul, de forma sintetizada e com o apoio de uma tabela, originalmente presente na importantíssima obra *“Inquérito”* à arquitectura regional. Apoiando-nos igualmente nesta informação, como forma de fio condutor para a organização temática e de forma decomposta, propõe-se um olhar por sub-regiões, por tipologia e respectivo conjunto informativo.

À semelhança do mapa da região Algarvia, onde se apresentam os diferentes tipos de solo, localização das povoações e referentes tipologias, criado por Orlando Ribeiro e referido neste trabalho anteriormente. Carlos Vasconcelos recria-o, fazendo uma leitura sintetizada e de rápida compreensão, onde coloca a simbologia das respectivas tipologias nos respectivos locais, (figura 11). O facto de fazermos de novo referência a esta informação deve-se à necessidade de complementar e introduzir a matéria que se apresentará seguidamente.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Legenda:



Habitação com forno, estábulo, pocilga, galinheiro. cobertura de uma ou duas águas, com ou sem chaminé; alvenaria de taipa, pedra ou tijolo; pavimentos em tijoleira ou terra batida.



Habitação com forno interior, pocilga, galinheiro. cobertura de uma ou duas águas, sem chaminé; alvenaria de foiaite, pedra ou tijolo; pavimentos em terra batida e sobrado.



Habitação de pescadores nas costas arenosas; 1 ou 2 divisões; estrutura de madeira coberta de colmo ou 'estormo'; alvenaria de taipa, pedra ou tijolo; pavimentos em terra.



Habitação urbana, rara no meio rural; cobertura de 4 águas de inclinação igual ou superior a 45 ° conhecidas por telhados de tesouro; alvenaria de pedra ou tijolo;



Habitação com cobertura mista - telhado e açoteia utilizável; alvenaria de calcário, tijolo ou taipa; pavimentos em terra batida ou tijoleira.



Habitação em profundidade e em fila em Olhão e Fuseta açoteia utilizável sobre abóbadas de tijoleira cobrindo o rés do chão e no 1º andar sobre dormentes; alvenaria de calcário, tijolo ou taipa; pavimentos em tijoleira.



Habitação com fornalha exterior adossada, ausência de chaminé; cobertura de uma só água; alvenaria de xisto; pavimentos em terra batida.



Olhão

Figura 11 - Mapa com distribuição das tipologias de habitação popular da região do Algarve.

2.1.1. Materiais Construtivos

Relativamente aos materiais construtivos naturais, estes são de elevada importância para uma área como a Arquitectura, não só pela sua qualidade enquanto matéria-prima, mas como produto final que pode ser originário desse bem. Tanto em Portugal como no Algarve, os materiais naturais, utilizados na construção tem um grande valor, não só natural ou emocional como também tradicional, uma vez que a sua utilização se generalizou englobando os mais diversos tipos construtivos, fazendo com que determinados adereços ou utensílios realizados a partir destas matérias se tornassem ícones desta região e ainda permaneçam de pé nos dias de hoje.

Podemos dizer que a casa do Sul é resultado de um processo generalizado e repetitivo, pois apesar das diferentes formas que pudesse tomar, era construída segundo métodos construtivos semelhantes e igualmente com acabamentos parecidos, o que lhe conferia uma determinada figura fácil de identificar.

Era sempre rebocada e seguidamente caiada⁵⁶, resultando numa das características mais icónicas da casa Algarvia que é a sua prezada cor branca, muito branca, derivada da caição e proveniente de razões climatéricas, pois o branco reflecte o sol e o calor que existe em grande abundância neste extremo de Portugal, fazendo com que a habitação se mantivesse mais fresca, ao mesmo tempo que a embelezava, e lhe dava um aspecto limpo e cuidado. Esta era uma tarefa de labor doméstico, realizada maioritariamente e regularmente por mulheres, tanto no interior como no exterior da casa.⁵⁷ Fernando Galhano e Ernesto Oliveira referem que *“(...) ela acentua o pitoresco da construção, aveludando superfícies, arredondando ângulos, boleando arestas, disfarçando falhas, com a espessura das suas camadas sucessivas, e dá-lhes um aspecto asseado e fresco que contrasta flagrantemente com o que apresenta geralmente a casa do Norte.”*⁵⁸

O uso da cal generalizou-se, tanto no interior como no exterior, criando um manto branco no território e espaços agradáveis no interior das habitações. A cal, não só era utilizada directamente nas paredes, sobre a taipa o tijolo ou o reboco ou directamente sobre a pedra que lhes dava forma, fosse ela calcário ou xisto, como muitas vezes era aplicada também sobre as guarnições dos vãos.⁵⁹

Menos frequente, mas também existente, era a utilização de outras cores, e diz-se que antes de Salazar, era comum a existência de casas com variadíssimas cores, realizadas a partir de pigmentos naturais, muito empregados os ocres, os azuis, os castanhos e os vermelhos cor de barro, (figura 12). Com a imposição de uma nova lei de igualdade, as casas passariam a ter todas a cor branca, desta forma não haveria espaço para distinções. Não se sabe qual a

⁵⁶GALHANO, Fernando e VIEIRA DE OLIVEIRA, Ernesto; *Arquitectura tradicional portuguesa*, Editor Dom Quixote, 2006; p.151.

⁵⁷ GALHANO, Fernando e VIEIRA DE OLIVEIRA, Ernesto; *OP. Cit.*; pp.151-152.

⁵⁸ *Idem*; p.152.

⁵⁹ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.173.

veracidade desta informação, mas verifica-se que as habitações mais antigas possuem de facto, mais frequentemente cores vivas, onde hoje se encontra o famoso branco.

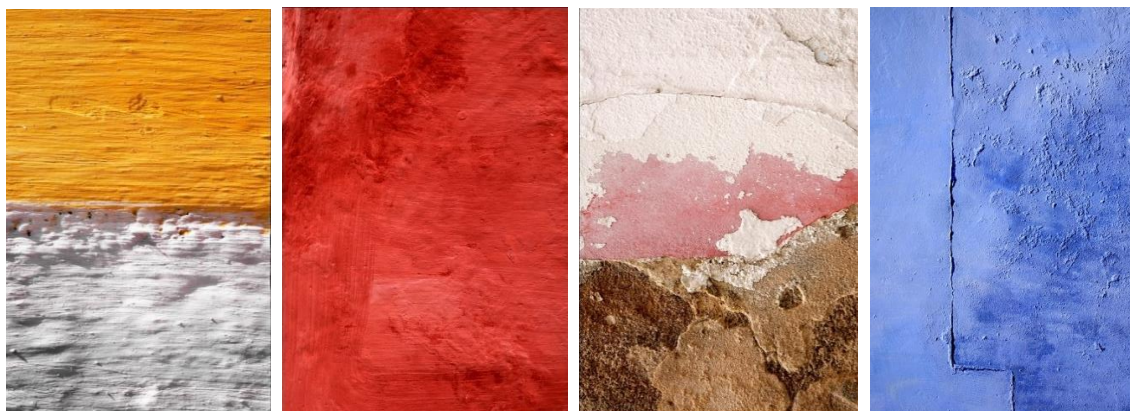


Figura 12 - Cal com diferentes pigmentações.

O Sul do país tem em abundância dois materiais distintos. O primeiro, muito versátil e muito utilizado na construção da região Algarvia. Esse motivo deu razões para que o autor Orlando Ribeiro a caracterizasse como a «civilização do barro»⁶⁰, pela sua riqueza em Argila, este material abundante, por sua vez deu origem a dois métodos construtivos muito comuns nesta região, a Taipa e o Adobe, que no geral são sempre “associados à casa térrea típica do Sul.”⁶¹

Sobre a Taipa sabe-se que foi o sistema construtivo dominante em todo o Algarve ⁶², e que foi a técnica construtiva mais usada para a realização das paredes das casas e dos muros de separação ou delimitativos. Era também o processo construtivo característico das regiões secas. O autor Orlando Ribeiro transmite-nos não só o conhecimento do que era a Taipa, bem como nos explica o processo construtivo até à fase final: “O Processo consiste em bater a malho, dentro de uma espécie de caixa de madeira, sem fundo (taipal), uma mistura de barro com pedriça, apanhada muita vez ao lado dos muros que se estão levantando (est. XVI). Deslocando lateralmente o taipal, obtém-se uma faixa a todo o comprimento do muro que se deseja; levantada ela, deixa-se endurecer a ponto de servir de apoio ao taipal e vai-se assim erguendo sucessivamente o muro, desencontrando as juntas verticais, para obter travação. Às vezes usam-se alicerces de pedra, no geral salientes, e fiadas de pedra ou de tijolo entre as diferentes faixas de taipa. As paredes são cuidadosamente rebocadas e caiadas, de modo que nem sempre é possível saber de que material a casa é feita (est. XVII A); mas a ausência de molduras nas portas e janelas indica, no geral, construção de taipa ou de tijolo; com o tempo, as costuras da taipa acabam por se conhecer, ou porque aí se infiltrou humidade ou porque o

⁶⁰ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.32.

⁶¹ RIBEIRO, Orlando; Op. Cit; p.33.

⁶² FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.71.

revestimento estalou pela contracção desigual dos diferentes blocos. O processo é simples, rápido e barato. Conhecido de todos os pedreiros, está ao alcance da maior parte dos curiosos. Uma casa de rés-do-chão pode erguer-se em 15 dias, apenas com o trabalho de 4 homens. A mestria na arte da taipa vai ao ponto de se fazerem com ela os muros redondos de um moinho (est. XVII B).”⁶³

O Adobe é muito semelhante à Taipa, a diferença é que este consiste em *“barro amassado juntamente com areia ou palha cortada, moldado em forma de tijolo e seco ao sol.”*⁶⁴ E que posteriormente é *“sobreposto em fiadas com as juntas verticais desencontradas.”*⁶⁵ Este, usa-se igualmente na construção de paredes e muros.⁶⁶

O período de vida das paredes realizadas por qualquer um destes métodos é influenciado por alguns factores. A existência de humidade é um deles, pois para que sejam duradouras não deveram estar expostas a ambientes húmidos, esse foi mais um motivo para que este método construtivo se tenha enquadrado tão bem na região Sul. No entanto, como solução para os períodos em que há ocorrência de precipitação e que haja o risco destas se danificarem, tornou-se comum a realização de um beiral que acompanha o telhado, esta solução pode servir como protecção das paredes nos períodos em que há ocorrência de precipitação assim como na protecção do sol directo.⁶⁷

Outra razão deve-se á fragilidade e menor resistência ao peso e aos impactos, quando comparado com muros de pedra ou de tijolo. A longo prazo, verifica-se um ligeiro abaular, devido ao peso exercido pelo telhado sobre estas paredes.⁶⁸

Materiais como a Argila e o Calcário, existem em abundância e eram utilizados de variadíssimas formas nas construções desta região que ficou marcada por construções vernaculares, *“utiliza, na sua construção, materiais dóceis, calcários moles e friáveis e mármore (..) o tijolo e sobretudo a taipa, que se encontra já na Estremadura, mas que na planura alentejana e no Algarve constitui o material característico e mais corrente na edificação local.”*⁶⁹

O uso da taipa nas alvenarias generalizou-se, mesmo nas regiões onde existem outros materiais como o Calcário e o Xisto. Para o Calcário reserva-se um uso mais “nobre” e de nível estético, pois era utilizado para o guarnecimento dos vãos de portas e janelas, mas também na pavimentação de caminhos e estradas.⁷⁰ *“O emprego de elementos cerâmicos no Algarve, está generalizado nos mais diversos tipos de construção, utilizando-se sob várias formas, desde os pavimentos interiores ou exteriores das habitações, às paredes e coberturas, quer sejam estas*

⁶³ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; pp.32-33.

⁶⁴ RIBEIRO, Orlando; Op. Cit.; p.33.

⁶⁵ Idem; p.33

⁶⁶ Ibidem; p.33

⁶⁷ Ibidem; p.33

⁶⁸ Ibidem; p.33

⁶⁹ GALHANO, Fernando e VIEIRA DE OLIVEIRA, Ernesto; Arquitectura tradicional portuguesa, Editor Dom Quixote, 2006; p.153.

⁷⁰ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.173.

em telhado, abóbadas ou «dormentes» - tipo de cobertura plana sobre estrutura de madeira. O seu fabrico encontra-se disseminado por toda a faixa litoral, com algumas penetrações ao longo de vales, a mais importantes das quais acompanha a estrada para Monchique.»⁷¹

O chão exterior destas casas, eram habitualmente revestidas por lajedo, cubos de granito, ou ladrilhos, sendo estes últimos os mais frequentes. Realizados com barro natural que posteriormente é cozido. Produzidos nesta região, mais propriamente em Santa Catarina da Fonte do Bispo, do qual preservam o respectivo nome - Ladrilhos de Santa Catarina. Existindo diferentes padrões, por terem uma simples forma rectangular ou quadrada, dão liberdade para a sua colocação e conjugação em diferentes formas, criando formas geométricas agradáveis que percorrem os pátios, que abraçam a casa ou o chão da açoteia, como se pode ver na Figura 13.



Figura 13. Ladrilhos de barro natural e diferentes formas de aplicação.

Os pisos térreos são revestidos em pavimento de ladrilhos de barro no exterior, e revestido de madeira - sobrado⁷² no interior, ou nos casos em que as possibilidades económicas fossem inferiores, seria em terra batida.

Por fim, as coberturas variam consoante a sub-região e são mais um elemento construtivo que muito bem traduz a adaptação do homem ao clima, utilizando-a de forma inteligente e como protecção das mais variadas condições climatéricas.

⁷¹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.168.

⁷² AAVV; OP. Cit.; p.311.

2.1.2. A Chaminé Algarvia



Figura 14 - Chaminé Algarvia rendilhada.

As chaminés, assim como as platibandas, representam, tal como o Mar, um elemento icónico na região do Algarve, bem como o *“prestígio e a vaidade dos proprietários.”*⁷³

*“A chaminé é importante na arquitectura do Sul.”*⁷⁴ Também como os autores Oliveira e Galhano dizem: *“A nota mais característica da casa do Sul, designadamente do Algarve, é sem dúvida a chaminé, que se pode considerar de uso absolutamente normal e geral nesta zona, mesmo nas casas mais pequenas e modestas; e essas chaminés do Sul, que ultrapassam decididamente a sua função e representam o principal ornamento dos edifícios sobre que incide o espírito inventivo dos construtores locais, (...)”*⁷⁵

A chaminé era relevante também na medida em que o asseio da casa é habitual no Sul, pois *“O fumo não enegrece a casa, porque a chaminé dá-lhe fuga.”*⁷⁶ Assim também o referem

os autores Oliveira e Galhano, *“a chaminé que toma o valor de peça de luxo e que está na base do asseio característico das cozinhas.”* (...) *“A existência normal da chaminé na casa do Sul, escoando todo o fumo para o exterior e impedindo que ele invada a casa, como sucede no Norte, está na base da limpeza impecável que caracteriza as suas cozinhas, e que a caiação regular e constante acentua ainda mais.”*⁷⁷

Existem variadíssimos exemplos, formas cilíndricas ou prismáticas, tamanhos, cores e decorações, perfuradas em redor com motivos geométricos, e executados com elementos cerâmicos. Para a sua realização, os mestres nesta arte, estavam acostumados a perguntar ao proprietário quantos dias queria de chaminé, pois a elaboração do tamanho e dos motivos decorativos eram realizados consoantes o gosto e as possibilidades económicas do dono.⁷⁸

Mas há quem as especifique com bastante detalhe, segundo os autores Oliveira e Galhano, o autor Mello de Mattos que escreveu uma obra dedicada às chaminés, classifica-as

⁷³ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda; Novembro, Olhão, 2015; p. 57.

⁷⁴ REIS, Maria Alice; *Portugal - Síntese Geográfica*; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.51.

⁷⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; pp.154-155.

⁷⁶ REIS, Maria Alice; *Portugal - Síntese Geográfica*; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.51.

⁷⁷ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.153.

⁷⁸ Informação em painel informativo na Avenida da República em Olhão.

com muita especificidade, referindo que se encontram “*tipos muito variados de chaminés que, nas suas linhas gerais, se podem classificar, quanto à base, em rectangulares, quadradas e circulares e, quanto à forma, em prismáticas, cilíndricas e piramidais.*”⁷⁹ Prossegue no Anexo.⁸⁰

Não há como conseguir tirar da liderança a preferência pela tão apreciada e conhecida chaminé rendilhada, que muito relembra os antigos bordados, (figura 14 e anexo 3).⁸¹

Não só a autora Maria Alice Reis, como muitas outras pessoas a admiram, “*Quando se caminha para o sul e o Algarve se aproxima, a chaminé adquire crescente importância decorativa, transformando-se em pequenas, mas esbeltas colunas, rematadas por finos rendilhados*”⁸². Bem como o autor Virgílio Correia que as considera «*porventura as mais interessantes de todo o mundo*»; «*alma da casa*».⁸³

Este modelo tomou grande importância apresentada nas habitações rurais, no entanto, segundo os autores, Martin, Castro e Torres, não se trata da mais funcional, porque o gosto pelo ornamento levou a que o algarvio retirasse “*os panos que envolvem a lanterna dos fumos, deixando à vista a grelhagem de elementos cerâmicos, prejudicando assim o seu funcionamento.*”⁸⁴ Segundo estes autores, o modelo característico da cidade de Olhão - chaminé de balão, (figura 15) - apresenta uma morfologia funcional mais adequada ao escoamento de fumos, como também mencionam que este último modelo se trata do mais belo, referindo que “*Há quem considere a chaminé rendilhada como a adulteração da chaminé de balão (...)*”⁸⁵ e que se adapta perfeitamente ao meio onde se insere, contudo não é o mais utilizado e o seu uso é disperso, apenas em Olhão e na Fuzeta se encontram em maior número. No capítulo V, poderá compreender-se melhor o seu contexto

Para além destas, em Barranco dos Pisões destaca-se um modelo curioso e pouco visto, de forma octogonal, (figura 16).

⁷⁹ MATTOS, Mello de; «As chaminés alentejanas», Portugália, II, pág. 79-84. in, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; pp. 156-157.

⁸⁰ Anexo 2.

⁸¹ Anexo 3.

⁸² REIS, Maria Alice; *Portugal - Síntese Geográfica*; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.51.

⁸³ CORREIA, Virgílio; «Chaminés do Sul», *Terra Portuguesa*, 2º. Vol., Lisboa, 1916, págs. 21-27. in OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; 2ª. Edição; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p. 155.

⁸⁴ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; p.354.

⁸⁵ AAVV; *Op. Cit.*; p.354.

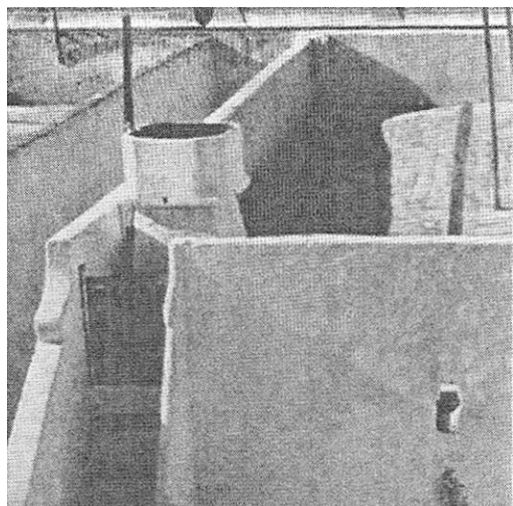


Figura 15- Chaminé de balão ou “cubista” em Olhão.

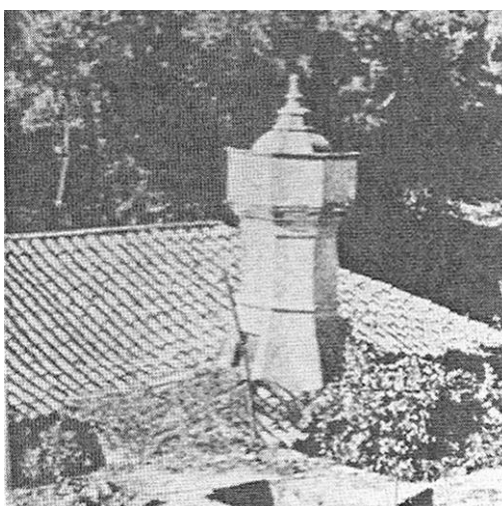


Figura 16- Chaminé de traçado octogonal em Barranco dos Pisões - Monchique.

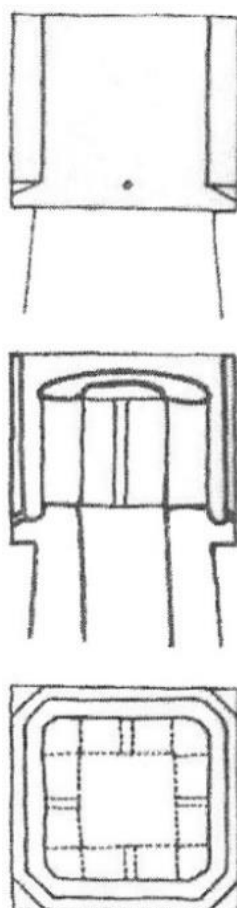


Figura 17 - Secção em Chaminé de Balão Olhanense.

2.1.3. A Platibanda

Em muitas casas Algarvias, um pouco por toda a região, rural (figura 18) ou urbana (figura 19), pode encontrar-se um dos elementos mais característicos e belos da região. Segundo os autores Martins, Castro e Torres, “*É nas platibandas e chaminés que se manifesta a mais rica exuberância decorativa do algarvio, podendo-se considerar alguns exemplos autênticos motivos de arte popular.*”⁸⁶ Este elemento, denominado de «platibanda», alia o factor decorativo à funcionalidade. Trata-se de “*um elemento horizontal de remate da parte superior da casa*”⁸⁷, conhecida “*como platibanda ornamentada (com relevos, pintura policroma ou escaiola), próprios da transição dos séculos XIX-XX.*”⁸⁸



Fig. 18. Casa Rural com Platibanda ornamentada e telhado de duas águas.

⁸⁶ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.350.

⁸⁷ Platibandas Algarvias; CIIPC- Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa; <https://ciipcacela.wordpress.com/2016/02/19/oficina-criativa-platibandas-algarvias/>, consultado pela última vez em 3 de outubro de 2018.

⁸⁸ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve; Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p.10.

Apresentadas na fachada da casa, as platibandas “*aparecem num período de prosperidade económica na região (...) imprimindo às fachadas das casas de taipa ou alvenaria um cunho muito próprio.*”⁸⁹

Desempenhavam o papel de elemento representativo de poder económico do proprietário, sendo que as mais elaboradas e mais vistosas significam maior poder económico. Existindo um leque bastante diversificado, e de elementos decorativos desde formas geométricas, rendilhados, relevos ou elementos figurativos, assim como diversificadas cromaticamente⁹⁰, onde, para além do branco característico, o amarelo ocre, o azul-cobalto, o almagre ou o verde predominavam.⁹¹

“*A platibanda atinge grande importância na Arquitectura local*”⁹², por resguardarem as açoteias ou os telhados, servindo como elemento decorativo na parte superior da casa. Mas a sua principal função era permitir o escoamento da água das chuvas, na maioria das vezes recolhidas pelas açoteias que possuíam uma inclinação mínima, conduzindo a água até uma caleira de recolha de águas.⁹³



Figura 19. Casa Urbana na cidade de Olhão com platibanda ornamentada.

Segundo o autor José Manuel Fernandes, este elemento característico, “*ainda têm alguma força na paisagem rural e urbana - mas gradualmente vêm-se tornando uma raridade, descaracterizada na maior parte dos casos pela deficiente manutenção, pela pintura com materiais grosseiros, pelo desentendimento do que afinal significam.*”⁹⁴

⁸⁹ Platibandas Algarvias; CIIPC- Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa; <https://ciipcacela.wordpress.com/2016/02/19/oficina-criativa-platibandas-algarvias/>, consultado pela última vez em 3 de outubro de 2018.

⁹⁰ Anexo 4.

⁹¹ Platibandas Algarvias; CIIPC- Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa; <https://ciipcacela.wordpress.com/2016/02/19/oficina-criativa-platibandas-algarvias/>, consultado pela última vez em 3 de outubro de 2018.

⁹² AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.350.

⁹³ Platibandas Algarvias; CIIPC- Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa; <https://ciipcacela.wordpress.com/2016/02/19/oficina-criativa-platibandas-algarvias/>, consultado pela última vez em 3 de outubro de 2018.

⁹⁴ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p.10.

2.2. Características da Casa Rural

Quando se fala em casa rural, a imagem que surge é algo semelhante à (Figura 20) apresentada a seguir. Artur Pastor coloca essa ideia numa foto carregada de lembranças e sentimentos, que transporta para outros tempos e recordações de um Portugal rural já quase inexistente.



Figura 20 - Portugal Rural, Algarve, décadas de 50/60. Artur Pastor.

Sobre a Casa Rural, compreende-se pela visualização dos mapas apresentados e das diferentes informações recolhidas, que predomina no Barrocal Algarvio, no entanto podemos encontrar diferentes tipologias um pouco por todo o território. Após uma breve contextualização ao meio rural, abordar-se-ão as diferentes situações e respectivas características.

Sobre a casa rural, a autora Maria Alice Reis sugere que a forma da casa e a maneira como se organiza, poderá ser *“Produto de influências milenárias, das próprias condições climáticas mas também de causas históricas - que originaram áreas de fraca densidade populacional e um tipo de propriedade menos dividida -, a casa revela maior preocupação com a construção exterior.”*⁹⁵

Por sua vez, os autores de *Arquitectura Popular em Portugal*, referem que o homem sempre esteve atento às condições climáticas, ajustando-se ao terreno conforme mais lhe convém, organizando e orientando a sua habitação conforme as melhores incidências solares e protegendo-se dos ventos pouco agradáveis. Referem: *“(…), como é frequente em todo o Algarve, volta-se para sul, para uma perfeita insolação, outras vezes, como se verifica no Alentejo Litoral, na região de Grândola, orienta-se a nascente, defendendo-a assim dos ventos e das chuvas do Oeste. Abre os vãos em número e nos locais que entende por mais convenientes, deixando as fachadas mais atingidas pela dureza do clima, pela acção dos ventos e temporais, quase sem aberturas. / Se, por um lado, conhece e aproveita ostensivamente, durante os dias frios de Inverno, os benefícios do Sol, não se esquece, por outro lado, dos calores do Verão, surgindo assim os elementos caracterizantes do meio, como as varandas, ou alpendres, os terraços, os pátios e as parreiras, que, estabelecendo as mais perfeitas condições de habitabilidade e utilização, definem as condições do clima e os aspectos particulares da região.”*⁹⁶

Primeiramente importa explicar que existem características em comuns, como é o caso da inexistência de construção em altura nas tipologias originais, pela razão anteriormente explicada.

Normalmente agregada à casa principal, existem outras dependências, destinadas ao alojamento de animais (o burro e a mula predominam), ao contrário do que é usual no Norte, a Sul “ «o suíno não faz parte da família»”, e por isso “vive à parte”⁹⁷ - Existindo habitualmente um estábulo, curral e galinheiro, e ainda outras dependências destinadas ao abrigo dos utensílios de trabalho no campo, e ainda um compartimento complementar à cozinha - o forno, a organização destas dependências varia nos três casos e estas construções podem observar-se

⁹⁵ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.49.

⁹⁶ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.162.

⁹⁷ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.49.

de duas formas; podem ser encontradas integradas à habitação- “casa principal”, esta que serve apenas a família, ou podem formar uma ou várias construções exteriores á parte.⁹⁸

Como se referiu anteriormente, a forma da casa é desenvolvida tendo em consideração as condições climatéricas locais, bem como as influências e os hábitos pessoais de cada região.

A vegetação é importante e complementa a casa rural. Esta não era colocada propositadamente com a finalidade de ser decorativa, exceptuando as buganvílias (flores que trepam e que existem num leque colorido nos tons de rosa, laranja, vermelho, fúchsia), são também bastante características e por norma acompanhavam estas pequenas casas, como se fosse um adereço essencial.

Importa referir que a economia rural é movida pela agricultura, de onde é conhecido o cultivo do milho, do feijão, da batata e batata doce, como pela riqueza de cereais de sequeiro que provém da valiosa variedade de arvoredos, onde se destacam as amendoeiras, as figueiras, as oliveiras e as alfarrobeiras. É de notar na sua fonética a influência dos mouros, originários da época de domínio Árabe.⁹⁹

A autora Maria Alice Reis refere que *“No Algarve, a amendoeira, a figueira de braços rentes ao chão, e a alfarrobeira dão à paisagem características mediterrânicas. A laranjeira e o limoeiro são gritos estridentes na terra cor de barro. As hortas algarvias, onde a nora existe quase sempre, fornecem as primeiras “novidades” de cada estação (a ervilha, a fava, o pimento, o tomate, o morango). Devido ao turismo, os pomares estão a substituir terras de figueira e amendoeira, quando é possível fazer-lhe chegar a rega.”*¹⁰⁰

Também os autores de *Arquitectura Popular em Portugal* têm uma palavra a dizer sobre estas tão importantes árvores, *“(…) a alfarrobeira, a figueira, a amendoeira e a oliveira espalham-se, cobrem o solo com um manto verde matizado e dão sombra e pão a uma população [...].”*¹⁰¹

A beleza morfológica de cada árvore e sua folhagem e pela frequência com que eram utilizadas as típicas árvores de fruto, ficaram sempre associadas a estas pequenas casinhas e aos meios rurais, como um complemento delas.

Os pátios, parreiras e outros elementos característicos que convivem em simultâneo com os poiais e os canteiros, predominam em toda ou quase toda a região algarvia, apenas se diferenciando os modos de convivência e como se articulam no espaço da habitação tendo em conta as condições climatéricas de cada zona.

Em resposta ao clima, este tipo de habitação foi-se desenvolvendo de forma a possibilitar o maior aproveitamento possível dos espaços exteriores, proporcionando agradáveis momentos de convívio e de permanência ao ar livre, seja em actividade ou na hora de repouso,

⁹⁸ MOUTINHO, Mário; *A Arquitectura Popular Portuguesa*; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; Lisboa, 1995; p.141.

⁹⁹ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 126.

¹⁰⁰ REIS, Maria Alice; *Portugal - Síntese Geográfica*; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.16.

¹⁰¹ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.244.

servindo-se do poial (banco à entrada da casa, por vezes em pedra), para desfrutar da frescura ao final do dia, no pátio exterior ou noutro espaço de apoio à casa, mas como se fosse parte integrante desta. São articulados, funcionais e essenciais à vivência no Sul, utilizados na maioria dos dias durante o ano e por largos períodos de tempo durante o dia.

A Casa Rural Tradicional do Algarve em geral, possui pelo menos um pátio, estes que são *“tão característicos das casas algarvias”*¹⁰², ora interior ora exterior, com variados tamanhos, cobertos ou descobertos, na grande maioria das vezes pela parreira (Figura 21), que é uma vegetação *“inteligentemente utilizada em quase toda a metade Sul do País, é a protecção mais singela usada para o doseamento conveniente da insolação. Largamente divulgada em todo o Algarve, ela estende-se sobre uma ligeira estrutura de apoio, fornecendo o fruto e a agradável e fresca sombra no Verão, e no Inverno, quando se despir da folhagem, deixará passar livremente os raios quentes e benéficos do Sol.”*¹⁰³

Para além do seu uso para fins de melhoramento climatérico, é utilizada de forma decorativa, não só na parte frontal da casa, mas também em pátios criando uma agradável cobertura verde sobre estes espaços.

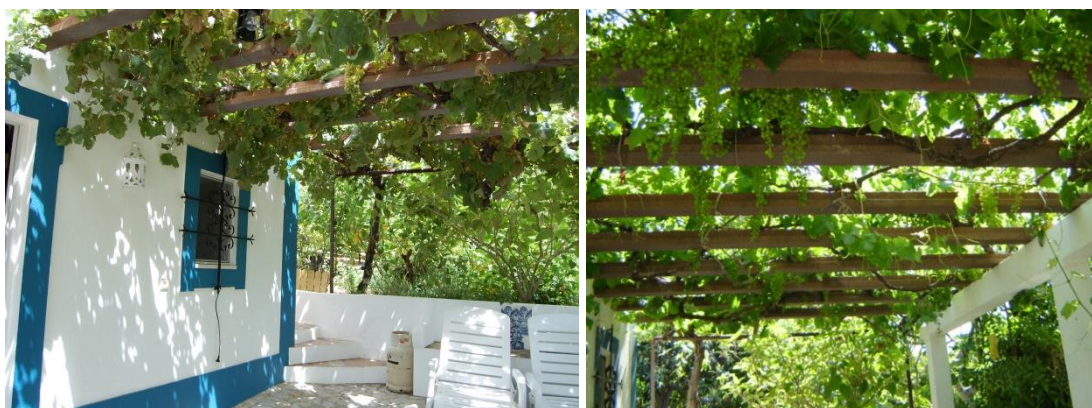


Figura 21 - Uso da parreira como cobertura exterior.

O pátio sempre desempenhou uma função muito importante, por complementar a casa, criando um acréscimo desta, a partir da sala ou da cozinha, porque muitas das funções do dia-a-dia eram elaboradas no exterior, especialmente em dias quentes de verão.

Ora para receber visitas e conviver no espaço exterior onde estaria mais fresco, ora para descansar após uma manhã ou dia de trabalho. Também era o local de eleição onde se escolhiam os frutos para posteriormente colocar a secar (figos, alfarrobas, amêndoas), também aqui se preparam legumes ou animais para os cozinhados, sítio onde se lavavam as roupas com a ajuda de tanques e posteriormente se colocavam a secar, era como mais uma dependência onde praticamente se tratava de tudo.

¹⁰² AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.164.

¹⁰³ AAVV; Op. Cit.; p.162.

Era habitual, no espaço delimitante dos pátios, existirem uns muretes baixos com a altura idealizada anatomicamente para albergar bancos, estes eram revestidos por ladrilhos organizados lado a lado verticalmente e pontualmente ou mesmo de forma contínua, possuíam nas costas alegretes ou floreiras para colocar plantas e flores, onde as malvas eram preferidas.

Sempre caiados de branco, acentuando as suas formas e realçando a cor das flores lá colocadas¹⁰⁴ (Figura 22).



Figura 22 - Dois exemplos de pátios com delimitação em murete com banco e floreiras.

O revestimento utilizado no chão destes espaços exteriores, era frequentemente ladrilho de barro, ou cubos de calçada calcária, lajedo, ou apenas terra batida.

As construções de apoio à habitação, à produção e ao armazenamento também fazem parte destas tipologias e deste meio, como por exemplo as noras comuns com mecanismos hidráulicos de elevação da água por alcatruzes, ou moinhos de água com roda vertical, também conhecidos por azenhas, (Figura 23), são mais um exemplo de vestígios da presença islâmica e existem ainda em casas térreas rurais simples, em grande quantidade ao longo da Estrada Nacional 125.

Associado a estas construções, a que o autor José Manuel Fernandes dá o nome de “arquitectura da água”¹⁰⁵ podemos também encontrar as eiras, os aquedutos e os tanques.¹⁰⁶ Estes últimos ainda igualmente existentes um pouco por toda a região e seriam pontos de encontro importante onde muitas mulheres se juntavam para lavar a roupa, (Figura 23).

¹⁰⁴ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.164.

¹⁰⁵ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p. 147.

¹⁰⁶ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Op. Cit.; pp.146-147.



Figura 23 - a) Lagoa - Eira grande com cisterna para recolha de água; b) São Brás de Alportel - Eira sem cisterna; c) Quelfes - tanque de lavagem e Poço Longo ao fundo.

Os *sistemas de regas*¹⁰⁷, por irrigação, ganham grande valor no cultivo das hortas e pomares, assim como as grandes noras mouriscas movidas por animais, que estariam sempre próximas dos chamados montes. Apesar de tudo com a evolução foram perdendo o interesse e o progressivo abandono tornou-se geral, uma vez que as máquinas começaram a tomar o seu lugar. Hoje em dia ainda é possível encontrar uma grande imensidão destas construções de diferentes tamanhos e engenhos, abandonados, mas que mancavam a sua época e uma função muito importante que desempenhavam.

Os poços constituíam um dos equipamentos mais indispensáveis de abastecimento à população. Pela inexistência de fornecimento de água, pela fraca pluviosidade e clima seco. Segundo Antunes, Gomes e Pereira, por vezes seria “*necessário cavar poços para obtê-la e prover às suas necessidades.*”¹⁰⁸ Também Orlando Ribeiro esclarece que, onde não havia nascentes, faziam-se cisternas e ia-se buscar a água de burro, que a transportaria em bilhas de barro em forma de Ânforas sem bico.¹⁰⁹

Acredita-se que a escassez de água e raridade de pontos de água foi o motivo principal que levou a povoação a concentrar-se em determinados lugares, formando os aglomerados urbanos. Frequentemente localizada em largos, que seriam um dos pontos de encontro mais importantes onde os habitantes das populações se juntavam. Todas as populações mais antigas e menos evoluídas, visitadas pelos autores referidos acima, como o Burgau, Budens, Bensafrim, Fontes, Gil Varzino, Espragal, Montecarapacho, Sta. Catarina da Fonte do Bispo, etc. os possuíam.¹¹⁰

¹⁰⁷ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 127.

¹⁰⁸ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.145.

¹⁰⁹ RIBEIRO, Orlando; *Geografia e Civilização -Temas Portugueses*; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.66.

¹¹⁰ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.138.



Figura 24- a) Cacela Velha - poço da vila; b) Parque Natural da Ria Formosa -Nora Mourisca com mecanismos hidráulicos; c) Moncarapacho - Poço do Laranjeiro; d) Altura - Cisterna particular.

Tal como os poços, também os fornos seriam uma característica comum entre estas povoações rurais.¹¹¹ Segundo os autores Martins, Castro e Torres, seriam “*peças indispensáveis no equipamento da habitação serrana algarvia, são um elemento importante na definição do tipo de habitações desta sub-região, resultando também, da sua larga expansão e da variedade dos exemplos, o enriquecimento espacial dos aglomerados.*”¹¹² Nas figuras apresentadas abaixo podemos encontrar três exemplos serranos, um na Serra de Loulé, um segundo em São Brás de Alportel e por último em Alcoutim - Álamo.



Figura 25 - a) Serra de Loulé - Forno no interior da casa; b) São Brás de Alportel - Forno inserido no pátio da casa; c) Alcoutim, Álamo - Forno exterior, junto a dependência destina a cozinha.

Também a sua forma, como foi dito, maioritariamente de planta rectangular, “*progride e expande-se mais horizontalmente que no sentido perpendicular ao chão.*”¹¹³ Como diz o autor Orlando Ribeiro: “*Quando a família aumenta, encosta-se mais um elemento à casinha*

¹¹¹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.138.

¹¹² AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.353.

¹¹³ SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.37.

*primitiva. Ao fim de duas ou três gerações, o sítio conta meia dúzia de casas, apinhadas e ligadas entre si pelas paredes comuns (est. XXXIII), e umas dezenas de habitantes.”*¹¹⁴

Filipa de Sousa refere que: *“Há também uma grande clareza, singeleza e modéstia na construção da sua forma e textura habitacional.”*¹¹⁵

A cada compartimento interior corresponde um vão, no entanto em alguns casos os vãos ficam reduzidos apenas à porta de entrada, devido ao clima quente que se faz sentir, podem se verificar alguns casos deste tipo de habitação da Bacia do Sado e da Secção Oriental da Serra do Caldeirão¹¹⁶. Mais uma vez o clima condiciona o número de aberturas, assim como o seu tamanho, será normal abrir vãos maiores, nas fachadas em que a incidência de sol seja melhor, enquanto que nas fachadas onde é mais propício a ventos fortes e a mau tempo, opta-se por vãos mais pequenos ou até, em alguns casos, pela fachada cega.¹¹⁷

Segundo informação em *Arquitectura Popular em Portugal*, os conjuntos de habitações variam desde as organizações mais diminuídas e simples, de duas divisões, apenas com a cozinha e uma pequena arrecadação, a *quintas* e *montes* de proporções avultadas e com tipologia desenvolvida, nos quais se organizam diferentes dependências destinadas à habitação da família e outras para os animais, como os estábulos, para o gado e cavalos, pocilgas, galinheiros e nitreiras. E também para o material de trabalho. Na frente, sempre o pátio algarvio, resguardado pelo alpendre ou pela parreira.¹¹⁸

Seguem-se os exemplos tipológicos rurais:

¹¹⁴ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; 3ª. Edição; Lisboa, 1992; p. 66.

¹¹⁵ SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.37.

¹¹⁶ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.314.

¹¹⁷ CRAVINHO, Ana; *Arquitectura vernacular no Algarve: diferentes sub-regiões, diferentes tipos de edificados. Pedra e Cal: revista de conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado*; 6:25; Janeiro - Março 2005; pp.20-21; in SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.38.

¹¹⁸ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.314.

O primeiro exemplo de Habitação Rural e sua respectiva organização tipológica encontra-se na encosta noroeste de Monchique, localizada na sub-região do alto Algarve, também denominada por Serra.



Figura 26 - Habitação Rural, na encosta noroeste de Monchique- Serra Algarvia.

Esta faixa, mais a Norte da região Algarvia, que se caracteriza pela abundância de terrenos de Carbónico, ou seja, xistos argilosos¹¹⁹, qualificam a “serra” Algarvia. No maciço eruptivo de Monchique, “*aparece uma rocha eruptiva, variedade de sienite nefelinica, conhecida por foiaite. (...) Como diz Mariano Feio: «Uma terra de xisto com um grande declive é necessariamente pobre; os solos são extremamente magros, muitas vezes a terra falta completamente e a rocha aflora.*”¹²⁰ É uma das zonas mais isoladas da região¹²¹ e também mais pobres¹²². Estes materiais vieram dar origem a uma tipologia de construções em alvenaria de

¹¹⁹ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; Edição CCDR Algarve, Algarve, Dezembro 2005; p.70.

¹²⁰ AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 248.

¹²¹ SOUSA, Filipa Mariana Franco; *A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa*; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.39.

¹²² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; 2ª. Edição; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.171.

xisto e foiaíte¹²³, empregado de forma solta.¹²⁴ Segundo o autor Paulo Quitério, a terra é utilizada em todas as zonas, na Serra onde é o xisto que predomina, é frequente encontrarmos *“construções completas ou parciais em taipa e o seu interior em adobe./ No Alto Algarve (Serra) com os primeiros contrafortes da Serra Algarvia cessa geralmente o uso da taipa: muros, paredes, fornos, cabanas redondas usadas como arrecadação ou curral, empregam a pedra solta, muita vez sem reboco ou caição.”*¹²⁵

As difíceis comunicações e o complicado acesso dificultam a intercomunicação, fazendo com que a população seja dispersa e isolada.¹²⁶ A exceção acontece na Serra de Monchique onde se regista um índice de pluviosidade mais alto, facilitando o cultivo da terra e o desenvolvimento de árvores como o pinheiro bravo, sobreiro, carvalho de folha caduca e o castanheiro que por sua vez fornecem matéria prima para a construção de mobiliário, caixilharias e outros elementos auxiliares na construção, assim como as canas, utilizadas especialmente nos tectos, criando o que se chama de caniçado.¹²⁷

Estas habitações possuem a comum forma rectangular organizando-se consoante os socalcos naturais formados pelo terreno. Segundo o autor Gouveia de Medeiros, a habitação da serra é uma construção sem geometrismos e de carácter rudimentar e humilde.¹²⁸ Contudo esta difere muito das restantes habitações algarvias, por se assemelhar com as casas de regiões serranas da Beira e Norte do País, pois tem o estábulo integrado, cujo acesso se faz pelo interior da habitação. A habitação, de piso térreo trata-se de um núcleo concentrado, onde consta a casa de entrada, por onde se acede aos outros compartimentos e um ou dois quartos. A habitação desta zona, não tem o costume de utilizar chaminé, porém o uso do forno dentro da cozinha é habitual, assim como uma lareira, devido às rigorosas condições climatéricas, que pela mesma razão explica a inexistência de muitos vãos. Possui um estábulo, acessível a partir da dispensa ou celeiro, que por sua vez conecta-se com a porta de entrada e ainda possui anexos correspondentes às pocilgas, galinheiros e coberto. Esta habitação tem um compartimento pouco comum, denominado por sobrado que é um compartimento localizado no espaço sobrance antes da alta cobertura inclinada, cobre a dispensa e o estábulo, usado em épocas de muito frio e armazenamento de palha.

Pelo exterior tem a pedra à vista e apenas a parede da fachada frontal é caiada. Tem cobertura de apenas uma água e o pavimento presente nesta casa era de terra batida, excepto os quartos que teriam pavimento em madeira.¹²⁹

¹²³ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.211.

¹²⁴ QUITÉRIO, Paulo; Arquitecturas ou vivências de um espaço; IPPAR; 2009; p.316.

¹²⁵ QUITÉRIO, Paulo; Op. Cit.; p.316.

¹²⁶ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.215.

¹²⁷ AAVV; Op. Cit.; p.151.

¹²⁸ SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.40.

¹²⁹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.215.



Figura 27 - Habitação Rural na “Via Algarviana: troço Monchique - Marmeleite.”

O segundo exemplo de Habitação Rural e sua respectiva organização tipológica encontra-se localizado na sub-região do Algarve Central, também denominada por Algarve Calcário ou Barrocal.



Figura 28. Habitação Rural, no Algarve Central.

O Barrocal conhece-se pelos seus terrenos acidentados de fisionomia mais movimentada¹³⁰, de mezozóicos e afloramentos calcários, pelo grés e margas, pelas argilas, e pedra siliciosa, de terra forte negra e barrenta e como já vem sendo comum, a utilização da cal. Neste local apesar de ser predominante o calcário, ainda se verificava a utilização do xisto nas alvenarias, pavimentos exteriores e mais frequente no uso para guarnecimento de vãos ou degraus.¹³¹

Os cereais de sequeiro e as árvores de fruto, são predominantes no Algarve calcário.

A população é muito superior à existente na Serra, ainda assim, menor que na região que se segue.¹³² E as habitações desenvolvem-se junto às vias de comunicação.¹³³

Segundo o autor Paulo Quitério, é no Algarve Calcário “*que se encontram as habitações mais características do Algarve, em termos formais. Sob o cuidado reboco das casas escrupulosamente branqueadas, (...)*”¹³⁴ O calcário era apenas empregue nas molduras das portas e janelas.¹³⁵

É também aqui que começam a aparecer os terraços ou coberturas planas, denominadas igualmente por *açoteias* que nesta tipologia ocupa apenas parte da área das casas ou montes e funciona como outra peça da casa, por ser utilizada para a secagem de frutos, cereais, feijão, abóboras e outros frutos e legumes comuns nesta zona.¹³⁶ Este tipo de cobertura apenas se verifica no «Algarve Calcário», acentuadamente em Barranco do Velho e Loulé, bem como nos aglomerados urbanos de Olhão e Fuzeta.¹³⁷ Fora estas localizações, não se verifica em outros locais. É também no Barrocal, onde mais dois grandes marcos da arquitectura popular do Algarve surgem, a platibanda ornamental e a chaminé igualmente decorada.¹³⁸

É natural desta sub-região a notável indústria de artesanato, em trabalhos de empreita realizada maioritariamente por mulheres, onde são elaborados em pita, esparto e palma, objectos do quotidiano, como vassouras, esteiras, tapetes, ceiras, alcofas, chapéus, acentos de cadeiras, entre outros.¹³⁹

Os tijolos conjugados com a Taipa permitem uma plasticidade rica em curvas, arcos, abóbadas, nichos e sobretudo chaminés, que neste local ganha grande destaque pela sua

¹³⁰ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 248.

¹³¹ FERNANDES, Jorge Emanuel Pereira; O contributo da Arquitectura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios; Dissertação para grau de Mestre *in* Arquitectura; Mestrado em Construção e Reabilitação Sustentável; Universidade do Minho; Outubro de 2012; p.124 *in* AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988.

¹³² AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 248.

¹³³ QUITÉRIO, Paulo; Arquitecturas ou vivências de um espaço; IPPAR; 2009; p.317.

¹³⁴ QUITÉRIO, Paulo; Op. Cit.; p.316.

¹³⁵ Idem; p.316.

¹³⁶ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 248.

¹³⁷ AAVV; Op. Cit.; p. 286.

¹³⁸ QUITÉRIO, Paulo; Arquitecturas ou vivências de um espaço; IPPAR; 2009; p.316

¹³⁹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 248.

diversidade e riqueza.¹⁴⁰ Especialmente na zona de Loulé onde a decoração da chaminé “transparece um sentido estético que se revela até em pormenores inesperados, (...)”¹⁴¹

É possível compreender a semelhança entre as habitações presentes no Algarve Calcário e as do Baixo Algarve, uma vez que as divisões internas pouco ou nada diferem. A sua tipologia é maioritariamente simples, porém as suas coberturas diferem em alguns pontos, verificando-se que no Barrocal a cobertura apresenta-se mista, devido ao “*fraco regime de chuvas e à necessidade de secar frutos, cereais, etc.*”¹⁴² Segundo AAVV, a açoteia é mais utilizada na região central, verificando-se desde Porches e S. Bartolomeu de Messines até cerca de Tavira.¹⁴³

Habitualmente, estas pequenas habitações tem um pequeno corredor que conduz a dois quartos virados igualmente para a entrada, desta forma os três compartimentos ficam virados para a frente. Na parte posterior existe a cozinha e o estábulo que em alguns casos possuem ligação directa com o exterior. Por cima do estábulo, podemos ainda encontrar um palheiro que se situa no espaço de pé direito duplo. A açoteia é acessível por umas escadas que ligam a cozinha ao piso superior e esta é construída sobre abóbadas ou dormentes que levariam um revestimento em ladrilhos de barro. Hoje este método já se modernizou e agora é construído em laje de betão armado. A casa é abundantemente caiada e os pavimentos exteriores são de tijoleira ou ladrilho. As paredes são construídas em alvenaria de tijolo ou calcário, matéria-prima abundante nesta sub-região, e por fim os vãos das portas e janelas são guarnecidos com cantaria.¹⁴⁴



Figura 29 - Habitação em Fonte do Bispo, Tavira.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; 2ª. Edição; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.151.

¹⁴¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Op. Cit.*; p.177.

¹⁴² AAVV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 320.

¹⁴³ AAVV; *Op. Cit.*; p. 320.

¹⁴⁴ *Idem*; p. 320.

O terceiro exemplo de tipologia Rural é a Habitação existente no Baixo Algarve, também denominado por Litoral:

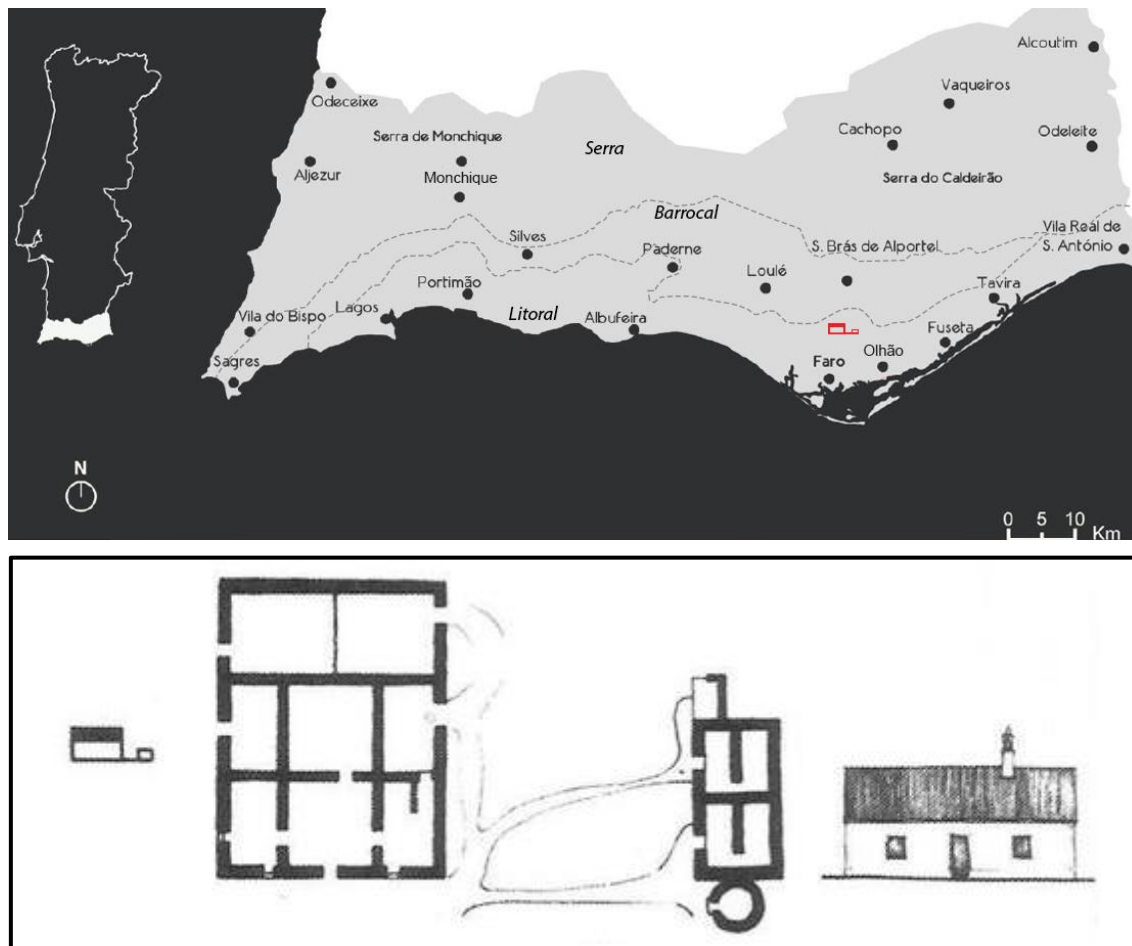


Figura 30 - Habitação Rural, do Baixo Algarve.

A sub-região do Litoral Algarvio, é dividido em duas partes, bastante diferenciadas, Barlavento e Sotavento, como já foi referido anteriormente, Barlavento é a zona ocidental de terreno rochoso e irregular, ao contrário do Sotavento que se caracteriza por planícies e areais compridas e suaves.

O litoral é também a zona onde se concentram uma maior população, talvez por se encontrar mais próximo do mar, visto que o povo tende a juntar-se próximo de pontos de água.

Esta tipologia pode encontrar-se facilmente no Barlavento nas localidades de Bordeira, Vila do Bispo, Odeceixe, Budens, Aljezur e Carrapateira, zona que tem sofrido grandes alterações, muito marcadas pelo turismo. Contudo é possível ainda distinguir as características que teriam sido originais, uma vez que a intervenção dos turistas não se tem manifestado negativa, a forma e algumas características têm sido mantidas e melhoradas.

A pequena fachada em alvenaria pobre, normalmente em taipa, pedra ou tijolo e por fim caiada. Esta pequena casa de planta térrea por vezes apresentava cornijas rematadas pelo

beiral bastante simples, portas em madeira escura e pequenas janelas sem vidro, mas com taipais em madeira.¹⁴⁵

A cozinha é um espaço pouco utilizado, e por vezes inexistente, da mesma forma é dada pouca importância à chaminé. A cobertura geralmente é de uma ou duas águas em telha de canudo, sem uma protecção interior. Há uma carência de revestimento no pavimento, apresentando-se em terra batida.¹⁴⁶ Também o poço é importante nesta tipologia.

É possível ainda encontrar na localidade de Odeceixe uma tipologia em que eram empregados os moirões (nome popular), ou seja, *“de contrafortes ou gigantes que, embora mais associados ao monte alentejano, se encontram também no Algarve. Eles constituem, no caso desta habitação, volumes adossados à casa, de expressão triangular e remate oblíquo, com objectivo evidente de reforçar a sua estabilidade.”*¹⁴⁷



Figura 31 - Habitação com moirões, Aljezur.

¹⁴⁵ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Agosto 2008; pp.36-42.

¹⁴⁶ SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015; p.40.

¹⁴⁷ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve; Agosto 2008; pp.36-42.

O quarto exemplo de tipologia Rural é a Habitação junto do vale do Guadiana:



Figura 32 - Habitação junto do vale do Guadiana.

A ampla área desde a serra do caldeirão até o Vale do Guadiana pode ser percorrida pela estrada nacional N2, estendendo-se por estradas locais mais estreitas desde o Barranco do Velho, passando pela freguesia do Ameixial, Montes Novos, Cachopo, Giões até chegarmos a Alcoutim. É provavelmente, o território onde podemos encontrar a tipologia da casa popular algarvia construída em xisto e caiada mais bem preservada, deixada ao abandono e a uma decadência prolongada.

É feita uma descrição simples, na obra *Baixo Guadiana/Caminhos do património* que refere: “A casa tradicional da região é historicamente uma estrutura térrea de base rectangular e de uma só água, marcada por uma grande flexibilidade evolutiva e capaz de suportar sucessivas ampliações de acordo com as necessidades pontuais do agregado familiar. Mantendo-se inalterada a fachada e a ordem perene do pátio voltado normalmente a sul, a casa inicial vai crescendo para os lados, para trás (encetando então uma nova água).”¹⁴⁸

Eram características próprias da habitação que foram igualmente citadas na obra *Arquitectura Popular em Portugal*, onde é mencionada também uma tipologia comum no Vale do Guadiana com paredes construídas em xisto, pavimento em terra batida e cobertura de uma

¹⁴⁸ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve; Edição CCDR Algarve; Agosto 2008; p.87.

água. Contudo, existe também uma variante de tipologia, onde a casa térrea possui telhado com duas águas, gerando uma organização interior e um aproveitamento do espaço diferente.

Como já foi referido, eram construções com telhados de uma água suportados pelas paredes divisórias interiores e as exteriores, em xisto, passando mais tarde a ser revestidas com cal. Geralmente possuíam uma planta rectangular, contudo, ao serem ampliadas, tanto para os lados como para trás conforme a morfologia do terreno, alteravam por vezes a altura da casa na parte traseira, dividindo-a em vários níveis.¹⁴⁹

Apesar das duas variantes na planta encontradas nas zonas do Cachopo, Ameixial e Monte Novo, existem traços arquitectónicos que comprovam a existência de uma tipologia diferente da rectangular. Consiste numa tipologia mais antiga e simples, trata-se das “casas redondas com cobertura de palha”¹⁵⁰, ou colmo suportadas por paredes de xisto (Figura 33) que serviriam como espaço habitacional e com ausência de chaminé que mais tarde foram usadas como espaço de arrumos ou palheiros¹⁵¹. Possuem uma planta circular, com cinco ou seis metros de diâmetro, paredes com meio metro de espessura e baixas. Tinham uma pequena abertura que servia de porta de acesso e um lintel com perto de um metro e noventa de altura.¹⁵²

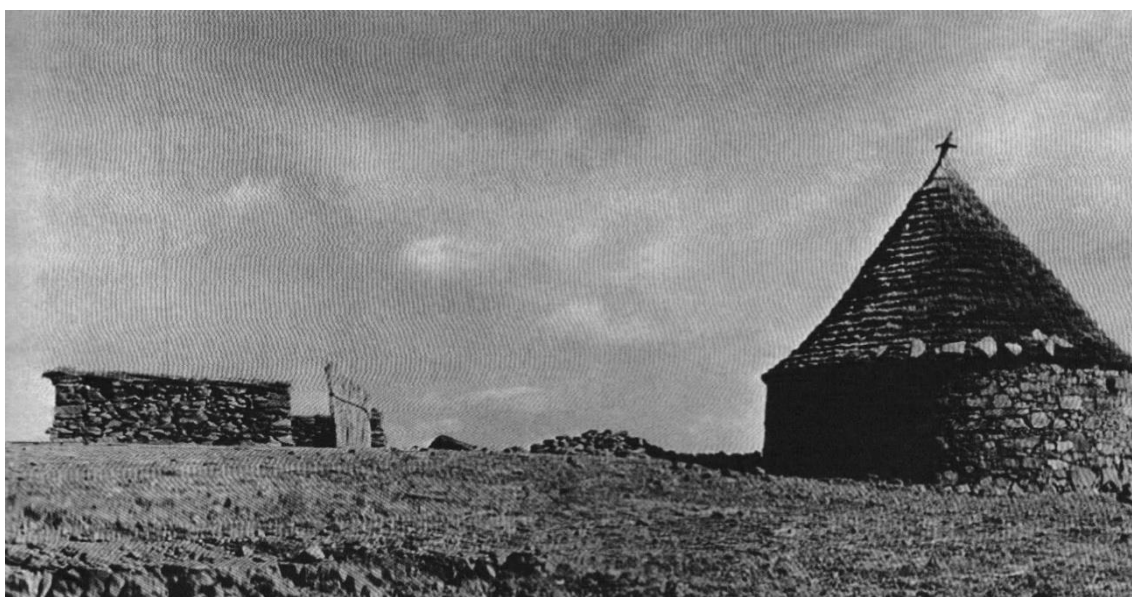


Figura 33 - Casa de planta circular com cobertura em colmo; Casa Queimada. Tavira.

Segundo o autor José Manuel Fernandes, no cimo das paredes existe “um “beiral” de pequenas lajes de xisto, salientes do corpo circular, serviam de remate à cobertura palheira, de forma cônica e organizada em camadas sucessivas e concêntricas, fixadas e protegidas do

¹⁴⁹ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p.87.

¹⁵⁰ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Op. Cit.; p.88.

¹⁵¹ Idem; p.90.

¹⁵² Ibidem; p.93.

*vento por encançados presos à armação de madeira de suporte do colmo. A iluminação era feita por pequenos postigos de colmo, rasgados nas camadas palheiras mais próximas do beiral, que podiam assumir um movimento basculante.”*¹⁵³ Estas construções ainda podem ser encontradas na Mealha, na freguesia do Cachopo, na Serra do Caldeirão e no Vale do Guadiana.¹⁵⁴

Na freguesia de Alcoutim, em Alcaria Alta, é possível encontrar as ruínas da primeira das duas tipologias variáveis habitacionais. Trata-se da casa térrea com cobertura de uma água com telha de canudo. O interesse desta tipologia foca-se na organização dos seus espaços interiores se encontrarem em níveis diferentes, separados por socalcos ou plataformas naturais, à que a casa se adaptava ao ser aumentada, criando vários acessos em alturas diferentes. A inclinação do telhado acompanha a inclinação do terreno, criada pelos desníveis pronunciados deste, assentando em lajes de xisto. Na parte mais baixa eram criados os acessos à casa e as janelas, dando forma à fachada principal. Nos alçados laterais eram abertos igualmente vãos, que serviam tanto para o acesso, iluminação ou arejamento da habitação. No alçado posterior era pouco comum encontrar vãos abertos. É uma tipologia que surge na adaptação da casa em terrenos inclinados.¹⁵⁵ Esta habitação assemelha-se à tipologia que é possível encontrar na serra de Monchique, diferenciando-se na utilização do espaço criado através da ampliação, tendo esta a ausência do sobrado (Figura 34).

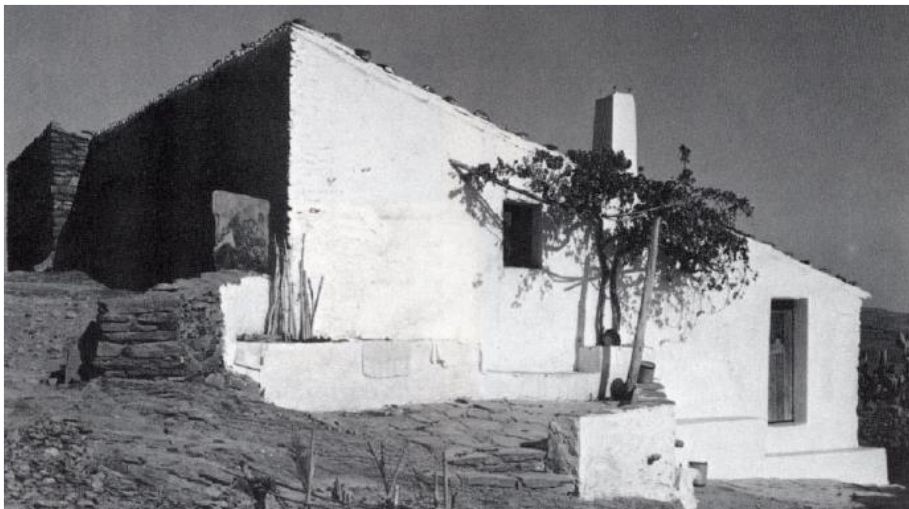


Figura 34 - Habitação em Alcaria Alta.

Por outro lado, surge em Montes Novos, com uma planta quadrada, a segunda variável. Esta possuía uma cobertura diferente, com duas águas, duas janelas e duas portas na fachada

¹⁵³ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p.93.

¹⁵⁴ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Op. Cit.; p.93.

¹⁵⁵ Idem; p.91.

principal. Nela se encontravam também duas pequenas janelas que serviam de iluminação e ventilação de um meio piso que servia como sótão ou por vezes quarto.

Ao entrar na casa, é possível distinguir os espaços, compostos por duas salas, uma cozinha e um quarto que servia em tempos como antiga cozinha, sendo estes últimos dois compartimentos resultantes de uma ampliação do espaço. O acesso ao primeiro piso era feito através de um pequeno lance de escadas em uma das salas, que conduzia por sua vez aos dois quartos no meio piso.¹⁵⁶

2.3. Características da Casa Urbana



Figura 35 - Arquitectura, motivos do Sul, Algarve na década de 50/60.

¹⁵⁶ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p.89.

A casa urbana verifica-se com maior frequência junto ao litoral, no também denominado Baixo Algarve, como se referiu no início, esta zona tem uma divisão bastante acentuada, separando-a em duas partes, Barlavento à esquerda e Sotavento à direita. As duas tem características morfológicas bastante distintas, sendo a primeira de terreno bastante acidentado, com grandes relevos rochosos, enquanto que o segundo é bastante mais suave e composto por uma maior quantidade de planícies.

No presente estudo, focamo-nos mais nas tipologias habitacionais de Sotavento, uma vez que a zona de estudo se foca na cidade de Olhão, mas também para dar continuidade aos estudos das tipologias apresentadas na tabela presente em *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*, que temos vindo a decompor e a estudar.

Apresentando, desta vez apenas dois exemplos, mas que diferem de todos os outros. Estas são tipologias habitacionais que tal como as restantes, se adequam perfeitamente ao local e onde mais uma vez o homem tirou o melhor partido dos materiais que a natureza lhe ofereceu, usando-a de forma inteligente e inventiva.

A primeira, já pouco vista, tem semelhanças com as primeiras cabanas realizadas por pescadores no Lugar de Olhão, no entanto difere em algumas características.

A segunda e mais importante para este trabalho, é a tipologia habitacional em profundidade e em banda, que se encontra na cidade de Olhão e da Fuzeta. Sento esta a principal para o estudo em questão, apresentar-se-á mais detalhadamente no capítulo V, onde se compreenderá melhor o seu contexto e a sua evolução, onde se poderá perceber também as propriedades dos materiais utilizados nestas construções, diferentes e mais maleáveis, dando liberdade para a sua utilização num diversificado leque de utensílios e detalhes que a complementam e que lhe dão uma linguagem muito característica e diferente das restantes já abordadas, falamos das Argilas e Calcários, onde a taipa concorre com a pedra, e as casas são maioritariamente construídas com pedra, areia e cal, que dá um aspecto fresco, protegendo as casas do calor.

É também no litoral algarvio onde se verifica uma grande importância dada a ornamentação das fachadas das casas, aparecendo assim diversas platibandas decorativas com motivos vários e ainda à chaminé algarvia que na cidade de Olhão dá lugar a uma mutação na sua forma, adequando-se na perfeição com as características “cubistas” da cidade.

Para além dos materiais já lhes conferirem uma singularidade, também as coberturas planas, que se verificam parcialmente noutras localizações já abordadas, aqui tomam novo destaque, pela sua história, função e pela forma como crescem e como desenharam a imagem da cidade.

O Primeiro exemplo de tipologia Urbana corresponde à Habitação de pescadores nas costas arenosas:



Figura 36 - Habitação de pescadores nas costas arenosas.

Nas costas arenosas, tanto algarvias, nas praias de Faro e Monte Gordo como do litoral oeste, encontrando-se próximo da Lagoa de Santo André e da Comporta, existiam ainda habitações rudimentares em forma de cabana com planta simples rectangular. Eram compostas por dois espaços, o primeiro era composto por uma sala de estar onde também era possível cozinhar e comer. Este espaço conduzia diretamente para o segundo compartimento destinado ao quarto onde dormia toda a família.

As cabanas localizadas na Praia da ilha de Faro e da praia de Monte Gordo eram os exemplos mais rudimentares que se podiam encontrar desta tipologia, livres de qualquer tipo de detalhes e pormenores decorativos, enquanto as restantes no litoral oeste, tiravam o melhor partido das matérias primas locais e embora pobres, possuíam outras comodidades e objetos.

Era suportada por uma estrutura de madeira que servia de base onde viria a assentar o bacejo. Geralmente “em todos os casos é utilizado o «bacejo» ou «estorno»¹⁵⁷, tanto nas

¹⁵⁷ *Amophila arenaria*, tipo de vegetação local utilizada na criação das coberturas e paredes; in OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Lisboa; 1994; p. 192.

paredes como na cobertura”¹⁵⁸, eram presas com arame ou corda e ainda com ripas de madeira no exterior afixadas à estrutura interior. Ao cruzar estes materiais, o construtor fá-lo de forma criativa, formando um acabamento decorativo onde por vezes também utiliza a caiação. Os interiores destes espaços revelavam um certo cuidado pela ornamentação com postais ilustrativos de recordações ou estampas coloridas da época. O pavimento era maioritariamente em terra batida e a iluminação no interior seria obtida através de pequenas janelas embutidas nas paredes estruturais.

Com o passar do tempo, houve a necessidade de realizar melhoramentos, sofrendo uma certa evolução no espaço da cozinha, originando o aparecimento da chaminé em alvenaria.¹⁵⁹

Esta tipologia assemelha-se as habitações permanentes criadas pelos pescadores na Ilha da Barreta e no lugar do Olhão, sendo o ponto de partida para o início da cidade que conhecemos hoje. Este assunto será abordado seguidamente no capítulo V.



Figura 37 - Habitação de pescadores nas costas arenosas na praia de Faro.

¹⁵⁸ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p. 328.

¹⁵⁹ AAVV; Op. Cit.; p. 328.

O Segundo e último exemplo de tipologia Urbana abordado neste trabalho, que vem na sequência da tabela que nos propusemos estudar, corresponde à Habitação em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuseta:



Figura 38 - Habitação em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuseta.

Dos diferentes centros urbanos que se podem encontrar no Baixo Algarve, pode verificar-se que a população isolada é pouco comum, começando a aparecer vários aglomerados. De todos os que poderiam ter sido estudados, destacam-se os das cidades de Olhão e Fuzeta, pela sua singularidade e interessantes características arquitectónicas inseridas nesta região.

As tipologias existentes nas pequenas vilas piscatórias referidas, assemelham-se em diferentes aspectos. Nos arruamentos do aglomerado urbano, dispendo-se sucessivamente em banda; no sistema construtivo, pela semelhança de materiais, quase sempre em alvenaria de tijolo ou pedra; na sua morfologia rectangular, e na distribuição de compartimentos alinhados internamente.

Ao contrário da tipologia urbana que se desenvolve horizontalmente pelo terreno muitas vezes irregular, esta alonga-se em profundidade e cresce em altura, maioritariamente

em terreno plano, encostando-se lateralmente umas às outras, dando lugar ao aparecimento de compartimentos sem ventilação natural directa, substituídos por pequenas claraboias em vidro.

Também partilham a preferência pela cobertura plana, ou açoteia com abóbadas salientes no exterior e revestida de ladrilhos de barro.¹⁶⁰

No primeiro núcleo urbano de Olhão, a planta organiza-se por um corredor de circulação que dá acesso a todos os compartimentos posicionados uns a seguir aos outros, pode encontrar-se do lado esquerdo ou do lado direito, iniciando-se por uma primeira sala, denominada de “casa-de-fora”, seguidamente o corredor que possui no tecto uma abóbada de berço, conduz até outro compartimento interior com tecto igualmente abobadado e um pequeno ponto luminoso vindo do centro, a claraboia, que confere uma luz muito agradável ao compartimento, segue-se outro compartimento igual ou ligeiramente maior também destinado a quarto, no fundo encontra-se a cozinha e o pátio exterior com umas escadas direccionadas para a *açoteia*, um espaço amplo e versátil para o proprietário, onde se encontra a chaminé de balão. Através desde piso, podia ainda subir-se por umas escadas a outro cubo, denominado por mirante, onde o pescador poderia avistar as condições do mar, e quando este não teria altura suficiente, acrescentava-o ainda mais um pouco, nascendo desta forma, o contramirante, um cubo ainda mais pequeno. Esta organização formal em altura deu origem ao nome que caracteriza a cidade - cubista (Figura 39).



Figura 39 - Habitações em banda em Olhão.

¹⁶⁰ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; Lisboa, 1988; p. 202.

É de ressaltar que a cobertura plana, é pontualmente interrompida por concavidades esféricas originárias pelas abóbadas dos compartimentos internos, acentuando a sua importância. A do corredor denominada por abóbada de berço e a da sala por tecto de macieira, neste local por vezes seria usual um telhado de quatro águas, visível por trás da platibanda, na fachada.¹⁶¹ Através das figuras apresentadas a seguir, será compreensível toda a descrição anteriormente contada.

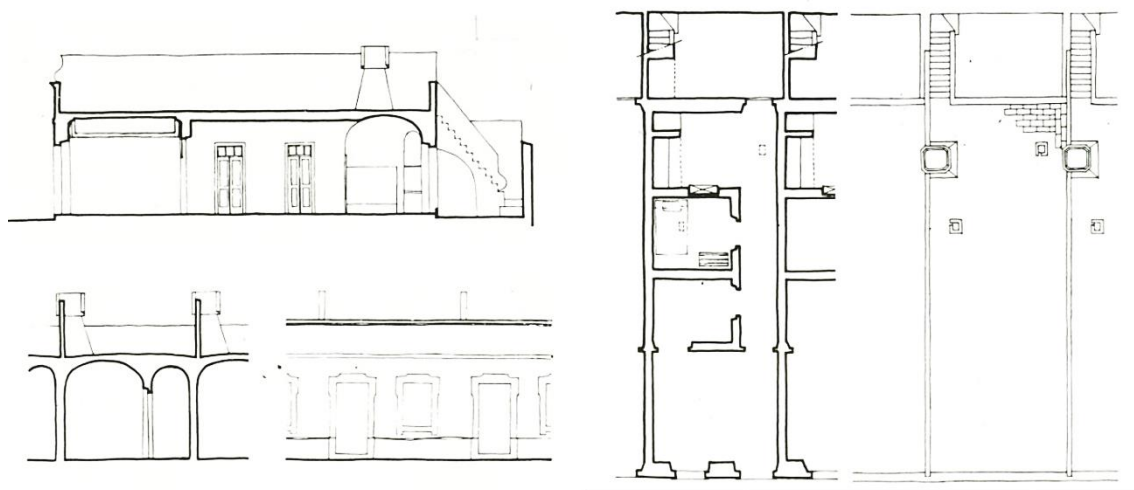


Figura 40 - Tipologia habitacional da casa de Olhão.

Por sua vez, na casa do núcleo urbano da Fuzeta, não se entra directamente na sala, esta é mais reduzida para dar espaço a um pequeno hall, segue-se o corredor que também se alarga, deixando de ser apenas para passagem para dar lugar a um espaço de refeições e de trabalho. A partir do corredor pode aceder-se aos quartos. A cozinha desaparece, para dar lugar a uma lareira simples, de poial e fornalha que estaria no exterior apenas coberto por uma simples cobertura ou sobre o arco maior do vão das escadas de acesso ao terraço, onde seria simultaneamente o pátio.¹⁶²

O poço, também muito utilizado no meio urbano, servia duas habitações contíguas e teriam um tanque para lavagem da roupa. Pelo exterior, a ligeira inclinação natural do terreno, confere um movimento de volumes muito interessante e especial.¹⁶³

¹⁶¹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p. 205.

¹⁶² AAVV; Op. Cit.; p.204.

¹⁶³ Idem; p. 205.



Figura 41 - Habitações em banda na Fuzeta.

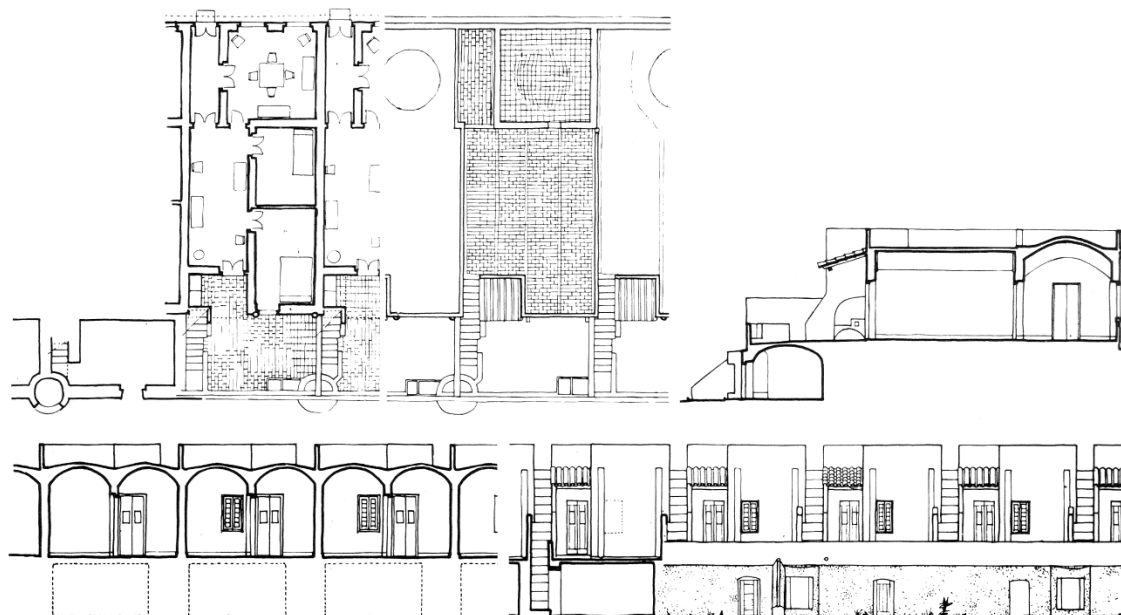


Figura 42 - Tipologia habitacional da casa na Fuzeta.

Por fim, uma outra tipologia com características importantes e que importam destacar pela sua diferença nesta região. Corresponde à cidade de Tavira e seus telhados de Tesoura.



Figura 43 - Tavira e os seus telhados de Tesoura.

Como refere o autor Orlando Ribeiro: *“Nenhuma das nossas províncias mostra, como o Algarve, tal variedade de cobertura das casas. Predomina, como em toda a parte, o telhado de duas águas, como telha de canudo nas construções antigas e rurais e telha de Marselha nas construções recentes e urbanas; mas no litoral oeste e na serra domina o telhado de uma só água; Olhão sobressai pelo recorte «cubista» dos seus terraços sobrepostos; Tavira, pelos seus múltiplos telhados, sempre de quarto águas e bastante inclinados, que cobrem não a casa toda mas cada um dos seus compartimentos.”*¹⁶⁴

É bastante comum encontrar também em Tavira uma variedade de coberturas, das quais se destacam as açoteias, os telhados de esteira (com duas águas, pouco inclinado) e os telhados de tesouro (com quatro águas, bastante inclinado). Este, para além da açoteia, é um tipo de cobertura que não é comum em todas as casas e muitas vezes encontra-se encoberto pela platibanda. Geralmente apoia-se numa sucessão de barrotes de madeira que suportam a cumeeira. São afastadas através de uma trave ou aspa cruzada, que formam o conjunto ao qual se denomina de Tesoura.¹⁶⁵

Estes telhados de tesoura, também chamados de telhados de “tesouro”¹⁶⁶ não cobrem inteiramente a área da habitação, dividindo-se várias vezes em diferentes telhados paralelos, cobrindo individualmente cada um dos compartimentos. Se uma habitação tem quatro ou cinco divisões, apenas a mais central é mais elevada e extensa. Estas coberturas independentes são denominadas de “telhados múltiplos.”¹⁶⁷

A influência destes telhados tem origem nas viagens coloniais à Índia durante o século XVI, onde o uso de telhado não era comum em casas do povo, mas sim em casas sumptuosas

¹⁶⁴ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p. 59.

¹⁶⁵ RIBEIRO, Orlando; Op. Cit.; p. 57.

¹⁶⁶ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve; Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; 74.

¹⁶⁷ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Op. Cit.; p. 74.

dos reis, e a sua reprodução era proibida. Igualmente, o uso de telhas de canudo era desconhecido, já que a forma normal da telha local era achatada. Após a conquista do porto de Goa pelos portugueses, foi mandado construir o hospital e uma capela junto dele. E começaram a construir as primeiras casas «*ao modo de Portugal.*»¹⁶⁸ As primeiras casas com telhados de duas águas, e telhados de quatro águas predominam numa paisagem quase europeia. A mão de obra era constituída tanto por portugueses como por locais, criando assim um estilo único e apelativo que foi exaltado pelo aventureiro francês Francisco Pyrard de Laval¹⁶⁹. Tal como afirma Orlando Ribeiro, este acontecimento iria influenciar o aparecimento dos telhados de tesoura em Faro, Lagos e Tavira, acentuando-se mais neste último e prevalecendo pelo facto de não ter sido danificada durante o sismo de 1722 e o terramoto de 1755 no qual Faro e Lagos foram bastante afectadas¹⁷⁰, bem como pelo conforto que conferem ao interior da casa.

Para além da diversidade de coberturas e tipologias existentes no Algarve. Há ainda uma característica importante a salientar, relacionado com os vãos da mesma cidade. Já raros, mas ainda possíveis de encontrar em alguns centros populacionais, como é o caso de Tavira destacam-se por possuírem características distintas e muito apreciadas, pela sua funcionalidade e beleza estética. Fala-se da reixa ou rotulado (Figura 44), uma malha formada por várias ripas de madeira cruzadas entre si. Existente nas portadas ou postigos nos vãos das portas, maioritariamente dos pisos térreos. Conferem defesa aos caixilhos envidraçados e intimidade à habitação¹⁷¹, assim como permitem a passagem da luz difusa para o interior da habitação sem bloquear totalmente a passagem de ar, arejando as dependências, e sem fechar totalmente o vão para o exterior¹⁷². Tem, portanto, uma razão de existir, relacionada com o clima da região.

¹⁶⁸ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p. 118.

¹⁶⁹ RIBEIRO, Orlando; Op. Cit.; pp. 116-126.

¹⁷⁰ Idem; pp. 101-107.

¹⁷¹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.358.

¹⁷² FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve, Edições Afrontamento, Edição CCDR Algarve, Algarve, Agosto 2008; p. 141.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Figura 44 - a) Fachada de Tavira; b) “Telhados Múltiplos”; c) Porta com Reixa; d) Pormenor de Reixa.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

III - Características da Região Algarvia apreciadas e que influenciam a procura

Tal como outros lugares, o Algarve tem a capacidade de testar os nossos sentidos, porém, destaca-se pondo-os á prova de forma tão particular e agradável que é difícil não ficar gravado na nossa memória. Seja pelo ambiente, pela forma hospitaleira que o povo tem em acolher o próximo, pela gastronomia, pela arquitectura, pelas paisagens, pelas suas tradições, entre outros.

Este fenómeno também é influenciado pela época do ano, naturalmente o verão é a altura em que todas estas particularidades se acentuam e se enaltecem, uma vez que há uma maior descontração e ambiente festivo. À parte esta temporada há ainda muito para descobrir, como diz o autor José Campos Correia:

*“Muitos dos que visitam o Algarve, nacionais ou estrangeiros, fazem-no atraídos pelo sol, pelo mar e pelo clima. / Mas, para além desse, há também um outro Algarve que se revela, particularmente aos que insistem num segundo olhar. / O Algarve da história, da cultura, do património, da Arquitectura, tantas vezes esquecido, e que importa expor à luz daquele mesmo sol.”*¹⁷³

O Algarve possui uma série de características próprias, associadas a elas existem algumas que se tornam inesquecíveis por serem de carácter sensorial. Entre muitas, o clima é uma das mais apreciadas.

Acredita-se que têm algo de diferente e especial, porque por muitos é falado, lembrado e procurado. Por se localizar a Sul e ter influências do norte de África e do Mediterrâneo, as temperaturas são quase sempre elevadas, muitos dizem que possui uma temperatura agradavelmente calorosa e que se prolonga durante um período de tempo mais alargado que o resto do país, em geral os Verões muito quentes e secos. Já os Invernos, são pouco rigorosos e com fraca pluviosidade. O sol predomina, e com ele uma luminosidade ímpar, de céu maioritariamente limpo, com uma luz clara e brilhante que por vezes até magoa os olhos.¹⁷⁴ Este fenómeno é perceptível, especialmente em dias de verão, isto porque na sua grande maioria o céu encontra-se limpo e azul, o que também acontece com frequência noutros dias durante o ano. Por vezes provoca desconforto pela sua intensidade e por se reflectir nas inúmeras paredes brancas das casas algarvias, obrigando à utilização de um dos mais importantes adereços de verão, que permite ver sem grande esforço e desconforto. Ou para a maioria dos visitantes ocorre quando chegam de viagem com aterragem no Aeroporto de Faro.

¹⁷³ CORREIA, José Campos, (Presidente da CCDR Algarve); *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Edição CCDR Algarve; Dezembro 2005; p.5.

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.16.

Onde acontece um choque luminoso, e grande parte refere que a luz é tão forte, radiosa e límpida que o primeiro impacto é marcante e de difícil habituação.

Simultaneamente o olfato disfruta das “*essências odoríficas trazidas pelo levante e pela maresia.*”¹⁷⁵ Nas imediações do aeroporto encontra-se localizada a ilha de Faro, por essa razão e pela proximidade com a costa ao longo de todo o Algarve se experienciam estas sensações imediatamente no momento de chegada. Por serem particulares, são recordadas com satisfação e saudade. Com frequência ouve-se dizer, “cheira a Portugal” e este episódio é ouvido repetidamente ano após ano.

Este cheiro não existe só nas proximidades do Aeroporto, acontece igualmente noutros ambientes junto à ria formosa ou ao mar, em locais onde as cidades foram crescendo formadas e construídas por pescadores e amantes do mar, pelo povo que diariamente tem o privilégio de o contemplar e a sorte dele poder usufruir. Por essa razão é natural que as cidades junto à costa possuam um aroma diferente e característico que cuja causa pode ser atribuída à mistura do calor com a brisa marítima que cresce nas praias e se espalha pelas ruas adentro, bem como o cheiro da areia das praias em tardes muito quentes.

Direccionando-se para o interior, no sentido lateral e na zona a seguir à Estrada Nacional 125, encontram-se terrenos repletos de laranjeiras e o cheiro que paira no ar quando estão em flor é suave e agradável e está frequentemente presente um pouco durante todo o ano.



Figura 45 - Árvores de fruto no Algarve.

¹⁷⁵ GRADE, Fernando Silva, O Algarve tal como o destruámos; editora escrit'orio; 2014; p.30.

Seguindo para Norte no sentido do Barrocal, a paisagem altera-se e as montanhas e vales predominam, bem como a vegetação se modifica, substituindo-se por pastos, ervas, arbustos e pequenos matos mais resistentes. No chão encontram-se enormes quantidades de xisto, lascas de pedra negras que brilham com a luz, e nos recortes das montanhas compreende-se as diferentes camadas de terra pelas cores desta e da pedra lá presente. A existência de pinheiros e eucaliptos é abundante, perfumando o ar com o seu cheiro próprio misturado com o cheiro quente e seco do calor com a terra e o pó solto.

Estes odores estão presentes durante grande parte do ano no Algarve, maioritariamente na Serra e Barrocal, devido ao ambiente seco e quente.

No entanto quem aqui vive não dá a mesma atenção nem importância, pois vive envolvido no ambiente do dia-a-dia, ao passo que os viajantes que vêm pela primeira vez ou por curtos períodos de tempo retêm toda a informação sensorial de uma forma mais intensa e especial, captando informações em detalhes que de tão habituais para os portugueses, já não reparam. Este fenómeno acontece normalmente com qualquer pessoa que viaja para um lugar diferente do seu habitual, da mesma forma que quando um indivíduo português viaja para outro país vai certamente despertar-lhe interesse pormenores que os habitantes locais já não reparam.

Turistas, emigrantes e portugueses de outras partes do país, guardam memórias sensoriais das suas vivências em Portugal e no Algarve, que posteriormente é despertado quando sentem determinado cheiro, som, textura, ou observam alguma cor ou objecto, que automaticamente os transporta para determinadas memórias. Como se o cérebro fosse composto por imensas caixas e compartimentos onde são armazenados grupos de memórias. Como quando sentimos o cheiro da chuva na terra ou no outono as folhas molhadas nos parques, a relva acabada de cortar, ou qualquer outra situação que nos tenha sido agradável e mais tarde noutra situação é relembrada.

No seguimento dos odores importantes nesta região, apesar de já ter sido referido, não poderia deixar de lhe ser dada alguma importância. Pois o cheiro do sal faz parte da vida do litoral Sul. Proveniente da água salgada das praias e das salinas que ficam tão próximas das cidades e que têm um carácter importante nesta região. Outrora teve ainda maior importância, pois imensas pessoas trabalhavam arduamente no processo de extracção do sal, como podemos ver representada na Figura 46, tirada pelo fotógrafo português Artur Pastor, que se dedicou a documentar as vivências, profissões, gentes e regiões de Portugal.

3.1. Salinas



Figura 46 - Salinas Série Profissões, Faro, Salinas. Década de 40.

No Algarve existem três salinas de carácter importante, são as de Olhão (ou Salinas da Nécton, empresa que as explora), (Figura 47) que pode ser visitada, as de Tavira (Figura 48) e por último as de Castro Marim, são muito conhecidas pela qualidade do seu Sal e produzem quase metade do sal marinho que é consumido em território nacional.

Para uma contextualização, *“As salinas são de origem remota e consideradas das mais produtivas do país, para o que concorrem a secura do clima e a salinidade das águas do mar. À importância das salinas referem-se já os «forais» concedidos aos concelhos do Algarve por D. Afonso III, nos quais se «reservava para a coroa o todo das salinas que já ali existiam e as que viessem a construir-se posteriormente, bem como o monopólio da venda do sal. No tempo de D. João I, era tanta a produção das marinhas de Faro, que o monarca concedeu a mercadores estrangeiros a licença de exportação do sal algarvio.»*¹⁷⁶



Figura 47. Salinas Belamandil (Necton) em Olhão.



Figura 48. Salinas de Tavira, Barra em Ria Formosa.

No Algarve, a localização das salinas na zona protegida da Ria Formosa, tem um papel importantíssimo na preservação da biodiversidade da sua fauna e flora, ao qual o programa Polis Litoral (Operações integradas de Requalificação e valorização da Orla Costeira) se empenha em valorizar e requalificar, pois trata-se de uma extensa área muito estimada.

No seu sentido figurativo, as salinas ao serem sobrevoadas, sugerem compartimentos de aguarelas em tons pastel, alinhadas e organizadas geometricamente. E para além de se integrarem numa paisagem natural singular, são também, enquanto zona de extracção e produção de sal, uma actividade económica importante para a população desde á muitos anos.

Actualmente, e impulsionado pelo Turismo do Algarve, o sal marinho - obtido por evaporação natural da água do Oceano Atlântico livre de poluição, que entra directamente em salinas talhadas à mão na argila dura do Parque Natural da Ria Formosa em Olhão e Tavira, cristalizando no fundo dos talhos de onde é colhido manualmente de quinze em quinze dias com rodos de madeira, seco na salina e armazenado como se faz há mais de 4000 anos, segundo documentos históricos.¹⁷⁷

¹⁷⁶ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988; p.126.

¹⁷⁷ Informação presente em painel informativo junto das salinas.

A flor de sal é uma fina película de cristais de sal que se forma na superfície da água das salinas tradicionais, chamado também de coalho - à semelhança da nata do leite. É recolhida diariamente segundo métodos artesanais - com coadores. A flor de sal possui um sabor delicado e suave que se prolonga no paladar e acentua o sabor dos alimentos como nenhum outro sal.¹⁷⁸ Para além dos recipientes de flor de sal simples há ainda outros temperados com ervas aromáticas, bagas e especiarias.

Estes produtos naturais e tradicionais (Figura 49) despertam muito interesse, por serem tratados da forma artesanal e produzidos como há centenas de anos. Devido à crescente e repentina vinda de turistas que tanto valor dá a estes produtos, a sua comercialização disparou, bem como a diversidade de oferta. A publicidade realizada em torno deles evoluiu ao longo dos anos, pois as suas embalagens e recipientes são cuidadosamente tratados, que através do design, chamam a atenção dos consumidores maioritariamente estrangeiros.

No conjunto de imagens apresentado em baixo é possível apresentar o merchandising.

Actualmente existem em praticamente todos os mercados, em pequenos e grandes comércio e com um vasto leque de oferta, de forma a agradar todo o público.

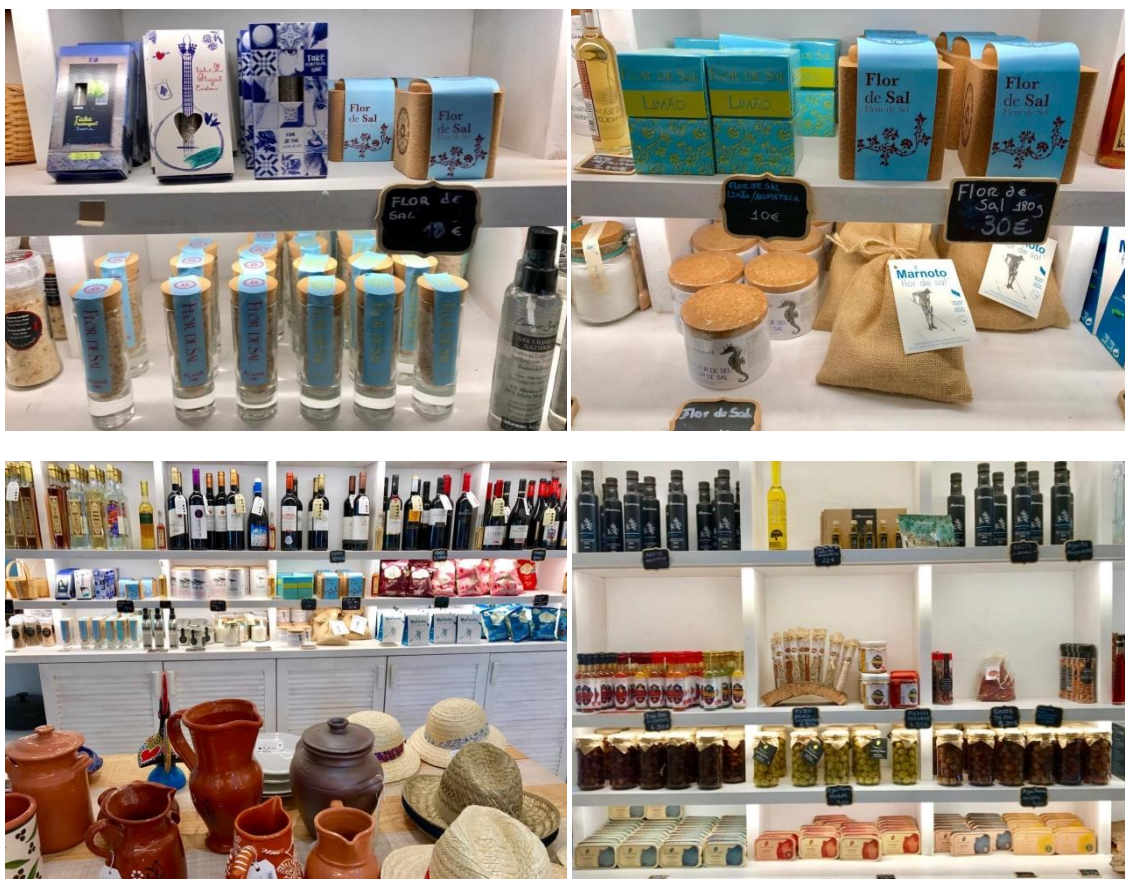


Figura 49 - Conjunto de produtos tradicionais Algarvios.

¹⁷⁸ Informação presente em rótulo de Flor de Sal de Castro Marim, colhido à mão. Produzido e embalado por Terras de Sal. Também em: <http://www.terrasdesal.com/>

3.2. O Mar



Figura 50. Cenas da Vida Piscatória. Quarteira, décadas de 40/50.

O Mar, sempre foi e continua a ser o responsável por todas estas actividades e pelas sensações anteriormente referidas, actualmente de forma diferente e naturalmente por razões distintas de antigamente. Presentemente é também um dos principais atractivos Algarvios e sem ele e o que ele proporciona, esta evolução nunca teria sido possível. No sotavento algarvio o mar é complementado ainda com outra grande riqueza regional, a Ria Formosa que lhe confere maior importância e valor, uma vez que nela se desenvolvem mariscos que contribuem para a gastronomia local.

Companheiro de vida dos habitantes, e encarregue de grande parte da sua alimentação, o mar teve e tem um papel muito importante e influente no dia-a-dia dos moradores do litoral. O facto de possuir extrema proximidade à única barra deste território que permitia o acesso ao Oceano Atlântico, privilegiando assim as pescas de alto mar (maior rendimento) e a facilidade de trocas comerciais via marítima.

Para além dos benefícios turísticos actuais, o mar sempre se demonstrou indispensável e nesta região tem uma importância acrescida, por ter sido o ponto de partida de algumas cidades como a de Olhão, onde a indústria piscatória foi responsável pela sobrevivência de uma boa parte da população e é o elemento principal de variadas receitas e pratos tradicionais.

Deve-se a ele a beleza da costa Algarvia, das praias únicas de águas azuis e cristalinas acompanhadas de areia clara e fina. É o Mar, juntamente com todas as restantes características anteriormente referidas, que formam um conjunto, um mecanismo de arranque do turismo regional, motivador das construções de hotéis, aldeamentos, campos de golfe, da evolução das cidades e constante modificação.

Para além de ainda ser o ganha-pão de muitas famílias, de fornecer alimento para populações inteiras, e um símbolo do país, pelo qual muitos turistas são atraídos. Muitos seduzidos pelas praias tranquilas e quentes do Sul e outros pelas praias do Norte e Centro, de rocha escura e de ondulação forte, muito elogiado e procurado pelos surfistas de todo mundo, como é o caso da Nazaré.

Tema abordado com frequência quando se fala no Algarve, referem que *“O mar é um recurso estratégico para Portugal e decisivo para o Algarve e tem uma importância na imagem cultural e na identidade regional e peso no emprego nas zonas costeiras.”*¹⁷⁹

Esta linha azul desenhada no horizonte, como se de uma pincelada em vários tons de azul se tratasse, delimita a paisagem e acompanha o litoral Algarvio lembrando que caminhamos sempre próximo dele, como um guia que nos conduz de um extremo ao outro desta região. Com um olhar, por vezes mais atento, no verão apenas um subtil olhar é suficiente para avistá-lo e fazer com que haja uma orientação natural, assim como também transmite uma sensação de tranquilidade e frescura.

No entanto nem tudo é agradável e o meio ambiente tem vindo a ser o mais prejudicado. Tendo em conta que o homem não o soube respeitar e continua a estar longe de sabê-lo, demonstrando-se ganancioso e constantemente a desafiá-lo, desfeando a paisagem, moldando-a à sua maneira e alterando a sua morfologia natural para proveito próprio, e que naturalmente não dá certo, tendo consequências indesejáveis e procurando sempre voltar à sua forma natural.

Numa altura em que se discutia um polémico assunto no Algarve, relacionado com as construções clandestinas nas ilhas frontais a Olhão (Armona, Culatra e Farol) e Fuzeta, a força da natureza resolveu o problema de norma natural e definitiva, resultando na destruição completa da ilha da Fuzeta com a tempestade de 2010, eliminando por completo todas as casas ilegais igualmente existentes nesta ilha. Hoje está completamente refeita, mas sem qualquer construção permanente, como se pode ver nas duas figuras apresentadas em baixo, apenas existem apoios às concessões mas estas são de carácter efémero.

¹⁷⁹ FERNANDES, Filipe; O regresso do Algarve ao boom do turismo; ECO.PT; Swipe News, SA; 09 de Agosto de 2017; disponível em https://www.sapo.pt/noticias/economia/o-regresso-do-algarve-ao-boom-do-turismo_59889f4fceb9081a5f64a05a, consultado pela última vez em 27 de Setembro de 2018.

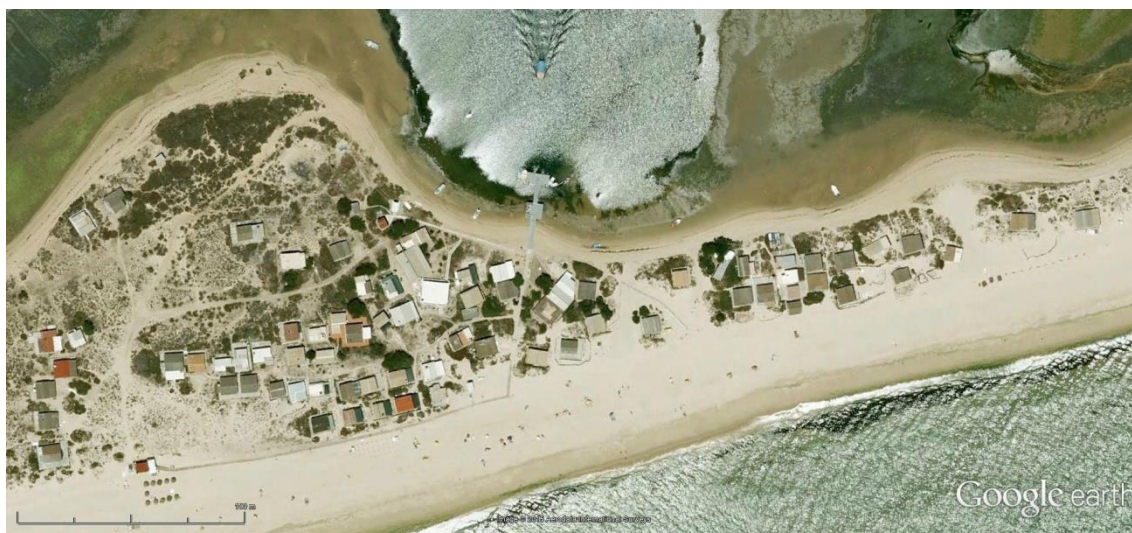


Figura 51 - Ilha da Fuzeta antes do temporal de 2010.

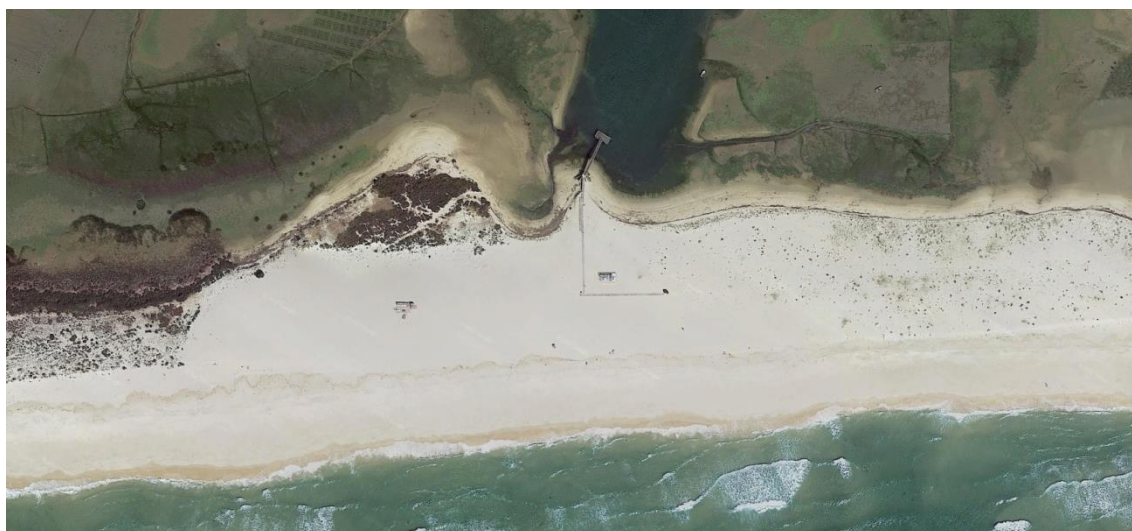


Figura 52 - Ilha da Fuzeta actualmente.

Para além de estatuto de Parque Natural, a Ria Formosa obteve também estatuto de Zona de Protecção Ecológica pelo decreto-lei nº348-B/99 de 22 de Setembro, tendo mais uma vez em conta os enormes valores naturais que a compõem.

Antes da atribuição dos estatutos anteriormente referidos, até 1978 a Ria Formosa era mantida como Reserva Natural.

A Ria Formosa engloba o Parque Natural da Ria Formosa que “é uma das mais bonitas riquezas naturais do Algarve, tanto pela variedade dos seus habitats como pela sua singular localização.”¹⁸¹ Estende-se por 5 concelhos, Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António e foi recentemente, em 2010, “eleita como uma 7 das Maravilhas Naturais de Portugal”¹⁸², é também “umas das três áreas protegidas.”¹⁸³ A proximidade do mar e a amenidade do clima, associados à presença de praias, fizeram da Ria Formosa um espaço privilegiado de recreio e lazer, e daí a importância da maioria das actividades relacionadas com o turismo (Figura 53). A Ria Formosa serve ainda de rendimento a 10,000 habitantes.

O Parque Natural encontra-se protegido do mar por cinco ilhas-barreira arenosas e duas penínsulas: a península do Ancão (que inclui a incorrectamente chamada Ilha de Faro), a Ilha da Barreta ou Deserta, como é mais conhecida, a Ilha da Culatra (onde se encontra o Farol de Sta. Maria), a Ilha da Armona, a Ilha de Tavira, a Ilha de Cabanas e, finalmente, a Península de Cacela, servindo como protecção aos sapais, canais de maré e ilhotas. Toda esta área de enorme beleza estende-se ao longo de cerca de 18.400 hectares - 60 km da costa sotavento do Algarve pelos concelhos de Loulé, a Santo António desde a península do Ancão até à praia da Manta Rota.¹⁸⁴ Pode compreender-se melhor através do mapa seguinte.



Figura 54 - Mapa do Parque Natural da Ria Formosa.

¹⁸¹ FORMOSAMAR; A Ria Formosa; <http://www.formosamar.com/pt/ria-formosa#prettyPhoto>, consultado pela última vez a 3 de Outubro de 2018.

¹⁸² FORMOSAMAR; Op. Cit.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Ibidem.

O Parque Natural da Ria Formosa “É uma zona húmida de reconhecido valor internacional e um habitat privilegiado para a fauna e flora, fazendo, por isso, parte da Lista de Sítios da Convenção de Ramsar (zonas húmidas de importância internacional). Nesta área protegida podemos encontrar ambientes como ilhas-barreira, sapais, bancos de areia e de vasa, dunas, salinas, lagoas de água doce e salobra, cursos de água, áreas agrícolas e matas, ambiente que, desde logo, indicia uma grande diversidade de flora e de fauna.”¹⁸⁵

O Parque suporta ainda outras actividades importantes, é o caso da cultura de moluscos bivalves em viveiro, nela existem cerca de 80% da produção do país, aproximadamente 1009 hectares de viveiros cujo principal produto é a ameijoia-boia por ser a espécie de maior valor económico e por ser o principal suporte de sobrevivência dos marítimos da ria¹⁸⁶. Os viveiros que cobrem algumas centenas de hectares são visíveis na baixa-mar através das estacas que os delimitam¹⁸⁷.

3.4. Gastronomia



Figura 55 - Série “Ciclo da fruta” II. Décadas de 50/60.

¹⁸⁵ FORMOSAMAR; A Ria Formosa; <http://www.formosamar.com/pt/ria-formosa#prettyPhoto>, consultado pela última vez a 3 de Outubro de 2018.

¹⁸⁶ LOURENÇO, Victor; Ria Formosa - Artes e vida; 1991; p.24.

¹⁸⁷ ICNF; Paisagem e património histórico-cultural do Parque Natural da Ria Formosa; <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnrf/hist-cult>, consultado pela última vez a 3 de outubro de 2018.

A gastronomia é outro aspecto essencial, e que têm um valor incalculável para o povo Português, não apenas no Algarve mas como em todo Portugal, pois existem pratos notáveis e iguarias inesquecíveis que transbordam riqueza, tanto gastronómica como cultural ligada à história, à terra e ao mar, à herança cultural romana e árabe, ao esplendor da arte de viver mediterrânica, que não tem paralelo em toda a Europa.¹⁸⁸

Não são apenas os habitantes que apreciam, elogiam e tem orgulho na sua gastronomia, os estrangeiros que passam a conhecê-la também a admiram e demonstram vontade de degustar e aprender.

Tal como os emigrantes que muito se lembram e sentem saudades das iguarias frescas e tradicionais da sua terra, dos cheiros e sabores suculentos, variados e aromatizados, levando sempre que possível alguns produtos para o país que os acolhe, e dando a conhecer e de provar aos amigos que muitas vezes se tornam admiradores. Não é de estranhar que quando se lhes pergunta do que sentem mais saudades, a comida tenha sempre um lugar na lista, a seguir à família e amigos, muitas vezes seguido do clima e das praias.

E estes novos habitantes para além de provarem e se encantarem, não só têm feito uma publicidade incrível como são assíduos nos mercados e restaurantes, frisando diariamente a sua qualidade e frescura. Novos chefes¹⁸⁹ de cozinha estão a visitar as cidades, como a de Olhão, onde o peixe e o marisco são extremamente frescos (figura 56), realizam emissões televisivas, incluem receitas locais nos seus livros e revistas e espalham a palavra pelo mundo fora através de entrevistas, redes sociais, blogs e outros meios de comunicação.



Figura 56 - Mariscos - Mercados de Olhão.

Em Portugal a comida e a reunião à mesa têm enorme importância na vida dos portugueses, não apenas por saciar a fome mas muito pelo convívio e pela partilha do momento, é nesses pequenas ocasiões que reside a alma algarvia, em que se partilha a companhia de alguém, o ambiente onde se está e se oferece o que a cozinha local tem de melhor. E muitas vezes é á mesa que se discutem ideias e se fazem grandes negócios. Não deixa também de ser motivo para ajuntamentos e celebrações. Na prática, tudo é motivo para se realizar um almoço

¹⁸⁸ TAVARES, Miguel Sousa; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; Lisboa, 2010; p.12.

¹⁸⁹ Anexo 10

ou um jantar ou como se diz correntemente, uma ‘petiscada’, e que é muito típico nos finais de tarde, no entanto, mais uma vez, com maior assiduidade na época de Verão. José Vila partilha da mesma opinião e acredita que a identidade do Algarve passa inevitavelmente pela gastronomia, sendo um dever de todos promove-la. Diz que: *“O Algarve assume-se como parte sui generis do património da Cozinha Tradicional Portuguesa. Ela está viva. Tirá-la do anonimato é um dever de todos. Estar e saber oferecer à mesa é imperativo de uma convivência fraterna. O Algarve turístico ficará prejudicado, não progredirá, se não se revir nas suas gentes, na cultura, na arte e na gastronomia. A sua identificação ficará irremediavelmente diminuída ou perdida.”*¹⁹⁰

É também a melhor altura para se provar autênticos ‘pitéus’, pratos verdadeiramente tradicionais, que á alguns anos atrás eram considerados “comida dos pobres” mas que actualmente, com um pouco mais de requinte, certos pratos até reinventados ou modernizados, alguns até nada modificados, fazem as delícias de quem os prova, onde são utilizados produtos naturais e suculentos de forma simples e inteligente, mas que se destacam pela sua qualidade. Até a forma como o polvo é seco e comido, era estranho á tempos para muitas pessoas, hoje em dia por alguma razão se tornou uma iguaria. Miguel Sousa Tavares partilha a sua apreciação sobre este assunto, dizendo: *“Nunca comi nem comerei meloas como as do Algarve, nem tomates, batatas, pepinos, figos, uvas. Nunca vi outro lugar do mundo onde se pregassem os polvos às paredes das casas para secarem ao sol e depois andarem no bolso dos homens, para serem lentamente mastigados, como se mastiga o próprio mar. Nunca experimentei sabor tão extraordinário como o do biqueirão, coisa mais requintada do que uma abrótea arrepiada ou uma lula ovada.”*¹⁹¹

O local normalmente já é habitual dos residentes, que tem sempre todo o gosto em aconselhar ou apresentar aos visitantes e quanto mais típico, mais é apreciado, não importa assim tanto que seja um espaço simples e humilde, seja num restaurante tradicional, numa pequena tasca de pescadores, decorada com objectos locais alusivos ao mar, na rua ou com vista para a ria... o que realmente importa é o ambiente e o momento de apreciar o que é servido, típico, único e fresco, sendo habitualmente de alta qualidade. Pois este é um momento para se apreciar a ocasião de convívio e de degustação, de satisfação, acompanhado quase sempre de um bom vinho português. Com grande frequência, para finalizar, toma-se a tradicional água ardente de figo ou de medronho a acompanhar o café. Toda esta autenticidade já é difícil de encontrar noutros locais e por isso é tão apreciado. Na figura em baixo mostra-se um exemplo daquilo que se tenta explicar e da simplicidade do momento. Este tipo de momentos e acontecimentos fazem parte das gentes de Olhão e isso é também o que o turista procura e tanto aprecia.

¹⁹⁰ VILA, José; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; Lisboa, 2010; p.24.

¹⁹¹ TAVARES, Miguel Sousa; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; Lisboa, 2010; p.11.

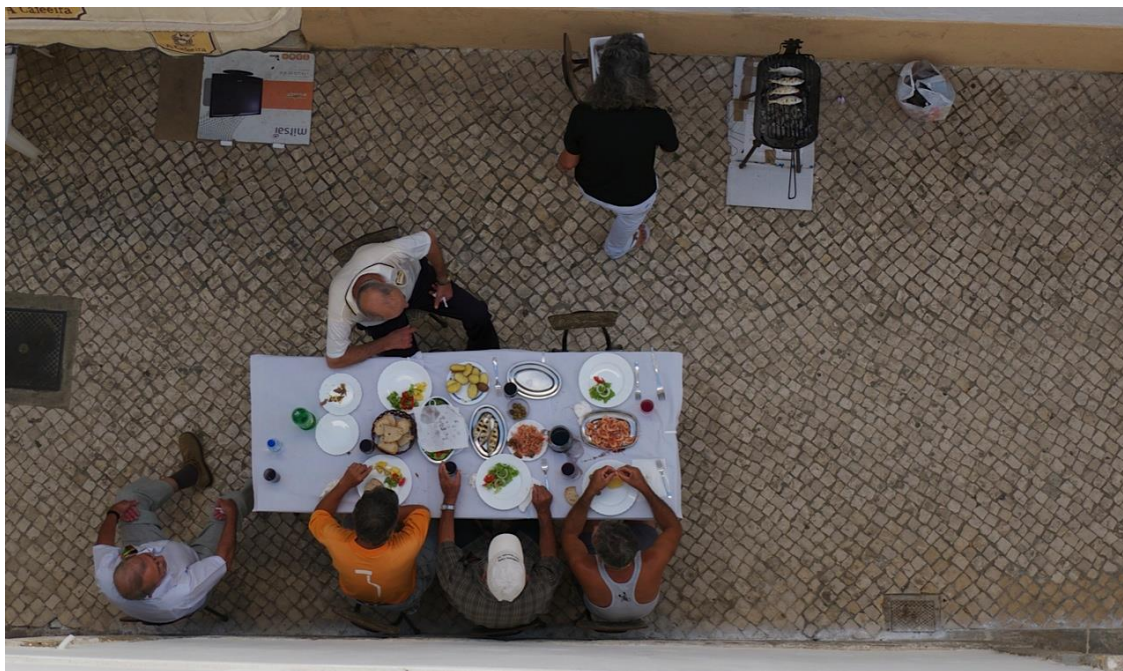


Figura 57 - Petiscos ao final do dia. Bairro da Barreta, Olhão.

Na gastronomia algarvia, o sol, o sal, a terra e o mar, são elementos vitais e constantemente presentes, que originam a base da cozinha tradicional algarvia, pois sem o pão, o peixe, os bivalves, o azeite, o alho, e o porco, não seria possível transmitir o que de melhor o algarve pode oferecer, fazendo-o através de algo tão básico e ao mesmo tempo tão complexo como é a alimentação. Estes ingredientes anteriormente enumerados, salvo a carne de porco mas acrescentando a banha, as ervas aromáticas - os coentros, os orégãos, a hortelã - e a flor de sal fazem parte da tão deliciosa «dieta mediterrânica» muito praticada e falada nos dias de hoje.

No entanto o líder da região é sem dúvida o peixe, muito apreciado pelo sabor fresco (biqueirões, sardinhas, carapaus, robalos, douradas, sargos, salmonetes, salmão, linguados, enguias, tainhas, anchova ...), *“praticamente existem todas as espécies. Destacamos a sardinha que, sendo a mais abundante, faz, ao longo dos tempos, parte integrante da cozinha do Algarve. Nas rias temos como fonte de riqueza os bivalves. O berbigão, o mais fértil, o lingueirão, a amêijoa, que habita em viveiros naturais, e as conquilhas, que normalmente são apanhadas ao longo da costa¹⁹².”*

Bem como outros mariscos, (como o camarão, santola, lagosta, lagostim, sapateira, conquilha, ameijoa, mexelhão, percebes, canilhas, búzios, lingueirão, ostras ...) e ainda os moluscos marinhos, como é o caso das lulas, dos chocos e dos polvos - havendo uma diversidade infinita de receitas - ou os terrestres como os caracóis, também muito apreciados e protagonista de autênticos petiscos de verão.

¹⁹² VILA, José; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A; Lisboa, 2010; p.19.



Figura 58 - Gastronomia Regional

As ervas aromáticas que conferem grande sabor e cheiro aos pratos, os mais comuns são os orégãos, os coentros, a salsa, o alecrim, o tomilho e hortelã que são frequentemente utilizados e em pratos específicos e complementado com o sumo aromatizado do limão, que embora não seja uma erva aromática confere tempero em muitos pratos.

As azeitonas e o pão caseiro são “obrigatório” em cima da mesa.

No final das refeições, ou a qualquer hora do dia, as frutas regionais mais apreciadas são, as laranjas e tangerinas, melancias, melões e meloas, nêspersas, pêssegos e albricoques, figos, romãs, morangos, uvas e ameixas.

Mas também há os frutos secos que fazem parte da gastronomia Algarvia e da maioria da pastelaria da região, e para tal são utilizadas as amêndoas, nozes, ficos, alfarrobas, avelãs e uvas passas. Podem vê-se alguns exemplos nas figuras apresentadas em baixo.



Figura 59 - Doces regionais com frutos secos.



Figura 60 - Produtos regionais - Mercado Municipal de Olhão.

No seguimento do tema do Mar e da gastronomia Algarvia há um capítulo histórico de grande relevância para se compreender o que define o olhanense e o que deu forma à cidade que se conhece hoje.

Uma actividade que floresceu em período de guerra, a Indústria Conserveira de Peixe, rapidamente ganhou dimensão e força, manifestando-se como ponto fulcral de desenvolvimento desta região e porque ainda faz parte da vida dos habitantes de Olhão, ainda

hoje revela ser uma parte muito importante das suas vidas e naturalmente da cidade, pois este foi o motor de arranque para o crescimento de Olhão enquanto cidade e foi através deste labor que muitos habitantes puderam emergir de uma grande pobreza, encontrando um ambiente adequado e propício à criação de condições que melhorassem as suas vidas.

Apesar de tudo, neste momento o sector é quase inexistente, comparativamente aos anos 30, pois em 1934 Olhão possuía cerca de 30 a 40 fábricas em funcionamento, às quais correspondiam imensos postos de trabalho, ao passo que hoje-em-dia apenas se encontram a operar três ou quatro fábricas.

3.5. Indústria Conserveira



Figura 61 - Cenas da Vida Piscatória. Olhão, décadas de 50/ 60.

O Mar teve e tem uma enorme importância para os Portugueses, tanto do ponto de vista histórico como no importantíssimo papel que desempenhou na formação e evolução do Estado Português. Sempre foi considerado um sustento, e como se diz popularmente, o ganha-pão do Homem, seja no Algarve, nas cidades do litoral Português ou até noutros locais no mundo.

Portugal foi pioneiro das Descobertas Marítimas desde o século XII a XVI, em que nessa altura levava barcos carregados de sal, peixe seco, vinho, azeite, mel, etc., para Sevilha, Flandres, para a costa Francesa e para as ilhas Britânicas. Sendo o litoral uma porta aberta para as cidades e para os países, o mar sempre atraiu populações para a costa. Tal como aconteceu *“Nos séculos XV e XVI o pequeno Portugal lançou-se na enorme empresa de devassar o oceano, em busca de terras desconhecidas. Dilatou os limites do mundo e contribuiu para abrir à civilização ocidental novos espaços. As navegações marítimas portuguesas fizeram, então, de Portugal o grande cais da Europa onde afluíam as cobiçadas mercadorias do Oriente.”*¹⁹³ E sendo Portugal um país tão pequeno mas importante, rico pelas suas descobertas e pelos seus feitos, é necessário que a conservação do seu património histórico continue a ser um tema sempre importante e actual para que não caia em esquecimento, evitando assim a perda dos valores adquiridos com esforço e empenho daqueles que começaram a história do país.

A uma escala mais reduzida existe a cidade de Olhão em que, mais uma vez, se verifica que a proximidade com o litoral influenciou a formação e o crescimento da cidade. Segundo a arqueóloga Cristina Garcia *“(...) a localização junto da barra ter-se-á revelado estratégica para o florescimento de riqueza em Olhão. Os marítimos podiam aceder directamente às embarcações e concretizar os seus negócios antes dos navios aportarem a Faro, furtando-se, deste modo, aos direitos régios.”*¹⁹⁴

Já nesta altura, o pescador Olhanense exibia habilidades para escapar às autoridades, no entanto, apesar desta sua destreza, era considerado um homem audaz e de palavra. Sobre os pescadores Olhanenses, o autor Raul Brandão descreve-os de uma forma muito próxima: *“Este homem é um homem à parte no Algarve. Se veio de Ílhavo, como dizem, não sei, mas é o único homem arrojado desta costa.”*¹⁹⁵ [...] *“O marítimo de Olhão tem, como nenhum outro um grande sentimento de igualdade; estende a mão a toda a gente. É que no mar os homens correm os mesmos perigos. São profundamente religiosos, porque estão a toda a hora na presença de Deus. Duas tábuas, a fragilidade e a incerteza forçam-nos a contar consigo e com a companha. Arriscam a vida para salvar a dos outros: hoje por ti, amanhã por mim. Homens simples porque a profissão é simples e o meio, grande e eterno, não os corrompe”. [...] “São generosos, imprevidentes e comunistas. Detestam os tribunais, que não compreendem. Ignoram a vida da Terra.”*¹⁹⁶

¹⁹³ REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora: Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979; p.24.

¹⁹⁴ GARCIA, Cristina Teté, in Sandra Romba; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul, Sol e Sal, Lda; Olhão, 2015; p14.

¹⁹⁵ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; p.235.

¹⁹⁶ BRANDÃO, Raúl; Op. Cit.; p.236.

É de salientar que houve uma grade evolução na arte de conservar o peixe, e antes do processo ser industrializado, o peixe tinha de ser igualmente conservado- tal como outros alimentos- antes de existirem frigoríficos ou arcas, só que de uma forma diferente. A conserva de peixe era realizada por intermédio do sal. Este método foi implementado pelos romanos, pois estes encarregaram-se de construir salinas e tanques para a salga de peixe e implementar a indústria de pesca e salga durante o século II ao IV. (Pode ler-se sobre o assunto mais aprofundado no capítulo da cidade de Olhão). Com o passar do tempo, os métodos foram sendo melhorados e actualizados, onde *“Mais tarde surgiram os armazéns de peixe já com pios para salgar a cavala e o biqueirão, quando fosse oportuno, e, conseqüentemente, apareceram as estivas. O seu desenvolvimento ficou a dever-se em grande escala aos italianos que aqui se foram fixando e que iam difundindo a sua técnica de fabrico pelo sal, de que eram mestres indiscutíveis.”*¹⁹⁷

Olhão acolheu-os hospitaleiramente, proporcionando-lhes todos os meios indispensáveis para poderem desenvolver a sua indústria, ao que eles também souberam reconhecer toda a ajuda que lhes foi prestada, *“contribuindo com o seu esforço para desenvolvimento da terra em que nasceram e criaram os seus filhos, e que consideram a sua Pátria adoptiva.”*¹⁹⁸

É certo que especificamente em Portugal, a indústria piscatória e conserveira sempre teve um grande peso, isto para explicar que a primeira fábrica de conservas que se montou em Portugal data de 1880, em Setúbal, e iniciou a sua laboração em 16 de Novembro desse mesmo ano. Apesar de não ter sido um português mas sim um francês, naturalmente com mais conhecimento na área, uma vez que vinha de um país mais desenvolvido, e fazendo-se acompanhar de pessoal técnico, inexistente em Portugal, com o conhecimento da existência de sardinhas em abundância na nossa costa, decidiu vir investir. Posteriormente outros compatriotas vieram também e montaram novas fábricas. Começando assim, a florescer uma nova indústria de extrema importância para o desenvolvimento do País. *“Em 1884, já existiam em Portugal 18 fábricas que aumentaram em 1886 para 66. Era um movimento imparável em todos os portos da costa portuguesa e a abundância da sardinha assim o permitia.”*¹⁹⁹

Segundo a autora Sandra Romba, a primeira fábrica de conservas aberta em Olhão, situada na extremidade do cais a nascente, data de 1892²⁰⁰, denominava-se Delory, por ter sido, à semelhança das fábricas referidas anteriormente, fundada por um indivíduo de nacionalidade francesa de nome Frederic Delory.²⁰¹

Como outros autores, Raul Brandão referia que era uma época de grande abundância, *“Havia muito peixe e a vida era extraordinária.”* (...) *“A pesca do alto fazia-se em caíques cobertos, de vinte e cinco a trinta toneladas com duas velas triangulares. Este barco voava. Ia*

¹⁹⁷ CATIVO, Luciano Victor; Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe; CMO; 2001; p.28.

¹⁹⁸ CATIVO, Luciano Victor; Op. Cit.; p.28.

¹⁹⁹ Idem; p.35.

²⁰⁰ VILLARES, João; “A história de uma vida, António Jacinto Ferreira”; Edição: Conserveira do sul, LDA; Olhão, 1997; p.45.

²⁰¹ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul, Sol e Sal, Lda; Olhão; 2015. p. 78.

a Setúbal, a Lisboa, às Berlengas, ao Porto, e só voltava a casa no S. João, no Natal e nas festas grandes do ano.” (...) “O caíque pescava e vendia pela costa fora.”²⁰²

Os Caíques eram embarcações que realizavam serviços de transporte de mercadorias ao longo da costa portuguesa, bem como para portos no estrangeiro, como por exemplo Marrocos e Gibraltar. Em Olhão estes Caíques transportavam outras mercadorias que eram posteriormente vendidas ao público, no cais (Bate-Estacas) na zona ribeirinha em frente aos Mercados Municipais. Por norma os Caíques de Olhão tinham desenhado um olho na proa, dizia-se que era para melhor “ver” o caminho.²⁰³ (Figuras 62-63)



Figura 62 - Réplica do Caíque Bom Sucesso - Presente no Museu da cidade.



Figura 63 - Réplica de uma Réplica construída pela C.M. destinando-se a acções de ídole cultural e lúdica na Ria Formosa.

Houve um que se destacou e por isso ficou na história da Cidade, de nome Caíque Bom Sucesso, mas antigamente conhecido por Drago²⁰⁴, com aproximadamente 18 metros, dois masts e duas velas latinas triangulares, é conhecido pela audaciosa travessia do Atlântico de 6 de Julho a 26 de Setembro de 1808 para o Brasil, clarificado no capítulo V.

Ainda ligado ao mar, existiu e continua a existir um factor vigorosamente presente e de enorme importância na cidade de Olhão, a Indústria Conserveira de Peixe, um sustentáculo económico desde sempre. Antigamente responsável por centenas de postos de trabalho para uma população que não tinha, na generalidade, outra alternativa que não fosse a pesca ou a fábrica de conservas como recurso para a sua subsistência. Foi também responsável pelo grande crescimento económico da cidade e sempre que os barcos chegavam da pesca, os homens eram recebidos com grande entusiasmo e num autêntico frenesim, fazendo mexer uma enorme

²⁰² BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; pp.233-234.

²⁰³ PIRES, Conceição; Elucidário - Cidade de Olhão da restauração; Olhão, 2001; p. 184.

²⁰⁴ Informação presente em painéis informativos na Avenida da República em Olhão.

quantidade de gente e de comércios. Carroças com cavalos iam ao auxílio dos barcos de forma a poder carregar rapidamente e daí seguiam para a distribuição.

Em 1934, havia em Portugal 203 fábricas de conservas de peixe, em que Olhão possuía 37 e era considerado o segundo Centro do País com maior número de fábricas, pois apenas era ultrapassado por Setúbal que, na época, contava com 68. Estas duas cidades produziam praticamente tanto como todas as demais existentes no País.

As restantes 98 fábricas englobavam, por ordem de grandeza, os centros de Matosinhos, Peniche, Vira Real de Santo António, Lagos e Aveiro, que no total tinham uma capacidade de produção de 2.964.238 caixas²⁰⁵. Certo era que “(...), no litoral a confiança estava no mar. As expectativas eram grandes. As embarcações vindas do mar tranquilizavam as populações. Por vezes era a abundância, anunciada pelas sirenes das fábricas, mobilizando as mulheres para a tarefa conserveira, em tempos, símbolo da economia algarvia. Os peixeiros aguardavam apinhados e em alvoroço junto aos locais de desembarque, rematavam as tecas (pequenas quantidades de peixe) e, de cesto à cabeça, partiam em correria; chegar primeiro era símbolo de melhor venda. Outros seguiam de bicicleta ou outro meio de transporte, conforme a distância a percorrer.”²⁰⁶ (Figura 64)

Era tempo de grande abundância e até o marisco existia em grandes quantidades, “Percebes, camarão, santola e lagosta, entre outros, eram degustados sem abrir os cordões à bolsa. A falta de procura e o excesso de marisco contribuíam para tal. Para muita gente, teria sido uma bênção se o tempo tivesse estagnado por essas alturas²⁰⁷.”



Figura 64 - Cenas da Vida Piscatória. Décadas de 50/60.

²⁰⁵ CATIVO, Luciano Víctor; Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe; Edição Câmara Municipal de Olhão, 2001; p.62.

²⁰⁶ VILA, José; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; Lisboa; 2010. p.24.

²⁰⁷ VILA, José; Op. Cit.; p.24.

Sendo esta actividade tão importante, em 1932, Dr. António Oliveira Salazar, na altura Ministro das Finanças no Governo da Nação, visitou a cidade, com o objectivo de proceder a um rigoroso estudo no sentido de organizar e disciplinar a indústria de conservas.

Com esta visita, verificou-se que existiam irregularidades, alguma rivalidade e falhas nas responsabilidades mensais por parte dos patrões para com os trabalhadores. Foi desta forma que o governo “criou o Consórcio Português de Conservas de Peixe, organismo que passou a disciplinar a indústria e a verificar a qualidade da produção das conservas, e que iniciou a sua actividade em Olhão, em 1934.”²⁰⁸

Assim, com estas novas medidas, “O Consórcio passou a exercer a sua acção em tudo o que se relacionava com a produção, vigiando a fabricação de modo a que a qualidade das nossas conservas se mantivesse e merecesse a confiança dos mercados. Impôs novas disposições tendentes a evitar que os fabricantes corressem o risco de não receber o valor das conservas que vendiam e exportavam.”²⁰⁹

Este Consórcio “tornou-se o principal protector e defensor da indústria, pois, desde o seu início, soube sempre nortear a sua missão no sentido de dar às conservas portuguesas o prestígio e a forma de que passaram a gozar desde então.”²¹⁰

Numa altura em que a indústria conserveira se desenvolvia a passos largos, exportadores de conservas de peixe apareceram para colaborar, alargando as vendas à Europa e Estados Unidos da América.



Figura 65 - Manná - Fábrica de Patés e Conservas de Peixe.

²⁰⁸ CATIVO, Luciano Victor; Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe; CMO; 2001; p.22.

²⁰⁹ CATIVO, Luciano Victor; Op. Cit.; p.28.

²¹⁰ Idem; p.29.

No decorrer do tempo, desde o início até aos tempos de hoje, houve uma grande evolução técnica e aperfeiçoamentos que foram sendo realizados, os quais demonstram à sociedade o espírito inventivo do homem, segundo refere o autor Luciano Cativo, “*no seu começo as fábricas não tinham cravadeiras (Máquinas para fechar as latas) e que estas para serem fechadas tinham de ser soldadas à mão pelos soldadores. Estes operários tinham, como é óbvio, uma tarefa importante na produção da fábrica. Hoje há cravadeiras que fecham cerca de 200 latas por minuto. A sua esterilização era feita em banho-maria, em grandes caldeiros de ferro. Agora o peixe já não é cozido antes de ser posto em latas, como antigamente. É metido cru nas latas, azeitado, cravado, cozido e, por fim esterilizado, tudo numa operação contínua*²¹¹.”

Entre muitas outras evoluções que contribuíram para um grande desenvolvimento da Indústria conserveira e melhor funcionamento desta. Através de regulamentos e contractos foi possível organizar o trabalho, os trabalhadores e os seus respectivos direitos, obrigações e remunerações, tal como as devidas funções e horários a cumprir.

No entanto nessa altura as mulheres ainda não partilhavam dos mesmo direitos que os homens e recebiam menos pelo trabalho que desempenhavam. Normalmente os homens estavam encarregues da pesca e as mulheres pelo trabalho com o peixe, eram denominadas de “as manipuladoras”. Após o 25 de Abril, estas condições foram completamente alteradas e reestruturadas, corrigindo as assimetrias existentes e fixando um ordenado mensal digno para cada trabalhador. Abaixo segue-se um conjunto de fotografias representativas das diversas funções desempenhadas por homens e mulheres nas fábricas de peixe em Olhão²¹². (Figura 66)



Figura 66 - Operárias a enlatar o peixe (esq.) e a preparar a sardinha para ser cozida (dirt.),
Fábrica de conserva em Olhão.

²¹¹ CATIVO, Luciano Victor; Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe; CMO; 2001; p.35.

²¹² Anexo 6

3.6. Análise geral, Alteração da paisagem.



Figura 67 - Antigo Algarve.

Este pequeno cantinho de “paraíso” que Portugal possui e que tanto é valorizado, seja pela cultura, pelo património, pela gastronomia, pela natureza e/ ou pelas tradições nem sempre foi como é hoje. Como diz o Arquitecto José Manuel Fernandes: *“Ao longo destas “décadas trágicas”, em que o Algarve foi progressivamente violado - anos 50, 60, 70, 80 - não*

deixou de haver vários pensadores e estudiosos que, preocupados e conscientes dos problemas em questão, escreveram, publicaram e divulgaram ideias, estudos, planos, para se poder dar melhores respostas ao turismo então nascente ou em desenvolvimento. Mas realisticamente, não foram em geral ouvidos, seguidos, sequer entendidos. E agora pagamos a nossa “surdez”.”²¹³

Portanto, não se passou assim tanto tempo, comparativamente à sua tamanha transformação, o autor José Manuel Fernandes diz que “[...] *depois da carnificina da segunda metade de Novecentos, quando a construção imobiliária, excessiva em volume e em má qualidade, tomou conta de quase toda a orla litoral.*”²¹⁴ Pois antes destes acontecimentos o Algarve era belo, tendo em conta as suas características próprias, único e relativamente sossegado, porém tem sofrido ao longo dos últimos anos bastantes alterações significativas.

Algumas consideram-se negativas, porém outras são positivas, consoante as épocas e acontecimentos, há também as que tem as duas vertentes, como é o caso do turismo.

Destacam-se duas negativas fortemente marcadas; o turismo que teve e continua a ter grande responsabilidade e impacto nestas alterações violentas e dramáticas na transformação da paisagem, acentuadamente na zona a Barlavento. Bem como a fase da chamada “crise” (entre 2007 e 2012) que se apresentou e se impôs, criando um abalo não apenas económico como também emocional. Tais alterações vieram afectar o meio ambiente, assim como a forma como o povo se adaptou progressivamente a elas. Mudanças que influenciaram os hábitos do dia-a-dia, influenciaram emoções, rotinas, alguns costumes e até o modo de pensar de um volume considerável da população.

Em grande parte, estas fortes alterações deveram-se ao turismo. Apesar de ser um factor continuamente presente na nossa região e de enorme importância, causou um desenvolvimento excessivo que por um lado tem sido favorável, por dinamizar e favorecer o crescimento económico, mas por outro lado mostrou-se negativo tendo em conta as proporções atingidas e as decisões que foram tomadas em prol deste facto que é a alteração/destruição desmesurada da paisagem como consequência da vinda massiva de turistas em época alta.

Não apenas afectou e influenciou os habitantes como consequentemente interferiu terrivelmente no território e a paisagem.

*“Constituindo uma região portuguesa plena de carácter, beleza e individualidade, o Algarve sofreu ao longo do século passado profunda mutação, através de um desenvolvimento muito dependente do turismo internacional, que alterou inelutavelmente a sua paisagem natural e construída, por vezes de modo brutal e negativo.”*²¹⁵

²¹³ FERNANDES, José Manuel; *Arquitectura Portuguesa - Temas actuais II*; Colecção três razões; Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2005; p.19.

²¹⁴ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; *A casa popular do Algarve*; Edição CCDR Algarve, Algarve; Agosto 2008; p.11.

²¹⁵ CORREIA, José Campos; (Presidente da CCDR Algarve); *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Edição CCDR Algarve; 2005; p.7.

Durante um longo período de tempo verificaram-se gastos desmesurados no plano da construção, numa altura de grande procura imobiliária em que todos queriam ser donos de alguma construção ou empreendimento, e quantas mais melhor, mesmo que não fossem necessárias, sem se equacionar as consequências dessa procura e construção desenfreada. O objectivo era apenas demolir e construir de novo, ignorando por completo a consequente descaracterização cultural e arquitectónica das cidades existentes e que qualificavam esta região, bem como a vontade dos moradores e o interesse turístico, que sofreu um significativo decréscimo após as alterações arbitrárias. Sérgio Palma Brito explica de forma objectiva aquilo que nos referimos, tendo como apoio citações de Miguel Sousa Tavares²¹⁶.

Tudo o que era típico ficou diminuído, reduzido a amostras dispersas por um território que outrora esteve recheado de ícones Algarvios. Tendo sido dada importância simplesmente ao preenchimento de espaços vazios, construindo de forma espontânea e descuidada. Sem qualquer estudo prévio aparente ou reflexão com base em estudos de extrema relevância realizados anos antes por profissionais especializados na área, como é o caso do “*arquitecto urbanista Cabeça Padrão, sesimbrense sensível ao problema, que fez um estudo oficial (da D.G.P.U.) para um correcto enquadramento patrimonial no arranque do turismo algarvio nos anos 50-60; ou como Keil do Amaral arquitecto e também autor de outro estudo com a mesma intenção (Bases para o desenvolvimento Turístico do Algarve, MHOP, 1962), e que pôde até propor, “ao vivo”, um modelo de “centro cívico-turístico” construído no centro urbano de Vilamoura, nos anos 1970-74, que hoje podemos visitar.*”²¹⁷

Também o Presidente da CCDR Algarve, José Campos Correia refere que é “*De lamentar que, sobretudo em relação às obras pioneiras da arquitectura das décadas de 1950-60*” ... a “*quase total falta de uma política regional - municipal de identificação, preservação e recuperação das mais qualificadas dessas edificações, que na sua grande parte assim se deixou perder, desfigurar ou alterar - apesar de construírem um valioso e original contributo para a modernidade em Portugal.*”²¹⁸

Nem tudo é bonito, e não se pode “pintar” o Algarve como se fosse, relativamente a este assunto, poderá e aparenta ter-se tratado de euforia, ignorância que levaram a um crescimento avassalador, gradualmente desde a década de cinquenta mas agravando-se grandemente nos anos noventa e que desfeou extremamente a paisagem costeira assim como a paisagem Algarvia em geral, criando ambientes desagradáveis e desorganizados. Envoltentes enfadonhas e mal estudadas, que incomodam habitantes e visitantes, que por sua vez partem desapontados, ficando lamentavelmente, com recordações infelizes por se depararem com tal transformação ou determinada situação, seja de algum ambiente, situação, de certo

²¹⁶ Anexo 7

²¹⁷ FERNANDES, José Manuel; *Arquitectura Portuguesa - Temas actuais II*; Colecção três razões; Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2005; p.20.

²¹⁸ CORREIA, José Campos; (Presidente da CCDR Algarve); *Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*; FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Edição CCDR Algarve; 2005; p.13.

atendimento ou serviço prestado ou até, e muito frequente, pelo desapontamento tendo em conta as memórias passadas de quem conheceu o antigo e verdadeiro Algarve.

Ocorrências como estas acontecem frequentemente e um pouco por toda a parte, mas seria desnecessário se houvesse mais estudo prévio, respeito, vontade de preservar, preparação, mais agrado, mais prazer naquilo que se faz e simpatia no acto de atender e de prestar serviços, pois estas são as situações em que mais se verificam falhas e falta de educação e de gosto pela actividade que se desempenha.

O autor Fernando Grade é um interessado, defensor e crítico frequente atento a estas temáticas, partilhando da mesma opinião, bem como Sophia de Melo Breyner Anderson, e Miguel de Sousa Tavares, citados e cujas ideias foram complementadas pelo primeiro autor: *“Sophia de Melo Breyner Anderson dissertou em torno da perspectiva iminente de desenvolvimento do Algarve e, com notável perspicácia, enumerou todos os perigos que deveriam ser evitados, no sentido de não se pôr em causa a integridade de uma terra tão bonita: «a incompetência; o saloísmo; as especulações com os terrenos; os maus arquitectos; o falso tradicionalismo; a mania de luxo e da pompa; as obras de fachada e acima de tudo a falta de amor». /Em 2002 Miguel Sousa Tavares comentava no jornal Público o artigo de sua mãe, dizendo a certa altura: «Apesar de tudo, porém era difícil imaginar que a barbárie e a simples selvajaria atingiram a dimensão actual e a que se vai seguir ainda, quando o que resta de teoricamente protegido - a ria Formosa e a ria de Alvor - for também devastado pelo “progresso”. O que mais me choca, quando se olha para a inacreditável destruição levada a cabo, é como foi possível ter-se odiado tanto uma terra tão bonita».*”²¹⁹

Todas as situações menos agradáveis enumeradas anteriormente contrariam em grande parte aquilo que outrora teve tanto potencial e poderia ainda ser tão agradável e belo. Não é uma situação que abrange tudo e todos, mas lamentavelmente o número tem vindo a aumentar.

Tal como tantas pessoas, também o autor e Arquitecto José Manuel Fernandes deixou a sua opinião numa das suas obras: *“40 anos de crescimento urbano descontrolado, alimentando um turismo selvagem; um ambiente global, conseqüentemente, “feio”, servindo uma qualidade de vida “turística” desagradável e até com situações de pendor agressivo” ... “Hoje, ao chegarmos e percorrermos o engarrafamento orientado e contínuo que nos espera, ainda poderemos desculpar a habitual sofreguidão de prédiosinhos sobre a marginal, e o areal, fruto de ganâncias incontidas que afinal mataram a “galinha dos ovos de ouro.”*”²²⁰

Espaços únicos e maravilhosos no Algarve, selvagens e virgens, como grandes áreas verdes onde se podia passear e aproveitar a natureza, lugares exteriores de qualidade, tal como imensos pinhais, grandes áreas de areal e dunas ainda intactas, a faixa litoral livre de construções como era o caso de *“Portimão, Quarteira, Armação de Pêra, Albufeira, Monte Gordo, constituem autênticos ground zero da barbárie urbanística onde não ficou pedra sobre*

²¹⁹ GRADE, Fernando Silva, O Algarve tal como o destruímos; editora escrit'orio; 2014; pp.25-26.

²²⁰ FERNANDES, José Manuel; Arquitectura Portuguesa - Temas actuais II; Colecção três razões; Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2005; pp.18-19.

pedra. Um «genocídio cultural do Algarve», como o apelidou o saudoso historiador António Rosa Mendes.”²²¹

Também o Autor Miguel Sousa Tavares, enquanto pequeno passava férias regularmente no Algarve, descrevendo cenários bonitos e simples, autênticos cenários de filme e que lhe deixam saudades. “ (...) *O que se seguiu foram anos de deslumbramento, uma verdadeira vida de Robinsos num paraíso achado e ainda preservado das sucessivas ondas de invasões bárbaras, a que também chamam de turismo. Verdadeiramente, só os algarvios podem atestar que eu não exagero quando às vezes descrevo aos meus filhos o que era essa terra encantada que eu tive a sorte ou o azar de descobrir em criança e que, desde então, é uma ferida aberta nas minhas memórias, ano após ano sepultadas sob um desvario de construções aberrantes que atestam a ganância, a estupidez e a ingratidão dos homens pelas dádivas dos deuses.*”²²²

Todas as cidades apontadas acima foram destruídas para posteriormente dar lugar a apartamentos, urbanizações e hotéis que se consideram sem grande fundamento, apenas construídos com o intuito de investimento financeiro, demonstrando claramente a ganância humana. E que muitos deles ou não foram terminados e permanecem ao abandono, ou os que foram tem graves problemas, consequências da velocidade a que se construía e da escassa ou inexistente inspecção e controlo enquanto eram erguidos. Agora com o passar do tempo, em que se apaziguou a construção, olham para trás e pensam no que realmente aconteceu e no que efectivamente fizeram. Naquilo que se tornou o Algarve e consequentemente Portugal, como se pode observar nas figuras abaixo.

²²¹ GRADE, Fernando Silva; Artigo em Semanário Regional do Algarve - Barlavento; <http://barlavento.pt/opiniao/os-mamarrachos-e-a-roda-da-regeneracao>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

²²² TAVARES, Miguel Sousa; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; 2010, Lisboa; p.11.



Figura 69 - Transformação do território.

O autor João Manuel das Neves comenta que, “*Nos últimos 30 anos, Portugal capitulou diante da brutal metropolização de grande parte do seu território, em particular a faixa litoral, entre a agressividade incontornável da ocupação, a feroz comercialização da terra e o impacto da indústria de construção civil, com paisagens milenares destruídas e o despovoamento dos campos e dos centros tradicionais das cidades. Sirva de exemplo a gigantesca periferia construída da capital, com quase um terço da população portuguesa. Ou o, estilhaçamento das paisagens, quer em gigantescas aglomerações, quer em atomizações pulverizadas de moradias unifamiliares, mesmo nos sítios mais recônditos.*”²²³

Fazendo uma análise geral, por volta dos anos 40/50, o Algarve, enquanto paisagem era bastante mais selvagem, se assim podemos dizer, bastante mais natural e mais genuíno, mais cultural e mais demarcado nas suas características físicas, tinha a sua própria essência que tem vindo a ser ferozmente destruída e que hoje em dia é praticamente inexistente, salvo pequenos pontos. Tratava-se de um conjunto de particularidades e apontamentos que o Algarve possuía, que definiam a região e que lamentavelmente se desvanecem.

Não se quer no entanto dar a entender que tais características e qualidades não pertençam ainda a esta região que ainda muito tem de belo, ou desvalorizar características semelhantes no restante território português, mas sim realçar que grande parte da sua autenticidade

²²³ DAS NEVES, José Manuel; Casas + Interiores Sul; Edições ASA; 2002; p.8.

desapareceu numa fase em que se construía de forma frenética e incontrolável. Mais uma vez apoiando-nos na informação sentida do Autor Fernando Silva Grade²²⁴.

Essa fase de loucura construtiva não poderia ser permanente, havendo uma mudança drástica com a chegada da crise, encontrava-se um Algarve á venda, onde tudo tinha aspecto de abandonado e as pessoas tinham deixado de ter possibilidades alheias aos gastos diários exigidos pelo dia-a-dia, ficando para segundo plano todos os gastos relacionados com a manutenção da casa. Anos mais tarde, quando o Algarve já parecia uma região abandonada, começa-se a sentir e a perceber uma melhoria estética na cidade, mas também financeira como emocional do país e do povo.

No caso da Arquitectura, em vez de se derrubar e construir de novo, passou-se a repensar o existente, renovar e requalificar os espaços com qualidade que estariam desactualizados. Os materiais “nobres” como a madeira, a pedra e cerâmicas, voltaram a ficar em destaque e a serem novamente valorizadas, a simplicidade e minimalismo sobressaíram na grande maioria das novas renovações, decorações e escolhas de quem se encontra a intervir nestas habitações.

Todas estas transformações têm sido alertas e incentivos para se cuidar do que faz parte do nosso país, da identidade do Algarve, da cultura e daquilo que é importante enquanto portugueses e algarvios. Por vezes é necessários que se passe por certos desconfortos para que aconteçam mudanças e que desse mau momento resulte algo positivo a que antes não se dava importância. Em geral estas mudanças têm sido saudáveis no sentido em que se preservam variadas qualidades tanto arquitectónicas como tradicionais, e na medida em que se estimula a criatividade e se criam novos conceitos tendo como base cânones antigos, mas modernizados.

É importante preservar o carácter das cidades, por várias razões, uma delas, porque é a identidade de quem lá vive, como se fossem um reflexo dos seus hábitos e costumes, clima entre outros, em segundo lugar, para que seja natural a distinção entre lugares e em terceiro, por se se tratar de uma “porta” para a história do país em questão. Como tal é possível identificar diferentes cidades no mundo apenas ao observar determinada característica, objecto, imagem, foto ou presenciarmos um local, um apontamento arquitectónico, uma paleta de cores, texturas ou materiais, uma decoração, morfologia das ruas, entre outras. Facilmente se consegue decifrar, quase que instantaneamente o local em questão, sem que para isso se tenha que ter acesso ao panorama geral. Como por exemplo, Veneza é única, Barcelona é única, Paris, Londres, Amsterdão e Olhão.

Tantas outras cidades e/ou lugares, que queremos visitar e conhecer, precisamente por ter algo de novo para nos mostrar, características diferentes das do nosso país e que por alguma razão nos atraem, seja pela diferença do idioma, de cultura, da gastronomia, da arquitectura ou de outra característica. É todo um conjunto que nos convida e nos entusiasma, nos inspira a querer conhecer. Caso assim não fosse, essa vontade de conhecer era ausente, pois nada de novo havia para ver ou para experienciar, nada havia a acrescentar á nossa vivência.

²²⁴ Anexo 8

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Figura 69 - Características de cada cidade em respectiva região. Veneza, Barcelona, Paris, Londres, Amsterdão, Olhão.

Daí a importância de se preservar aquilo que é tradicional em cada lugar, e que cada vez parece tornar-se mais difícil, seja pelas limitações de conhecimento cultural ou arquitectónico, pela falta de gosto ou sensibilidade face a estas características, tanto por parte dos cidadãos como das diversas autoridades.²²⁵

Assim clarifica o autor Graça Passos o que se vêm tentando explicar. *“O que veneramos nas zonas históricas é a possibilidade de aceder a um tempo diferente do nosso carregado de sobriedade, silêncio e beleza que só a lentidão, hoje desaparecida, sabe criar”.*²²⁶

O mesmo aconteceu em tempos com o Algarve, as suas características eram numerosas e autênticas, mais demarcadas e em qualidade, quem por lá passava ficava deslumbrado, fosse com a arquitectura, com a beleza da natureza territorial, com os costumes e tradições, com o

²²⁵ GRADE, Fernando Silva; São Brás De Alportel - Reabilitação Ou Destruição Do Centro Histórico?; Barlavento, Semanário Regional do Algarve; 2 de Agosto de 2018; <http://barlavento.pt/opinioao/sao-bras-de-alportel-reabilitacao-ou-destruicao-do-centro-historico> acedido pela última vez a 3 de outubro de 2018

²²⁶ GRADE, Fernando Silva; Op. Cit.

povo, com a diversidade de paisagens, e até com a gastronomia local. Características próprias da região que tão bem se distinguem das restantes no país e no mundo e que também se encontram associadas ao clima próprio do Sul. Por exemplo, como no Algarve não chove muito as inclinações dos telhados não são muito acentuadas, e em algumas cidades como Olhão e Fuzeta predominam as coberturas planas ou açoteias, tema abordado no capítulo V.

Actualmente já nada é como outrora foi e o aspecto característico das cidades transforma-se, apesar de tudo continuamos a possuir, ainda que em menor quantidade, algumas particularidades essenciais e apelativas, responsáveis pela procura e vinda de turistas nacionais e estrangeiros. As casas brancas tradicionais com o pavimento revestido a ladrilhos de Sta. Catarina, os bonitos detalhes da casa portuguesa, que eram ícones, chaminés rendilhadas, as ruas estreitas e labirínticas em grande parte calçadas e também as janelas e as portas coloridas em madeira trabalhada que embelezam as antigas ruas - como demonstrado nas fotografias que se seguem (Figura 70)- complementam toda uma panóplia de referências apreciadas e procuradas.



Figura 70 - Portas Algarvias, cidade de Olhão.

Actualmente ainda existem alguns apontamentos tradicionais como estes que acabam de ser referidos, e que contribuem para que esta região ainda seja um lugar diferente, com carácter e procurado, onde apesar de existirem já raros exemplos, estes permitem viajar no tempo e compreender como se vivia antigamente.

No entanto, a Barlavento a oferta é diferente, direccionada para outro público, mais luxuoso em determinados locais e mais “para turista”, em parte boémio. Apesar de representar um enorme peso no turismo, não deixa de ser no entanto, virado para outro tipo de turismo, diferente daquele que se verifica a Sotavento. Deste último lado, o ambiente é mais calmo, tradicional e onde se concentram um maior número de apreciadores de tudo o que é local e típico.

Estas “actualizações” surgiram não só em Portugal, mas igualmente em várias cidades europeias, fragilizando também as suas respectivas características e costumes com o passar do tempo. É como que se houvesse uma modernização global forçada, uma uniformização e equivalência, que por um lado facilita a compreensão e locomoção dos visitantes por haver semelhanças entre países, e desta forma torna-se tudo mais simples e acessível, mas que por outro lado deixam de ter a oportunidade de conhecer o que o país de acolhimento tinha de diferente e especial para oferecer.

Salientam-se alguns casos portugueses, como é o exemplo das antigas farmácias (Figura 71) que estão a desaparecer, para se modernizarem e equipararem às restantes da Europa e assim serem equivalentes a tantas pelo mundo fora, abdicando da beleza e autenticidade que tinham, para “facilitar” a vida dos utilizadores.



Figura 71 - Antiga Farmácia Pacheco na Zona histórica de Olhão.

Nos dias que correm, são empregados materiais mais simples, por vezes artificiais, e industrializados, maioritariamente à base de plásticos, fibras e acrílicos, criando superfícies perfeitamente lisas e “sem defeitos”. No entanto são pobres ou nulos em valor histórico, assim como em beleza e ausentes de qualquer valor sentimental, pois já não são ou foram feitos pelo senhor carpinteiro X. E que com o passar do tempo e algumas imperfeições que lhes fossem aparecendo- naturais do passar do tempo -, lhe conferiam mais charme e valor.

Os materiais utilizados antigamente, ditos mais nobres, conferiam maior conforto e uma identidade única, dando a cada espaço um carácter próprio, por terem sido especialmente realizados para determinado local. Raul Lino refere que *“A qualidade do material que se emprega na construção contribui poderosamente para o efeito dos seus aspectos. Quantas vezes o material intrinsecamente belo dispensa atavios de decoração porque vale mais por si do que todas as lucubrações ornamentais.”*²²⁷ Como era o caso das madeiras maciças trabalhadas à mão. O autor Raul Lino entende e refere também que: *“De grande importância na construção é o emprego da madeira, principalmente nos interiores. (...) As madeiras nobres, isto é, as de mais rija contextura, de desenho mais marcado e de cor melhor definida, dão grande soma de conforto à habitação, enobrecendo os seus aspectos quando proporções erradas e mau desenho não destruam este efeito.”*²²⁸

De igual forma, os vidros delicados e de superfície irregular - como se pode ver no exemplo das vitrinas da farmácia na imagem representada em cima - já dificilmente se fazem, assim como os diferentes recipientes, potes e frascos de tamanhos e formatos variados, alguns pintados à mão, estão completamente descontinuados. Ou os azulejos igualmente pintados à mão com motivos característicos do nosso país, da nossa história, que decoravam as paredes antigas, os armários em madeira maciça onde eram guardados os medicamentos. Os tectos trabalhados, com molduras em redor e os frescos com os lustres pendurados no centro. As emblemáticas e grandes balanças à entrada, algumas farmácias ainda possuíam balanças de pesos, outras já usufruem umas mais modernas com ponteiros e mais recentemente, as digitais. Ou ainda as máquinas registadoras, em ferro trabalhado, com grandes botões isolados, em que era necessário carregar com força, tal como nas máquinas de escrever.

Era nestes objectos e materiais singulares e extraordinários, que residia a verdadeira beleza e essência do trabalho feito à mão por pessoas que se dedicavam plenamente e que o faziam com sabedoria e gosto, resultando em espaços confortáveis, carregados de carácter e alma, com particularidades hoje inexistentes e que se considera de enorme perda e tristeza terem desaparecido e sido substituídas por novas, iguais a tantas outras.

Compreende-se que uma certa evolução tem que existir, mas preciosidades como estas mereciam ter sido preservadas e reajustadas á actualidade em vez de as abolirem por completo. Transmitindo a sensação de que apenas se dá importância à actualidade, desprezando a história que está para trás, da beleza da profissão e dos objectos e espaços que a caracterizavam. Não

²²⁷ LINO, Raul; Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples; Editora: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lda.; Lisboa 1992; p.63.

²²⁸ LINO, Raul; Op. Cit.; p.65.

implica apenas dar uma nova cara a um espaço comercial, é muito mais profundo que isso, por se estar a anular, a retirar da sociedade um ícone cultural e de valor patrimonial, banalizando-o.

Na figura apresentada a baixo mostra-se um perfeito exemplo daquilo que foi explicado anteriormente. Esta era a fachada de uma das antigas farmácias na cidade de Olhão, a Farmácia Pacheco, com espaço interior único, mas já fora de actividade, em que se publicita a abertura da nova farmácia modernizada e com características semelhantes às referidas acima.



Figura 72 - Antiga Farmácia Pacheco em Olhão a publicitar novo espaço.

Também, as pequenas mercearias típicas que eram um marco particular, são ainda outro exemplo, estas pequenas mercearias serviam os habitantes locais para um “desenrasque” e possuíam de tudo um pouco, desde produtos tradicionais básicos, como pão, água, leite, café, ovos, ... menos industrializados e em pequenas quantidades, na altura existia muito menos oferta que hoje em dia mas por isso não deixava de ter a sua graça. Para além disso, o comerciante tinha uma ligação mais próxima com o cliente, conhecendo o que era habitual de cada um, antecipando a encomenda de forma a que no dia seguinte já estivesse pronto para ir buscar.



Figura 73 - Típica Mercaria Antiga, anos 80 - Olhão.

Certamente eram relações mais emotivas e afectivas, pois se por alguma razão num dia a mercearia não abrisse, havia a preocupação dos vizinhos em saber se a respectiva pessoa se encontrava bem de saúde ou procuravam saber o que se tinha passado. Costumes e relacionamentos de antigamente que juntamente com estes espaços, se perderam.

Estas situações e exemplos apresentados, têm vindo a perder-se com a evolução, com a industrialização e com as grandes superfícies pré-fabricadas. Hoje estão num local e no dia seguinte podem ser desmontadas e estarem noutro, e com essa mudança poucos utilizadores se importam porque já existe demasiada oferta. Locais destes em que existem dezenas de funcionários em frente a uma caixa registadora, comportando-se como máquinas, todos pré-programados para desempenhar determinada função de determinada forma. Havendo cada vez mais um sentimento de indiferença e falta de profissionalismo no sentido do saber fazer da profissão enquanto profissão ou ofício, desta forma a pessoa empregada não tem a mesma responsabilidade, dedicação, simpatia nem o mesmo gosto pelo que faz, pois para além de não ser seu, sabe que se se cansar ou se algo correr menos bem, facilmente muda de local de trabalho sem que lhe fiquem associadas responsabilidades. Aos poucos construiu-se uma grande falha e ausência de humanização.

Outra grande característica que sofreu uma queda acentuada na procura foi o artesanato, utensílios em barro, cortiça, madeira, palma, canas e outros materiais. Antigamente existiam em maior quantidade, tanto no Barrocal como no Litoral, trabalhos manuais feitos por artesãos e muitos deles por grupos de mulheres. Os produtos industrializados

eram escassos e os meios para os obter eram quase inexistentes, então a população recorria ao que a terra lhes dava e em conjunto realizavam uma grande variedade de objectos e utensílios, pois eram bastante habilidosos e havia abundância destes ofícios. Era *“notável a indústria dos artefactos de pita, esparto e palma - trabalhos de empreita - de carácter popular (vassouras, capachos, esteiras, golpelhas, ceiras, alcofas, chapéus, etc.), na qual se empregavam principalmente as mulheres.”*²²⁹

Nessa altura havia diversidade de profissões ligadas aos trabalhos manuais, profissões tradicionais que com o passar dos anos se têm perdido, entre muitos o oleiro que trabalhava o barro com as mãos e criava vasos em barro lisos ou com detalhes. O Artesanato era uma profissão muito importante, oleiros trabalhavam na olaria, os latoeiros realizavam utensílios em latão, entre outros (Figura 74).



Figura 74 - Artesanato. a) Latoaria; b) Trabalhos de palma; c) Olaria.

Hoje em dia ainda poderemos ter o prazer de encontrar alguns espaços onde pessoas locais trabalham estas matérias tal como o faziam antigamente, normalmente em pequenas oficinas ou armazéns em locais mais rurais. Ou que felizmente ainda não derrubaram para construir algo novo. Novo, que apesar de ser novo na grande maioria é descabido da região e sem qualquer preocupação cultural, e é triste ver a banalidade com que a história se desvanece e se descaracteriza.

Hoje em dia muitos novos projectos começam a nascer e a trazer de volta as artes e ofícios tradicionais, partam eles de iniciativas municipais ou paixões individuais. Onde se dá a conhecer o que o país e a região tem de melhor para oferecer, os seus costumes e técnicas quase extintas, como tem vindo a fazer o CIIPC- Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela ou onde se criam peças e se adaptam antigas matérias naturais a novas funções, trazendo de volta saberes esquecidos e objectos que se diziam ultrapassados, de que é exemplo o projecto TASA - Técnicas Ancestrais Soluções Atuais, ou ainda a Casa Cubista, dirigida por Arren Williams e David Pimentel, que a partir da paixão pelo artesanato, pelas cerâmicas, o têxtil e pela modernidade, souberam conjugar muito bem estes ingredientes, surgindo peças interessantes e únicas. Entre outros.

²²⁹ AAVV; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004; p.248.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

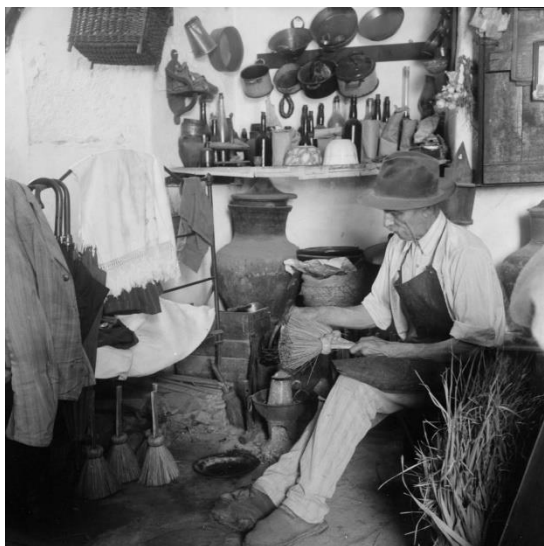


Figura 75 - Série Profissões. Década de 40. Fotos de Artur Pastor.

IV - Influência do Turismo na reabilitação da cidade de Olhão.

O conceito “turismo” face à sua constante evolução é hoje de difícil descrição, pois trata-se de um fenómeno social, cultural e económico. Vários autores o definem de forma diferente, e pode ser visto a partir de diversos pontos de vista, por isso não existindo um consenso que permita dar uma resposta clara sobre o assunto, e socorrendo-se das contribuições de algumas dessas definições, o Professor e Economista João Martins Vieira, conclui que *“turismo é a vivência das emoções proporcionadas pelas características dos recursos existentes fora do local de residência habitual do turista e o conjunto de actividades socioeconómicas indispensáveis para que essa vivência se concretize.”*²³⁰ E que pode ser complementada com a ideia de Boullón (2002, p.37) que prefere caracterizar o turismo como um sistema, como *«uma trama de relações»* ou até a definição de Goeldner, Ritchie e McIntosh, que diz que turismo é a *«soma dos fenómenos e relações que resultam da interacção dos turistas, dos prestadores de serviços, do Governo do país de acolhimento e das comunidades de acolhimento no processo de atrair e acolher estes turistas e outros visitantes»* com três grandes objectivos:

- Maximizar a experiência psicológica dos turistas;
- Maximizar os lucros das empresas prestadoras de bens e serviços aos turistas.
- Maximizar os seus efeitos numa comunidade ou região.²³¹

Também segundo o autor Jorge Mangorrinha, *“O turismo é um dos mais expressivos fenómenos das sociedades pós-industriais, porque é capaz de causar fortes repercussões sobre os ambientes económico, sociocultural e físico, por vezes negativamente, mas também gerador de emprego e riqueza. Aos agentes que operam no território, sobretudo em locais sensíveis como os territórios insulares, cabe controlar os padrões de valor ambiental e cultural, garantindo intervenções respeitadoras de níveis equivalentes ou superiores de qualidade global e valores de sustentabilidade, sobretudo num contexto de «turismo de massas.»*²³²

Dando seguimento à lógica anterior, importa clarificar também o conceito de turista, que segundo a OMT- (Organização Mundial do Turismo), turista é o indivíduo que realiza a viagem turística com pernoite, é aquele que vive as emoções proporcionadas pelo turismo, fora do local da sua residência habitual, no próprio país ou no estrangeiro, usufruindo de infra-estructuras do local visitado, num alojamento privado ou coletivo, sem fixar residência ou renda. Por um período de tempo superior a 24 horas e inferior a um ano, motivados por situações diversas, pessoais ou profissionais, (lazer, descanso, eventos, actividades culturais, arquitectónicas, desportivas, entre outras).

²³⁰ VIEIRA, João Martins; Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspetiva estratégica; Editorial Verbo; Lisboa; São Paulo 2007; p.18.

²³¹ VIEIRA, João Martins; Op. Cit. p.16.

²³² MANGORRINHA, Jorge; Jornal Arquitectos 277; Junho 2007; p.34.

4.1. Turismo no Algarve - Indicadores para o crescente desenvolvimento do turismo na região.

Actualmente o Algarve é sobejamente conhecido, pelo sol, pelas suas excelentes praias, pelo bom clima durante o ano, pela sua arquitectura, pelo ambiente festivo e descontraído, pelas noites de verão agradáveis ao ar livre, pela sua gastronomia, pelas suas características tradicionais, entre muitos outros atributos. Um leque de qualidades que muitas pessoas procuram por uma razão ou por outra, e fazem deste um excelente destino de férias, uma vez que são estes os principais motivos que levam a que seja tão procurado e cada vez mais elegido.

Houve ainda outro grande acontecimento impulsionador do turismo na região e que causou grandes mudanças no sector. Foi a construção do Aeroporto de Faro. Sérgio Palma Brito explica que, *“O compromisso público do Governo em construir o Aeroporto de Faro parece marcar o «antes» e o «depois», no novo turismo do Algarve. / O rudimentar local de aterragem de voos charter evolui para um aeroporto com uma operação que se diversifica e uma área de influência que se alarga. O Aeroporto de Faro continua a ser a base da integração, cada vez mais variada, do Algarve na Bacia Turística Alargada do Mediterrâneo e reforça a sua área de influência, além-Guadiana e a Norte da Região”*.²³³

O período de tempo denominado por pré-turismo de massa começa por volta dos anos 70 impulsionado pela inauguração do Aeroporto de Faro a 11 de Julho de 1965, pelo Presidente da República Américo Tomás, bem como, em simultâneo, também a estrada de acesso, entre a EN125.²³⁴

Actualmente, e acabado de festejar recentemente o seu 52º aniversário, o Aeroporto de Faro, encontra-se em fase final de reabilitação e expansão. Esta intervenção foi extremamente necessária e fundamental, de forma a ser possível responder à contínua gigante afluência de turistas que actualmente o Algarve recebe.

Apesar de tudo, o Algarve sofre com o problema de sazonalidade, pois esta região não é apenas o que os visitantes se habitam a experienciar no verão. Nos restantes meses do ano o cenário é completamente distinto deste conjunto de agradáveis características anteriormente referidas e actividades associadas a esta estação do ano, que no fundo remetem para um sentimento ilusório de quem por cá passa e que é comum aos visitantes que frequentam esta região, apenas nesta época.

Embora o Algarve viva bastante das actividades associadas a esta estação, como a praia e todas as diversões que se agregam, como as esplanadas, os restaurantes, os parques aquáticos, os parques naturais, as festas de verão, festas com músicas na praia ao pôr-do-sol, feiras de artesanato e gastronomia, os arrendamentos de apartamentos e moradias etc.

²³³ BRITO, Sérgio Palma; Território e Turismo no Algarve; Edições Colibri - CIITT: Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo da Universidade do Algarve; Lisboa, Março de 2009; p.99.

²³⁴ CABRITA, Aurélio Nuno; Aeroporto de Faro foi inaugurado há 50 anos - evocar o dia 11 de julho de 1965; Sul informação; 11 de Junho de 2015; <http://www.sulinformacao.pt/2015/07/aeroporto-de-faro-foi-inaugurado-ha-50-anos-evocar-o-dia-11-de-julho-de-1965/> acedido pela ultima vez a 3 de outubro de 2018.

É todo um clima agradável e descontraído, festivo e que proporciona muitos momentos de bem-estar a quem vem desfrutar de umas férias. No entanto após as férias escolares terminarem, a grande maioria dos turistas e visitantes dispersam, verificando-se um decréscimo drástico da população, que por sua vez se traduz num clima desértico e triste, pois todo o ambiente alegre e caloroso do verão desaparece e com ele o divertimento e alegria inerentes a essa estação, mas ainda mais importante e que se reflecte em muitos casos, é o facto de representar o fim do trabalho para muitos portugueses.

Como diz o autor Kurt Kraf, *“Turismo é lazer para quem chega e trabalho para quem recebe”*.²³⁵ Sendo visto do lado positivo e negativo consoante a situação, pois enquanto há turistas e visitantes, há trabalho e embora seja repentino e passageiro, em grande quantidade e num curto espaço de tempo, causando muitas vezes tensões e impaciências, pois o objectivo é atender e/ou receber o maior número de clientes da melhor forma possível, mostrando sempre boa disposição e simpatia - o que por vezes se torna difícil, porque quem vem encontrar-se de férias, podendo demonstrar-se mais tranquilo e compreensivo - porém lamentavelmente muitas vezes não é assim que acontece e a impaciência e sentimento de superioridade predominam, levando por vezes a desentendimentos ou situações constrangedoras indesejadas.

Por outro lado, tenta-se tirar o maior proveito desta época que todos os anos tem os dias contados. Um dos casos mais afectados é sem dúvida o mercado imobiliário e o arrendamento particular de imóveis, visto que se verifica uma enorme massa de chegadas no Algarve logo a partir do final de Junho e há conseqüentemente alguma dificuldade em encaixar todos os pedidos nos imóveis disponíveis, e que inevitavelmente com a chegada do mês de Setembro voltam a ficar vazios.

Este último ponto revela-se todos os anos muito importante e com grande peso na região algarvia. Os autores Sérgio Palma Brito e Manuel Gomes Guerreiro, compreendem-no e defendem que: *“O Alojamento Turístico Classificado tem dificuldades em integrar duas realidades do turismo do Algarve. A mais tradicional é a do alojamento particular da vilegiatura balnear, que exprime “uma iniciativa do povo humilde [...], uma forma criativa e imaginosa de que o povo trabalhador lança mão [...] e que se reflectem no bem-estar, para não dizer na própria sobrevivência da família”, pelo que “O aluguer de quartos ou de partes de casa, nos meses de Verão, inclui-se nesta actividade, que poderá não ser incitada, mas que em caso nenhum deverá ser penalizada”*¹⁰. *Este alojamento integra, a partir de 1962, o investimento em moradias e apartamentos dispersos ou em pequenos blocos.” / O uso sazonal é a utilização que mais cresce e, em 2001, representa 39% do número total de fogos e 74% do número de fogos da residência habitual.”*²³⁶

A questão da sazonalidade é um problema local e um aspecto pertinente no âmbito do turismo e em particular do Algarve, na medida em que são inúmeras as actividades ligadas ao

²³⁵ KRAF, Kurt; 1957; in VIEIRA, João Martins; Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica; Editorial Verbo; Janeiro de 2007; p.237.

²³⁶ BRITO, Sérgio Palma; Território e Turismo no Algarve; Edições Colibri / Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo da Universidade do Algarve; Lisboa, Março de 2009; pp.109-111.

turismo e bem-estar do turista e consequentemente ao verão, muitas são actividades e comércios de pequenas dimensões e independentes ou de carácter familiar, por esse motivo têm mais dificuldade em manter-se em actividade no resto do ano. No entanto, quando o verão termina, há uma descida muito acentuada de actividades ligadas a todos os diversos mercados, sejam eles grandes ou pequenos.

Após a grande azáfama do verão, segue-se um período de escassa ou quase nula procura e necessariamente produtividade no que diz respeito ao mercado imobiliário, mais especificamente os arrendamentos turísticos, comércio, restauração, e em geral dos estabelecimentos abertos ao público, pois muitos deles vivem maioritariamente do turismo. Devido à falta de movimento nos meses posteriores ao verão, o resultado muitas vezes é o encerramento desses espaços que sobrevivem com os lucros realizados na época alta. Lamentavelmente os meses que se seguem são custosos, pois o tempo parece não passar, o trabalho é inexistente e a ocupação acessível é escassa e limitada.

Para atenuar este choque entre épocas do ano, seria desejável a existência pelo menos de metade dos visitantes do verão no resto do ano, de forma a ser possível equilibrar o mercado e manter activos todos os serviços e comércios, um pouco por todo o Algarve, no entanto como esta ideia por enquanto não passa de uma utopia, tem que haver um esforço por parte de todos para que o Algarve seja apelativo nas restantes épocas.

Nos meses de pausa que se seguem, os comerciantes vêm-se obrigados a procurar outras alternativas de trabalho, na maioria das vezes fora da sua área, ou caso não consigam, apenas lhes resta esperar até à próxima época vivendo daquilo que amealharam durante os três meses de verão.

Melhorar a oferta nas rendas mensais, adaptando os valores à questão sazonal, bem como melhoramentos a outros níveis, como por exemplo, mais e melhores espaços verdes, parques e jardins para actividades no exterior, bem como um plano cultural mais apelativo com actividades diversificadas, de forma a estimular e a implementar a cultura na vida das pessoas e dar a conhecer as origens da cidade, como espaços de arte e de lazer, museus que demonstrassem o que há de importante em Olhão, como uma fábrica museu de forma a demonstrar o processo de industrialização das conservas, outro sobre as artes da pesca e poderia ser interessante existir um espaço que fizesse referência ao cão de água, pois trata-se de uma espécie única desta região, workshops, entre outros. A existência destas actividades seria significativo na vida da população em dias livres, seja de repouso, folgas ou tempos livres e também para que a cidade se tornasse mais apelativa e assim contribuía para a melhoria da sua economia. Funcionando durante todo o ano, na esperança de uma melhor qualidade do tempo livre despendido, na relação local - actividade, das pessoas, famílias e crianças, mas de uma forma muito mais regular e activa do que acontece actualmente. Explorando outros mercados e tornando-os apelativos fora dos meses de Verão. Há ainda uma grande “ginástica” a ser feita de forma a melhorar esta questão sazonal.

Como diz o Arquitecto José Manuel Fernandes *“Porque o futuro só vele a pena se o turismo, as praias e a alegria das noites serenas conviverem com o bom ambiente natural e,*

evidentemente, com a cultura."²³⁷ Por motivos sazonais e climatéricos, havendo a interrupção da praia e respectivas actividades associadas, quase não existem actividades que convidem as pessoas e as famílias a deslocarem-se para usufruir de determinado espaço, actividade, local ou a participarem em eventos extracurriculares e extralaborais, pois são praticamente inexistentes. Manifestando-se uma enorme carência de actividades de fim-de-semana e tempos livres.

No entanto apesar de existirem esporadicamente algumas actividades, criadas pelos municípios, muitas vezes em parceria com as escolas e bibliotecas, e mesmo assim não haver aderência, deve-se em parte á mentalidade local, pouco aberta e desinteressada, referindo sempre alguma desculpa para não participar ou visitar. Contudo esta situação pode ser melhorada, estimulada e trabalhada para que gradualmente a sociedade seja mais interessada e conseqüentemente mais culta e entusiasta.

No início de Novembro de 2017, foi divulgado o Euro barómetro - Inquérito levado a cabo entre 23 de Setembro e 02 de Outubro de 2017, tendo realizado em Portugal 1.062 entrevistas - onde foram divulgados os dados recolhidos relativamente ao interesse e importância do património cultural.

Dos vários resultados apresentados pelos dados das estatísticas, salientamos o ponto 3- correspondente à participação em actividades culturais e barreiras, em que é notório a fraca percentagem face á média europeia. Nos últimos doze meses, 45% dos portugueses visitaram, pelo menos uma vez um monumento ao local histórico, enquanto que apenas 27% visitou um museu ou galeria. Como se pode ver na informação mostrada pelos gráficos 1 e 2²³⁸.

Seguidamente podemos verificar os dados que apontam para a principal razão para a não participação em actividades culturais, onde a falta de interesse lidera com 45%, seguindo-se a questão económica com 35%, a falta de tempo com 29% e por último a falta de informação com 28%.

Está comprovado que o envolvimento dos portugueses em actividades culturais é fraca, e, portanto, que o interesse é muito escasso, mesmo quando se comprova a existência de eventos e actividades. Parece-nos que há um maior interesse pela informação fácil ou por actividades que envolvam cariz intelectual menor.

No entanto no Algarve a oferta cultural é significativamente menor que Lisboa por exemplo, e se nos concentrarmos nos meses exteriores aos das férias (Julho e Agosto) a oferta reduz significativamente.

Considera-se lamentável que os centros comerciais e cafés sejam opções escolhidas nos restantes meses no Algarve, e que estão cada vez em maior número. Apesar de tudo, os centros comerciais estão cada vez mais evoluídos e preparados com oferta de uma panóplia de espaços diversificados de forma a serem mais atractivos, com inúmeras lojas, bem como áreas de restauração bastante diversificadas, espaços de lazer para as crianças, espaços de cinemas e

²³⁷ FERNANDES, José Manuel; Arquitectura no Algarve - dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; José Manuel Fernandes e Ana Janeiro; Edição CCDD Algarve; Algarve, Dezembro 2005; p.5.

²³⁸ Anexo 9

supermercados monstruosos. Em muitos casos houve uma aposta nas áreas exteriores estrategicamente organizadas e em óptima fusão com os espaços cobertos ou interiores, caso do Fórum Algarve em Faro. Com espaços versáteis capazes de acolher diversas actividades, porque durante todo o ano existem variados eventos de acordo com as épocas festivas e que é de seu interesse atrair o máximo de utilizadores, clientes, visitantes e/ou participantes. O seu espaço exterior acolhe anualmente, concertos no verão, bem como pista de patinagem no gelo na época natalícia, exposições temporárias de pinturas, fotografias ou trabalhos escolares, bem como desportos ao ar livre, ou outros eventos.



Figura 76 - Fórum Algarve, diversas actividades no recinto exterior.

Apesar dos centros comerciais já oferecerem espaços confortáveis e ambientes agradáveis com imensa diversidade, não se comparam com os comércios tradicionais que existiam nos centros históricos das cidades até porque estas grandes superfícies acabaram por destruir a maioria dos típicos comércios locais e que proporcionavam um ambiente mais agradável e tradicional, mais aleatório e livre que estes novos espaços, independentemente da oferta nos centros comerciais ser maior, mais diversificada e concentrada. Há também uma intensão propositada de conduzir o visitante até determinado espaço ou loja, por esse motivo se acredita que o facto de se conjugar lazer, com restauração e cultura se trata de uma boa estratégia.

No entanto e apesar de todos os esforços, estes não são locais de preferência turística e muito menos dos estrangeiros, que sendo a maioria turística nos restantes meses do ano, dão muito mais valor aos passeios ao ar livre, a pé ou de bicicleta, na cidade ou no campo, preferindo aproveitar estar no exterior, próximo da ria ou do mar, usufruindo dos campos de golfe, etc. Compreende-se, por serem claramente mais saudáveis, contudo de carácter menos consumista, o que não interessa a muitas entidades. Ainda assim as cidades em geral carecem de outros locais para lazer, especialmente de espaços exteriores verdes e amplos, preparados com infraestruturas adequadas às actividades para crianças e adultos. Pois considera-se que *“Turismo é a soma dos fenómenos e das relações que resultam da integração entre turistas, empresas, Governos e populações locais, no processo de atrair e acolher estes turistas e outros visitantes.”*²³⁹

²³⁹ R. W. McIntosh, C.R. Goeldner; *Tourism: Principles, Practices, Philosophies*; in WILEY, John; 1984; p.4. in GRASELLI, Pierluigi; *Economia e Política del turismo*; Franco Angeli; Milão, 1995, p.25 in VIEIRA; João Martins; *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica*; Editorial Verbo; Jan. 2007; p.238.

Tendo em conta o valor dos espaços verdes, a sua importância nas cidades e a falta que fazem um pouco por todo o território Algarvio, seria agradável ver mais interesse e preocupação com determinadas áreas esquecidas e existentes na cidade de Olhão. Seria essencial que fossem criados mais espaços de lazer e ambientes seguros, por parte das entidades responsáveis, que na maioria dos casos é a Câmara Municipal. Apesar de se compreender a quantidade de pontos a intervir, tem demonstrando um desinteresse ou descuido com a parte da cidade envolvente aos Mercados Municipais e frente ribeirinha. Entende-se que esta seja a zona da cidade, onde há neste momento maior afluência e mais visitas, no entanto não nos podemos esquecer de melhorar as cidades também para quem nelas vive desde sempre e não apenas para quem vem de passagem ou acaba de chegar.

Áreas contínuas reservadas a velocípedes, devidamente preparadas e identificadas, campos destinados a desportos diversos, deixando de privilegiar apenas o futebol, passando a diversificar espaços para, volley, basquete, ténis, espaços onde fosse possível desenvolver actividades ao ar livre como por exemplo, patins, skates, saltar á corda, até passear animais de estimação, entre outras, fazem falta um pouco por toda a parte, e desta forma seria possível para crianças e adultos disfrutarem com mais regularidade dos espaços exteriores e de actividades físicas de forma mais saudável.

Não só os habitantes permanentes como também os visitantes e turistas que escolhem o Algarve e neste caso a cidade de Olhão como destino, apontam a mesma lacuna e consideram que tanto as áreas verdes como a organização da rede de ciclovias não correspondem às expectativas e não acompanham os benefícios da região.

Desta forma, considera-se que é mais uma razão para os municípios reconsiderarem as suas apostas. O facto destes novos habitantes virem de fora também influência as vivências actuais e acredita-se ser importante, na medida em que se pode aprender algo de novo com essa ocorrência.

É certo que uma parte não funciona sem a outra, pois se não houvesse turistas, também não haveria a oferta que existe hoje em dia, e cada vez há mais procura, por isso torna-se natural existir cada vez mais oferta, diversificada e a evoluir a passos largos todos os anos, como é o actual caso. É como uma bola de neve! Seja na gastronomia, no lazer e cultura, intervenções e melhoramentos nas zonas histórica, bem como o sector hoteleiro e o imobiliário que tem ganho cada vez maior destaque e que têm apostado muito na inovação.

Não nos surpreende que recentemente o Algarve tenha ganho cada vez mais prémios de turismo, pois congratulam pela qualidade, rigor, inovação e excelência. E é notório que tem sido feito um grande esforço por parte das entidades particulares e empresariais de forma a melhorar os seus espaços e produtos, para aperfeiçoar a sua oferta de forma a agradar e a convidar cada vez mais consumidores e futuros compradores.

Pois, novamente se constata que o que move esta região é sem dúvida o turismo.

Também o sector hoteleiro está a ganhar grandes proporções, no que diz respeito aos grandes grupos de luxuosos hotéis, recentes estudos apontam para melhorias.²⁴⁰

Por outro lado, o que diz respeito a turismo rurais e alojamentos locais, bem como a outras formas de hospedar, apareceram novos conceitos em Portugal que não se viam antes.

Como por exemplo, a troca de habitação para férias - esta consiste na troca de casa entre duas famílias em que cada uma irá usufruir da habitação e envolvente local do destino escolhido onde se localiza a casa da família trocada, tem a vantagem de proporcionar umas férias diferentes á outra família, sem terem o habitual custo de alojamento, apenas têm que se adaptar á habitação da família com quem trocam. Tanto esta modalidade como outra em que um anfitrião aluga o seu sofá em sua casa por uma pequena estadia, são conceitos diferentes e inovadores, trazidos por pessoas que vieram de fora, possivelmente para cá viver e naturalmente com uma mentalidade mais aberta e com novas ideias.

A vinda de turistas em muito tem ajudado a economia nacional, e em especial a Algarvia, sendo deveras ajudada pelas publicidades realizadas através de todos os meios de comunicação, pelas redes sociais, pelo Turismo de Portugal, pelas apreciações passadas de boca em boca, e fortemente por alterações a nível político, uma vez que países europeus, como é o caso da França e da Itália beneficiam de leis que facilitam a vinda de estrangeiros para Portugal, novos habitantes que ficam isentos de pagamento de impostos no país de origem e no país de acolhimento durante 10 anos, neste caso de Portugal.

Medidas que apesar de facilitarem e fazerem com que os países envolvidos melhorem a sua condição económica, por outro lado causa revoltas e descontentamentos na população local.

A jornalista Joana Madeira Pereira esteve em Olhão à conversa com diferentes personalidades que muito disseram sobre a actual situação, entre vários assuntos destaca-se o da isenção do referido Imposto: *“(…) esta acalmia é, agora, aparente, dado o frenesim de estrangeiros que entra e sai das agências imobiliárias olhanenses. Muitos reformados e profissionais de valor acrescentado (como artistas plásticos, arquitectos ou profissionais liberais) estrangeiros têm chegado à conta do regime fiscal dos residentes não habituais, que permite isenção no IRS. (…)”*²⁴¹

O próprio Presidente de Olhão António Pina referiu em entrevista à SIC Notícias que existe um plano de incentivo à reabilitação nos dois bairros históricos, denominados de Barreta e Sete Cotovelos ou Levante, para tal há uma redução do IVA de 23% para 6%, bem como os novos habitantes estão isentos de IMT na 1ª. Transacção e na 2ª. Se for para reabilitação para venda, e ainda têm isenção de IMI durante um período de 3 a 5 anos.²⁴²

²⁴⁰ FERNANDES, Filipe; *O regresso do Algarve ao boom do turismo; ECO.PT; Swipe News, SA; 09 de Agosto de 2017; noticia disponível em https://www.sapo.pt/noticias/economia/o-regresso-do-algarve-ao-boom-do-turismo_59889f4fceb9081a5f64a05a consultado pela última vez em 27 de Setembro de 2018.*

²⁴¹ PEREIRA, Joana Madeira; Entrevista: Em Olhão, as casas já valem o dobro; *Jornal Expresso - Economia; 27 de maio de 2017; p.22-23.*

²⁴² SIC Notícias; Semanário O meu Bairro; Bairro da Barreta em Olhão - Entrevista a locais, Arquitectos e presidente da Câmara Municipal de Olhão Antonio Pina; <https://www.youtube.com/watch?v=8Bszvf00VqY> acedido pela ultima vez em 4 de outubro de 2018.

Apesar de tudo, no Algarve e na cidade de Olhão houve um “*Boom*” de chegadas, e o balanço realizado até então é positivo, porque apesar de haver muito mais movimento, a cidade tem melhorado muito, inúmeros edifícios históricos e tradicionais tem sido restaurados, os comércios passaram a ter mais clientela, a zona ribeirinha floresceu e deixou de ser um local de passagem para ser um ponto de encontro de todo o tipo de habitantes, todos os dias e a qualquer hora. Entre muitas outras melhorias.

“O turismo tornou-se o principal motor económico da região, estimulando outras actividades como, por exemplo, construção e imobiliária, que foram essenciais para o processo de desenvolvimento em termos de emprego, de criação de riqueza, qualificação, competências e qualidade de vida. Por sua vez, o foco nestas actividades condicionou a inovação e a diversificação da economia regional.” ²⁴³

Apesar de tudo girar em torno do turismo e do alojamento de turistas, o facto de nos visitarem, faz com que seja feito um esforço por parte dos portugueses em geral para que sejam criados cada vez mais eventos, existe mais empenho no melhoramento dos espaços públicos e no património arquitectónico.

São elaboradas e desenvolvidas novas ideias empreendedoras, novos espaços de lazer e programas culturais que abrangem todas as idades, bem como actividades e espaços para toda a família.

Não menos importantes são os emigrantes, que tiveram a coragem de sair do país para mudar as suas vidas e refazê-las lá fora, na esperança de melhora-las e beneficiar de condições de saúde e empregabilidade preferíveis. Melhorando o seu poder de compra e consequentemente contribuem activamente na ascensão económica do seu país de origem. Pois voltam naturalmente movidos pela força da saudade, das famílias, da gastronomia, do clima e da agradável vida que o Algarve proporciona a quem tem possibilidades económicas mais elevadas. Seja para usufruir de férias ou em muitos casos para desfrutar a reforma.

Hoje em dia Portugal está na boca do mundo, não só pelo sol e pelas suas praias, mas em grande parte pela excelente gastronomia, qualidade de vida, pelo acolhimento do povo português e por tudo o que já foi anteriormente referido.

²⁴³ FERNANDES, Filipe; O regresso do Algarve ao boom do turismo; ECO.PT; Swipe News, SA; 09 de Agosto de 2017; disponível em https://www.sapo.pt/noticias/economia/o-regresso-do-algarve-ao-boom-do-turismo_59889f4fceb9081a5f64a05a, consultado pela última vez em 27 de Setembro de 2018.

4.2. Imagem publicitária que vendia o Turismo no Algarve



Figura 77 - Cenas da vida Rural. Algarve, Tavira. Décadas de 50/70, Artur Pastor.

O Algarve sempre beneficiou de uma agradável imagem que em tempos o representava - exemplo disso é a amendoeira em flor, como captou Artur Pastor na Figura 77 em cima - mantendo-se ainda, mas em proporções muito menores, resultado da evolução natural dos tempos, bem como da evolução tecnológica e da fotografia digital.

Lamentavelmente, muito se perdeu, não só a materialização dos postais enquanto “*souvenir*” como a beleza e euforia que estava presente no acto de enviar e/ou receber um postal a/de um familiar ou amigo, frequentemente enviado para mostrar o local onde haviam passado férias. Actualmente ainda existem, mas são escassas as pessoas que apreciam esse pequeno prazer e que o põem em prática.

Eram postais representativos da região com o que havia de mais característico, onde não podiam faltar as emblemáticas amendoeiras em flor, o azul do céu e do mar, a praia, assim como o sol radiante, o branco do casario algarvio ou o toque cubista das açoteias de Olhão, as chaminés brancas e rendilhadas, e por vezes o burro e a carroça faziam parte da composição ilustrativa do turismo do Algarve, existente nos cartazes promocionais dos anos 60. Para além dos postais, ou das ilustrações os painéis publicitários eram outra forma de mostrar o que podia ser encontrado nesta região, com cores garridas, e à semelhança dos postais fazendo referência às casas, ao sol e á praia, existiam um pouco por toda a parte. Alguns até ganharam carácter simbólico da região, como é o caso dos painéis de azulejos da Schweppes, produzido pelo Atelier Aleluia em Aveiro e comum nas ruas do Algarve nos anos 60. Existiam duas versões parecidas, uma com uma chaminé abraçada por flores de amendoeira e a outro decorado com rochas na praia, estes painéis representavam um dos mais bonitos cartões-de-visita do Algarve.

Segue-se um conjunto de imagens, onde se pode ver o exemplo de um postal algarvio (60-70) e verificar a existência de vários destes painéis espalhados pela região, um na fachada de uma casa á saída de Faro, outro em Boliqueime, seguindo-se um numa casa em São Brás de Alportel e outro em Olhão, presente no muro da fachada do edifício da recreativa, na Avenida da República, uma compilação de imagens de carácter publicitário da época.



Figura 78 - Conjunto de figuras promotoras do turismo no Algarve.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Figura 79 - Compilação de ilustrações de carácter publicitário dos anos 50-70.

4.3. Diferentes tipos de turismo a Barlavento e Sotavento.

O turismo fora do mês de Agosto, combina harmoniosamente com as actividades locais que a região oferece, criando uma forma descontraída de conviver e aproveitando o que a região tem ao dispor. Há um toque de emoção e podemos dizer que até de romantismo nas coisas simples, um pequeno-almoço ou jantar ao fim do dia sobre uma alfarrobeira ou quando se desfruta dos curtos passeios em pequenos barco pela ria, onde os visitantes são recompensados com excelentes praias para banhos, caminhadas e onde também podem mariscar, com águas mornas e em geral pouco movimentadas, muitas destas praias são até desertas e proporcionam momentos muito agradáveis e únicos de sossego e paz.

Entre inúmeras diferenças que podem ser referidas sobre os dois lados do Algarve, podemos mencionar a tranquilidade de umas férias a Sotavento, sem a enorme quantidade de turistas, bares nocturnos formatados para turistas, imensa confusão e ruídos, como existe a Barlavento, onde se destaca Albufeira por exemplo. Pelo contrário, é frequente encontrar lugares com charme local e encanto, entre ruas típicas de pedras tradicionais com tasquinhas que dispõem de produtos regionais e espaços tranquilos e seguros para as crianças, como é o caso de Cacela Velha, Sta. Rita, Santa Luzia ou Castro Marim.

É de salientar que até o tipo de turista que procura este lado do Algarve é diferente, são maioritariamente, Franceses, Italianos, Suecos, Espanhóis, e também alguns Ingleses. Pessoas que procuram a tranquilidade e o que é realmente genuíno e tradicional no país e da região, procuram a antiga arquitectura e o que ela faz sentir, gostam de visitar e conhecer os costumes, hábitos e tradições, de falar com os portugueses e até tentam aprender a língua portuguesa, também apreciam e têm interesse pela gastronomia portuguesa, fazem os possíveis para tirar o maior proveito da região e o que ela tem para lhes oferecer.

Procuram cada vez mais as típicas casas pequenas no interior algarvio, se possível com um tanque á antiga ou uma piscina, com espaços naturais ao ar livre de forma a desfrutarem do campo e da sua tranquilidade, uma vez que muitos desejam fugir à rotina, à confusão e agitação do dia-a-dia, sejam estrangeiros ou portugueses.

Mas a grande maioria prefere estar junto á praia, no entanto, quanto mais próximo do Mar, menos tradicionalismo se encontra, e mais frequente são os aldeamentos ou casas em banda, especialmente concebidas para arrendamento turístico - exemplo da Manta Rota, Altura e Monte Gordo. No entanto não deixa de haver excepções como por exemplo, Cacela Velha.

Fora da época alta, são maioritariamente visitantes que vem pela primeira vez ou se já vieram conhecer o Algarve anteriormente e gostaram, voltam para se instalarem, sendo que muitos são já reformados e procuram até ao mais ínfimo cantinho recôndito um pequeno terreno ou uma pequena casinha típica para se acomodarem.

Os mais activos e que preferem ocupar-se, a estar constantemente de férias, encontram ainda energia para grandes aventuras e muito trabalho.

Dotados de uma grande iniciativa, interesse, perspicácia e de um enorme bom gosto pelas tradições do país, agarram o seu projecto particular assiduamente, seja uma casa rural - antigo

“*monte*” algarvio ou uma casa urbana tradicional, onde por vezes existe muito para renovar e decorar. Sem hesitarem fazem-no á semelhança daquilo que caracteriza o antigamente, tentando manter o mais genuíno possível e que tanto apreciam, dando grande valor aos materiais e objectos típicos da região. Fazem questão de os distinguir e valorizar, colocando-os em evidência, por vezes materiais naturais e rudimentares, ou por outro lado através de objectos icónicos e históricos. Utilizando frequentemente o ladrilho de Sta. Catarina, os mosaicos hidráulicos, as pedras, os soalhos de madeiras, as escaiolas, os caniçados, as vergas e folhas de palma, as louças, azulejos e latões antigos, como também mobiliário recuperado.



Figura 80 - Preservação de materiais antigos.



Figura 81 - Espaços antigos recuperados e reutilização de mobiliários.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

No seu envolvente focam-se nas vegetações sóbrias e tradicionais, carregadas de valor, e recriam recantos tranquilos, espaços exteriores como antigos pátios e muretes caiados de branco que dão um ar fresco e leve a estes locais.

Existem exemplos em que conjugam a sua própria habitação com turismo rural e fazem-no à margem destas características, pois é tudo aquilo que gostam e o que procuravam.

Em baixo apresentam-se três exemplos.

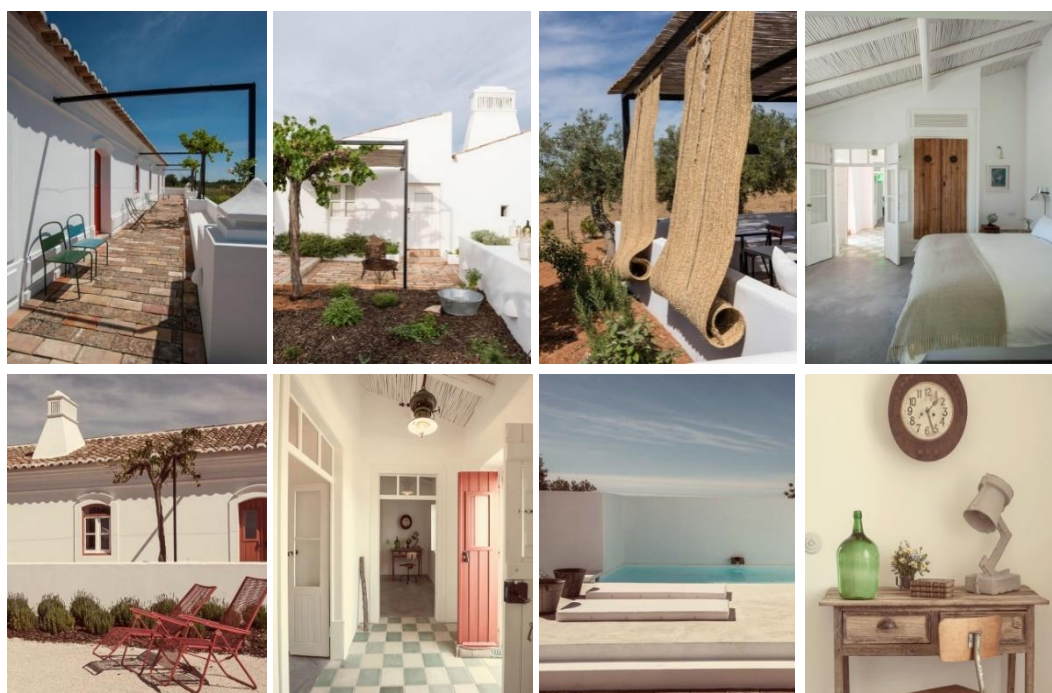


Figura 82 - Pensão agrícola - Turismo Rural - Conceição de Tavira.



Figura 83 - Farmhouse of the palm - Habitação e Turismo Rural - São Brás de Alportel.

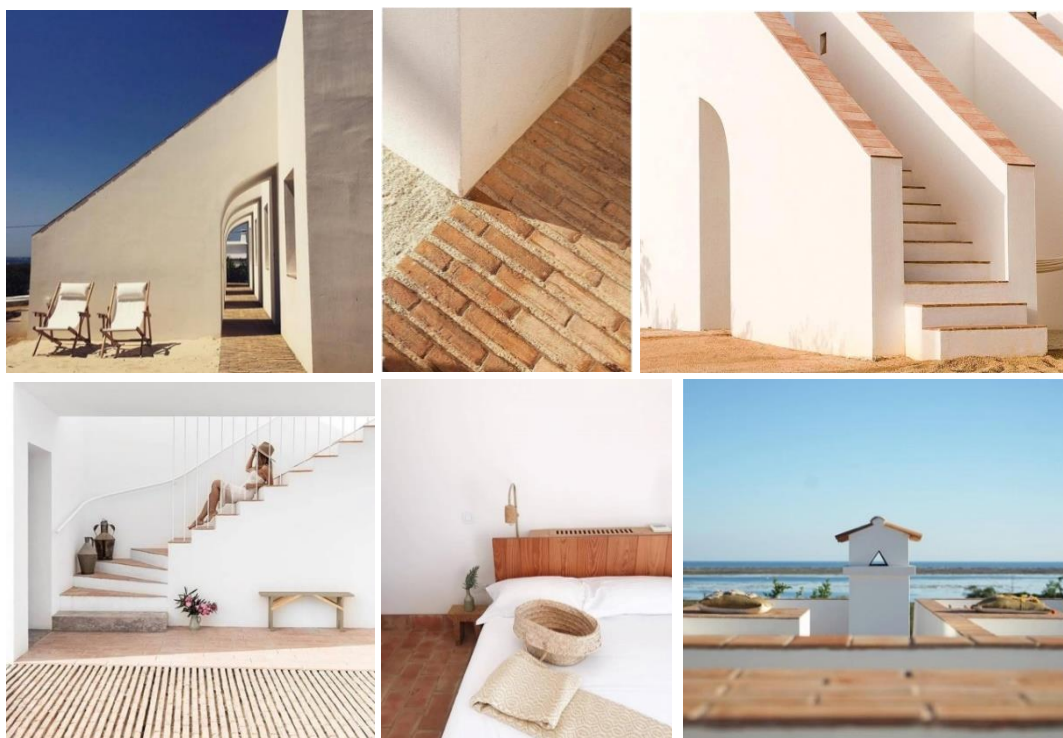


Figura 84 - Casa Modesta - Turismo Rural - Quatrim do Sul - Olhão.

Por outro lado, e voltando a Barlavento, compreende-se que este lado é mais procurado especialmente por ingleses que vêm em busca não só do Sol, das praias e do calor, mas também das festas, dos bares, das bebidas que consideram económicas, de todo um clima festivo e louco maioritariamente nocturno, muitas vezes causando estragos por onde passam. Não apreciando da mesma forma a comida local, e satisfazendo-se com os pratos que estão habituados, confeccionados para turista e a preços muitas vezes mais elevados que o normal, tendo em conta a relação qualidade-preço.

Muitas pessoas vão para investir e para negociar. Sendo este um local de grandes luxos. Outros são turistas que apreciam os luxos de Vilamoura, Quinta do Lago, Vale do Lobo, Portimão, e que tem habitação própria ou arrendam casas ostentosas. Aqui também é frequente a existência de aldeamentos criados precisamente para este fim e que na grande maioria são isentas de qualquer cuidado arquitectónico tradicional. Bem como todo o envolvente rigorosamente cuidado e ajardinado, as habitações e a organização urbanística destas cidades são também pensadas para agradar aos turistas. O autor Miguel Sousa Tavares refere que *“Durante anos, desde que, nos finais dos anos sessenta, Albufeira, primeiro, e depois toda a costa leste se transformaram, num abrir e fechar de olhos, numa imensa estância com hotéis de cinco estrelas, discotecas gigantescas e aldeamentos de luxo para turistas ingleses e adolescentes que haviam descoberto a pílula, eu tinha desistido do Algarve ...”*²⁴⁴

²⁴⁴ TAVARES, Miguel Sousa; em Sabores da Cozinha Algarvia de José Vila; Editora Clube do Autor, S.A.; 2010, Lisboa; p.16.

Estes locais que Miguel Sousa Tavares descreve, em época alta (Julho e Agosto) ficam superlotados de turistas, todos os espaços tem movimento, os restaurantes por vezes vêm-se obrigados a dispensar clientes por terem salas cheias hora após hora. Os comércios funcionam de tal forma bem que compensam os meses de quebra. No entanto a azáfama é tanta que se torna um desafio combinar um horário, entrar no carro e chegar ao destino à hora combinada.

Após terminarem as férias escolares, a quebra é repentina e sente-se uma certa estranheza nos hábitos do dia-a-dia, aos poucos as tarefas mais simples vão sendo possíveis de realizar sem grande tensão e demora. E por muitos meses vive-se num Algarve fluido e calmo, comparativamente àqueles meses referidos anteriormente. Assim como as habitações que receberam todos estes visitantes, daqui para a frente permanecem fechadas, na esperança de que a próxima época recomece brevemente, mas em pouco tempo estas habitações fechadas degradam-se, tendo em conta que o clima húmido também influencia e acelera o processo.

Ao contrário do tipo de turista de Sotavento, que vem contribuir para o melhoramento das cidades enquanto cidades tradicionais portuguesas, o de Barlavento contribui para uma globalização e uniformização das cidades enquanto cidades modernas e que dispõem de características iguais ou semelhantes das que existem nas suas cidades de origem. Este tipo de turista contribui efectivamente para o crescimento económico, mas apenas vem de passagem para disfrutar destas regalias, e na grande maioria são de faixa etária jovem.

Não há dúvida que o Algarve vive do turismo e seja o turista estrangeiro, habitante ou emigrante, todos têm um grau de importância diferente para o desenvolvimento económico e cultural do Algarve e consecutivamente do país. Em geral vem sobretudo do norte da Europa (Inglaterra, Alemanha, Holanda, França, Suíça, Bélgica...). Para além destes últimos, nos meses de verão verifica-se também a chegada de muitos Portugueses de todo o país, especialmente de Lisboa.

Ainda a Sotavento, as praias encontram-se próximas umas das outras e cada uma delas tem características muito particulares que convidam a visitá-las, oferecendo assim umas férias diversificadas. Em 50 quilómetros encontram-se praias com uma frequência de 2 a 3 quilómetros. Algumas menos conhecidas e necessariamente mais naturais, portanto possivelmente sem vigilância, mas a qualidade da água é garantidamente limpa e convidativa.

É importante referir que o continente está separado da costa litoral pela Ria Formosa, para compreender que neste local se encontram formandas as “ilhas praia”. Isto significa que, para alcançar algumas destas praias, é necessário fazer uma curta viagem de barco a partir da cidade ou vila que lhe pertença, mas que vale muito a pena por ser diferente, tranquilo, único e belo.

Nem todas as praias são separadas pela Ria Formosa, no entanto as que são, carecem de uma curta e agradável travessia de barco como o da Figura 85 retrata, no entanto para se poder visitar as ilhas que se localizam frontalmente entre Olhão e Faro (Armona, Culatra e Farol) é necessário programar-se e respeitar horários, pois estas são viagens mais longas que as referidas anteriormente, como é o exemplo da ilha do Farol que se encontra mais afastada de

Olhão mas que valem a pena cada minuto de passeio, pela viagem relaxante e pela vista onde se pode contemplar de mais próximo a Ria Formosa as suas vivências da fauna e flora.



Figura 85 - Travessia em barco da carreira - Olhão.

V - A história da cidade de Olhão



Figura 86- Edifício pertencente á sede da estação de comboios, património de Olhão.

A história da cidade de Olhão remonta a antigos traços arqueológicos presentes nesta zona do Algarve, que comprovam a presença de outros povos. Os mais antigos, vestígios da presença humana neste território, datam do período do neolítico, na zona de Moncarapacho, mais precisamente no Cerro da Cabeça, onde foram encontrados machados de pedra. Ainda em Moncarapacho, foram encontrados objectos do período Calcolítico e mais tarde objectos cerâmicos da Idade do Bronze Final, II milénios A.C.²⁴⁵ E onde a Arqueóloga Cristina Garcia nos diz que “o local apresenta condições naturais que permitiram o estabelecimento sazonal de marítimos nas épocas romana e medieval, à semelhança de outros areais da costa algarvia, como Manta Rota [...] e Monte Gordo [...].”²⁴⁶

O Império Romano ocupou esta zona onde inevitavelmente foram deixados diversos vestígios importantes para a compreensão da história. Existem traços arqueológicos que foram encontrados e que comprovam a presença humana nesta zona do Algarve pertencentes a uma época desconhecida, tal como refere o autor Antero Nobre: “É realmente possível que no sitio da magnifica olham tivesse existido um povoado em tempos bastante recuados, nos do domínio muçulmano ou mesmo em outros muito anteriores, e isto não só pela existência, ali, dos

²⁴⁵ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

²⁴⁶ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul, Sol e Sal, Lda; Novembro 2015, Olhão; p.14.

vestígios de salgas púnicas. (ver figura 87) Por outro lado, ainda que não haja certeza absoluta, o autor Antero Nobre refere a passagem e influências de outros povos, pondo a hipótese: “ (...) e se a passagem dos gregos pela nossa Ilha da Harmona (que assim teria sido a *Herma* de que fala Avieno na sua *Ora Marítima*) tem de ser considerada ainda também como uma mera hipótese sem confirmação documental suficiente, a demora dos fenícios ou dos cartagineses pode documentar-se já suficientemente pelos restos de instalações de salgas de peixe, com características púnicas, que foram encontradas durante as escavações para construção da primeira fase da actual doca de pesca de Olhão e Alberto Iria, há alguns anos, estudou, classificou e divulgou, e ainda porque a cidade de *Exubana*, por eles fundada e mais tarde chamada *Ossónoba*, ficava ali a dois passos. Dos romanos também não pode de forma alguma haver dúvidas de que ali viveram séculos. Uma via *pública*, de que restam não poucos vestígios, atravessava toda a região, no sentido Leste- Oeste, ligando a cidade de *Ossónoba* (talvez no sítio da actual Faro, ou em Estói, como querem outros) e a cidade de *Balsa* (na Freguesia da Luz de Tavira), (...).”²⁴⁷



Figura 87 - Antigos tanques de salga existentes no Parque Natural da Ria Formosa.

Na Quinta de Marim foram deixados diversos vestígios da ocupação Romana, como estes tanques de salga destinados à Conserva de peixe que datam do século I d.C.. Para além de conservar o peixe, serviam também para a produção de *garum*, que consiste numa pasta obtida por maceração e fermentação de vísceras de peixe e moluscos, a que se adicionavam ervas aromáticas, finalmente tratava-se de um molho de peixe. Este produto tinha diversas aplicações na culinária da Roma Antiga e era igualmente exportado para diversos pontos do Império Romano.²⁴⁸ Ainda no Parque Natural da Ria Formosa, junto a estes tanques de salga

²⁴⁷ NOBRE, Antero; “História Breve da Vila de Olhão da Restauração”, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão, 2008; p.4.

²⁴⁸ Informações presentes no painel informativo do Parque Natural da Ria Formosa.

existiram posteriormente armazéns e alojamentos de trabalhadores, sendo ainda possíveis de observar aqui alguns vestígios.²⁴⁹

Existiu aqui uma das primeiras vilas romanas mais importantes do século II ao IV, que focava o seu trabalho na agricultura e na pesca, ainda que a agricultura fosse relativamente pobre em cereais e rica em frutos que posteriormente eram exportados.²⁵⁰ Este povo encarregou-se de introduzir as técnicas de salga de peixe e estabeleceu a primeira indústria de pesca, que depois exportava os produtos pelo império até à queda do mesmo.²⁵¹

Após a queda do Império Romano, a pequena vila piscatória no Sítio de Marim foi abandonada, onde viria a ser posteriormente invadida pelos seus sucessores, o Reino dos Visigodos, que se instalou na península ibérica durante a época das invasões germânicas, que por sua vez se responsabilizou por manter a vila como um dos locais mais importantes para a pesca.²⁵² Na tentativa de compreender quais os povos que habitaram em Olhão, bem como a sua ordem de ocupação e quais as influências que deixaram, o autor Antero Nobre refere que “A seguir, igualmente parece não haver dúvidas de que por ali estiveram os chamados bárbaros, que em dada altura alastraram até aos confins do Império Romano; primeiro talvez os vândalos e os suevos, por último e com maior certeza os visigodos, estes de que há vestígios inequívocos pelo menos em Moncarapacho e em Marim.”²⁵³

Antero Nobre refere ainda que outros povos deixaram outras influências, como usos, costumes, influências na agricultura e nas artes da pesca e também muito importantes, na escrita e fonética algarvia, bem como nas lendas da cidade de Olhão. O mesmo autor acrescenta ainda que “Só depois dos visigodos é que vieram os moiros. Apareceram, porém, para um domínio de cinco séculos, de que poucos monumentos restam, é certo, mas que exerceu profundíssima influência, como aliás em todo o Algarve, deixando não poucas reminiscências na toponímia (veja-se o que adiante se diz sobre o próprio topónimo Olhão...), nas lendas (uma das mais belas lendas de moiras encantadas de toda a terra algarvia é sem dúvida a de Marim, que já inspirou poetas, músicos e dramaturgos) e também nos usos e costumes, nas práticas agrícolas e mesmo nas marítimas, na linguagem do povo e até no corpo e na alma das gentes. Por isso não podendo admirar que desse domínio ali hoje se guarde memória mais viva do que do domínio de qualquer dos outros povos que anteriormente viveram e floresceram na região.”

²⁵⁴

A ocupação Árabe no Algarve começou no século VII e estendeu-se até o século XII, deixando um legado importantíssimo no Algarve inteiro e uma herança não só cultural, mas também arquitectónica, económica, toponímica e social. Ainda assim, embora Olhão seja

²⁴⁹ Informações presentes nos painéis informativos referentes aos tanques de salga presentes no Parque Natural da Ria Formosa.

²⁵⁰ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

²⁵¹ APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão. - http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.html;

²⁵² APOS; Op. Cit.

²⁵³ NOBRE, Antero; “História Breve da Vila de Olhão da Restauração”, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão, 2008; p.5.

²⁵⁴ NOBRE, Antero; Op. Cit.

considerada uma terra mouriscas, desconhece-se qualquer construção árabe.²⁵⁵ A Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão refere que “Esta é uma das singularidades históricas de Olhão: é a única terra com características mouriscas construída por europeus, sem qualquer herança histórica mourisca!”²⁵⁶

Desta presença muçulmana, o Algarve herda em primeiro lugar o nome, “*Al Garb*” que se traduz por “do ocidente”. Para além do nome da região existem ainda varias povoações que também herdaram os nomes Árabes, mas é na arquitetura das casas que encontramos as características mais importantes deixadas pela passagem dos mouros no Sul de Portugal.

A forma cubica, as açoteias e mirantes, os telhados de tesoura, as decorações e o rendilhado das chaminés e a predominância da cor branca.²⁵⁷ Por exemplo, os engenhos de água usados nos poços, ou “olhos de água”, como as noras - (foram introduzidas pelos árabes, geralmente caiadas de branco e com uma roda grande que move a corda onde estão presos alcatruzes, baldes de transporte de água. Geralmente eram accionados por animais, como burros ou mulas com os olhos vendados para se deslocar num movimento circular entorno ao poço). As cegonhas ou os açudes, técnicas de pesca e artes da pesca transmitidas ao longo das gerações, tal como as lendas de mouros e mouras encantadas²⁵⁸ que os populares foram transmitindo uns aos outros ao longo dos tempos, são estas e muitas outras, as provas da passagem dos árabes pelo Algarve.²⁵⁹

O sítio de Marim continuaria a ser um dos povoamentos mais importantes da região após a expulsão dos árabes no século XIII. A importância destes acontecimentos poderá estar associada à própria origem de Olhão, pois no início do século XVII, a proximidade com a barra e a existência de água abundante para consumo do povo, foram factores decisivos para que as pessoas,²⁶⁰ se fossem fixar neste local que viria a chamar-se de Olhão. Na praia, num sítio rodeado de vinhedos e figueirais, existia um grande “olho d’água”, “uma olham ou grande fonte natural, de água pura e magnífica, jorrava contínua e abundantemente”.²⁶¹

Este acontecimento viria a dar origem ao nome da cidade, no entanto este não se encontrava dentro do Sítio de Marim, mas sim perto do que actualmente é conhecido como o Jardim João Serra, junto à estação de comboios. Era conhecido pelos populares como “o poço velho.”²⁶²

²⁵⁵ APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão. - http://www.olhaocubista.pt/historia_de_olhao.htm

²⁵⁶ APOS; Op. Cit.

²⁵⁷ Visite Algarve, cultura e tradição. Sobre a herança Árabe e a sua influência no Algarve; <Http://www.visitalgarve.pt/visitalgarve/vPT/VivaOAlgarve/465/Cultura+e+Tradicao/Actividades/Heranca+Arabe.htm> consultado pela ultima vez em 5 de Março de 2018.

²⁵⁸ Anexo 10

²⁵⁹ Visite Algarve, cultura e tradição. Sobre as técnicas engenhosas para regar os campos. <http://www.visitalgarve.pt/visitalgarve/vPT/VivaOAlgarve/343/Cultura+e+Tradicao/Actividades/Casas+Tipicas/Sugestoes/Engenhos+de+Agua.htm> consultado pela última vez em 5 de março de 2018.

²⁶⁰ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

²⁶¹ ROMBA, Sandra; “Evolução Urbana de Olhão”; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.15. *in* NOBRE, Antero, “História Breve da Vila de Olhão da Restauração”; A voz de Olhão, Olhão, 1984; p. 18.

²⁶² ROMBA, Sandra; “Evolução Urbana de Olhão”; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.18. *in* IRIA, Alberto, “O compromisso Marítimo da vila de Olhão”, *in* Mensário das casas do Povo, nº.121, 1955-56).

Anos mais tarde, durante o reinado do D. Diniz, no ano de 1282²⁶³, foi iniciada a construção de uma das Atalaias da região, a Atalaia (ou torre) de Marim que servia para defender e avistar os campos que se encontravam próximos, mas principalmente para vigiar a única entrada do Mar para a Ria Formosa, a Barra Grande ou Barra Velha, que se encontrava entre Faro e Fuseta.²⁶⁴ A construção desta atalaia iria assegurar uma protecção mais efectiva à população, avisando-os dos ataques dos piratas mouros que ainda navegavam as águas do Algarve.²⁶⁵

Para além da segurança criada pelas atalaias, a criação de armações de atum²⁶⁶, também atraiu a atenção de pescadores e suas famílias, oriundos de Faro ²⁶⁷ e arredores, que começaram a assentar-se nos arraiais, onde o peixe existia em grandes quantidades e a água era de maior qualidade que a de Faro.

Gradualmente foram aparecendo na praia pequenas cabanas humildes que serviam de abrigo e seriam a “habitação dos pescadores, e em especial dos pescadores das almadras e armações.”²⁶⁸ Segundo a APOS, em “1378 já esse sítio era suficientemente habitado para se distinguir dos sítios circunvizinhos, [...]”.²⁶⁹ Nesta altura já este lugar era conhecido por *Logo do Olham* e só depois do século XVI, começava a vir mencionado em documentos paroquiais e notariais, nomes como *Sítio do Olham*, *Logar do Olham*, *Praia do Olham* ou *Logar do Poço do Olham*.²⁷⁰

Também o autor António Rosa Mendes refere que em frente à Barra Grande surgiam as primeiras cabanas: “Defronte dela se instalaram as cabanas de Olhão. Um papel emitido em 1654 pelo Conselho de Guerra explica a localização: “Aquilo é uma habitação de pescadores pobres que pela comodidade de terem os seus barcos perto do mar, para saírem a ele mais depressa, escolheram aquele lugar”.²⁷¹

Estas cabanas eram construídas com materiais simples e naturais, como a madeira, canas e a palha, como se pode ver na Figura 88, pois estes eram os recursos de “gente pobre e habituada a uma vida despida de quaisquer exigências de conforto”.²⁷² Inicialmente para

²⁶³ APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão. - <http://www.olhaocubista.pt/Fortalezas.htm>

²⁶⁴ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora A voz de Olhão; Olhão, 2008; p.8.

²⁶⁵ NOBRE, Antero; Op. Cit.; p.6.

²⁶⁶ Aparelhos fixos de rede na água, por várias redes que permanecem na água durante longos períodos de tempo. São distribuídas ao longo da costa para que o peixe entre livremente no espaço que elas encerram e permaneça fechado até ser colhido.

²⁶⁷ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.15. in LAPA, Albino, Olhão - A «Sempre Moira» e o Compromisso dos Pescadores, Lisboa, 1975; pp.34-36.

²⁶⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.241.

²⁶⁹ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora A voz de Olhão; Olhão, 2008; p.7.

²⁷⁰ NOBRE, Antero; Op. Cit.; p.7.

²⁷¹ MENDES, António Rosa; Olhão Fez-se a Si Próprio; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão, 2016; p.31 in MAGALHÃES, Joaquim Romero; O Algarve económico (1600-1773), p.112. in CALIXTO, Carlos Pereira; Apontamentos para a história das fortificações Da Praça de Faro; p.22.

²⁷² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.241.

permanecerem curtas estadias sazonais, ou para guardar material de apoio à pesca.²⁷³ O povo, para além dos pescadores, era composto por montanheiros, que exerciam tarefas rurais e também relacionadas com o mar, estendendo-se pouco a pouco para o interior do território.

Com este crescimento, os pescadores e a população decidem estabelecer-se permanentemente no que actualmente é a zona antiga da cidade deixando as estadias sazonais que aconteciam nos meses de Março, Abril e Maio, permanecendo o ano inteiro, mesmo que fosse contra a vontade das instituições controladoras deste território. Nesta altura, já não só as nascentes de água doce atraíam população como também a abundância de peixe, marisco e moluscos na Ria Formosa contribuíram para a permanência neste lugar.



Figura 88 - Cabanas semelhantes às dos primeiros habitantes de Olhão e pescadores. Congectural na Ilha da Culatra, editada na década de 1940.

Imprecisamente entre 1600 e 1610 nasce em Olhão a primeira construção em Alvenaria ou de *pedra e cal* como diz o povo. A Capela de Nossa Senhora do Rosário, que sofreu uma alteração de nome para Capela de Nossa Senhora da Soledade a que o povo olhanense chama de Igreja Pequena ou Igreja dos mortos por lá serem velados os corpos dos falecidos, foi então a primeira Igreja Paroquial de Olhão²⁷⁴ (Figuras 89 e 90).

²⁷³ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁷⁴ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984*, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; pp.7-9.



Figura 89 - Foto da Antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 90 - Actual Igreja da Soledade.

Apesar dos primeiros habitantes do então Olhão serem pescadores de São Pedro de Faro, a Câmara de Faro e seus moradores, frequentemente mostrou descontentamento e desvalorização face aos feitos e vitórias do povo deste recente local, que tudo conseguiu com o trabalho dos mareantes e o dinheiro resultante da pesca.²⁷⁵ Sabe-se que mais tarde “Em 1654, o Cabido da Sé de Faro declarou que se deveria mandar queimar as cabanas do lugar de Olhão. No entanto, o povoado desenvolveu-se contrariando a vontade das autoridades de Faro que não viam com bons olhos o crescimento desta povoação.”²⁷⁶

Até ao ano de 1614, a praia do Olhão pertenceu ao termo da freguesia de São Pedro de Faro, após a separação entre estas, foi incluída na freguesia de Quelfes ²⁷⁷ (que já seria freguesia no ano de 1518) ²⁷⁸, fazendo uso da sua igreja em maior parte das celebrações religiosas.

São Sebastião de Quelfes, segundo D. Sebastião de Sousa, distava - “meia legoa- da praia de Olhão”²⁷⁹, assim como teria a mesma distância de São Bartolomeu de Pechão. No entanto, a relação entre os dois primeiros viria a ser uma relação privilegiada, pensa-se que poderá estar relacionada com as características de desenvolvimento que Quelfes já possuía.

“Quelfes caracterizava-se pelos “montes, herdades e casas nobres que se espalham de forma diversa, constituindo uma freguesia rural onde predominavam as vinhas, figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras, limoeiros e laranjeiras e onde correm alguns ribeiros.” ²⁸⁰

²⁷⁵ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁷⁶ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

²⁷⁷ OLIVEIRA, Francisco Xavier d’Ataíde; *Monografia do concelho de Olhão*; Algarve em Foco Editora; Olhão, Outubro, 1999; p.51; *in* ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁷⁸ MATEUS, Isa, *A igreja de São Sebastião de Quelfes in Anais do Município de Faro*; Volumes XXVII / XXVIII, Faro, C.M. Faro, 2000, pp.225-293. *in* ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁷⁹ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁸⁰ MATEUS, Isa, *A igreja de São Sebastião de Quelfes in Anais do Município de Faro*, Volumes XXVII / XXVIII, Faro, C.M. Faro, 2000, pp.225-293. *in* ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

Contudo, a população e os pescadores continuaram a auxiliar-se da ajuda proveniente da Confraria do Compromisso Marítimo de Faro.²⁸¹

À medida que a população crescia e o pequeno povoamento do lugar da praia de Olhão se estendia pelo areal junto à Ria Formosa, foi sendo necessário criar mais condições de segurança para os populares. Esta importância justificava a construção de uma fortaleza para defender os interesses dos pescadores. Foi então no ano de 1670 que o Padre Bartolomeu Duarte deu parecer favorável para que se comesçasse a planear a construção da Fortaleza de São Lourenço, na ilha com o mesmo nome, e hoje conhecida por Ilha do Coco. Após 9 anos de estudo, iniciou-se então a sua construção a 5 de Outubro de 1679, aproximadamente na direcção da antiga Torre de Marim, proporcionando assim a segurança necessária contra os ataques espanhóis e dos piratas argelinos e necessariamente o crescimento na população na praia de Olhão.²⁸²

O porto de Faro era o mais importante na altura e a Barra da Armona (frente a Olhão) seria a mais importante pela sua dimensão, por permitir a passagem de grandes embarcações e por ser o principal acesso à Ria Formosa, por essas razões foi importante a edificação da Fortaleza de São Lourenço, nas proximidades desta. Como esclarece o autor António Rosa Mendes, “O porto de Faro - na época, também, o principal porto receptor, redistribuidor e de escala em toda a região algarvia estava servido por três acessos: um bem próximo, porém de escassa serventia por só permitir o trânsito a pequenas embarcações de fundo chato e tonelagem reduzida, como setias²⁸³ ou lanchas, a Barreta; depois, já descaindo para leste mas tão limitada como a anterior, a Barra Nova; e após esta, ainda mais para levante, a maior, a principal, a Barra Grande”²⁸⁴ ou Barra da Armona. (Para melhor compreensão espacial, ver Figura 91 apresentada abaixo).

²⁸¹ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.16.

²⁸² NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984*, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; pp.7-9.

²⁸³ Setia: pequena embarcação de Guerra in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa sem Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2017.

²⁸⁴ MENDES, António Rosa; *Olhão Fez-se a Si Próprio*; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão 2016; p.31.

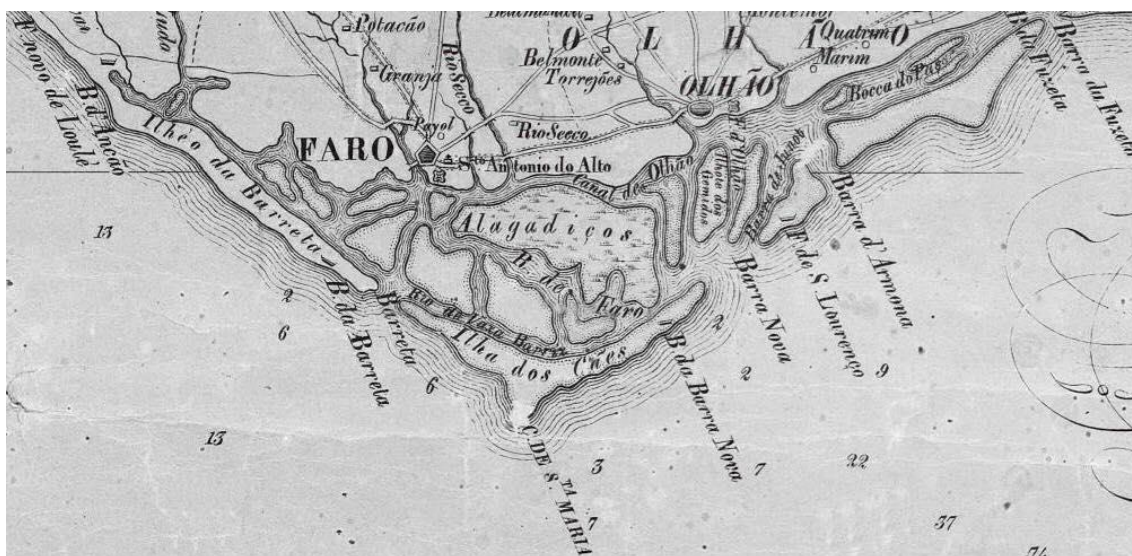


Figura 91 - Parte da Carta Corográfica do Reino do Algarve, de João da Silva Lopes de 1842 com marcação das três barras de acesso ao porto de Faro.

Em 1680, Olham começava a ser chamado de Olhão, pela natural evolução linguística e igualmente neste ano, segundo apurou o historiador Alberto Iria, já teria um máximo de 100 a 150 moradores e cerca de 30 cabanas de cana e palha acompanhada da única construção de pedra e cal anteriormente referida.²⁸⁵

Por ordem do Bispo do Algarve D. Simão da Gama, no ano de 1695, a praia do Olhão passaria a freguesia. Tendo como limites “o aglomerado de cabanas situadas na praia, a Igreja primitiva de Nossa Senhora do Rosário (actual Igreja da Soledade), que passava a Igreja Paroquial, o moinho do Sobrado a levante e o moinho da Barreta a poente.”²⁸⁶

Passados três anos, em 1698 foi iniciada a construção da denominada popularmente, Igreja grande, que veio a receber o primeiro nome da Pequena Igreja, a actual Igreja Matriz da Nossa Senhora do Rosário. A razão para tal evolução deveu-se ao facto da pequena igreja começar a ter espaço insuficiente para o volume de fiéis que queriam frequentá-la. Apesar de não se saber qual a real data de conclusão da obra, esta foi aberta ao público em 1715. É de importância, referir que foram os marítimos de Olhão que financiaram a construção da igreja, dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Na sua fachada pode ler-se uma inscrição que diz: “*À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo novo, no tempo em que só haviam umas palhotas.*”²⁸⁷

²⁸⁵ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 7.

²⁸⁶ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.17.

²⁸⁷ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.



Figura 92 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

Esta igreja que terá sido a segunda construção em alvenaria, foi edificada no extremo norte da povoação, nascendo simultaneamente naquele sítio uma ampla praça que no século XVIII viria a ser a mais importante e principal desta povoação.²⁸⁸ Como se pode ver na Figura 92 acima.

Outro grande acontecimento surge no mesmo ano, a 30 de Dezembro, a possibilidade de construção da primeira casa de pedra e cal. Antero Nobre refere que “a Rainha concedeu, ao *mareante* João Pereira, autorização para levantar na Praia do Olhão «uma morada de casas, para sua vivenda e habitação», casa que foi a primeira que ali se construiu, pois antes disso a Câmara Municipal de Faro, a cujo Termo pertencera o Logar do Olhão e pertencia agora a respectiva Freguesia, sempre impedira naquele lugar construções de alvenaria.”²⁸⁹ Faro nunca o tinha permitido para evitar o crescimento desorganizado da pequena povoação. No entanto já não o conseguiam impedir, pois a Câmara de Faro estava dependente das decisões tomadas pela Rainha Maria Ana de Áustria, que na altura era a “*responsável máxima pela cidade de Faro e pelo seu termo, onde Olhão se incluía*”²⁹⁰ e as novas condições de habitabilidade que estavam a nascer conferiam muito mais segurança e conforto. Segundo refere a autora Sandra Romba “O êxito da pescaria na praia de Olhão levou a uma progressiva fixação da população nas praias e à substituição das cabanas por casas de pedra e cal.”²⁹¹

²⁸⁸ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

²⁸⁹ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; 2008; pp. 13-14.

²⁹⁰ ROMBA, Sandra; *Evolução Urbana de Olhão*; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.30.

²⁹¹ ROMBA, Sandra; *Op. Cit.*; p.16

Com este crescimento, os limites do lugar de Olhão foram aumentando, e a 8 de junho de 1722 marcaram-se novos limites da freguesia. A Igreja pequena deixaria de ser o limite a Norte para passar a ser o Poço Velho, onde inicialmente aparecera uma fonte de água que teria dado origem ao nome deste lugar. A Sul seria o mar, e nas extremidades com dois moinhos, um a levante chamado de moinho do Sobrado e um a poente chamado de moinho da Barreta. Olhão continuou assim a crescer de forma livre e democrática, frequentemente acompanhada por rebeldias contra os poderes políticos vizinhos de Tavira e Faro.²⁹²

Verificando-se tal abundância e qualidade de água existente em olhão, foram construídos vários poços ao longo daquela que é agora a Avenida da República. Conhece-se a existência de pelo menos cinco poços: *“O poço Velho, o Poço Novo, o Poço Pequeno e o Poço das Bombas, que, neste recanto se relembra e perpetua. Este “POÇO DAS BOMBAS” passou então a ser a principal fonte de abastecimento de água para consumo público, onde se reabasteciam os aguadeiros que a distribuíam, de porta em porta, nos seus carros de tração animal.”*²⁹³ Essa informação pode comprovar-se pela existência de um painel de azulejos pintado a mão que os homenageia, como se pode ver na Figura 93 abaixo apresentada.

²⁹² APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão. - http://www.olhaocubista.pt/historia_de_olhao.htm

²⁹³ Informações presentes em painel de azulejo informativo, existente na Avenida da República.



Figura 93 - Homenagem ao “poço das bombas” na Av. Da República.

Nesta altura já a freguesia do lugar de Olhão procurava ser independente da Confraria da Cidade de São Pedro de Faro e do seu Compromisso Marítimo. Esta Confraria, recebia perto de trezentos mil réis por ano provenientes dos impostos pagos pelos pescadores olhanenses. Por essa razão o compromisso marítimo de Faro não aprovava a separação e a construção de um novo Compromisso Marítimo pertencente ao lugar de Olhão.²⁹⁴

No ano de 1765, acontecia a tão desejada separação de Olhão do Compromisso Marítimo de Faro, revertendo às receitas pagas pelos pescadores na construção daquele que viria a ser o seu próprio Compromisso Marítimo. Este importante edifício viria a ser implantado numa das zonas mais nobres da freguesia, nas traseiras da Igreja da Soledade e de frente para a Igreja da Nossa Sra. Do Rosário. Sendo inaugurado no ano de 1771. A partir deste acontecimento deu-se “o ponto de viragem para a expansão do lugar para norte”.²⁹⁵

Atualmente no mesmo edifício encontram-se as instalações do Museu Municipal de Olhão, como demonstra a Figura 94.

²⁹⁴ LAPA, Albino, A Vila de Olhão - A Sempre Moira e o Compromisso Marítimo dos Pescadores; Lisboa; 1975; pp.33-35. in ROMBA, Sandra; “Evolução Urbana de Olhão”; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.33.

²⁹⁵ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.33.



Figura 94 - Compromisso Marítimo nas traseiras da Igreja da Soledade.

De todos os grandes acontecimentos que até então tinham ocorrido em Olhão, houve um de grande importância e que veio trazer ao povo olhanense a independência que tanto desejavam. No início do século XIX, no ano de 1808 durante a ocupação francesa em Portugal, as tropas Napoleónicas chefiadas pelo General Junot, invadiram esta pequena vila. E o povo que sempre teve um espírito de entreatajuda, reagiu espontaneamente contra os invasores com ferramentas rudimentares do campo e do mar, e com armas de fogo que *“Na véspera do dia de Santo Antonio, João da Rosa, decidiu destapar as armas reais portuguesas lançando assim o rastilho da revolta”*. A 16 de junho, dia que se viria a fazer história *“O Coronel José Lopes de Sousa desfez em pedaços um edital dos franceses exaltando os ânimos do povo enquanto dizia; - “Ah Portugueses! Já não merecemos este nome nada somos já”, iniciando assim a rebelião [...]”*²⁹⁶

O povo que já estava farto dos roubos e extorsões por parte das tropas napoleónicas, montou uma emboscada junto à Ponte Romana de Quelfes e após uma série de lutas, os olhanenses conseguiram expulsar as tropas francesas do território algarvio. Tratando-se de tão gloriosa notícia (a expulsão dos franceses do lugar de Olhão e do Algarve), no dia 6 de Julho, um grupo de dezassete corajosos homens fez-se ao mar, no Caíque Bom Sucesso, sem instrumentos de navegação, apenas orientados pelas estelas, as correntes marítimas e um

²⁹⁶ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

rudimentar mapa náutico, para levar a boa nova à corte Portuguesa, que se encontrava refugiada no Rio de Janeiro. Após dois meses e meio no mar e terem finalmente conseguido contar o seu papel na defesa da sua terra, o príncipe regente D. João VI, a 15 de Novembro²⁹⁷ do mesmo ano, concedeu a Olhão o novo e honroso título de Vila.²⁹⁸

Desde então é denominada de Vila de Olhão da Restauração, que não consistiu apenas na alteração de nome, mas também na autorização para constituir um concelho e possuir uma Câmara Municipal. A partir daí, no dia 16 de Junho de cada ano é comemorado o feriado da então cidade. Nos anos seguintes, a Vila de Olhão continuou a crescer economicamente a um ritmo acelerado, resultando cada vez mais num desenvolvimento e aperfeiçoamento das características marítimas, no comércio e nas habilidades dos pescadores. Tornando-se numa das vilas mais apelativas do país.²⁹⁹

No ano de 1826 foi constituída a sede do conselho da Vila de Olhão da Restauração, que contava com o Juiz de Fora, Dr. Antonio Malafaia Freire Teles,³⁰⁰ um procurador do Concelho, um escrivão e três vereadores. Apesar de já terem um Conselho constituído, não possuíam um edifício próprio que albergasse as instalações da Câmara e repartições municipais.³⁰¹

Mais tarde, a 28 de Junho do ano de 1842 é constituído o edifício da Alfandega³⁰², junto ao cais, criando a praça do comércio (atual praça Patrão Joaquim Lopes), que em pouco mais de 20 anos se tornara um dos edifícios mais importantes na Vila de Olhão. Sendo o posto aduaneiro mais importante do Algarve, encarregue dos produtos algarvios e da pesca.

Nesta altura o comércio olhanense desenvolvia-se a um ritmo bastante acelerado influenciando o reaparecimento de algumas indústrias antigas e a criação de novas indústrias artesanais, tais como a construção naval, de redes e de cordame, de anzóis e olarias feitas à mão. Da mesma forma os trabalhos de empreita e extração de sal ganham quase a mesma importância da salga e secagem de peixe.³⁰³

Com este crescimento, é construída também a Capitania do Porto no ano de 1864³⁰⁴ e o Tribunal Judicial de Olhão.

Em 1865 foi realizada uma requalificação do passeio público D. Luis (actual Av. Da República), que se encontrava em mau estado. Com estas obras, foi inserida uma política de ordenamento, saneamento e embelezamento da vila. Os limites desta avenida compreendiam-

²⁹⁷ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 71.

²⁹⁸ APOS; A História de Olhão; http://www.olhaocubista.pt/historia_de_olhao.htm

²⁹⁹ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 73.

³⁰⁰ Câmara Municipal de Olhão - <http://www.cm-olhao.pt/municipio/espacos-municipais/pacos-do-concelho> consultado pela última vez no 21 de setembro de 2018.

³⁰¹ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.74.

³⁰² ROMBA, Sandra; Op. Cit.; p.65.

³⁰³ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 79.

³⁰⁴ NOBRE, Antero; Op. Cit.; p. 78.

se desde a Igreja Matriz até a estrada de Faro-Tavira.³⁰⁵ Este viria a ser o local mais nobre da cidade, repleto de comércios de qualidade e muito frequentado pela população.



Figura 95 - Avenida da República.

Também o primeiro mercado destinado à venda de peixe é inaugurado aproximadamente na mesma altura, no ano de 1866, era constituído apenas por um simples telheiro assente em vinte e seis colunas de alvenaria e 20 estacas. Encontrava-se localizado perto da praça do Comércio (actual praça Patrão Joaquim Lopes), e do edifício da Alfândega.³⁰⁶

³⁰⁵ NOBRE, Antero; *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 76.

³⁰⁶ Câmara Municipal de Olhão; 2012; in SOUSA, Filipa; “A origem da cobertura em terraço na Arquitectura Vernacular Portuguesa”; *Dissertação para Mestrado integrado em Arquitectura*; Universidade Lusíada de Lisboa; 2016; p.60.

Esta pequena lota iria manter-se em serviço durante 50 anos, antes de vir a ser construídos os actuais Mercados Municipais.³⁰⁷

Voltando a fazer referência às instalações da Câmara, é importante mencionar que os principais espaços pertencentes às actividades de sessões da Câmara Municipal, da secretaria e do arquivo, encontravam-se dispersas em varias casa de aluguer, até ao ano de 1874, quando foi comprado ao Dr. Joaquim José Lopes, “*um prédio de casas nobres situado na rua dos mercadores desta vila, / isento de qualquer foro, ónus ou pensão, o qual consta de casas altas e térreas, com varandas, quintais e armazéns*”,³⁰⁸ para serem instalados todos os serviços e repartições municipais referentes à Câmara. No mesmo ano foram formalizadas as cinco freguesias pertencentes ao Conselho da Vila de Olhão da Restauração, passando a ser composta por Pechão, Olhão, Quelfes, Moncarapacho e Fuzeta.³⁰⁹

Finalmente, um ano depois, em 1875, os serviços municipais, passaram a funcionar no prédio adquirido no ano anterior.

Sete anos depois, em 1882, foram instaladas as primeiras fábricas de conserva de sardinhas. Transformando a Vila de Olhão num dos centros conserveiros mais importantes do país. Esta indústria conserveira torna-se a fonte de rendimento económico principal da vila durante o século XX. A partir desta fonte surgem inúmeros postos de trabalho, maior crescimento habitacional e a sul a primeira linha de frente edificada junto à ria.

No ano de 1885 foi inaugurado o edifício que albergava o novo Hospital da Vila de Olhão. Este edifício foi construído por iniciativa do Compromisso Marítimo graças a doações por parte de pessoas importantes desta cidade. Apesar de ter sido inaugurado neste ano, só abria ao público em finais da década de 80, graças à ajuda de avultados donativos feitos pela população.³¹⁰

Na viragem do século XIX para o século XX, Olhão viria a consolidar a sua expansão urbana nos limites a norte das igrejas e do Bairro da Barreta e a sul na criação do passeio ribeirinho e nos aterros que viriam a receber a doca de pesca.

Termina-se esta ordem cronológica da evolução da Vila de Olhão, destacando a construção de dois novos edifícios destinados à expansão dos mercados, cuja obra se iniciou em 1912 e apenas foi inaugurado no ano de 1916. Estes mercados viriam a ser erguidos nas proximidades do anterior, em terreno ganho ao mar, construído sobre estacas ligadas entre si através de arcos de alvenaria de tijolo³¹¹, agora localizados no fim da praça do Comércio (actual praça Patrão Joaquim Lopes), em frente ao edifício da Alfândega. Estes dois edifícios organizam-se longitudinalmente criando dois volumes retangulares lado a lado, um a nascente

³⁰⁷ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 78.

³⁰⁸ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015; p.74.

³⁰⁹ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; pp. 71-79.

³¹⁰ Informações presentes nos painéis informativos presentes na Avenida da República.

³¹¹ Câmara Municipal de Olhão; 2012; in SOUSA, Filipa; A origem da cobertura em terraço na Arquitectura Vernacular Portuguesa; Dissertação para Mestrado integrado em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; 2016; p.61.

destinado à venda de frutas e legumes, e outro a poente reservado para a venda de peixe. A sua estrutura é metálica revestida a tijolo aparente, e cada um deles possui quatro torreões circulares envidraçados com coberturas em cúpula. No final do século XX, foi submetido a trabalhos de reabilitação que melhoraram o seu aspecto exterior e interior, onde se verificam as grandes melhorias, pois recebeu um revestimento em azulejos pintados pelo artista Costa Pinheiro. Reabriu ao público em 1998³¹² e desde então é considerado uma das grandes atracções turísticas de Olhão. A informação anteriormente referida, pode ser verificada na Figura 96 abaixo apresentada.



Figura 96 - Levantamento topográfico de 1871/1873, Direcção Geral do Território.

³¹² Site da Câmara Municipal de Olhão; <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/monumentos-e-locais-interesse> acedido pela última vez em 21 de setembro de 2018.

5.1. A arquitectura “cubista” da cidade de Olhão.



Figura 97 - Arquitectura “cubista” em Olhão.

A figura 97 acima apresentada, representa o que viria a ser a cidade Algarvia mais conhecida pela sua história, pela sua evolução, pela pesca e pelas suas coberturas em *Açoteia*.

Começando por clarificar a história das primeiras cabanas existentes no lugar de Olhão, sentiu-se a necessidade de explicar qual a morfologia destas, antes da evolução para as casas de “pedra e cal”.

Estas construções eram simples, feitas de materiais básicos e rudimentares existentes na praia, como o junco, o colmo a madeira e a palha conhecidas pelo nome de casas de palha e junco ou segundo os autores Oliveira, Galhano e Pereira, também por “*as cabanas ou*

palhotas, de junco, estorno ou barrão, ou palha”³¹³, como refere o autor José Leite de Vasconcelos, podiam ser encontradas não só em Olhão - Culatra, mas também noutras áreas piscatórias como Boliquireime, em Quarteira, Cabanas da Conceição e Monte Gordo.³¹⁴

De carácter primitivo no que diz respeito aos materiais e método construtivo,³¹⁵ com cobertura alta de duas águas e muito inclinadas, cerca de 30 a 40 graus em relação à vertical,³¹⁶ revestida a junco tal como as paredes,³¹⁷ estas edificações tinham cerca de 6 a 8 metros de comprimento e organizavam-se paralelamente à costa, isoladas ou em filas simétricas de 15 a 20 cabanas que viriam a formar as posteriores ruas. Como já foi referido, primeiramente teriam um carácter sazonal, que rapidamente evoluiu para permanente, formando dois grupos, e o que viria a ser o actual bairro da Barreta e bairro do Levante ou Sete Cotovelos, como era inicialmente denominado.³¹⁸ Ao que parece “*a um grupo de cabanas chamam de [os pescadores de Monte Gordo]*”³¹⁹ que seria equivalente a um bairro, e dessa forma nasce a formação construtiva das primeiras ruas e dos primeiros bairros de Olhão.³²⁰

Em geral tinham apenas um vão que seria a porta de entrada e o pavimento seria a solo de onde se inseriam, portanto seria em areia. Posteriormente foram “*sendo progressivamente substituídas por casas, de entrada em tabuado*”³²¹ e mais tarde devido ao material que as compunha ser altamente inflamável ocorrendo frequentemente incêndios, mas também devido ao gradual crescimento da população sentiu-se a necessidade de as substituir por casas de telha, pedra e cal.

Os autores Oliveira, Galhano e Pereira dão ao leitor uma explicação bastante completa e detalhada da sua composição, dos materiais utilizados e como estes seriam montados dando forma a estas cabanas. Não sendo prioridade neste estudo, toda esta abordagem de técnica construtiva, apenas se considerou importante mostrar de forma ilustrativa alguns desenhos clarificadores da sua estrutura.

³¹³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.193.

³¹⁴ FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; Edição CCDR Algarve; Algarve, 2005; p.24.

³¹⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.194.

³¹⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; Op. Cit.; p.194.

³¹⁷ VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para o grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, Julho de 2016, p. 46.

³¹⁸ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015; pp.24-26.

³¹⁹ VASCONCELOS, Leite, *in* ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015; p.26.

³²⁰ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, 2015; p.2 6.

³²¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.194.

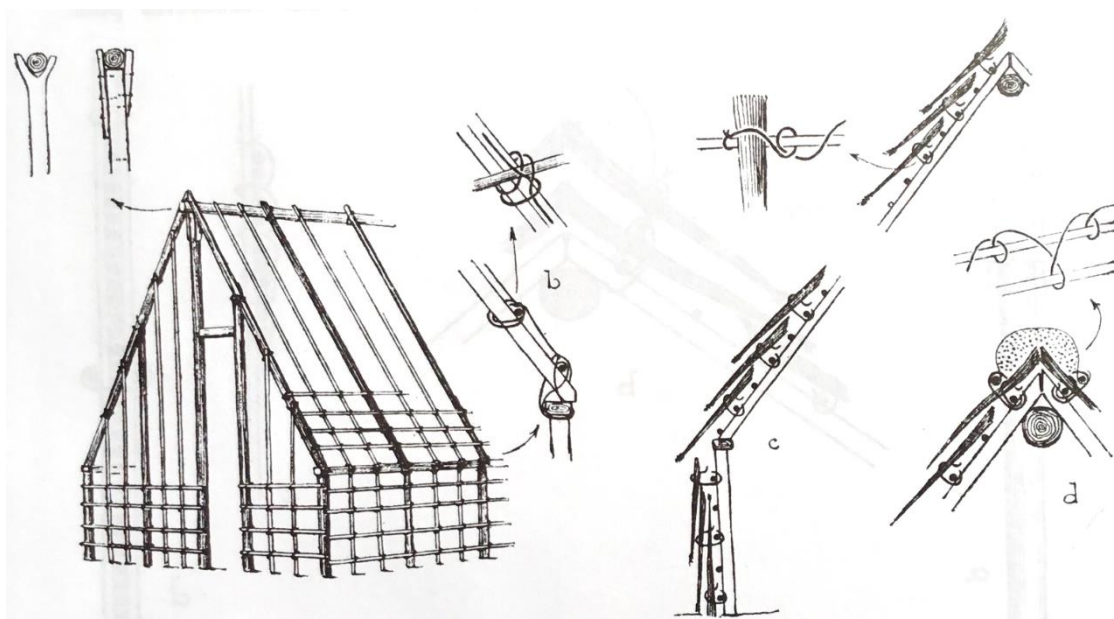


Figura 98 - Pormenores da construção de uma cabana na costa algarvia. a) Estrutura do esqueleto; b) processo de amarração das canas aos prumos e aos caibros; c) disposição das manadas de junco ou estorno, e maneira de as prender às canas; d) remate do cume.

“Até 1715 Olhão era um povoado de cabanas”³²² que não terão sido completamente eliminadas, pois algumas terão permanecido para apoio à pesca. Ainda assim, entre 1780 e 1790 alguns destes abrigos evoluíram para casas em alvenaria, ao que o povo denomina de “pedra e cal”. Segundo consta esta evolução deve-se aos lucros da pesca, mas também ao contrabando. Assim o refere Raul Brandão, “Os que não eram marítimos eram filhos ou netos de marítimos, contrabandistas uns, e outros pescadores costeiros e pescadores do alto que iam à cavala a Larache.”³²³

Haveria uma diferença construtiva relacionada com as possibilidades do proprietário, isto é, as casas de proprietários menos abastados seriam compostas por pedras calcárias irregulares, misturadas com fragmentos cerâmicos que seriam seguidamente ligadas por uma argamassa de areia e cal e finalizada com pintura de cal, enquanto que nas casas de proprietários com mais posses a formação era composta por alvenaria de pedra, rebocada com argamassa de areia e cal e igualmente pintada com cal branco para finalizar. Seria este método tão eficaz que se alastraria, formando a Vila de Olhão que ainda hoje conhecemos.

A areia utilizada para a construção destas casas era proveniente da praia, o que viria a resultar numa problemática então generalizada de salitre nas paredes - como dizia Raul Brandão, “Há meio século, Olhão, entranhado de salmoura e perdido no mundo, vivia só do mar.”³²⁴ No entanto o uso da cal combatia muito bem os seus efeitos, por essa razão as mulheres caiavam muito, os muros, as escadas, as açoteias, o mesmo autor menciona, “Caia-

³²² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.241.

³²³ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; p. 233.

³²⁴ BRANDÃO, Raúl; Op. Cit. p. 233.

se tudo. Caia-se o lar e os degraus. Caia-se sempre. É um delírio de branco.”³²⁵ Também Raul Lino refere: *“O uso da cal é ainda especialmente indicado no litoral, onde é costume estendê-la a cobrir todo o telhado como protecção contra a humidade salgada do mar.”*³²⁶

Desta forma parece que foi no decurso do século XVIII³²⁷ que Olhão foi sendo erguido pouco a pouco pelos pescadores, consoante as suas possibilidades e as suas ideias, pois muitos deles passariam longos períodos no Norte de África, vivendo em cidades igualmente quentes, das quais absorveram influências e características que posteriormente aplicaram nas suas construções nesta cidade que começava a ganhar forma e uma identidade. Ao contrário do que se pensa, não foi um legado deixado pelos árabes, mas sim o contrário. Por essa razão existe uma relação formal muito semelhante às construções existentes em Cádiz, Agadir e Almeria. *“Almeria, no lugar mais árido da Península, recorta, contra o fundo descarnado dos alcantis coroados pela alcazaba, o casario que, desde a época muçulmana, é exclusivamente coberto de açoteias.”*³²⁸ Iriam nas suas pequenas embarcações realizadas no estaleiro de Olhão até ao Mar de Larache e aos portos mais importantes do Mediterrâneo e do Norte de África, transportando frutos secos, sal e peixe. Do seu engenho e audácia tinha nascido também uma rota de contrabando que ficou conhecida como *Carreira de Gibraltar* e *Carreira de Marrocos*³²⁹.

As casas presentes na cidade de Olhão diferenciam-se das restantes do país e até mesmo das restantes casas algarvias, já dizia Orlando Ribeiro que, *“Um dos elementos mais característicos da aparência das casas é a cobertura, que recorta no céu a silhueta inconfundível de certas cidades.”*³³⁰ Ainda que a sua morfologia projete uma imagem única, como também concorda Fernando Lopes *“[...] o aspecto panorâmico de Olhão é único no País - e poder-se-ia dizer - único em toda a Europa, mesmo em todo o Mundo [...]”*,³³¹ podemos encontrar açoteias também na Fuzeta, em Faro, em São Brás de Alportel e em Portimão.³³² E apesar desta arquitetura vernácula e particular com características árabes se encontrar maioritariamente em Olhão, a sua forma é tão distinta e com carácter geométrico que lhe foi dado o nome de “Vila Cubista”, como refere Miguel Viegas, pela *“composição caótica de “cubos” sobrepostos, datados de século XVIII, que se parecem encaixar por entre ruelas apertadas e labirínticas, de aparência levantina. Contudo, esta pode ser considerada uma*

³²⁵ LINO, Raul; Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples; Editora: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lda.; Lisboa 1992; p. 239.

³²⁶ LINO, Raul; Op. Cit.; p.65.

³²⁷ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.74.

³²⁸ RIBEIRO, Orlando; Op. Cit.; p.53.

³²⁹ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p. 72.

³³⁰ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.53.

³³¹ LOPES, Francisco Fernandes; Olhão, vila única; Olhão: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; 1945. In SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Lusíada; Lisboa, 2015

³³² RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.76.

*cidade “inventada” pela vontade de um povo marcadamente Indómito, ao invés de outros lugares eruditos, desenvolvidos ao longo de muitos séculos.”*³³³



Figura 99 - Recente vista aérea de Olhão “cubista”.

A parte antiga da cidade de Olhão desenvolveu-se sem regras e de forma irregular, “os prédios eram construídos simplesmente à vontade do dono, que muitas vezes tinha o capricho de fazer a sua casa segundo o modelo da cabana e sem lhe alterar a topografia.”³³⁴ Formando ruas e ruelas estreitas, becos, travessas e cotovelos, arcos e passagens, largos e praças, de “estilo amoiriscado,”³³⁵ “formando no conjunto um emaranhado exótico, que já tem sido comparado às kashbats das velhas cidades norte-africanas,”³³⁶ que se foram alastrando pelo território. Estas casas eram estreitas e construídas em altura, unidas umas às outras, formando um serpenteado de cubos sobrepostos com espaços denominados por Açoteia e Mirante que teriam inúmeras funções. Sabe-se que serviriam para secar roupa, frutos como o figo e a alfarroba, mas nunca para secar peixe - por vezes apenas polvo,³³⁷ seria para avistar o estado do mar e a entrada de barcos, também se colocariam lá todos os objectos que não se queriam dentro de casa, funcionando como uma extensão desta, e também muito utilizada para

³³³ VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para o grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, Julho de 2016, p. 8.

³³⁴ OLIVEIRA, Francisco Xavier d’Ataíde; Monografia do concelho de Olhão; Algarve em Foco Editora; Olhão, Outubro, 1999; p.163.

³³⁵ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p.71.

³³⁶ NOBRE, Antero; Op. Cit.; p.71

³³⁷ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.68.

descansar ou dormir nas noites quentes de verão sobre as estrelas. Segundo refere Antero Nobre, *“A originalidade de Olhão estaria, portanto no mirante que remata a açoteia;”*³³⁸ As alturas eram competitivas, e parece que havia sempre uma vontade de subir mais alto que o vizinho do lado. Também Antero Nobre descreve, *“construções, pequenas e unidas, quasi sempre imbricadas e muitas vezes mesmo encavalitadas umas nas outras, mas na sua quasi totalidade dispoendo de divisões suplementares nas açoteias, sob os mirantes e contra-mirantes.”*³³⁹



Figura 100 - Ruas, ruelas, passagens, becos e travessas de Olhão.

As ruas seriam sujas e fedorentas, segundo o que se pode compreender pelas testemunhas de vários autores, pois todos os labores eram feitos ao ar livre, estendia-se roupa na rua, cozinhava-se na rua, arranjava-se peixe na rua, as crianças brincavam na rua e tudo isto era feito de forma ainda muito rudimentar e com pouca higiene.

Antero Nobre destaca que, *“O próprio amanhã e salga, ou secagem ao sol, de peixe para exportação, já então uma das mais florescentes indústrias locais, eram feitos na maioria dos casos ao ar livre, por larguinhos, terreiros e cercas, escorrendo as salmouras e os detritos, por valas adrede abertas, para os alagadiços e esteiros da Ria Formosa, que ainda cercavam a povoação por todos os lados, menos pelo Norte. A porcaria e o mau cheiro das ruas de Olhão eram já então proverbiais em todo o Algarve, e mesmo para além dele; e continuariam a sê-lo ainda por bastante mais de um século ...”*³⁴⁰

Também Raul Brandão menciona que, *“Vive-se ao ar livre, come-se ao ar livre, dorme-se ao ar livre. A rua, fedorenta e animada, pertence aos pobres.”* (...) *“Mas, se a rua é suja, a casa é limpa. A habitação primitiva é um cubo com uma porta e uma janela. Em cima a soteia, para onde se sobe por degraus de tijolo, e muitas vezes sobre a soteia o mirante. Entro num e noutro destes buracos com as telhas assentes em canas. Todos eles reluzem de cal. Dois compartimentos: a chaminé, que é o nome da cozinha, e a casa de fora. Uma esteira no chão,*

³³⁸RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.77.

³³⁹ NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração, 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora: A voz de Olhão; Olhão; 2008; p.71.

³⁴⁰ NOBRE, Antero; Op. Cit.; p.72.

*uma cama com uma colcha de seda, que só serve nos dias de festa, uma cómoda e um bancal de renda. A um canto um pote e o indispensável pincel.”*³⁴¹

No entanto dizia-se que o interior da casa era asseado e simples, muito branco e apenas com os objectos básicos necessários, à semelhança do seu proprietário, geralmente simples e de poucos bens.

Distribuía-se como a antiga cabana de palha tanto em termos formais como funcionais, destinada ao abrigo da família que teria por hábito passar mais tempo no exterior da casa do que no seu interior, facto que se pode verificar um pouco por todo o Algarve. De planta igualmente rectângular, desenvolve-se apoiada em paredes de alvenaria com uma divisória no centro que viria a separar o espaço de circulação dos restantes compartimentos.

O primeiro espaço seria a “casa-de-fora” - sala onde se recebiam as visitas e área de lazer, e que ocupava toda a largura do lote. Seguidamente um, dois, três ou quatro, (o número de compartimentos era definido pelo comprimento do lote onde a habitação se inseria), pequenos compartimentos destinados aos quartos, que não teriam abertura para o exterior, apenas uma pequena claraboia com cubos de vidro, ora incorporados na laje (Figura 102) ora numa saliência envolvida em ladrilhos de barro, que lhes proporcionava uma entrada de luz ténue e um ambiente agradável.

Aliás as únicas entradas de ar para o interior da casa viriam apenas pelas extremidades, pela janela na fachada frontal que daria para a “casa-de-fora” e pelo pátio localizado nas traseiras. Seguidamente e no final estaria a cozinha a que não era dada muita importância, e estaria acompanhada de um pátio exterior. Este pequeno espaço exterior seria talvez o lugar mais importante da casa e também o mais utilizado para as mais variadas actividades de convívio e lides do agregado familiar. Mais tarde aqui passaria a existir um pequeno compartimento destinado à casa de banho, pois inicialmente não possuiria. Através do pátio haveria uma escada que conduzia à açoteia e que por sua vez teria outra escada que conduzia até ao mirante.

Com esta passagem da cabana para a casa de “pedra e cal” observa-se que a tipologia perde a cobertura de junco e é substituída pela cobertura plana ou açoteia acessível onde se realizariam todas as funções anteriormente referidas. Ainda assim é mantida a alusão a este tipo de cobertura, na parte frontal da casa, sobre a “casa-de-fora”, onde se poderia encontrar um pequeno telhado de quatro águas (Figura 101).

³⁴¹ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; pp.238-239.



Figura 101 - Cobertura plana em açoteia com pequeno telhado de tesouro.

Esta estaria rodeada por pequenos muretes que a cercavam, tendo na fachada frontal a platibanda que nesta altura ainda pouca expressão possuiria e só viria a ganhar relevo e importância mais tarde. A estrutura que dava forma a esta cobertura era composta por barrotes de madeira cobertos com revestimento em pavimento de barro cozido, a que hoje em dia se faz referência aos ladrilhos de Sta. Catarina.

Mais tarde, com o aumento da família ou falta de espaço no interior da habitação, são substituídos os telhados de tesoura pelas coberturas abobadadas, igualmente revestidas com ladrilhos pelo exterior, semelhantes a uma cúpula achatada que era formada com tijolos maciços de barro, conhecidos por tijolos de burro, colocados de forma copular no interior, ligados entre si por uma argamassa de cal e areia e posteriormente caiada (Figura 102).



Figura 102 - a) Claraboia em vidro; b) Saliência abobadada revestida de ladrilho; c) Abóbada pelo interior.

Por fim, o pavimento da habitação seria existente consoante as possibilidades económicas da família, poderia ser revestido a tijoleira ou simplesmente em terra batida³⁴².

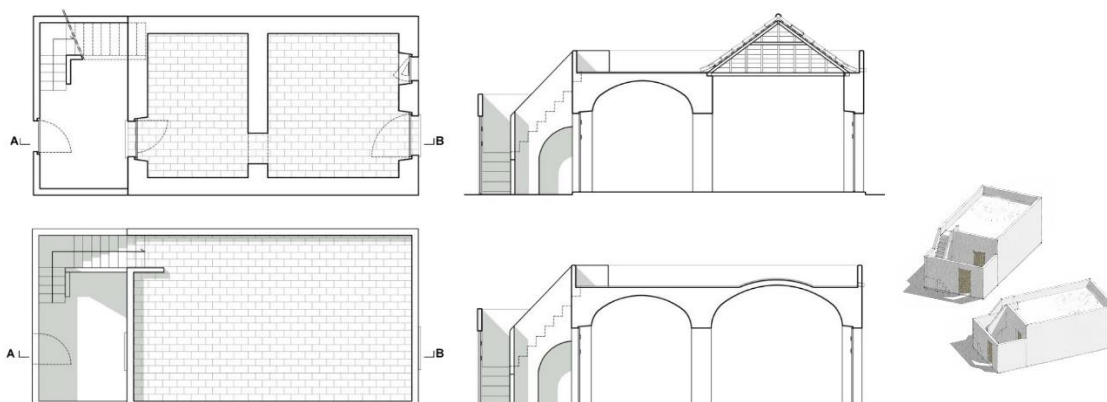


Figura 103 - Primeira organização morfológica da casa cubista.

Algumas décadas mais tarde esta tipologia sofre várias alterações que levariam à introdução de alguns dos elementos mais característicos desta cidade. As condições económicas assim o permitiram e a casa que teria um pátio aberto na parte posterior, passa a tê-lo fechado, transferindo-se para este espaço a cozinha ou dando lugar a mais um quarto, caso a razão fosse o aumento da família. Desta forma o lote que anteriormente poderia ser dividido em dois e a parte exterior poderia ser cedida a um novo comprador, passa a ser totalmente utilizado nesta solução de apenas um proprietário.

Com esta transformação as escadas que anteriormente seriam descobertas, agora passam a ser interiores, *“são normalmente colocadas de canto e caracterizam-se pela altura*

³⁴² VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, 2016; pp.46-47.

*acentuada do espelho dos seus degraus, de modo a vencer no mínimo espaço disponível, a diferença entre pisos. O seu cobertor é revestido pela mesma tijoleira que reveste o pavimento, conferindo-lhe um aspecto vernacular.”*³⁴³ (Figura 104) Deste novo acesso até à açoteia nasce um elemento morfológico muito característico de importância arquitectónica em Olhão, uma guarita ou pangaio³⁴⁴, nome mais usual, trata-se de um “*elemento que resulta de um pequeno compartimento na açoteia que permite cobrir as escadas de acesso, e é caracterizado pelo seu recorte acentuado, paralelo à inclinação das escadas, que depois nivela quando encontra o patim mais elevado da açoteia.*”³⁴⁵ (Figura 104 c).



Figura 104 - a) Escadas altas pelo interior; b) Escadas altas pelo exterior; c) Pangaio.

Assim como a cozinha também passa a ter uma divisória fechada para a confecção dos alimentos, mas com esta alteração cria-se um problema de fumos dentro da casa, que viria a ser solucionado com a implementação da chaminé cubista, um elemento icónico da cidade e também de grande importância arquitectónica, denominada igualmente por chaminé de balão, como se pode ver na sequência de Figuras 105 apresentadas a seguir.

³⁴³ VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, 2016; p.48.

³⁴⁴ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.68.

³⁴⁵ VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, 2016; p.48.



Figura 105 - Diferentes chaminés de balão.

Continuando esta evolução, quando o proprietário decide expandir a sua casa novamente em altura, constrói uma outra escada, por vezes mais estreita, agarrada ao volume do pangaio, mantendo as mesmas características formais do volume anterior, dando origem a outro volume a que se lhe dá o nome de mirante que é “*possivelmente o principal ícone da arquitectura “cubista”, como refere Miguel Viegas.*”³⁴⁶ A partir desta altura o proprietário pode então avistar o mar mais facilmente. Por baixo, o espaço disponível do cubo que será o mirante, era muitas vezes utilizado como mais um quarto, ou para arrumos. Mas como estes homens de Olhão pareciam estar constantemente em disputa de alturas, quando o vizinho também resolvia ampliar em altura a sua casa tapando-lhe a visibilidade que tinha obtido com o mirante, heis que decide levantar-se ainda mais alto, construindo o que viria a ser o contramirante. Este seria o último volume e também o mais pequeno, sobre o já construído mirante, localizando-se na parte posterior do mirante e com um acesso igualmente por umas escadas. Estas sucessivas escadas terminariam com um efeito decorativo arredondado que acompanhava o movimento da mão, bem como sobre elas existiam arcos ou cachorros.³⁴⁷ Com esta nova construção o proprietário teria de volta a sua tão apreciada vista. Ao todo seriam três cubos sobrepostos e acessíveis por escadas.³⁴⁸

O autor Raul Brandão também deixa a sua apreciação, aquando da sua passagem por Olhão: “*Subo à soteia - a melhor parte da casa. O homem de Olhão tem por ela uma paixão estranha. Se um vizinho a ergue, ele nunca fica atrás - levanta-a logo mais alto. É que a soteia é o seu encanto: sítio esplêndido para respirar, eira para a alfarroba e o figo, e quarto para dormir no Verão sob um pedaço de vela.*”³⁴⁹

³⁴⁶ VIEGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; FAUL, Lisboa, 2016; p.48.

³⁴⁷ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; p.174.

³⁴⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; Op. Cit.; p.174.

³⁴⁹ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; p. 239.

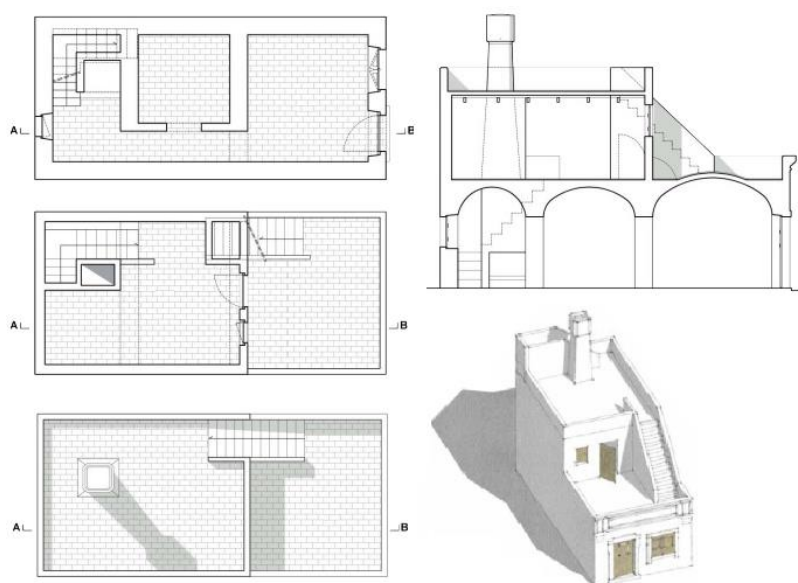


Figura 106 - Evolução da Casa Cubista de Olhão.

Por fim, falta clarificar que sobre o corredor de circulação da casa correspondia uma abóbada esticada, a que se dava o nome de abóbada de berço e a cada uma das outras divisórias da casa correspondia igualmente uma abóbada de maior dimensão. Apenas ao primeiro compartimento, da “casa-de-fora” correspondia uma abóbada “acumulada”, mais achatada que as restantes e cuja concavidade era notada na parte exterior, estando na açoteia.

Todas estas formas arredondadas ganhavam expressão quando pintadas com cal, pois o branco acentuava a beleza destas formas, das abóbadas, das paredes e das chaminés e a luz do sol fazia-as brilhar num fundo azul muito característico deste local (Figura 107).



Figura 107 - Acabamentos típicos e diferentes em escadas.

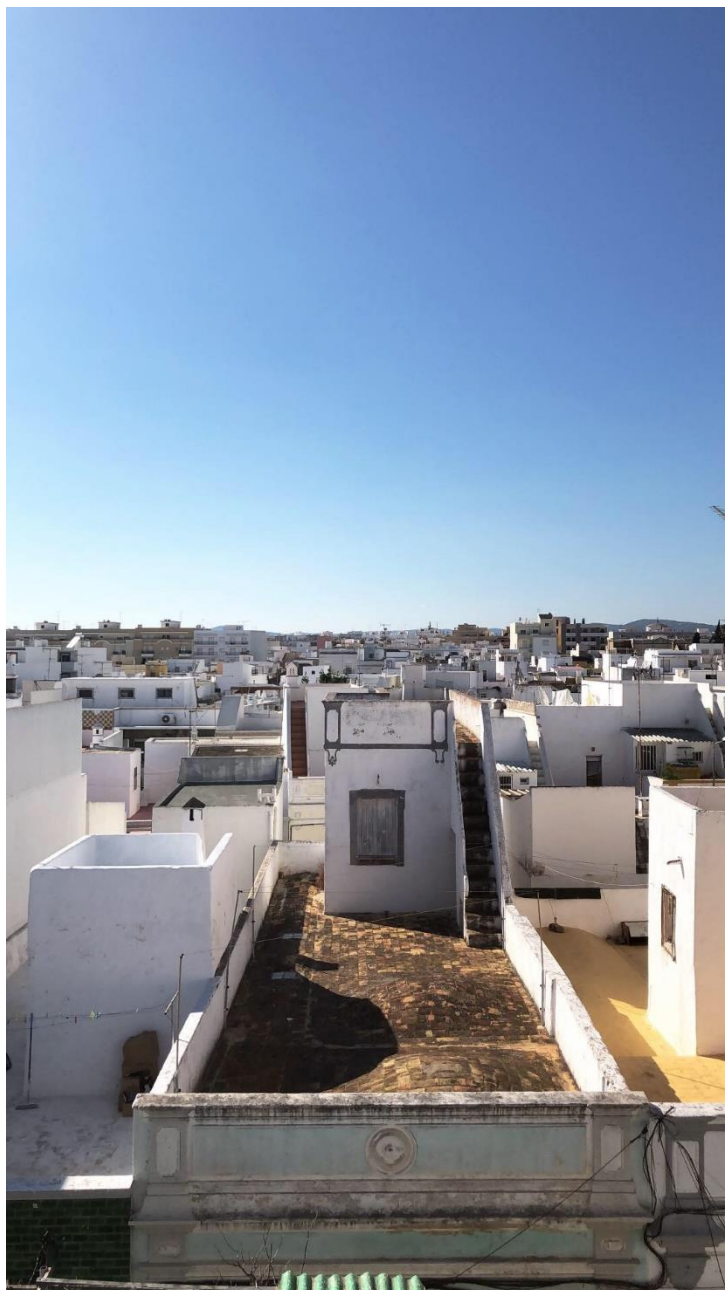


Figura 108 - Um exemplo real da casa com açoteia e mirante.

Como refere Orlando Ribeiro: *“Um dos elementos mais característicos da aparência das casas é a cobertura, que recorta no céu a silhueta inconfundível de certas cidades.”*³⁵⁰

³⁵⁰ RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992; p.53

5.2. Transformação da cidade com chegada de novos habitantes.

O interesse por estas diferentes temáticas sempre existiu, e apesar de reconhecer o valor histórico da cidade de Olhão, durante muitos anos não houve nenhuma força impulsionadora, ou promotora das histórias, costumes e da arquitectura desta cidade que a projectasse. A cidade existia assim como se estivesse adormecida ou escondida das pessoas que cá não viviam, e os que cá habitavam desde sempre estavam acostumados a ela na forma como se encontrava. Fazia parte do dia-a-dia e mesmo que pudesse apresentar-se mais cuidada, durante as rotinas e vivências das gentes da terra, não a consideravam má. Muitos não conheciam outros locais fora desta região e por isso também não sentiam necessidade de a mudar nem tinham possibilidades para tal.

De um momento para o outro deu-se uma reviravolta, não sabendo precisar em que instante nem qual o mecanismo que fez disparar este fenómeno, a verdade é que repentinamente se foi sentindo uma enorme mudança, como se a cidade voltasse a respirar e a ganhar vida. Talvez várias pessoas ao mesmo tempo tenham visto algo de especial e o potencial que possui e que sempre esteve à vista de todos, e que apenas precisava de lhe darem importância.

O céu azul luminoso sobre as casas cubistas brancas desperta sentimentos variados sobre estas pessoas que dizem sentir-se sortudas e abençoadas por poderem aproveitá-lo, assim como de toda a energia que a cidade possui. A luz brilhante e clara que aqui se faz sentir, a todos encanta e tem corrido o mundo, traduzindo-se no sucessivo crescimento da população. Quando Raul Brandão passou por Olhão descreveu-a de forma única e carregada de simbolismo, quase como o descrevem actualmente alguns turistas e novos moradores: *“De manhã saio em Olhão deslumbrado. Céu azul-cobalto – por baixo, chapadas de cal. Reverberação de sol, e o azul mais azul, o branco mais branco. Cubos, linhas geométricas, luz animal que estremece e vibra como as asas de uma cigarra. Entre os terraços, um zimbório redondo e túmido como um seio aponta o bico para o ar. E ao cair da tarde, sobre este branco imaculado, o poente fixa-se como um grande resplendor. É uma terra levantina que descubro; só lhe faltam os esguios minaretes. Duas cores e cheiros: branco, branco, branco e um cheirinho suspeito a cemitério.”*³⁵¹

Actualmente “Olhão está na moda”, mas pode também dever-se ao facto de outros países não estarem e por essa razão muitas pessoas verem em Olhão um local seguro, tranquilo e interessante.

Reportagens e entrevistas foram começando a ser frequentes na cidade de Olhão, uma vez sobre a arquitectura, outras sobre a gastronomia ou o clima e as praias e mais recentemente sobre os novos moradores que se instalaram nesta modesta cidade de pescadores, assim como sobre as antigas casas velhas que estão a ser compradas para serem

³⁵¹ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; p. 232.

reabilitadas e muitas vezes transformadas posteriormente em alojamento local. É todo um círculo que está interligado e que se desenvolve a grande velocidade. O interesse por este local foi alastrando e chegando aos países vizinhos, fazendo com que cada vez mais pessoas quisessem vir descobrir a verdadeira história e essência da cidade. Muitos estrangeiros resolveram ficar e abrir um comércio ou outra actividade que se destacasse, trazendo inevitavelmente mais interessados que posteriormente foram espalhando a palavra, fosse verbalmente ou através das redes sociais. E por essa razão também os jornais³⁵² manifestaram interesse e quiseram vir conhecer e entrevistá-los, como para além dos média também a Câmara Municipal de Olhão tem apostado na promoção da cidade através da divulgação da sua história, numa exposição em grandes painéis, localizada na Avenida da República, dando a conhecer o que é Olhão e ajudando os recém-chegados a contextualizar-se.³⁵³

Também o Arquivo Municipal António Rosa Mendes organizou uma importantíssima e valiosa exposição sobre a Arquitectura da cidade, denominada “Do Projecto à Obra”,³⁵⁴ de forma a dar a conhecer diferentes obras de valor histórico e arquitectónico. Trata-se de um conjunto que agrupa uma grande diversidade de formas, estilos e períodos de construção em Olhão. E encontra-se acessível a todos, através de um percurso pela zona histórica da cidade, maioritariamente na Avenida da República e Rua do Comércio.

Para se compreender o que acontece actualmente na cidade de Olhão, será necessário começar por clarificar algumas ideias do passado.

Olhão desde sempre teve má reputação e poucas eram as pessoas que lá queriam ir ou estar, pela má fama de contrabando e prostituição, facilitados pelo facto de lá existir um porto de pesca. Foram razões que contribuíam para que houvesse um clima pesado, inseguro e um ambiente urbano pouco asseado e malcheiroso. O povo olhanense sempre teve um espírito de entreaajuda, tanto nas actividades piscatórias como nas defesas de intrigas e desacatos. Olhão, não tinha muitos aspectos positivos a seu favor, apenas a pesca e mariscagem, assim como a indústria conserveira que era a forma de rendimento da maioria das famílias que aqui viviam.

Raul Brandão refere, na obra “os Pescadores” que, *“Há meio Século, Olhão, entranhado de salmoura e perdido no mundo, vivia só do mar.”*³⁵⁵ No entanto também refere que: *“(…) o grande negócio de Olhão foi sempre o contrabando. Não é contrabandista quem quer: é preciso inteligência e astúcia, arrojo, o alerta dum chefe selvagem e a imaginação dum poeta. (...) Também, diga-se a verdade: toda a gente em Olhão, ricos e pobres, protegia os contrabandistas e entrava no negócio. Nunca em terra se apreendeu uma peça de fazenda. Passava-se de soteia para soteia – para o que basta estender os braços –, e corria, se fosse preciso, a vila toda, porque nessas ocasiões até inimigos rancorosos se julgavam no dever de esconder o contrabando e todas as casas tinham uma guardadeira ou falso entre duas paredes.”*³⁵⁶

³⁵² Anexo 11.

³⁵³ Anexo 12.

³⁵⁴ Anexo 13.

³⁵⁵ BRANDÃO, Raúl; Os Pescadores; Editora: Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; 2005; p.233.

³⁵⁶ BRANDÃO, Raúl; Op. Cit.p.234 e 235.

A vinda de novos habitantes estrangeiros para o Algarve não é assunto novo, uma vez que há alguns anos atrás se verificou igualmente uma grande afluência de novos cidadãos, maioritariamente alemães e ingleses. Espalharam-se um pouco por toda a região, mas o concelho de Olhão foi um dos preferidos, especialmente na zona do campo - Moncarapacho.

Já nessa altura - cerca de 15-20 anos atrás- vinham com o mesmo propósito, de se instalar e de fazer vida por estas terras mais quentes e acolhedoras, tranquilas e de ambiente relaxante.

Grande parte destas pessoas veio para criar os filhos num ambiente que acreditavam ser melhor e mais saudável, ou para passar a reforma. Apreciavam igualmente o clima e gostavam de aproveitar o sol, mas continuavam a viver como se estivessem no seu país, continuando os mesmos hábitos alimentares, seguindo as notícias e canais do país de origem e frequentando os mesmos locais que os seus compatriotas. Não eram pessoas de muita conversa e pouco se sabia sobre eles ou das suas vidas, a menos que tivessem crianças na escola e inevitavelmente teriam que conviver com os colegas portugueses. Mas no geral eram fechados, muito recolhidos nas suas casas e propriedades, preferencialmente no campo.

Uma das razões pelo qual escolhiam Portugal, o Algarve e a zona de Olhão, para além do clima, era pela forma simples e pacata da vida que podiam ter e onde as regras ainda não seriam exigentes como as dos seus países que tinham uma rigidez à qual queriam fugir e mudar o estilo de vida outrora mais exigente e restrito, mais fechado e menos livre.

Apesar de tudo, essa liberdade e despreocupação que procuravam e que muitos encontraram aqui tinha e tem o seu lado menos agradável que por sua vez é menos conveniente, sendo muitas vezes frustrante, precisamente porque se depararam com uma grande falta de rigor, confusão e falta de palavra. Apontando alguns aspectos negativos existentes e que até o indivíduo português, apesar de tudo, não aprecia. Como é o caso dos serviços administrativos, sejam finanças, segurança social, telecomunicações, rede de transportes públicos ou serviços nacionais de saúde, que na maioria das vezes geram grandes complicações e percas de tempo, pois as questões burocráticas são excessivamente complicadas, onde os utilizadores se vêm enrolados em situações complicadas e incompreensíveis. A questão do mau funcionamento dos serviços nacionais de saúde, ou a rede de transportes públicos, são pontos negativos constantemente referidos, seja por habitantes ou turistas.

Como sempre há aspectos positivos e negativos e no Algarve os negativos tem um peso tão grande que conseguem influenciar os positivos, na medida em que são situações frequentes do dia-a-dia.

Outro aspecto refere-se ao comportamento do povo português, talvez do que se encontra mais a sul, e com isto não significa que seja geral, mas há em grande número uma certa leviandade no que diz respeito ao cumprimento da palavra dada, uma despreocupação e desinteresse. Digamos que uma certa leveza e relaxamento na obrigação/cumprimento de horários ou prazos em determinadas funções ou até mesmo na vida do dia-a-dia.

A mentalidade ainda não está programada para o rigor e assiduidade que existe noutros países.

Quer se queira ou não, esta forma de viver influencia e afecta diferentes aspectos em diversas áreas, nas decisões do dia-a-dia e a forma com que os indivíduos têm de se relacionar entre eles. Basicamente reflecte-se num “deixar andar” que nem sempre é compatível com responsabilidades diárias, e que têm que funcionar de forma a serem cumpridas quando se está fora do ambiente de férias, isto porque em época de férias tudo se complica.

Esta questão abrange inúmeras áreas e em muito mais haveria por dizer, mas importa assinalar que para além de afectar todas as outras áreas referidas, se reflecte bastante na área da construção, pequenas intervenções ou reabilitações em imóveis. Pois ou se demora demasiado tempo a realizar essas respectivas melhorias e caso aconteça é muitas vezes feito para despachar, por vezes realizado de “qualquer maneira”, ou nunca se chega a concretizar, resultando muitas vezes em abandono. Quando realmente se realiza, o resultado fica muito á quem das expectativas, não tendo qualquer preocupação ou sensibilidade com os materiais nem com o investimento feito por parte do proprietário. No caso de edifícios de carácter patrimonial, a preservação do que é histórico ou tradicional é maioritariamente ignorada.

Actualmente, durante os últimos três anos (2016, 2017 e 2018) o cenário repete-se, no sentido em que houve de novo uma grande massa de chegadas de novos turistas - desta vez maioritariamente franceses e italianos, ao contrário dos que vieram na década de 90 -estes também vêm deslumbrados com o que veem nos anúncios, publicidades e emissões transmitidas na televisão dos seus países, bem como vídeos sobre Portugal que circulam na internet. A grande maioria vem uma primeira vez de férias para conhecer e acaba rendido ao encanto do ambiente algarvio, às pequenas habitações de pescadores, às ruelas estreitas e labirínticas, à vivência das gentes desta região e à atmosfera incrível que dizem sentir em Olhão e como não podia deixar de ser, também à gastronomia e ao clima. É todo um conjunto, e não apenas a arquitectura que os atrai.

No entanto estes últimos, agora vêm para se instalar, passando a ser novos habitantes, mas com a diferença que desta vez o objectivo é outro. Vêm com vontade de se alojar nos centros urbanos e preferencialmente nos bairros históricos, pois é lá que reside a essência de cada cidade. Como é o caso de Olhão, onde a arquitectura e as vivências são mais autênticas e genuínas, onde há um grande ambiente de proximidade em que as vizinhas se conhecem umas às outras e há o hábito e o á vontade em pedir algo que lhes falte e onde os vizinhos se cumprimentam quando se cruzam na rua.

Querem fazer parte do contexto e conviver de perto com os portugueses, partilhar ideias e vêm com ambição de refazer as suas vidas à semelhança da vida algarvia. Gostam de se integrar e contribuir como voz activa do povo e querem ser aceites como habitantes da cidade, pois não vieram apenas procurar um novo lar num novo lugar, como também gostam de sentir que fazem parte dela e querem contribuir para a sua melhoria.

Este fenómeno, em Olhão é construído por um grupo de características que os faz querer permanecer, á semelhança dos que se querem mudar para Barcelona, ou para Veneza, porque há um ambiente, uma atmosfera autêntica e característica desse país.

Aqueles que não decidem permanecer de imediato, retornam ao seu país para organizar a vida que lá deixaram e voltam posteriormente para investir, no entanto existem alguns mais aventureiros, que decidem vender tudo no seu país de origem e vir directamente investir em Olhão, muitas vezes sem nunca lá terem estado e baseando-se apenas nos vídeos, entrevistas e fotos que veem ou apreciações que amigos e conhecidos lhes dão.

Querem absolutamente vir viver nestes locais e desta forma, fazer diariamente o que as gentes destas cidades fazem e tirar o maior proveito do que o clima em questão pode proporcionar.

Se por um lado esta chegada massiva tem dificultado a vida dos antigos moradores, por outro o património histórico e arquitectónico melhora, as antigas casas tradicionais que se encontravam em decadência, começam a renascer e as cidades começam a ganhar vida novamente. E se alguns municípios, antes não tiveram a iniciativa de as preservar ou reabilitar, estes novos habitantes vêm cheios de entusiasmo, bom gosto, perspicácia e com grande poder económico. Apostam na aquisição de imóveis típicos e restauram-nos, dando-lhes uma linguagem simples, limpa e clara, preferindo os espaços brancos como referência ao casario caiado, luminosos e livres de detalhes em excesso.

Em muitos casos trata-se de reabilitação do imóvel com carácter de habitação para seu próprio proveito, mas em alguns casos a função é alterada, deixando de ser habitação permanente unifamiliar para passar a ser Alojamento Local ou Hostel.

Algumas grandes casas de Olhão que se encontravam abandonadas ou em mau estado foram adquiridas por estes novos habitantes que lhes deram um novo aspecto e uma nova função, como por exemplo a Casa Fuzetta situada na rua Dr. Carlos *Fuzeta*, ou o antigo Convento localizado na travessa António Bento, renasceram e dão agora lugar precisamente a Alojamentos Locais ou Hostel's, onde recebem igualmente muitos estrangeiros.

Entre vários exemplos, destaca-se o exemplo apresentado abaixo, trata-se de um edifício situado em Olhão no largo São João de Deus. Na parte interior deste edifício situava-se a antiga mercearia anteriormente referida no fim do capítulo IV. Após terem passado os seus anos gloriosos, este edifício esteve fechado durante bastante tempo, esperando por melhores dias, até à data deste ano em que foi restaurado. Foram preservadas as suas características e todo o conjunto edificado foi enaltecido.



Figura 109 - Edifício antigo no Largo São João de Deus em Olhão, e posterior restauro - Guestmar.

Ainda que muitos habitantes demonstrem descontentamento em relação à presença de estrangeiros e turistas, pois estes cada vez são mais numerosos em terras algarvias e olhanenses, o que seria do Algarve sem eles? A verdade é que são os turistas estrangeiros que têm grande parte do poder de compra de que a cidade necessitava para melhorar e gerar desenvolvimento económico, para que tudo se movimente e continue a evoluir. Se não fossem os estrangeiros que vêm para ficar e que restauram edifícios centenários de forma aproximada ao estilo tradicional, que os valorizam e preservam, hoje em dia já não existiriam e grande parte do património ter-se-ia perdido, pois a gente local pouca importância e pouco valor dá ao património que possuem, descaracterizando sistematicamente a cidade e apostando em edifícios novos que nenhuma relação formal têm com a cidade. Assim as nossas cidades não passariam de apenas mais um aglomerado de prédios completamente descontextualizados, que infelizmente se deixou acontecer em grande número há uns anos atrás e por falta de sensibilidade continua a acontecer.

É o caso do edifício histórico da antiga sede do clube desportivo “Os Olhanenses” (Figura 110), que tendo sido recuperado no tempo em que ainda não estava demasiado degradado poderia ter sido preservado, pelo contrário, foi demolido recentemente, a 10 de Setembro de 2018, pela Câmara Municipal de Olhão para dar origem a um novo prédio.



Figura 110 - Edifício histórico recentemente demolido.

Agora, o centro histórico está claramente a ser cuidado pelas pessoas que não são naturais de Olhão, mas que claramente lhe dão mais valor. O que estava velho e devoluto e que foi comprado por um estrangeiro, está a ganhar vida, a voltar a tomar forma, sendo tratado com respeito e sensibilidade. E para grande satisfação dos habitantes, as características tradicionais locais estão a ser tidas em conta e a serem preservadas. Sempre que possível as paredes originais são recuperadas, assim como as platibandas, as chaminés, os pátios, as portas e janelas, os materiais originais, os objectos típicos, entre outros. Características a que dão muita importância e preferem ter mais trabalho na procura de quem saiba recuperar do que resolver de uma forma rápida e pouco relevante. Também o autor Fernando Silva Grade, para além de ser habitante regional, é igualmente sensível a esta última questão e refere que: *“Também a insensibilidade e falta de cultura das populações é um problema grave. Por exemplo, enquanto que a comunidade estrangeira procura reabilitar respeitando os pressupostos de autenticidade da arquitetura tradicional (portas e janelas em madeira, paredes caiadas, telhas de canudo, etc.), os portugueses, em geral, associam isso a atraso e adulteram o património com alumínio, tintas plásticas industriais e telha lusa ou simplesmente optam pela demolição.”*³⁵⁷

Veja-se as figuras 111 e 112, um exemplo de clara descaracterização de uma casa do Século XX, de função comercial, de tipologia semelhante à cabana³⁵⁸. Possuía telhado de tesouro e chaminé cubista, caiada e com cantarias, com a renovação perdeu o seu actual aspecto e ficou completamente revestida a azulejo, onde foi destruída a valiosa cobertura e chaminé para ser ampliada.

³⁵⁷ GRADE, Fernando Silva, Artigo em Semanário Regional do Algarve - Barlavento; <http://barlavento.pt/opiniao/os-mamarrachos-e-a-roda-da-regeneracao> acedido pela última vez a 26 Janeiro 2017.

³⁵⁸ ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul, Sol e Sal, Lda; 2015, Olhão; p.45.



Figura 111 - Casa situada entre a rua dos Micanos (à esquerda) e do Solposto (à direita). Com telhado de tesouro e chaminé de balão.



Figura 112 - A mesma habitação após sofrer transformação para o estilo arquitectónico de estilo "cubista" e ser revestida a azulejo.

Acaba por ser uma situação contraditória no que diz respeito à posição do indivíduo algarvio para com o novo habitante, no entanto quando veem o resultado final apreciam-no e ficam satisfeitos com o que foi concretizado pelo estrangeiro. Apesar de tudo acabam por admitir que foi realizado um trabalho meritório. Veja-se o exemplo apresentado abaixo (figura 113), de uma casa que se encontrava em elevado estado de degradação no cruzamento da travessa com a rua dos Micanos.



Figura 113 - Edifício na rua dos Micanos, antes e depois da reabilitação.

Não é exagerado se referirmos que Olhão se encontra envolto num fenómeno de Gentrificação - nome que se dá ao processo de valorização imobiliária de uma zona urbana anteriormente empobrecida e que alberga grande parte da população de baixo rendimento e em decadência, podendo no entanto ser um local bem localizado e com algum interesse, mas que pela ausência de variedade comercial (cafés, bares, restaurantes, mercados, lojas, serviços ...), falta de segurança, inexistência de ciclovias e vias adequadas ao tráfego, entre outras, se encontra desvalorizada. Deste forma este fenómeno vem enobrecer determinado bairro ou cidade.

Deparando-nos com essa realidade diariamente, acredita-se ser precisamente o que está a acontecer com a cidade de Olhão. A evolução da cidade tem sido notável, ainda antes de ser cidade era apenas um lugar - O lugar de Olhão, passando a ser posteriormente Vila de Olhão da restauração e era inteiramente habitada por pescadores e gentes do mar, naturalmente pessoas com poucas possibilidades económicas e pouco instruídas, verificando-se um analfabetismo que rondava os 80% - o mais elevado do país.³⁵⁹ Aos poucos foi evoluindo e posteriormente de uma forma natural e genuína começou a captar a atenção de outros habitantes, até que actualmente está repleta de vida, de portugueses e estrangeiros.

A velocidade com que a cidade se tem desenvolvido nestas últimas décadas têm sido admirável, ajudando-a a imergir e a projectar-se para o exterior. Apesar de todos os benefícios, este fenómeno de Gentrificação tem vindo a causar problemas e os efeitos negativos começam a sentir-se entre a população olhanense mais antiga e aquela que ainda tem um nível de vida médio-baixo ou baixo. Falamos de aumento substancial da população que necessariamente faz disparar a procura e por sua vez a economia local. O comércio que antigamente era acessível a todos, agora inflacionou excessivamente, dificultando muito ou em alguns casos, impossibilitando o acesso a produtos básicos diários.

Os valores de arrendamento ou venda de imóveis triplicaram, fazendo com que as antigas rendas subissem e impedindo quem já cá morava de se mudar. Lamentavelmente o individuo ou pescador olhanense não tem possibilidade de pagar o que agora está a ser pedido pelo mesmo bem que podiam pagar anteriormente. Pois o novo morador como tem maior poder económico consegue naturalmente ficar com as melhores ofertas, mesmo que estas já tenham sido inflacionadas depois da sua chegada. E quem já era habitante e tem casa para alugar ou vender, aproveita para aumentar o valor, sabendo que nesta altura pode ganhar muito mais do que ganhava antes. Infelizmente acontecem situações de despejo de inquilinos, frequentemente, para que os proprietários possam alugar a uma melhor oferta ou até mesmo vender.

³⁵⁹ VILLARES, João; A história de uma vida, António Jacinto Ferreira; Edição: Conserveira do sul, LDA; Olhão, 1997; p.25.

Estes são alguns exemplos do resultado de uma procura excessiva e de um interesse repentino por este local, onde a população tenta aproveitar aquilo que pode, mesmo que se verifiquem situações como estas.

O aumento que se verifica, não se aplica apenas ao mercado imobiliário, aos arrendamentos ou ao comércio como a muitos outros campos, como os parques de estacionamento públicos que para além de serem pagos, em determinados locais, o valor da tarifa subiu encontrando-se praticamente sempre completos, tornando difícil a tarefa de deslocamento de carro e respectivo estacionamento para qualquer afazer. Entre outras situações.

Há no entanto uma lacuna na evolução urbana da cidade, no sentido em que as infraestruturas não acompanharam o desenvolvimento repentino e excessivo da chegada de tantos habitantes, contribuindo para que se verifiquem actualmente graves problemas por resolver num curto espaço de tempo, como a questão dos esgotos e tratamentos de águas, pois a cidade não estava preparada para receber quantidades tão grandes de habitantes. Bem como a falta de atenção dada à questão do planeamento urbano, verificando-se que as atenções se concentram maioritariamente na zona ribeirinha da cidade e nos bairros típicos (Barreta e Levante), descurando a restante parte da cidade de Olhão, e verificando-se a degradação e desertificação de outras zonas que carecem igualmente de cuidados e reestruturação.

Esta situação, relacionada também com o sector do turismo, veio tirar as cidades do envelhecimento e do abandono, deixando de existir baixas desertificadas e zonas inseguras, e trazendo dinamismo às cidades. As pessoas estão mais atentas e “mais em cima do assunto” que se vive actualmente. Pois, estes novos habitantes ou residentes não permanentes foram criando alojamentos locais, onde anteriormente eram habitações de residentes permanentes, e os preços estão muito mais elevados. Esta realidade, apesar de melhorar as cidades, também criou problemas sociais, de ansiedade, depressão e incerteza na população, pela instabilidade no futuro dos habitantes locais. Não sabendo se perderam a casa onde habitam há vários anos, e se o ordenado que ganham ainda possibilita o pagamento de todas as despesas mensais, pondo de lado, a possibilidade de extravagâncias.

Também é uma situação problemática para os jovens- adultos, que estão em fase de iniciar a sua independência, quer isto dizer que seria a altura de deixar a casa dos pais e iniciar as suas vidas, no entanto, existe uma enorme dificuldade no acesso a uma habitação, bem como condiciona e adia toda uma sequência de processos naturais na vida das pessoas.

Todas estas problemáticas se verificam diariamente, e não parecendo haver solução trazida por parte dos habitantes, a solução deverá passar inevitavelmente por normas reguladoras impostas pelos municípios, ou verificar-se-á o oposto daquilo que se pretende e da situação agradável que ainda se consegue viver actualmente.

Antes deste “boom” turístico, vinham apenas alguns turistas, os emigrantes e os visitantes nacionais que tiravam férias em determinada época do ano (Julho e Agosto), e que após os meses de verão partiam. Actualmente o cenário mudou e nos restantes meses do ano ainda permanece muita população, uma vez que grande parte dos novos habitantes são

estrangeiros de faixa etária acima dos 50 e 60 anos que vêm instalar-se cá para passar a reforma, e mais recentemente, muitos novos habitantes acima dos 40 anos que vêm à descoberta de cidades como a de Olhão, Fuzeta ou Tavira, que querem comprar casa e restaurá-la, e se possível fazer negócio com a compra e venda de imóveis restaurados ou até com outras ideias que começam a surgir trazidas por estes.

Tudo para explicar, que actualmente já não está tão acentuada a anterior fase em que um grande volume de população invadia o Algarve, num específico período de tempo e partia após terminarem as férias escolares, dando lugar de novo à vida tranquila, característica desta região. Hoje em dia, verifica-se durante todo o ano, quase o mesmo ambiente agitado e preenchido que existia há anos atrás apenas na época das férias de verão, caracterizando o turismo sazonal.

Por consequência, actualmente nos referidos meses de férias presencia-se um ambiente caótico, onde estradas, estabelecimentos comerciais, praias, restauração, entre outros se encontram completamente “entupidos” de pessoas e veículos.

A zona ribeirinha de Olhão, onde se encontram os mercados Municipais de Olhão de fruta, legumes e de peixe é o melhor cenário, onde é possível testemunhar esta azáfama e multidão.

Talvez por tudo ser novidade ou por verdadeiramente lhes agradar, demonstram grande felicidade e vontade de fazer parte da vida e das vivências da cidade, por isso frequentam os mesmos espaços, os mesmos estabelecimentos, fazem compras preferencialmente nos pequenos comércio e mercearias por acharem único e autêntico, preferem os produtos naturais, regionais e de agricultores locais, têm uma grande admiração pelo Mercado Municipal, assim como pelo mercado exterior realizado aos Sábados (Figura 114), pelos produtos que lá encontram e pelas pessoas que as vendem. Adquirem objectos e utensílios/adereços de artesanato, tanto para uso pessoal como para decoração de casa, entre muitas outras situações.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Figura 114 - Olhão, baixa ribeirinha, mercados e produtos locais.

5.3. Reabilitação de antigas casas em Olhão.



Figura 115 - Fachada de habitação típica Olhanense, em processo de restauro.

As cidades em geral desenvolvem-se de forma natural com a ajuda e intervenção de quem nelas vive. Espera-se, no entanto, que essa evolução seja feita ponderadamente e segundo a história desse local. Que os habitantes e entidades preservem a sua morfologia, de forma a compreender naturalmente o seu progresso, as suas etapas evolutivas e a sua

identidade. É importante para quem lá vive se identificar com a cidade e com a sua história, que goste de lá viver e que se compreenda como essas pessoas fazem parte dela.

Só assim haverá uma harmonia e só assim será uma cidade interessante e apelativa, só deste modo é que vai ser possível atrair outras pessoas que venham de fora e seja possível projectar a cidade sendo algo diferente e genuíno. Desta forma será possível para quem tem a responsabilidade de lhe dar continuidade através do estudo e da construção, compreendê-la e conseguir fazer uma leitura temporal responsável, respeitando a sua continuidade.

Vários anos se passaram e tudo foi sendo alterado e melhorado, mas se recuarmos a 2016, compreendemos que foi a altura em que se começou a sentir a mudança, actualmente maior e mais agradável. Podemos dizer que foi a altura em que pela primeira vez as pessoas estavam a querer vir para Olhão, para visitar, para conhecer e o mais extraordinário, para habitar!

Actualmente um pouco por todo o Sotavento algarvio, mas em especial na cidade de Olhão tem-se verificado uma tendência evocativa das construções tradicionais, bem como uma preferência pelas antigas casas de pescadores, de pequenos espaços simples. Pensa-se que pelo ambiente tranquilo que estes espaços transmitem, talvez também por estes remeterem às origens e ao que era característico do país. Afinal, o que é típico em cada lugar é o mais apreciado e procurado, seja em Portugal ou noutro país.

O número de habitações em fase de reabilitação hoje-em-dia é bastante significativo, seja para adaptação a habitação própria como Alojamento Local ou para posteriormente voltar a vender.

Pessoas (locais ou novos habitantes) já conscientes daquilo que hoje se utiliza, do conforto nos materiais ditos modernos, com superfícies planas e quase perfeitas (sem irregularidades), das construções grandes, amplas, claras, e actuais, estão a preferir as antigas casas modestas de pescadores ou agricultores, tanto nos meios urbanos como nos rurais. Com todas as suas histórias e vivências outrora lá passadas, no caso de as remodelarem escolhem fazê-lo á semelhança da sua originalidade, onde os compartimentos pequenos imperam, mesmo que alguns deles não tenham abertura para o exterior. Preferindo e voltando aos materiais construtivos locais, escolhendo objectos decorativos de antigamente, autênticos, com imperfeições, mas com mais personalidade.

Os novos moradores mostram-se bastante activos, muito bem informados no que diz respeito ao que a lei permite ou não e querem tratar de tudo correctamente. No que diz respeito às obras de reabilitação, são incansáveis na procura de artesãos capacitados para intervir nas suas recentes aquisições: pedreiros, carpinteiros, estucadores, escaioladores, caiadores, entre outros, pois querem materiais que se assemelhem o mais possível com os de antigamente. E muitas vezes não é fácil encontrar ou conseguir quem realize uma porta com aparência semelhante às antigas. Não sendo também tão económico como outra qualquer mais simples e de material mais corrente. Procuram muitas vezes em lojas de antiguidades para completar todo e qualquer detalhe decorativo.

Muitas destas casas são restauradas com uma simplicidade e requinte, deixando á vista a sua essência e tradição. Utilizam matérias-primas locais, recuperam sempre que possível as cantarias das portas e janelas originais, tal como as madeiras das mesmas, e até as telhas de canudo, mesmo que estejam sujas e com musgo, as chaminés rendilhadas ou cubistas. No interior, as abóbadas em tijolo de burro, os mosaicos hidráulicos, os tacos de madeira, assim como a escaiola original ou os efeitos decorativos de Art déco existentes em paredes e tectos, ou os revestimentos em madeira no tecto (Figura 116).

Todas estas obras de arte e materiais têm um valor incalculável e começam a ser escassas. Quando estas pequenas habitações já não as possuem, tentam procurar em velharias o que seja semelhante ao original ou pedem por encomenda a quem saiba fazer o mais parecido possível.



Figura 116 - Exemplos de Escaiolas, Art Déco e tectos revestidos em madeira.

É nesta fase que reside a grande dificuldade. Encontrar artesãos e trabalhadores com mão-de-obra qualificada. Seja pelo método de trabalho, pela qualidade ou pela diferenciação

dos trabalhos destas pessoas. No início desta loucura de reabilitação era difícil encontrar boas referências, pois muitos locais tinham fechado as portas nos tempos de crise e os que se conseguiram aguentar essa fase, hoje recuperaram dinheiro, sejam ceramistas, oleiros, serralheiros, carpinteiros, entre outros ofícios.

Como é o caso do Sr. Gouveia, mestre de mosaicos hidráulicos que igualmente tinha vendido grande parte do material e tinha fechado as portas nos anos de crise, no entanto hoje, pela sua experiência e por não ter concorrência na zona de Olhão, tem dificuldade em dar resposta a tantas encomendas. Em Olhão, uma grande parte das antigas casas que estão a ser recuperadas tinham este tipo de revestimento, hoje, alguns estão danificados ou em falta, ou até no final das obras se sentiu a necessidade de substituir por completo e é necessário quem o faça como se fazia antigamente, é nessas alturas que procuram o mestre.

Tudo o que possa ser aproveitado e que seja original, privilegiam o aproveitamento, caso não seja possível recuperar tentam encontrar igual ou semelhante. Sejam os mosaicos hidráulicos, ou antigos ladrilhos de Santa Catarina, antigas telhas de canudo, azulejos pintados à mão, pedras de cantaria, balaustres em louça e ferragens - (Puxadores, fechaduras e batentes de “mãozinhas”).

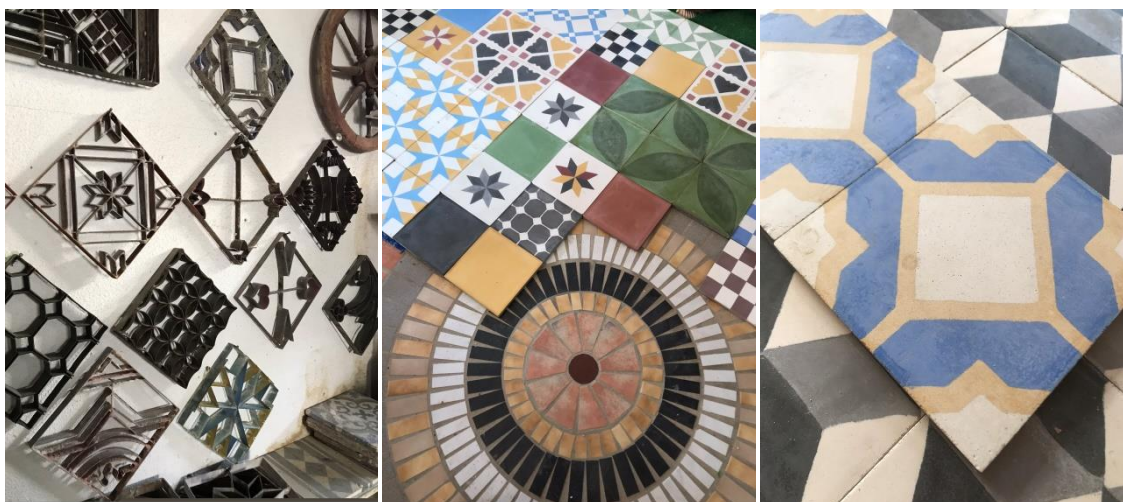


Figura 117 - Moldes e Mosaicos Hidráulicos.

Por vezes o conforto, a eficácia e a ausência de manutenção, falam mais alto e nesses casos, por exemplo, para janelas e portas preferem o PVC ou alumínio, mas sempre com o cuidado de se assemelhar com modelos antigos.

Na Figura 118 apresentam-se alguns exemplos do que foi referido.

Por outro lado, estas pessoas referem que as imperfeições dão mais charme, mais beleza e carácter a um objecto e à casa.

Tanto os objectos como as casas antigas transmitem uma energia diferente e mais calorosa, mais reconfortante e positiva. Casas que tenham sido já habitadas têm uma história por trás e isso torna-as mais interessantes e acolhedoras.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

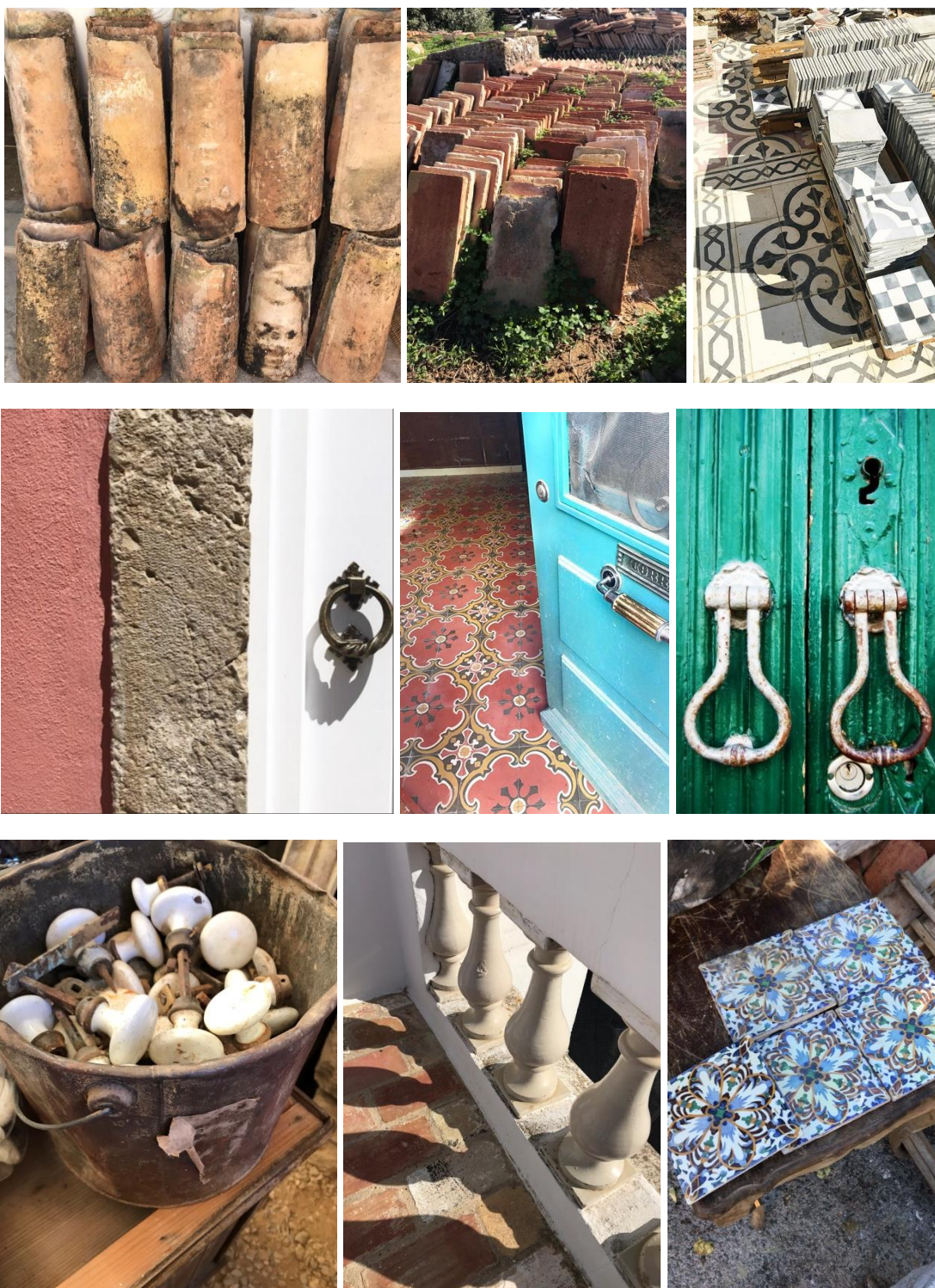


Figura 118 - Materiais antigos, recuperados, para lhes ser dada uma nova vida.

Também se aplica o mesmo cuidado nas decorações de interior, os utensílios que se diziam estar ultrapassados ou que ninguém já lhes dava interesse, agora são muito apreciados e valorizados, mais uma vez maioritariamente por estrangeiros, procuram-nos em feiras de velharias e em lojas de antiguidades, como por exemplo, camas de ferro antigas, pequenas mesas de madeira, baús de madeira maciça, lavatórios cerâmicos, vasos, jarros, espelhos, pratos cerâmicos pintados à mão, rendas igualmente bordadas à mão, entre muitos outros objectos e utensílios decorativos.

O mínimo detalhe revela-se superimportante, pois conjugam-nos com outras peças contemporâneas, criando uma mistura agradável e confortável. Cada pormenor tem a devida atenção de forma a ser valorizado e lhe ser dada uma nova vida pra que possa ser de novo apreciada e utilizada, para tal, por vezes até lhe é dada uma nova função para que se possa usufruir, como é o caso de alguns móveis.

Assim conseguem ter casas no centro histórico, recuperadas à semelhança de antigamente, tanto exteriormente como interiormente, mas actuais e carregadas de simbolismo, de história e beleza e que fazem com que permaneça viva a história da cidade e do país.

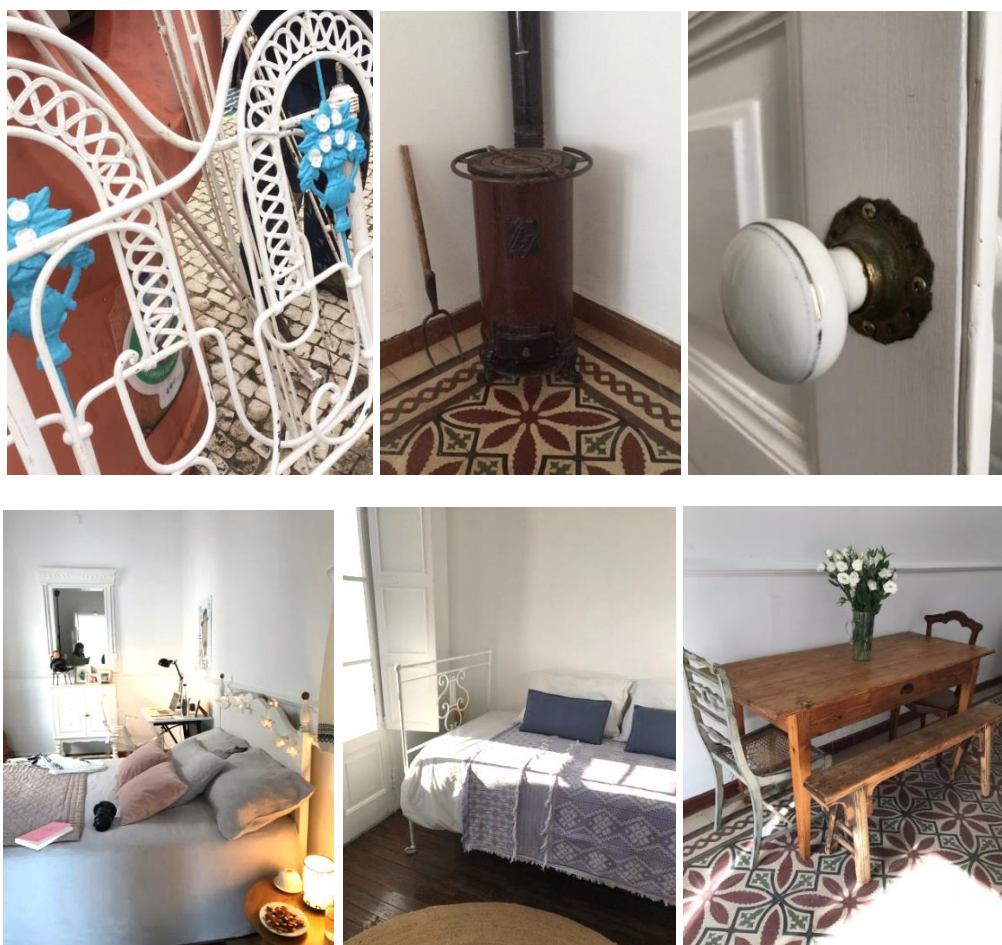


Figura 119 - Objectos antigos recuperados e reutilizados em decoração interior.

Com esta grande procura por antiguidades e objectos clássicos, surgiu recentemente outro negócio que se encontrava adormecido, e a busca tem sido frenética, possivelmente desde á dois anos atrás. As lojas de antiguidades, móveis em segunda mão e restauros começaram a surgir em grande número um pouco por todo o lado, não só se verifica uma enorme oferta como os valores destes objectos também inflacionaram imenso. Mais uma vez, temos outro exemplo de como a vinda de turistas tem contribuído positivamente para a evolução económica e dinamização desta região portuguesa.

Uma ideia leva a outra e algumas pessoas não perderam a oportunidade para fazer algo interessante e útil. Numa altura em que muitas casas eram demolidas ou remodeladas e ainda não era dada a devida importância às antiguidades, como janelas, portas interiores e exteriores, pedras de cantarias, ferragens, balaustres cerâmicos, entre outros objectos e mesmo não tendo possibilidade de alugar ou adquirir um espaço para esse fim, dedicaram-se à recolha destas peças antigas, na grande maioria em mau estado, mas com uma beleza incontornável. Muitas delas já raras ou quase impossíveis de recriar, ou caso fosse essa a intenção, seria excessivamente dispendioso, por isso recorrem a estas pessoas que tiveram o bom gosto e bom senso de guardar o que conseguiam e o saber para as poder recuperar, podendo depois vendê-las por um valor consideravelmente bom.



Figura 120 - Conjunto de portas antigas para reutilizar.

Os espaços exteriores que tantas casas em Olhão possuem, sejam pátios, açoteias ou mirantes que outrora foram criados para uma finalidade cultural própria desta arquitectura cubista, são agora um grande atractivo e um dos requisitos no momento da procura e aquisição de imóvel por parte dos novos habitantes.

Como sempre aconteceu, os futuros novos habitantes vêm para este local atraídos pelo sol, pelo clima e pelas possibilidades que ele permite fora de casa como dentro dela.

Ao contrário do português olhanense e do que sempre foi costume, isto é, antigamente estas dependências eram utilizadas para secar frutos, para avistar o mar, para dormir ao fresco nas noites de verão mas também era utilizada como extensão da casa e para arrumos de tudo o que não se queria dentro do espaço habitável, colocavam todos esses pertences no exterior, nos pátios, açoteias, varandas e/ou marquises, muitas vezes criando coberturas de forma a proteger estes objectos para que não se molhassem ou não se danificassem com as características climáticas. A estas coberturas improvisadas pouco cuidado estético era ou ainda é dado, porque o importante é que o resultado pretendido funcione.

Por sua vez, o estrangeiro dá-lhe uma outra utilidade, como vêm de um país onde pouco pode apreciar o sol, pretende que seja mais um espaço minimalista e bonito, onde possa disfrutar da boa temperatura, do sol, onde possa permanecer tranquilo a ler ou para receber visitas. Actualmente tem-se verificado a existência de pequenos tanques, como os antigos tanques utilizados para rega. Estes pequenos tanques têm como objectivo, dar a possibilidade de se refrescar, mesmo estando numa casa urbana. Apesar de tudo, outros são mais ambiciosos e acabam mesmo por realizar piscinas sobre estas casas. É certo que dá outro ambiente, outro charme e outro requinte à casa. Mas também é necessário ter em conta que para além de ser um tipo de pessoa com uma cultura e vivências diferente, que inevitavelmente tenha tido um estilo de vida completamente oposto e necessariamente com um poder económico superior, o resultado final seja tão surpreendente.



Figura 121 - Diferenças económicas e variável uso do espaço exterior.

A apresentação exterior da habitação é o cartão de boas vindas para o resto da casa e a sua apresentação na fachada ou em todo o conjunto exterior é importante, esteticamente e valioso arquitectonicamente. Se a fachada for bonita e apelativa, bem cuidada e possua detalhes de carácter arquitectónico importantes, possivelmente o interior poderá também ser. Caso esta esteja para venda, mais rapidamente surgiram apreciadores e interessados.

Por volta dos anos 80-90, surgiu um estilo ou moda, que se espalhou um pouco por todo o Algarve e que pôs em causa a beleza e importância dos centros históricos, que descaracterizou em grande parte os traçados tradicionais, de uma forma descontrolada, sem que as Câmaras intervissem, dando desta forma liberdade para a realização de tais descaracterizações. Foram sendo substituídas as antigas e valiosas portas e janelas de madeira, que pudessem estar danificadas ou não, por elementos de alumínio anodizado, e precianas em rolo de plástico ou portadas de alumínio, acompanhadas de molduras de mármore cinza, preto ou branco, e ainda combinado com um revestimento total da fachada em azulejos denominados de sanitários que lhes conferiam um aparente isolamento exterior, que se justificava por se dizer que resolvia a questão da humidade, salitre e o problema de manutenção da mesma. Muito comum nesta região, um conjunto muito generalizado e fácil de encontrar em qualquer parte da cidade de Olhão e que aparentemente foi muito apreciado, uma vez que continuou a ser progressivamente repetido. Também o autor Fernando Silva grade, refere a mesma questão e tem trabalhado e alertado para esta desmedida descaracterização, acentuadamente em Faro, ao qual os municípios poderiam dar maior importância.³⁶⁰



Figura 122 - Exemplos de fachadas descaracterizadas com revestimentos de azulejo e portas e janelas de alumínio.

³⁶⁰ GRADE, Fernando Silva; Carta Aberta ao Presidente da Câmara Municipal de Faro, Professor Rogério Bacalhau; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 3 de Dezembro de 2017; <http://barlavento.pt/opiniao/carta-aberta-ao-presidente-da-camara-municipal-de-faro-professor-rogerio-bacalhau> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

5.4. Exemplos de Reabilitação

5.4.1 - Casa Saudade³⁶¹

Rua Dra. Paula Nogueira, N.º. 29, Olhão.



Figura 123 - Localização Casa Saudade, Rua Dra. Paula Nogueira. Olhão.

A palavra saudade diz muito de um português, e é dessa forma que se define esta casa que tão bem se integra na cidade. Trata-se de uma casa em banda, encaixada num alinhamento de outras casas de morfologia semelhante, inserida numa rua igualmente estreita, onde os vizinhos ficam todos muito próximos uns dos outros. É uma casa alta, com uma platibanda pouco ornamentada, uma porta igualmente alta e esguia, assim como dois grandes vãos. A proprietária, filha de portugueses, viveu uma longa temporada da sua vida no estrangeiro. E como sempre o que a faz retornar foi a saudade, da família, do seu país, das memórias de infância que guardavam, dos costumes, da gastronomia, do clima e muito mais.

Foi assim que tudo começou, a Claudia comprou uma casa tradicional Olhanense de planta organizada em comprimento, com “casa-de-fora” como primeiro compartimento à esquerda, corredor de circulação encostado à direita, seguidamente três peças alinhadas à esquerda, que apenas recebem luz solar a partir da claraboia existente no cimo das abóbadas, e por fim, a pequena cozinha que dá para o pátio exterior. Neste espaço encontramos dois pequenos compartimentos, um destinado a arrumos e outro a uma pequena casa de banho de serviço debaixo do vão das escadas que dão acesso ao piso um, onde se pode encontrar primeiramente uma pequena sala de estar e seguidamente um quarto amplo e comprido do lado direito. Do lado esquerdo existe um pequeno corredor que conduz inicialmente a outra pequena casa de banho e seguidamente até um segundo espaço exterior de lazer. Entre o corredor e a casa de banho encontramos outras escadas que conduzem até ao piso dois, onde

³⁶¹ Anexo 14.

existe uma açoteia e outras escadas mais pequenas que encaminham ao mirante. É, portanto, uma casa olhanense bastante completa.

O seu objectivo era recuperá-la, e à semelhança de tudo o que já foi dito, procurou reunir uma equipa de profissionais nos mais diversos ofícios, para que no final a sua casa se parecesse com as antigas, respeitando a sua natureza arquitectónica e os materiais originais.

Alterou a dimensão do primeiro compartimento, removendo o vão existente e criando uma grande abertura na primeira parede à esquerda, para que o espaço comum fosse mais amplo, agradável e fluido, fez o mesmo também no segundo, deixando de ter um compartimento fechado para ter uma segunda pequena sala, mas nos restantes espaços apenas foi preciso simplificar, sobressaindo assim naturalmente todo o charme que esta casa já possuía. O chão original de mosaicos hidráulicos foi preservado e tratado, as madeiras foram igualmente mantidas e nutridas, bem como as soleiras em pedra. As portas e janelas foram recuperadas e as que não foram possíveis preservar, foram confeccionadas à semelhança das originais. A cozinha pouco foi alterada e até os móveis originais foram recuperados e pintados. Acrescentou alguns móveis para ter mais arrumação e o restante é recheio de electrodomésticos habitual das cozinhas. No pátio interior da casa apenas se simplificou, eliminando as vegetações em excesso e limpando as paredes que possuíam uma escaiola amarela em mau estado, não tendo sido possível recuperá-la. Assim o anterior espaço carregado ficou igualmente mais amplo e claro, dando espaço para colocar uma mesa para refeições ao ar livre.

Por fim, todo o recheio decorativo foi seleccionado com o maior cuidado e gosto, tratando cada peça e cada recanto com muito carinho e requinte, foram escolhidos móveis antigos, recuperadas camas de ferro e mesas de cabeceira, mesas e cadeiras para a sala de jantar em velharias, peças decorativas como uma salamandra entre outras que foram conjugadas com peças mais actuais para dar um conformo e harmonia agradável à casa. No piso um, foi criada uma passagem sobre o pátio exterior que encaminha até um pequeno tanque onde é possível se refrescarem nos dias mais quentes. O piso dois sofreu igualmente uma transformação, o mirante foi fechado com uma estrutura efémera em madeira, dando lugar a mais um quarto com uma vista encantadora sobre as açoteias de Olhão. As fotografias onde se poderá compreender a diferença de antes e depois encontram-se nos anexos.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Três pisos, 140 m².

Planta sem escala, meramente ilustrativa.

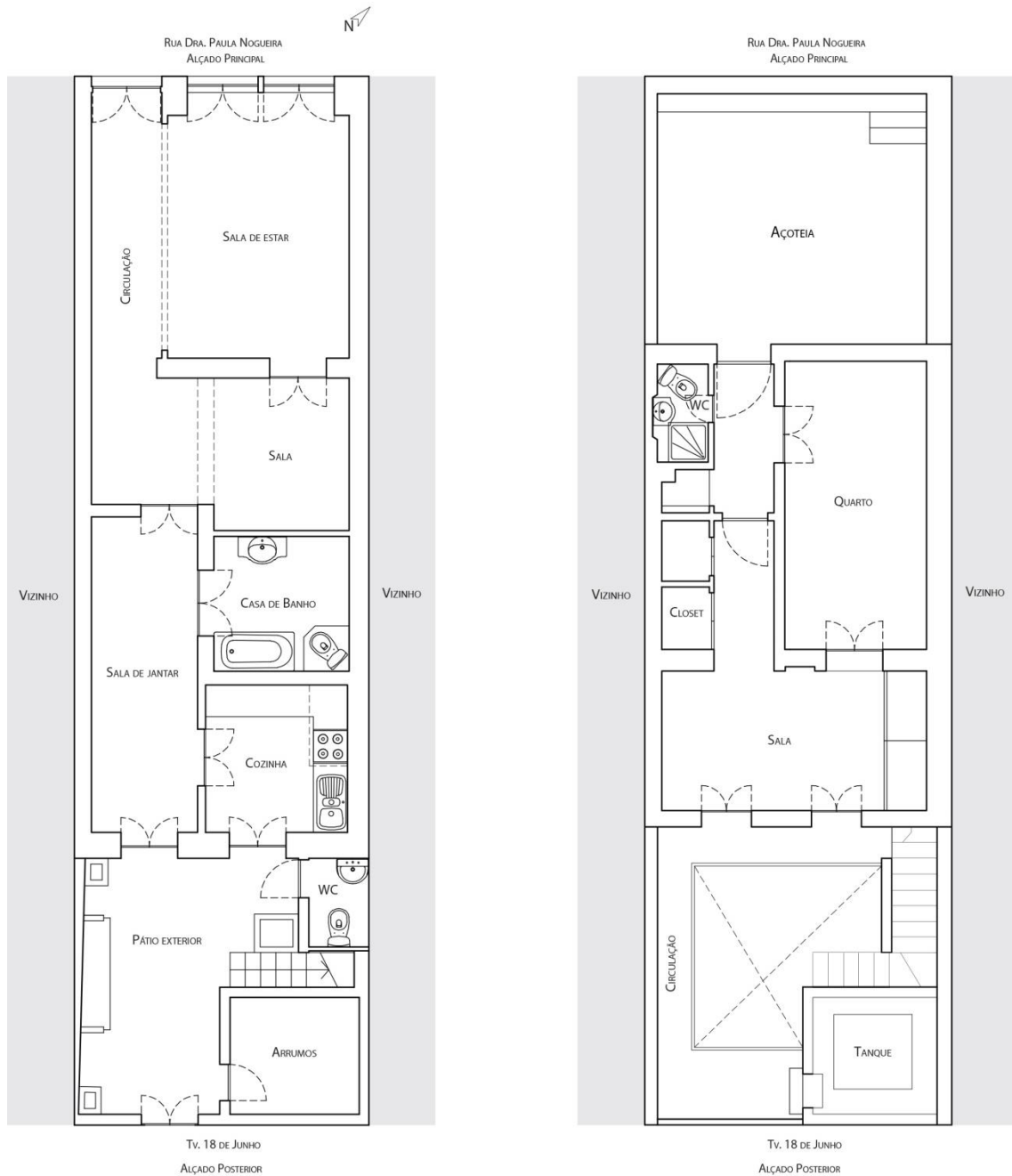


Figura 124 - Planta do Piso 0 e Piso 1

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

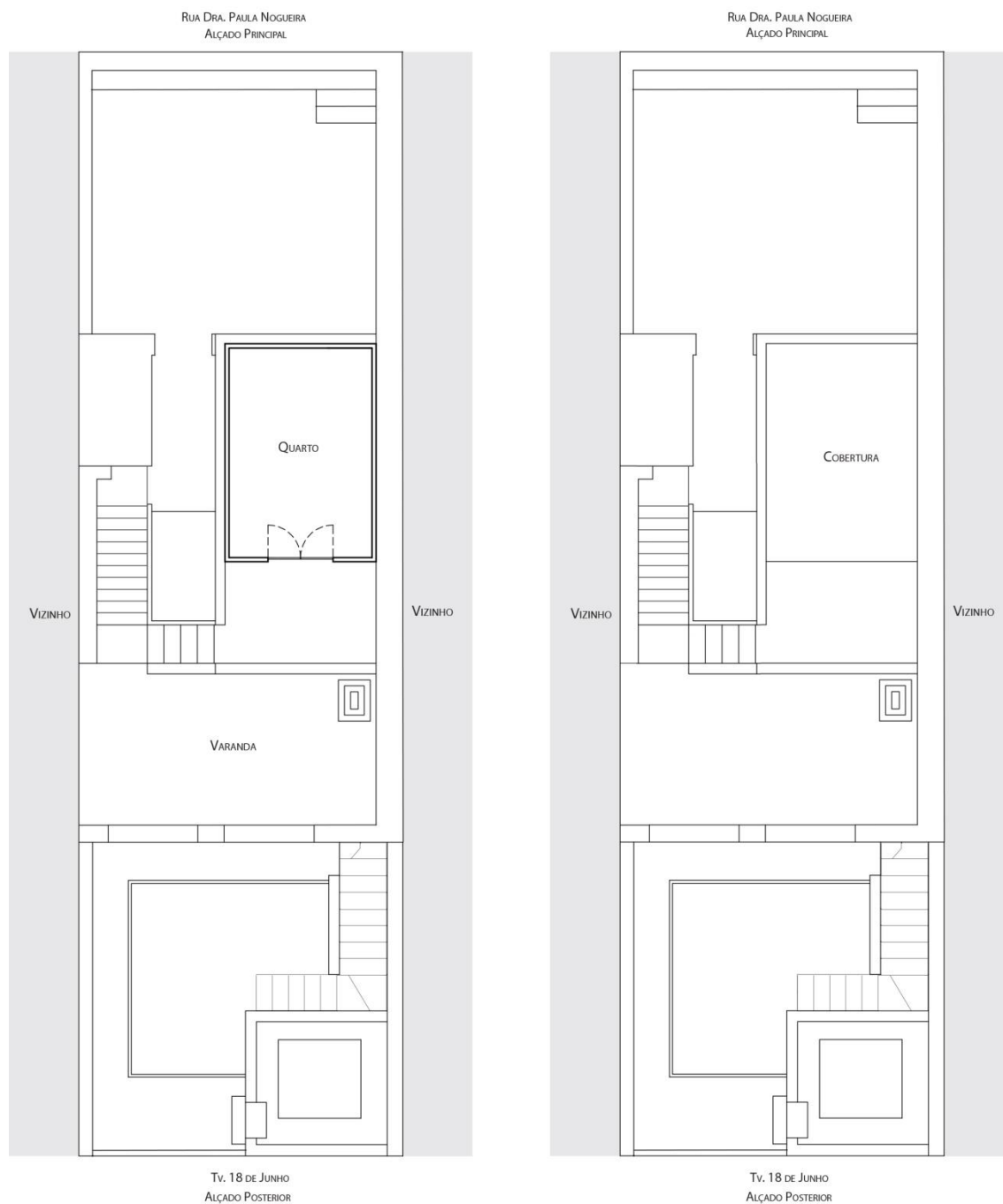


Figura 125 - Planta do Piso 1 e Cobertura.

5.4.2 - Casa Xadrez³⁶²

Rua Serpa Pinto, N.º.40, Olhão.



Figura 126 - Localização Casa Xadrez, Rua Serpa Pinto. Olhão. Adaptado a partir do GoogleMaps.

Segundo os primeiros donos, inicialmente aqui existiu uma das antigas cabanas características desta cidade, por sua vez, e tal como noutros casos, a primeira forma deu lugar a uma casa de “pedra-e-cal” bastante simples. Nos anos 80 foi comprada por outro proprietário que a melhorou e que a decorou à sua maneira, revestindo-a a azulejos. Antes de se explicar o processo de alteração, compreenda-se que esta é uma habitação mais pequena que a anterior, mas igualmente em banda, inserida numa rua em que todas as casas têm aproximadamente a mesma morfologia, tanto as que estão no mesmo alinhamento desta como as que estão em frente e que acompanham a mesma sequência até ao fim. A casa tem uma fachada simples e livre de detalhes, com uma porta de tamanho mais corrente, aproximadamente dois metros de altura, assim como as duas janelas de formato normalizado.

No interior, uma organização semelhante, mas com algumas alterações, e menos compartimentos, “casa-de-fora” à entrada e à esquerda, à direita o corredor de circulação, seguido de um espaço destinado a quarto anteriormente, depois um corredor central que dá para dois compartimentos à esquerda e um maior à direita, todos sem ventilação natural e apenas uma pequena claraboia localizada no centro das abóbadas. Posteriormente a cozinha e pátio no espaço exterior com um antigo poço no canto superior direito. A partir do pátio existe à esquerda umas escadas sobre arcos, que encaminham até à açoteia ampla e triste, onde se pode encontrar um pequeno anexo destinado a arrumos e umas pequenas armações para efeito de coberturas, possivelmente para armazenar objectos. Neste modelo não existe mirante e nesta rua poucas casas o têm, verificando-se maioritariamente apenas um anexo, como a deste caso de estudo.

³⁶² Anexo 9.

Sobre as alterações realizadas, podemos dizer que inicialmente todos os compartimentos estavam revestidos por azulejos, que aparentemente resolvia o grande e frequente problema de humidades nesta cidade. Apenas não existia no tecto pela dificuldade de os colocar em superfícies curvas. Pois o motivo para esta situação é a grande humidade que se faz sentir em algumas casas desta cidade, inclusive esta. As portas e janelas exteriores foram substituídas por alumínio anodizados cinzentos e pretos que nada tinham que ver com os originais e as portas interiores foram trocadas pelas correntes portas de 2 m por 0.75 cm em madeira escura. Apenas porque todos estes materiais conferiam durabilidade e isenção de manutenção. Toda a casa parecia uma caixa celada e desprovida de conforto ou beleza.

Posteriormente foi de novo vendida e o novo proprietário, estrangeiro, gostaria que a sua casa se aproximasse o mais possível das originais antigas. Quando se deu início às obras, mais uma vez o importante seria despir as paredes e deixá-las livres de revestimentos, acentuando as suas bonitas formas curvas de arcos e abóbadas com a cor branca. Neste caso, nenhum material foi aproveitado e nada do que foi utilizado posteriormente era original desta casa. Pode dizer-se que terá sido um trabalho de imitação do antigo, e que como resultado final resultou muito bem. Materiais como ladrilhos de barro natural cozidos - de Sta. Catarina, portas antigas estreitas e altas de madeira e respectivos puxadores em louça branca e metal, pavimentos cerâmicos novos a imitar os antigos mosaicos hidráulicos, foram utilizados. A cozinha foi realizada em alvenaria, igualmente à semelhança das antigas, com portas de armários criados posteriormente à medida e em madeira, fazendo alusão ao reticulado característico de Tavira.

O espaço exterior deixou de ser uma zona de arrumos, completamente revestido de diversos materiais e tapado com diferentes coberturas e passou a ser um espaço aberto agradável e de lazer, dando apoio à cozinha nos dias agradáveis de sol e calor. Os arcos por baixo das escadas sobressaíram com a simplicidade dada, os degraus foram refeitos e o cobertor foi revestido com ladrilhos de barro assim como o piso da açoteia que foi todo nivelado e refeito, recebendo o mesmo revestimento exterior que os restantes espaços, neste local os ladrilhos foram colocados em espinha. A chaminé que tinha sido completamente descaracterizada e igualmente forrada a azulejos foi reabilitada no cano e recebeu uma nova parte de cima.

As chapas de zinco caneladas que existiam no exterior para a criação de pequenos alpendres foram removidos e deram lugar a um agradável anexo, complementando o pequeno cubículo já existente, desta forma foi possível criar um anexo com quarto e casa de banho. Para o espaço complementar exterior, foi realizada uma pérgula em madeira à medida e um pedestal em deck para se sobrepor à abóbada da sala, e desta forma poder utilizar este espaço. Bancos e uma mesa central em paletes foram criados especialmente para este espaço e o tampo da mesa foi forrado com antigos azulejos pintados à mão que terão sido recuperados de uma antiga fachada.

Dois pisos. 92 m²

Planta sem escala, meramente ilustrativa.

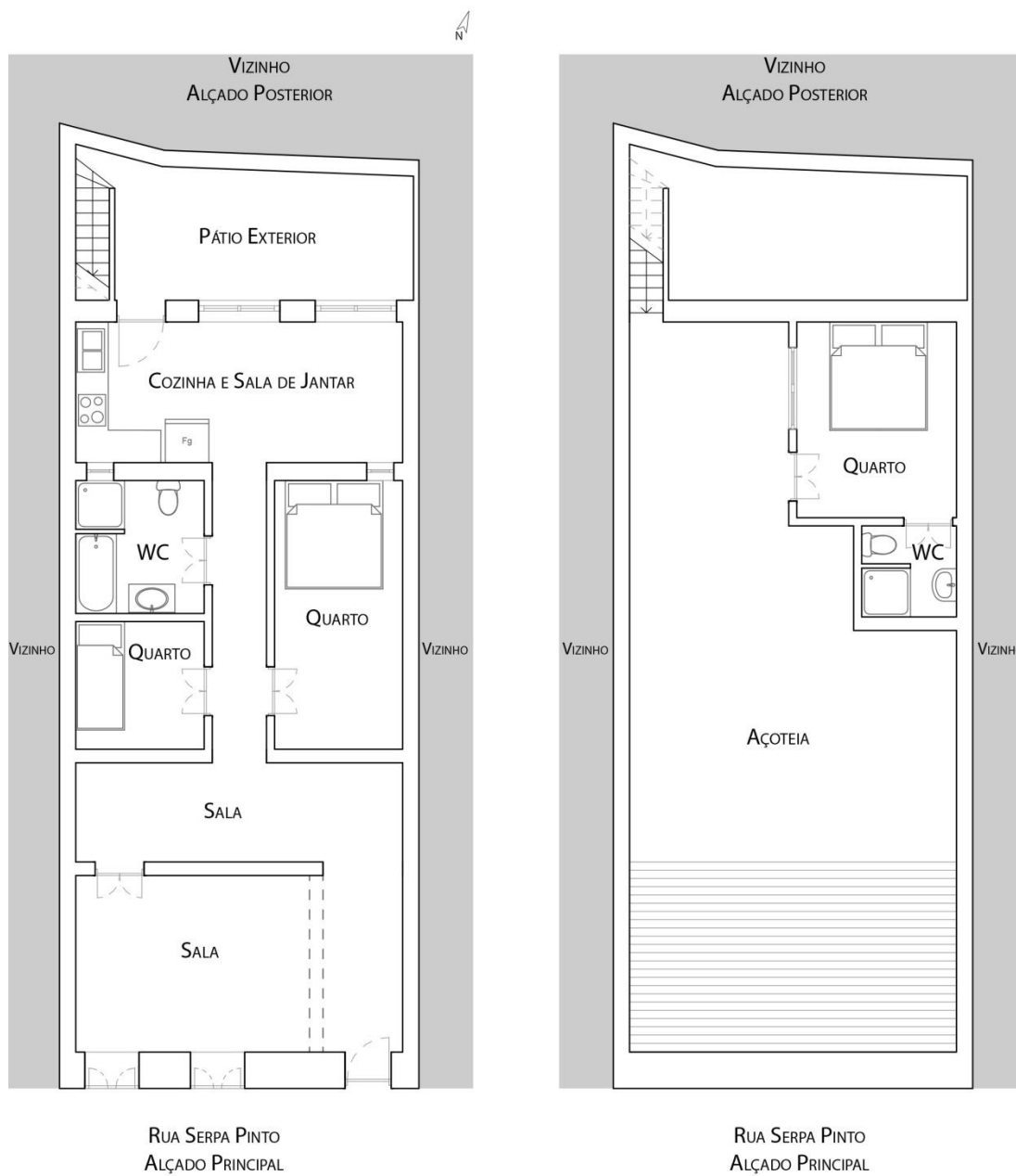


Figura 127 - Planta do Piso 0 e Piso 1.

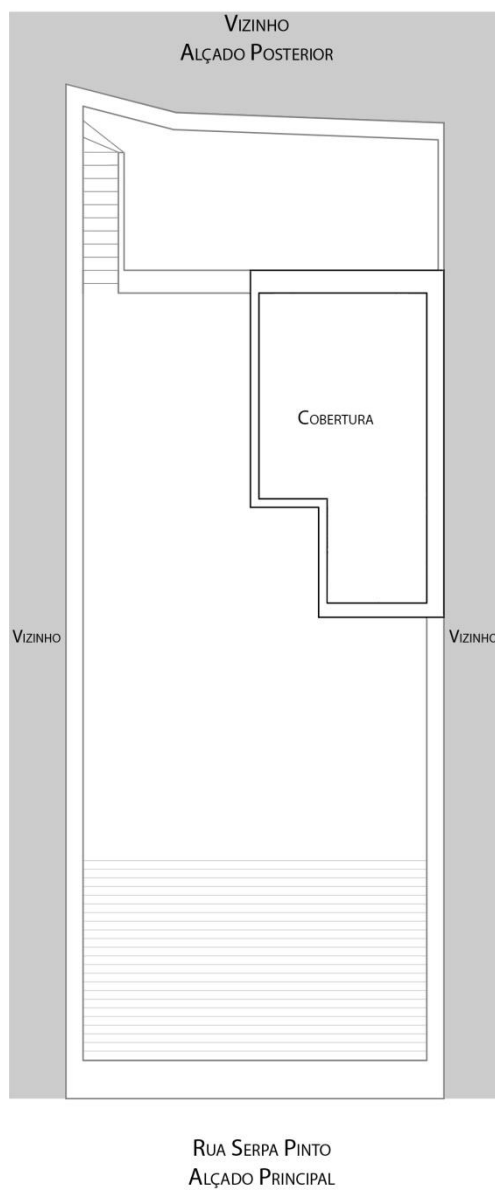


Figura 128 - Planta da Cobertura.

escadas, açoteia e mirante encontravam-se repletos de tinta vermelha impermeabilizante, que resolvia a questão de infiltrações e humidades de forma económica, mas livre de qualquer cuidado estético.

Após a compra e se iniciarem as obras de reabilitação, mais uma vez o pensamento base foi simplificar, remover os revestimentos existentes que não tivessem valor, os tectos faltos e telas impermeabilizantes no exterior. Apenas uma parede foi partida parcialmente para o espaço que viria a receber a sala de jantar, se tornasse mais amplo, próximo da cozinha e mais prático funcionalmente, pois esta parede que a separava continha uma chaminé que foi igualmente removida. Os mosaicos hidráulicos existentes foram mantidos e cuidadosamente recuperados, assim como as portas e janelas de madeira com bandeira em vidro no topo, que lhes conferia mais altura e a possibilidade de a luz atravessar e chegar aos compartimentos que não teriam abertura para o exterior. Também as ferragens, como os puxadores e fechos para as janelas foram procurados em velharias para se incorporarem aqui. As portas que não foram possíveis aproveitar, foram reproduzidas e colocadas na casa. O revestimento do pavimento exterior foi substituído pelo ladrilho de barro de Santa Catarina.

Fazendo um percurso pelo interior da casa, começado pela rua Capitão Nobre, temos um corredor longo que ramifica para os vários compartimentos que se desenvolvem à direita. O primeiro, como sempre, trata-se da “casa-de-fora”, a seguir um outro compartimento mais pequeno e recuado, que foi posteriormente dividido em dois para albergar um quarto com casa de banho privada. Segue-se uma outra dependência muito maior, que estaria dividida em três, de onde resultou um quarto, com closet e uma instalação sanitária privativa. Posteriormente aproximamo-nos da sala de jantar e cozinha que seriam separadas, mas onde foi aberto um grande vão para desta forma interligar os dois espaços. A cozinha teria uma organização muito diferente e dispersa que a actual, e uma porta de entrada onde actualmente se encontra uma janela. Saindo pela porta da sala de jantar, chegamos ao pátio exterior que estaria parcialmente tapado, não deixando a luz solar entrar para o interior da casa, assim como não seria utilizado para espaço de lazer, mas sim para arrumos, como se tem verificado também nas outras situações. Aqui foi utilizado um dos pequenos compartimentos para casa de banho e outro para arrumos e alojamento de máquinas. O poço que esta casa teria foi mantido e enaltecido com uma antiga roldana e um antigo balde de zinco. Mas a novidade deste espaço acontece com a implementação de um tanque para refresco dos proprietários, realizado à semelhança dos antigos tanques de apoio à agricultura, especialmente utilizados nos meios rurais. As escadas aqui existentes que encaminham para a açoteia, ganham forma e destaque, acentuando-se as formas curvas, pois anteriormente estaria parcialmente tapada pelo alpendre criado com painel sanduiche. O seu revestimento era isolamento que sofreria alteração para os materiais que remetem para o antigamente - ladrilhos de barro feitos à mão. No espaço da açoteia encontrava-se uma chaminé de balão no meio da passagem que foi movida para a lateral esquerda, dando lugar a uma de tipo algarvio, tendo sido preferência do proprietário optar por esta alteração. As abóbadas salientes que se encontravam pelo chão da açoteia foram cobertas por plataformas, uma em deck e outra em alvenaria, para que desta forma se pudesse caminhar

em cima e usufruir deste espaço de uma forma muito diferente da sua origem, actualmente utilizada para lazer e convívio, bem como para banhos de sol. O anexo aqui existente manteve-se, mas foi remodelado, pois presentemente possui um quarto, um espaço de arrumação e uma casa de banho. Seguidamente mais umas escadas conduzem ao mirante onde se pode avistar a ria e as coberturas das casas circundantes.

Desta forma, evoca-se o passado, através das formas mantidas, e simplificadas, dos materiais naturais e originais, das cores, em que o branco predominava e continua a ser preferida, apesar de ter sofrido uma alteração, hoje poucas são as casas que são caiadas e muitas são as que substituíram a cal pelas tintas plásticas que bloqueiam a passagem do ar, não deixando as paredes respirar e traduzindo-se numa problemática constante e generalizada que são as humidades e o bolor! Muitos cuidados estão a ser considerados nesse sentido e as tintas plásticas estão a ser removidas para a colocação de outras mais naturais à base de água e que minimiza estas situações. Novos usos estão a ser dados, sem estragar nem trilhar o passado, adequados às novas mentalidades que surgem nesta cidade que todos os dias inspira novas pessoas.

Três pisos.

Planta sem escala, meramente ilustrativa.

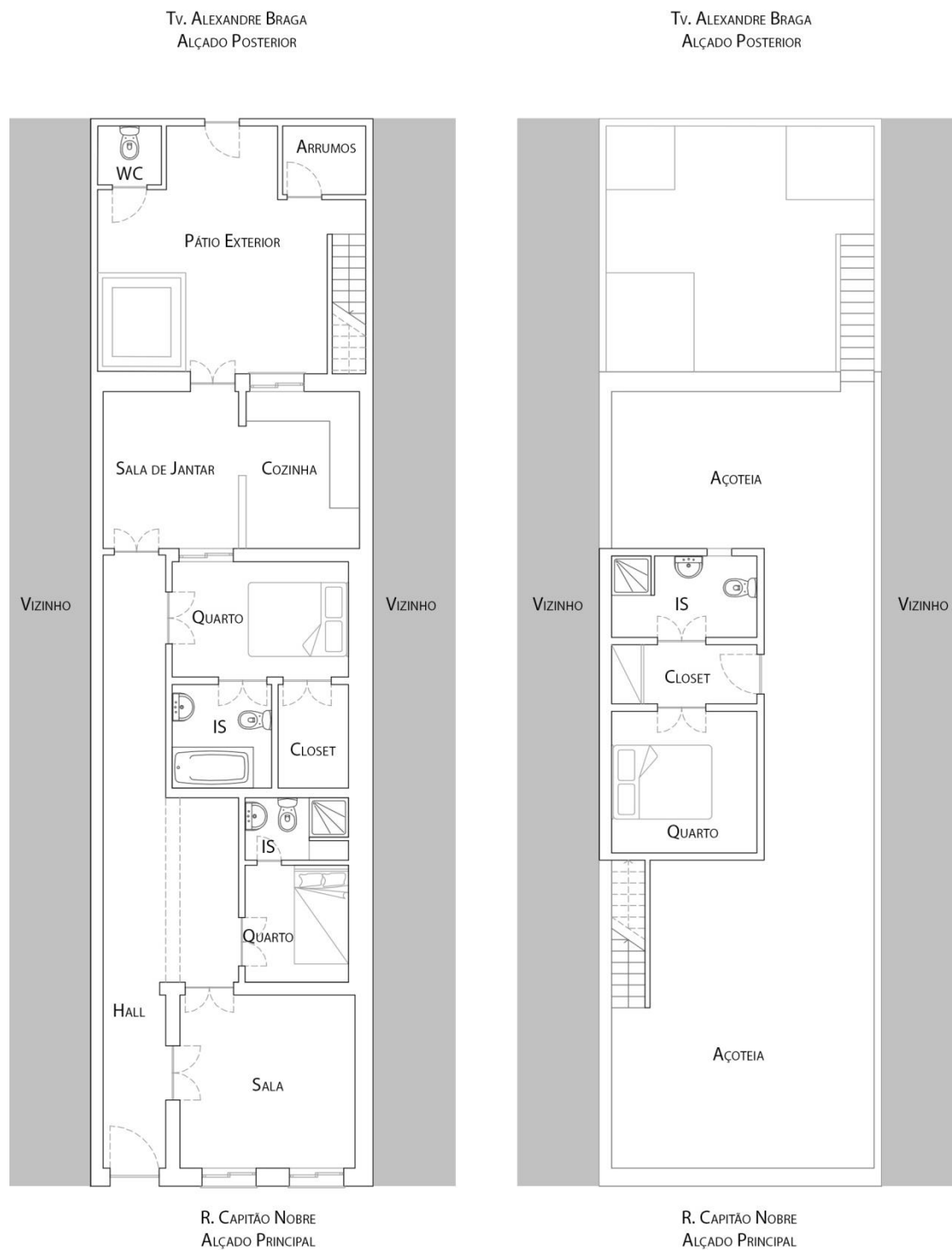
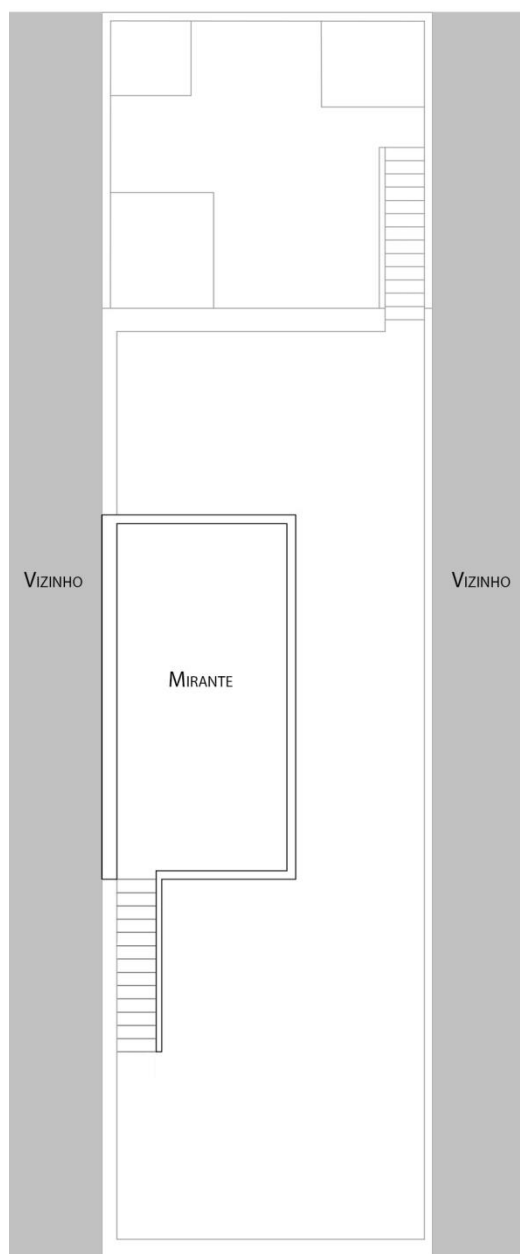


Figura 131 - Planta do Piso 0 e Piso 1.

Tv. ALEXANDRE BRAGA
ALÇADO POSTERIOR



R. CAPITÃO NOBRE
ALÇADO PRINCIPAL

Figura 132 - Planta da Cobertura.



Figura 133 - Localização dos três casos de estudo - 1. Casa em rua Dra. Paula Nogueira; 2. Casa em rua Serpa Pinto; 3. Casa em rua Capitão Nobre; Azul. Bairro da Barreta (à esquerda); Verde. Bairro do Levante (antigo Bairro dos Sete Cotovelos); Cinza. Edifícios Históricos; Tracejado. Limites da Zona Histórica.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Conclusão

Conhecer a nossa origem e a nossa história, onde nos inserimos e quais as nossas influências é essencial para desempenharmos na sociedade um papel importante, sabendo e podendo identificar o que tem valor histórico daquilo que não tem, e dessa forma saber o que preservar e como fazê-lo, passando a ter um dever consciente. Vivemos em cidades que sofrem mutações drásticas e a um ritmo acelerado, afectado pelas novas tecnologias e pela vontade de obter tudo rápido, onde muitas vezes se desconhece o verdadeiro valor do que se destrói, perdendo gradualmente detalhes valiosos e que hoje já não se reproduzem. A necessidade de compreender a Arquitectura Popular da região Algarvia fazia todo o sentido, não só pela percepção do conteúdo como também qual a sua possibilidade de aplicação e preservação na actualidade.

Outros pontos de interesse que se cruzaram, prendem-se com a tentativa de compreender a alteração que uma cidade pode sofrer num período de tempo relativamente curto, sabendo à priori algumas referências históricas que influenciaram a sua evolução. Dessa forma, um aprofundamento histórico desde o começo, seria necessário para compreender as razões e acontecimentos que levaram à actual organização da cidade e das suas tipologias arquitectónicas que muito diferem das restantes na região e que repentinamente se tornaram num grande desejo destas pessoas estrangeiras que vinham pela primeira vez a Olhão.

Não se compreendendo a razão para tais alterações na cidade, um trabalho de campo parecia resolver o problema, levando a conclusões surpreendentes.

Primeiramente o turismo já seria uma ferramenta moderna um tanto desenvolvida, à qual os habitantes de diversas cidades se habituavam a usufruir com uma regularidade, mais amiudada, e também alguns desenvolvimentos da actualidade assim o permitiam, como o tempo livre para lazer e as possibilidades económicas, tendo esta ferramenta de transporte progredido igualmente de forma rápida. Em segundo lugar, estes novos viajantes estariam à procura de lugares autênticos e genuínos, frequentadas por mais pessoas locais que turistas, e onde se sentisse a verdadeira alma do país, tendo-se verificado uma preferência pelo Sotavento Algarvio e ainda maior pela cidade de Olhão.

Após alguns momentos e conversas com diferentes pessoas estrangeiras, compreendeu-se que vários factores influenciavam essa escolha, sendo o mar, o clima e as zonas naturais preservadas uns dos principais atractivos. Já não seria novidade que as praias algarvias atraíam muitos turistas, mas estes procuravam lugares mais recatados, menos visitados, com algo de especial, assim como pequenas vilas típicas, e restaurantes tradicionais. Surpreendentemente a gastronomia algarvia também rapidamente tomava lugar nos seus hábitos de rotina. Assim como as assíduas idas aos mercados Municipais.

Também, novas regras de incentivo à restauração de imóveis na cidade estavam a atrair estrangeiros, tendo-se compreendido posteriormente que seriam dirigidos e criados para estes indivíduos. Com esta medida a autarquia estava a atrair pessoas de outras nacionalidades e a convidá-las a ficar, pois durante um alargado período de tempo beneficiariam de agradáveis

regalias. Ainda os meios de comunicação e redes sociais tiveram uma grande influência, por transmitirem regularmente reportagens e notícias, onde passariam a ideia de que em Portugal e no Algarve tudo seria maravilhoso. Possivelmente outros factores exteriores, e menos bons estariam a ocorrer noutros países simultaneamente, e assim pudessem similarmente estar a interferir e a canalizar um maior número de pessoas para Portugal.

Contudo, e estando já em Olhão, encontravam-se deslumbrados com a vida que as pessoas levavam, os hábitos diários que tinham, com a autenticidade da antiga vila piscatória onde rapidamente adquiriram bens imóveis que seriam para restaurar. Todo o detalhe, mesmo que mínimo e já sem interesse para o Olhanense, seria indispensável para o estrangeiro, e todo o empenho demonstravam em encontrar peças originais ou fazê-las à semelhança do que seria típico na cidade.

Tornou-se claro que alguém de fora estaria a dar mais valor ao que realmente tem valor e que contribui para manter viva a memória histórica e arquitectónica do local do que os próprios habitantes. Esse acontecimento fez com que os habitantes olhanenses compreendessem que afinal teriam algo valioso a “fugir-lhes pelas mãos” e que se o estrangeiro a valoriza, talvez se pudesse aproveitar para negociar. Assim muitos comércios abriram ou reabriram, muitos objectos antigos se venderam e muitos ofícios típicos se retomaram, assim como novas ideias surgiram reinventando técnicas de artesanato antigas.

A vontade de recrear espaços e ambientes à semelhança do antigamente, levaram a que elementos arquitectónicos de valor fossem preservados ou restaurados, os poços antigos que existiam nas casas urbanas e que estariam tapados fossem reabertos e realçados, as platibandas e chaminés fossem tratadas, assim como as abóbadas, os tectos em caniçado, os pátios ou os interiores das casas, que sugerem uma passagem no tempo pela diversidade de materiais naturais usados, pela simplicidade e valorização da história. As açoteias que outrora teriam sido importantes para a secagem dos frutos e para avistar o mar, estariam descuidadas e acolhendo todo o tipo de tralhas não desejadas no interior da casa. Agora o novo habitante viria a dar-lhe uma “nova vida”, talvez também uma nova função, mas as suas possibilidades e actividades também muito diferem das dos habitantes pescadores destas pequenas casinhas. Privilegiam a beleza, a simplicidade, o bem-estar, a comodidade e reinventam-nas trazendo para dentro da cidade pequenos e médios tanques que seriam frequentes em ambiente rural para fins laborais de rega na agricultura, mas que agora servem para se refrescarem e dar um ambiente mais tranquilo e natural ao espaço da açoteia ou do pátio. Utilizam os espaços exteriores como se fosse chover sempre no dia seguinte e a rua torna-se uma continuidade da casa novamente.

Por fim conclui-se que é possível haver uma harmonia entre o tradicional e o conforto da actualidade, não sendo necessário permanecer eternamente no antigamente só para que a tipicidade perdure, é importante saber interpretar as histórias das cidades e como se reflectem na arquitectura e na vida das pessoas, como é que as pessoas podem preservar os materiais e os detalhes sem se sentirem obrigadas a permanecer no passado. Nessa fase considera-se de extrema importância a intervenção de profissionais qualificados e que tenham a sensibilidade,

vontade, mas também o dever e a inteligência de saber explicar e transmitir conhecimentos, para que as pessoas compreendam que só cuidando do que nos foi deixado, será possível transmitir e reflectir quem realmente somos, e por essa razão seremos sempre valorizados e apreciados, verificando-se continuamente o fenómeno que se vive actualmente em Olhão.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Referencias Bibliograficas

- AGAREZ**, Ricardo; Algarve Building - Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925 - 1965; Routledge, Taylor & Francis Group; New York and London, 2016.
- AAVV**; Arquitectura Popular em Portugal; Volume III: Zona 6 - Algarve; AAP; Lisboa, 1988.
- AAVV**; Arquitectura Popular em Portugal; Volume II: Zona 6 - Algarve; Ordem dos arquitectos; Lisboa, 2004.
- BELCHIOR**, Joaquim Lopes; Faro e a Ria Formosa; Faro, 1988.
- BRITO**, Sérgio Palma; Território e Turismo no Algarve; Edições Colibri -CIITT: Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo da Universidade do Algarve; Lisboa, Março de 2009.
- BRANDÃO**, Raúl; Os Pescadores; Ulisses e Editorial Verbo Clássicos; Janeiro de 2005.
- CATIVO**, Luciano Victor; Ainda Olhão e a Indústria de Conservas de Peixe; Edição Câmara Municipal de Olhão; Outubro de 2001;
- CORREIA**, José E. Horta; Arquitectura Portuguesa - Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão; Editorial presença; Lisboa, 2002.
- CORREIA**, Virgílio; «Chaminés do Sul», Terra Portuguesa, 2º. Vol., Lisboa, 1916; in OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; 2ª. Edição; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994.
- CUNHA**, Licínio; Resumo sobre A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário;
<http://recil.grupulusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A%20Defini%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20e%20o%20C3%83%E2%80%9Ambito%20do%20Turismo.pdf?sequence=1> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.
- CUNHA**, L.; Economia e Política do Turismo; Editora McGraw-Hill; Lisboa, 1997.
- FERNANDES**, José Manuel e JANEIRO, Ana; A casa popular do Algarve; Edição CCDR Algarve, Algarve; Agosto 2008.
- FERNANDES**, José Manuel; Arquitectura Portuguesa - temas actuais II; Colecção três razões; Edições Cotovia, Lda; Lisboa, 2005.
- FERNANDES**, José Manuel e JANEIRO, Ana; Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese; Edição CCDR Algarve; Algarve, Dezembro de 2005.
- FERNANDES**, Jorge Emanuel Pereira; O contributo da Arquitectura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Mestrado em Construção e Reabilitação Sustentável; Universidade do Minho; Outubro de 2012.
- GRADE**, Fernando Silva; O Algarve tal como o destruimos; Editora escrit'orio; 2014.
- KRAF**, Kurt; 1957; in VIEIRA, João Martins; Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica; Editorial Verbo; Janeiro de 2007.
- LINO**, Raul; Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples; Editora Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lda.; Lisboa, 1992.

LOPES, Francisco Fernandes; Olhão, vila única; Olhão: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; 1945; in SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Lusíada; Lisboa, Novembro de 2015.

LOURENÇO, Victor; Ria Formosa - Artes e vida; 1991.

MARICATO, Nuno André Gomes; O Turismo em Portugal: Tendências e Perspectivas; Relatório de Mestrado em Gestão pela Faculdade de Economia pela Universidade de Coimbra; Março de 2012.

MOUTINHO, Mário; A Arquitectura Popular Portuguesa; Editorial Estampa; Colecção: Teoria da Arte; Lisboa, 1995.

MENDES, António Rosa; Olhão Fez-se a Si Próprio; Editora Sul, Sol, Sal; Olhão, 2016.

NEVES, José Manuel; Casas + Interiores - Houses + Interiors south; Editora ASA Editores II; S.A.; Outubro de 2002.

NOBRE, Antero; História Breve da Vila de Olhão da Restauração; 1984, in APOS - Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão; Editora A voz de Olhão; Olhão, 2008; Versão digital em http://www.olhaocubista.pt/visitar_olhao.htm consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

MATEUS, Isa, A igreja de São Sebastião de Quelfes in Anais do Município de Faro; Volumes XXVII / XXVIII; Faro, C.M. Faro, 2000, pp.225-293. in ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda.; Olhão, 2015.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1994.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim; Construções Primitivas em Portugal; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1994.

OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Ataíde; Monografia do concelho de Olhão; Algarve em Foco Editora; Olhão, Outubro de 1999.

PIRES, Conceição; Elucidário - Cidade de Olhão da restauração; Olhão, 2001.

PIRES, Conceição; Quinhentas e uma razões para gostar de Olhão; Olhão, Julho de 2005.

QUITÉRIO, Paulo; Arquitecturas ou vivências de um espaço; IPPAR; 2009; https://www.upo.es/historia_arte/export/sites/historia_arte/Actividades/Congresos/Publicacion_Arquitectura_Vernacula_Carmona/ComunicacionesEspana/Paulo_Quiterio_Arquitecturas_ou_vivencias_de_un_espaco._Algarve._Portugal.pdf consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

REIS, Maria Alice; Portugal - Síntese Geográfica; Editora Ministério da Comunicação Social - Direcção-Geral da Divulgação; 1979.

RIBEIRO, Orlando; Geografia e Civilização -Temas Portugueses; Livros Horizonte, Lda; Lisboa, 1992.

ROMBA, Sandra; Evolução Urbana de Olhão; Editora Sul Sol Sal, Lda; Olhão, Novembro de 2015.

R. W. McIntosh, C.R. Goeldner; Tourism: Principles, Practices, Philosophies; in WILEY, John; 1984; p.4. in GRASSELLI, Pierluigi; Economia e Política del turismo; Franco Angeli; Milão, 1995.

SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa, Novembro de 2015.

VASCONCELOS, Carlos Filipe Machado; A Medina de Olhão: a origem da arquitectura Popular de Olhão: um contributo; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Lisboa, 2014.

VILA, José; Sabores da Cozinha Algarvia; Editora Clube do Autor, S.A.; Lisboa, 2010.

VIEIRA, João Martins; Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica; Editorial Verbo; Lisboa e São Paulo, 2007.

VEIGAS, Miguel de Jesus; OLHÃO, CIDADE CUBISTA, Requalificação dos bairros da Barreta e do Levante; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Lisboa, Julho de 2016.

VILLARES, João; A história de uma vida, António Jacinto Ferreira; Edição Conserveira do sul, LDA; Olhão, 1997.

Publicações Periódicas

ALVES, Sara; A la redécouverte d'Olhão ; vivre le Portugal; Secção Culture in <http://vivreleportugal.com/culture/a-la-redecouverte-dolhao/> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

ANDRADE, Diogo; A construção costeira portuguesa revela desmazelo ou corrupção? Jornal Público; 20 de Maio de 2016; <https://www.publico.pt/2016/05/20/p3/fotogaleria/a-construcao-costeira-portuguesa-revela-desmazelo-ou-corrupcao-385813> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

APOS: Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão. - <http://www.olhaocubista.pt/Fortalezas.htm>

BARLAVENTO; A demolição do Grémio Olhanense; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 21 de Abril de 2017; <http://barlavento.pt/opiniao/a-demolicao-do-gremio-olhanense> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

BARLAVENTO; Preços das casas no Algarve sobre 4,5 por cento durante o quarto trimestre de 2017; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 4 de Janeiro de 2018; <http://barlavento.pt/destaque/preco-das-casas-no-algarve-sobe-45-durante-o-quarto-trimestre-de-2017> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

CABRITA, Aurélio Nuno; Aeroporto de Faro foi inaugurado há 50 anos - evocar o dia 11 de julho de 1965; Sul informação; 11 de Junho de 2015; <http://www.sulinformacao.pt/2015/07/aeroporto-de-faro-foi-inaugurado-ha-50-anos-evocar-o-dia-11-de-julho-de-1965/> acedido pela última vez a 03 de outubro de 2018.

COELHO, Alexandra Prado; Olhão, De onde vem o feitiço da cidade cubista? Jornal PUBLICO; Secção Fugas; 31 de Março de 2018; <https://www.publico.pt/2018/03/31/fugas/noticia/de-onde-vem-o-feitico-da-cidade-cubista-1808168> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

CORREIA, Gonçalo e **LOPES**, Diogo; O “outro Algarve” é um paraíso; Sábado; Secção Férias; 28 de Julho de 2017; http://www.sabado.pt/vida/detalhe/o-outro-algarve-e-um-paraíso?utm_campaign=cruzados&utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_content=CM, consultado pela última vez em 26.09.2018.

CRAVINHO, Ana; Arquitectura vernacular no Algarve: diferentes sub-regiões, diferentes tipos de edificados; Pedra e Cal: revista de conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado; Janeiro - Março 2005; in SOUSA, Filipa Mariana Franco; A origem da cobertura em terraço na arquitectura vernacular portuguesa; Dissertação para grau de Mestre em Arquitectura; Universidade Lusíada de Lisboa; Novembro de 2015.

DANIEL, Ana Cristina Marques; Caracterização do Sector Turístico em Portugal; ESTG - Instituto Politécnico da Guarda and CASEE - Centre for Advanced Studies in Economics and Econometrics and UDI - Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior; Revista de Estudos Politécnicos 2010; Volume VIII, nº 14, 255-276; 9 de Agosto de 2010.

DODI, Pier Luigi; National Geographic -

https://members.nationalgeographic.com/208099642980/?_ga=2.224872474.1266053542.1525795906-1812857084.1508347521, Acedido pela última vez a 20 de Setembro de 2018.

EXPOSIÇÃO; Olhão pela objectiva de Artur Pastor; in Arquivo Municipal António Rosa Mendes; 30 Junho 2017.

EVASÕES; Estes terraços de Olhão são de cortar a respiração; 13 de Julho de 2018; <https://www.evasoes.pt/fim-de-semana/ha-terraços-a-perder-de-vista-de-olhao/>, consultado pela última vez em 26.09.2018.

FERNANDES, Filipe; O regresso do Algarve ao boom do turismo; ECO.PT; Swipe News, SA; 09 de Agosto de 2017; disponível em https://www.sapo.pt/noticias/economia/o-regresso-do-algarve-ao-boom-do-turismo_59889f4fceb9081a5f64a05a, consultado pela última vez em 27 de Setembro de 2018.

FORMOSAMAR; A Ria Formosa; <http://www.formosamar.com/pt/ria-formosa#prettyPhoto>, consultado pela última vez a 3 de Outubro de 2018

GRADE, Fernando Silva; Carta Aberta ao Presidente da Câmara Municipal de Faro, Professor Rogério Bacalhau; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 3 de Dezembro de 2017; <http://barlavento.pt/opiniao/carta-aberta-ao-presidente-da-camara-municipal-de-faro-professor-rogerio-bacalhau> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

GRADE, Fernando Silva; Os Mamarrachos e a Roda da Regeneração; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 26 de Janeiro de 2017; <http://barlavento.pt/opiniao/os-mamarrachos-e-a-roda-da-regeneracao>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

GRADE, Fernando Silva; São Brás De Alportel - Reabilitação Ou Destruição Do Centro Histórico?; Barlavento, Semanário Regional do Algarve; 2 de Agosto de 2018;

<http://barlavento.pt/opinioao/sao-bras-de-alportel-reabilitacao-ou-destruicao-do-centro-historico> acedido pela última vez a 3 de outubro de 2018.

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas; Caracterização do Parque Natural da Ria Formosa; <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnrf/class-carac> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

INFORMAÇÃO, Sul; Jamie Oliver encantado com Olhão, «autêntica terra de pescadores»; Sul informação; 23 de Agosto de 2013; <http://www.sulinformacao.pt/2013/08/jamie-oliver-encantado-com-olhao-%C2%ABautentica-terra-de-pescadores%C2%BB/> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

INFORMAÇÃO, Sul; New York Times inclui hotel algarvio entre os 8 melhores da Europa para se sentir em casa - Pequena unidade hoteleira algarvia Casa Modesta, em Quatrim do Sul (Olhão); Sul Informação; Secção Economia; 13 de Maio de 2016; <http://www.sulinformacao.pt/2016/05/new-york-times-inclui-hotel-algarvio-entre-os-8-melhores-da-europa-para-se-sentir-em-casa/> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

IMOBILIÁRIO, Diário; Barreta: o novo bairro “trendy” de Olhão; 4 de Março de 2016; <http://www.diarioimobiliario.pt/Actualidade/Reabilitacao/Barreta-o-novo-bairro-trendy-de-Olhao> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

LOBO, Susana; Sun, Sand, Sea & Bikini. Arquitectura e turismo: Portugal anos 60; in Revista Crítica de Ciências Sociais - Debate Social e construção do Território; Editora RCCS, nº. 91, ISSN 0254-1106; Dezembro de 2010.

MANGORRINHA, Jorge; Jornal Arquitectos 277; Junho 2007.

MIRANDA, Tiago; O Algarve já não é o que era; Jornal Expresso, Secção Economia; 27 de Maio de 2017; <https://expresso.sapo.pt/economia/2017-05-27-O-Algarve-ja--nao-e-o-que-era#gs.6CKpw90>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

OLHÃO, Câmara Municipal de; Bairro da Barreta em Olhão é a Nova Coqueluche do Algarve; Semanário Regional do Algarve - Barlavento; 3 de Março de 2016; <http://barlavento.pt/destaque/bairro-da-barreta-em-olhao-e-a-nova-coqueluche-do-algarve>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

OLHÃO, Câmara Municipal de; Afinal, o que é que a Barreta tem?!?; Câmara Municipal de Olhão; 29 de Fevereiro de 2016; <http://www.cm-olhao.pt/destaques/em-destaque-o-que-e-que-olhao-tem/1763-o-que-e-que-a-barreta-tem> consultado pela última vez em 30 de Setembro de 2018.

OLHÃO, Arquivo Municipal de; Do projecto à Obra; Percursos na arquitectura Olhanense pela avenida da república e rua do comércio; Brochura; 9 Junho - 30 de Setembro de 2018.

PAINÉIS INFORMATIVOS, expostos na Avenida da República em Olhão.

PEREIRA, Joana Madeira; Entrevista: Em Olhão, as casas já valem o dobro; Jornal Expresso - Economia; 27 de maio de 2017.

PINA, Daniel; Plano de Pormenor da Zona Histórica de Olhão debatido em sessão pública; Algarve Informativo; 24 de Novembro de 2016;

https://algarveinformativo.blogspot.com/2016/11/plano-de-pormenor-da-zona-historica-de_24.html consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

PENT; Plano Estratégico Nacional do Turismo; Horizonte 2013-2015, Ministério da Economia e do Emprego - Governo de Portugal.

PINTO, Luísa; Os centros das cidades estão a ser reconstruídos ao ritmo de T0 e T1; **Jornal PÚBLICO**; Secção Imobiliário; 14 de Novembro de 2017 às 6:30;

<https://www.publico.pt/2017/11/14/economia/noticia/as-cidades-estao-a-ser-reconstruidas-a-base-de-t0-e-t1-1792363>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

PEREIRA, Joana Madeira; Em Olhão, as casas já valem o dobro; **Jornal EXPRESSO**; Secção Economia; 27 de Maio de 2017; <https://expresso.sapo.pt/economia/2017-05-27-Em-Olhao-as-casas-ja-valem-o-dobro#gs.KAj8u3A>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

PORTAL, Algarve; O Barlavento; <http://pt.algarve-portal.com/article.php?p=4&id=34>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

Revista JA277 - Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, Portugal, 227, Abril - Junho de 2007.

RODRIGUES, Hugo; António Pina “riscou” torre de 21 metros do plano para a zona histórica de Olhão; **Jornal Sul Informação**; 23 de Novembro de 2016;

<http://www.sulinformacao.pt/2016/11/antonio-pina-riscou-torre-de-21-metros-do-plano-para-a-zona-historica-de-olhao/>, consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

SAMPAIO, Gustavo; O processo de Gentrificação em curso nas cidades (e periferias) de Lisboa e Porto; **Jornal ECONÓMICO**; Fevereiro de 2018; <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/o-processo-de-gentrificacao-em-curso-nas-cidades-e-periferias-de-lisboa-e-porto-264850> consultado pela última vez em 22.09.2018.

SALEMA, Isabel; Uma pensão que se quis rural - Pensão Agrícola; **Jornal Público**; Secção Fugas; 4 de Setembro de 2018; <https://www.publico.pt/2018/09/04/fugas/noticia/uma-pensao-que-se-quis-rural-1839693> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

SIC Notícias; Semanário O meu Bairro; Bairro da Barreta em Olhão - Entrevista a locais, Arquitectos e presidente da Câmara Municipal de Olhão Antonio Pina; <https://www.youtube.com/watch?v=8Bszvf00VqY> acedido pela ultima vez em 4 de outubro de 2018.

SILVA, Daniela; O Bom, o Mau ou o Vilão - De que forma o turismo está a transformar a nossa realidade urbana; **WSIMAG - Arquitectura e Design**; 8 de Janeiro de 2017; <https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/22698-o-bom-o-mau-ou-o-vilao> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

VISÃO; Olhão em destaque na revista do chef internacional Jamie Oliver; 23 de Agosto de 2013 às 11h58; <http://visao.sapo.pt/visaoviagens/comer/olhao-em-destaque-na-revista-do-chef-internacional-jamie-oliver=f746297> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

Anexos

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Anexo 1

“Não se podem estabelecer regras fixas para disposição interna das casas; é uma questão intimamente ligada a necessidades individuais e dependentes das circunstâncias económicas e de local. Há uma lógica que deve ser respeitada em qualquer caso: como moradia, a casa tem de obedecer ao modo de vida e às predilecções dos principais moradores; como construção terá de sujeitar-se às condições físicas do sítio sob pena de, em caso contrário, ter o dono de sofrer as consequências de uma errada ou defeituosa adaptação.

Considere bem o proprietário as divisões que julga indispensáveis. Trabalha ou permanece demoradamente em casa; ou serve-lhe estas apenas de dormida? Ele ou os restantes moradores exercem alguma indústria caseira? É numerosa a família, ou soem os amigos reunir-se em grande número à roda da mesa? Seria disparate estabelecer um escritório para quem nunca escreve em casa; inútil reservar uma sala para visitas quando apenas se recebem íntimos. E não será até extravagância em casas mais modestas destinar a maior divisão, e a melhor orientada, a sala de jantar, se por amor desta curta função se prejudicam outras instalações em que a permanência é mais demorada e importante?

Escusado é observar que, à parte as lides usuais que constituem o governo da casa, muito variadas podem ser as ocupações de quem nela permanece. A estas devem ser conformadas igualmente as disposições da habitação. Um trabalhador de gabinete, por exemplo, não tem as necessidades que pode sentir um desportista apaixonado e praticante. O intelectual difere do obreiro curioso e precisa portanto de outros arsenais. A senhora que tem emprego regular fora de casa não requer instalações idênticas às que exige aquela que, sem sair, se ocupa todo o dia de labores manuais. (...) Por que não há-de alguém ter uma grande, uma boa sala em vez de duas ou três pequenas divisões? Pode haver quem precise mais dum salão com estrado ou palco do que de escritório e sala de visitas; quem prefira ter capela a possuir sala de bilhar; e por que não piscina, laboratório de alquimia ou carreira de tiro no lugar de biblioteca ou recolha? Tudo depende do feitio e das ocupações do indivíduo; também bastante dos usos do país e da época em que se vive.”³⁶⁴

³⁶⁴ LINO, Raul; Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples; Editora: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lda.; Lisboa 1992; pp.16-17.

Anexo 2

“Estas chaminés, conforme os diferentes tipos, apresentam remates em forma de cúpula, com pináculos, etc; as de base rectangular imitam muitas vezes pequenas casas com janelas de adufas de tijolo; as prismáticas mostram fustes com molduras de estuque; nas cilíndricas, em geral, a ornamentação reserva-se para as aberturas de saída de fumo, etc. Nestas últimas, a única cobertura possível é a hemisférica, sem ornatos terminais de fantasia, como nas prismáticas e nas piramidais, em que a cobertura superior conserva vestígios das arestas.

Os modelos dos motivos ornamentais foram decerto procurados nos edifícios que os canteiros conheciam: torres de igreja em miniatura, cata-ventos, pombais, telhados mouriscos, etc.

Os respiradouros aparecem ora seguidos, com grades de gaiolas ou frestas, ora dispostos em denteados triangulares, simples ou cruzados.

Como decoração, elas mostram molduras de argamassa ou gesso, grafitti com iniciais e datas, ou embelezando as esquinas; muitas vezes, essas inscrições vêm acompanhadas de desenhos de instrumentos de trabalho - martelos, machados, etc.”³⁶⁵

³⁶⁵ MATTOS, Mello de; «As chaminés alentejanas», Portugália, II, pág. 79-84. in, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote, Lisboa; 1994; pp. 156-157

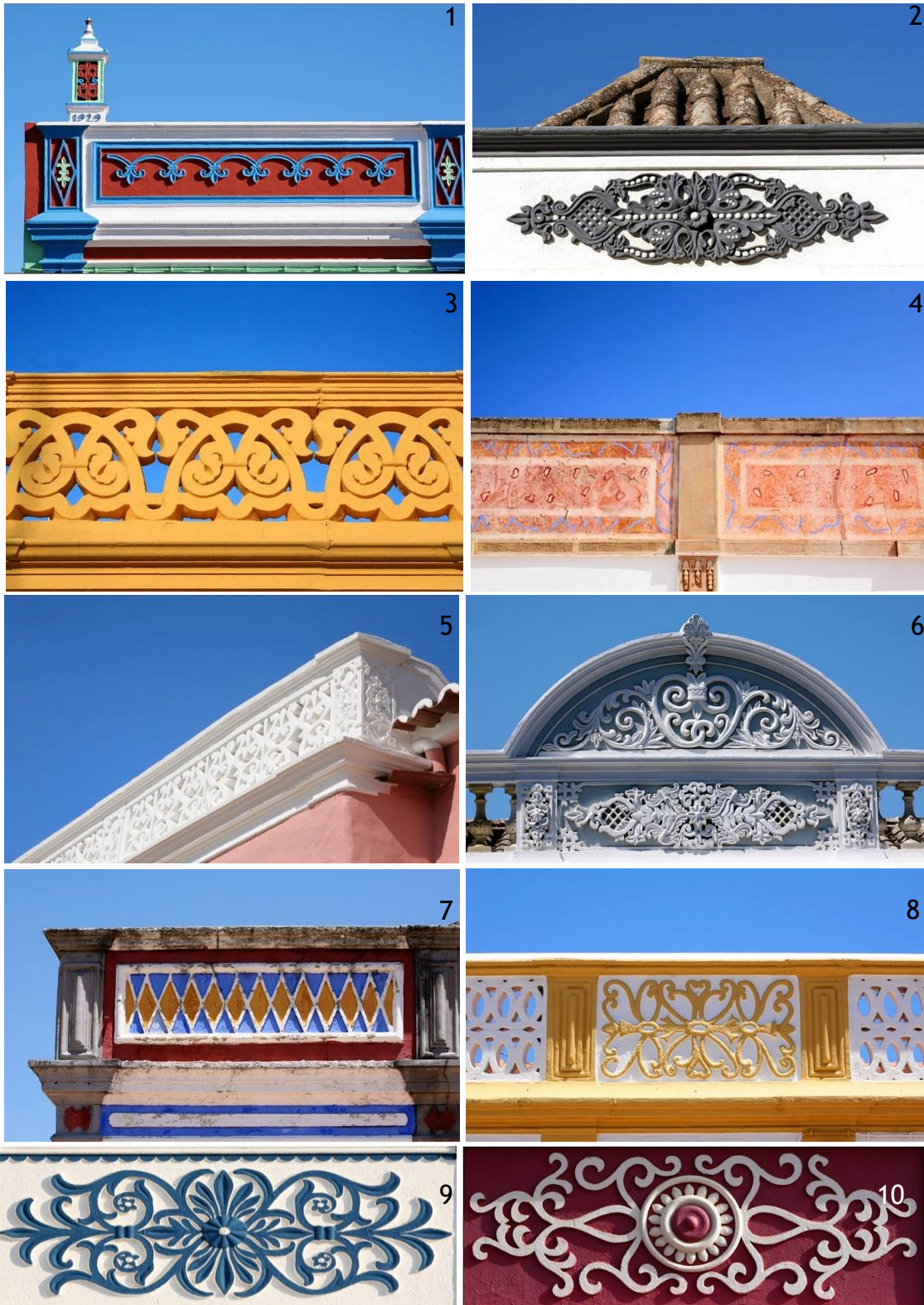
Anexo 3



Fotografias de Filipe da Palma.

https://www.facebook.com/filipe.dapalma.39/media_set?set=a.222427191564351.1073741852.100013912149199&type=3

Anexo 4



Fotografias de Filipe da Palma.
https://www.facebook.com/filipe.dapalma.39/media_set?set=a.237698636703873.1073741859.100013912149199&type=3

Anexo 5

“A Ria Formosa teve o singular condão de dotar Faro com um magnífico porto, que foi o gérmen determinante do seu desenvolvimento, pois antes do séc. XVI já dominava toda a exportação da região central da Província, incluindo o termo de Loulé, que apesar de possuir o porto de Farrovilhas, este apenas permitia que se carregassem em barcas e batéis o seu figo, passas e vinho, para depois se fazer o transbordo para navios nacionais ou estrangeiros, ancorados em frente das muralhas de Faro (51). A partir de meados do referido séc. XVI, com a decadência de Tavira, tomou conta de todo o comércio marítimo do Sotavento Algarvio, que era a zona da Província que mais contribuía nesse tempo para a exportação, tornando-se Faro, desde então e por este facto, a maior e mais importante terra do Algarve.

Para o porto de Faro entrava-se pela Barra Grande, em frente de Marim, que ainda hoje existe entre as ilhas da Culatra e Armona, a qual tinha duas entradas, dando a maior acesso a navios de mais de 200 toneladas (52), fazendo-se o percurso para o ancoradouro, junto às muralhas da cidade, através de um bom canal, mantido naturalmente desassoreado pelas correntes de maré.

Hoje tem o acesso principal, não pela Barra Grande mas pela Barra Nova - vulgo da Pedra - entre as ilhas Deserta e Culatra, que de início foi conhecida por Barra do Bispo ou de Junot, por ter sido aberta no tempo da primeira invasão francesa (53). Reaberta, em definitivo, e fixada com dois molhes em 1929, sofreu finalmente todo o sistema portuário uma grande beneficiação na década de 50, não só com a construção de dois molhes na barra, mas também com a instalação de uma boa doca de pesca em Olhão e um cais comercial em Faro, onde podem atracar barcos com mais de 5 000 toneladas. (...)”³⁶⁶

³⁶⁶ BELCHIOR, Joaquim Lopes; Faro e a Ria Formosa; Faro; 1988; p.48-49.

Anexo 6



1



2



3



4



5



6



7



8

Anexo 7

“A importância da mais-valia imobiliária, a informalidade vigente durante décadas, a sua mutação em novas formas, a complexidade e instabilidade da legislação, as disposições do Código Penal, o funcionamento da Justiça e a tolerância perante o enriquecimento ilícito criam o meio ecológico cultural, propício ao proprietário do terreno remunerar, de maneira multiforme e ilícita, quem pode deliberar sobre a edificação ou acelerar o processo. Multiplicam-se afirmações como “Em muitos e muitos dos casos a razão pela qual o litoral alentejano e o barlavento algarvio foram saqueados, sem valor nem vergonha, tem apenas um nome: corrupção” ou “A ganância dos especuladores e promotores, a dependência das câmaras do imobiliário [...] e a corrupção desenfreada mataram a paisagem”³. Recusamos o simplismo de «autarcas corruptos e empresários gananciosos, a querer o lucro fácil» e deixamos à Justiça o condenar os culpados de crimes. Na esmagadora maioria dos casos, o licenciamento da edificação respeita a lei e os regulamentos, pelo que o problema ultrapassa a “corrupção desenfreada”.

A mais-valia imobiliária exige uma Fiscalidade adequada à Política de Solos, à Urbanização e ao Urbanismo. A experiência do Algarve mostra que a informalidade fiscal, reinante durante dezenas de anos, tem consequências desastrosas, ainda a ser pagas na actualidade. Desde meados da década de oitenta, o rigor fiscal, de que o Algarve é pioneiro, cria receita pública, sem garantia da despesa pública ser adequada às exigências da competitividade da oferta turística e qualidade de vida da população local³⁶⁷”.

³⁶⁷ BRITO, Sérgio Palma; Território e Turismo no Algarve; Edições Colibri; CIITT Universidade do Algarve; Lisboa, pp.82-83.

Anexo 8.

“Isto porque o mais importante ponto de evidencia do Algarve, a sua principal mais-valia, a sua mais preciosa riqueza, situava-se na rara e excepcional qualidade da sua paisagem, quer do interior quer do litoral, e na forma surpreendente como as populações souberam, em sintonia perfeita com a paisagem, enriquecendo-a mesmo, erguer construções e elementos arquitectónicos de grande efeito estético, patrimonial e cultural.

O Algarve era uma jóia que fascinava e inspirava quem dela se aproximava: «a realização perfeita da paisagem [...] tal como os poetas da Antiguidade a conceberam!» (Teixeira Gomes). Os povos afirmaram-se através da sua cultura e da sua história, do orgulho nas belezas da sua terra e dos seus monumentos, das suas proezas sociais e artísticas.

Que somos nós sem a existência daqueles valores? Contudo, nada mais fizemos nos últimos anos do que destruir metódica e sistematicamente aqueles pilares essenciais da nossa dignidade e identidade (...). E o resultado está à vista - olhemos à nossa volta, e por todo o lado reina a desarmonia e a fealdade, as aberrações e as descaracterizações. A cada ano que passa, o Algarve vai-se desfigurando mais e mais, já pouco restando da sua nobre e rara beleza.

«Onde estão as casas caiadas, as chaminés e as açoteias, onde estão as falésias imaculadas, as aldeias típicas e as cidades de perfil mourisco, onde estão os pinheiros mansos bordejando a costa, onde estão os traços do carácter do Algarve de sempre?» (retirado de Portugal a voo de Helicóptero da minha autoria).

«De Vila Real de Santo António a Sagres não vai ficar traço algum do Algarve que eu conheci em criança. Assim o cobiçaram os empreiteiros e promotores imobiliários, assim o visionaram os autarcas, assim o consentiram os Algarvios», dizia ainda Miguel Sousa Tavares no mesmo artigo do jornal Público. (...) E sobretudo, pareceu-me indispensável a assunção de um facto histórico, que é o «genocídio» cultural e ambiental em curso na nossa região e cujas consequências irão afectar as gerações futuras, que já não poderão contemplar, extasiando-se, as deslumbrantes formas do Algarve genuíno e milenar³⁶⁸.”

³⁶⁸ GRADE, Fernando Silva, O Algarve tal como o destruímos; editora escrit'orio, 2014; p.25-27.

Anexo 9

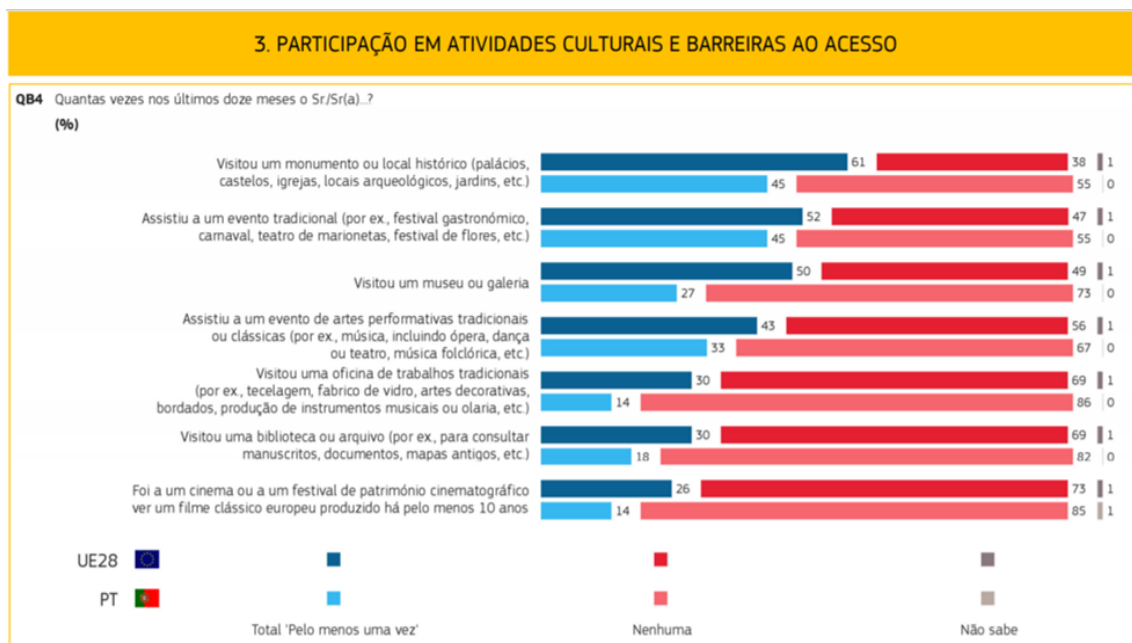


Gráfico 1. Participação em Actividades Culturais e Barreiras ao acesso.

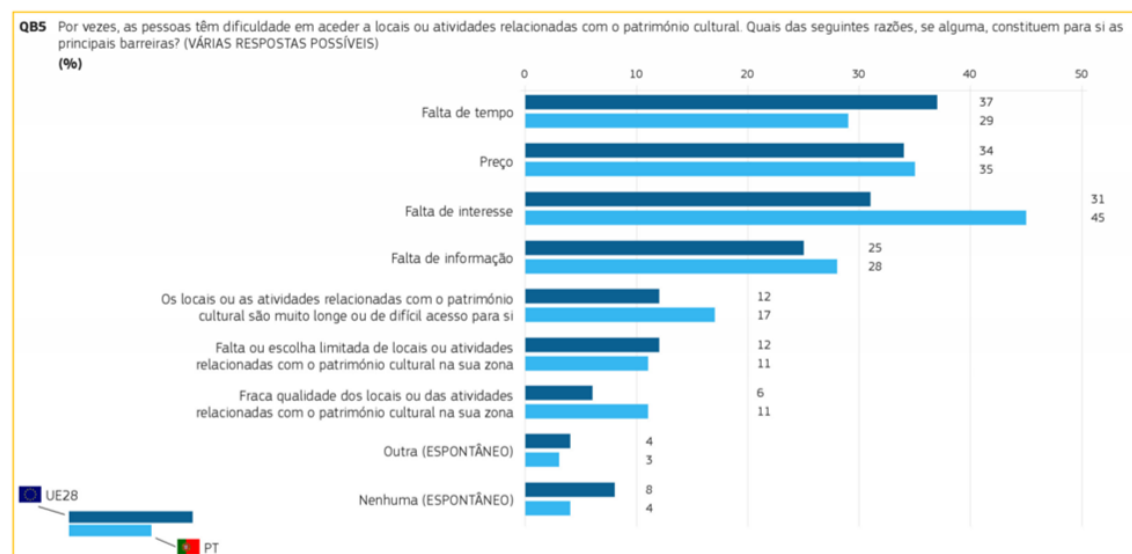
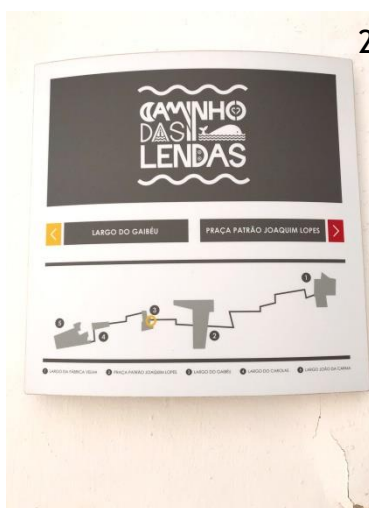


Gráfico 2. Principal razão para a não participação em actividades culturais.

Anexo 10

Olhão é uma cidade ímpar, repleta de história e envolta em lendas que sempre inspirou quem lá viveu e quem por lá passou. Muitas eram histórias movidas pelo medo ou pelo amor, vividas e contadas pelos pescadores que passavam longos períodos de tempo no mar. Ao regressarem a terra e a casa contavam às famílias as suas histórias, por sua vez estas passavam a palavra, até que se soubesse por toda a cidade, muitas foram as histórias que com o tempo se tornaram lendas. A lenda da Florípes e a do menino dos Olhos Grandes são as mais conhecidas, no entanto há mais três e todas conferem um certo encanto e mistério à cidade. Sendo um tema de importância histórica e cultural a que a Câmara Municipal de Olhão tem vindo a dar maior importância, dando a conhecer estas histórias, através de um percurso pedonal espalhando pela zona histórica da cidade que liga cinco dos principais largos da zona histórica da cidade de Olhão, denominado por Caminho das Lendas, foi inaugurado a 16 de Junho de 2014, dia em que se comemora o feriado da Cidade de Olhão. Cada um destes largos foi intervencionado e o seu espaço foi requalificado com materiais novos e uma organização preparada para receber as respectivas esculturas. Em alguns casos os materiais foram alterados, apesar de tudo não se considera que tenha sido a melhor escolha, ou que esta tenha trazido mais-valias ao espaço em questão, pois foi trocada a calçada algarvia tão característica deste lugar por um pavimento em blocos de outra pedra, descaracterizando e desvalorizando o local. Com este acontecimento é possível compreender que apesar da afluência turística que se faz sentir na cidade e da necessidade de dar a conhecer a cidade através de meios de entretenimento, não seria necessário a alteração daquilo que já fazia parte da história natural, por algo forçado e embelezado para turista. Abaixo podemos ver um excerto de sinaléticas existentes nas ruas. E ao lado encontram-se as figuras lendárias que podem ser encontradas das ruas da cidade de Olhão.



Rota das Lendas em Olhão.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



4 - Largo da Fábrica Velha - Lenda de Marim; 5- Praça Patrão Joaquim Lopes - Lenda da Floripes; 6- Largo do Gaibéu - Lenda do Mouro Encantado; 7- Largo do Carolas - Lenda do Menino dos Olhos Grandes; 8- Largo João da Carma - Lenda do Arraúl.

IMOBILIÁRIO



Em Olhão, as casas já valem o dobro

JOANA MADEIRA PEREIRA

Imaginas que nos próximos "10 anos" a procura de casas em Olhão, no Algarve, vai ser tão intensa como a procura de casas em Lisboa e no resto do país? Pois é, isso pode acontecer. Segundo a jornalista Joana Madeira Pereira, a procura de casas em Olhão vai crescer muito nos próximos anos...



Algarve Estrangeiros procuram os centros históricos do Sotavento e preços disparam e depois vem o caso da praia e o do centro urbano, com a procura a aumentar bastante. Mesmo assim, os preços continuam a subir, e a procura continua a crescer...

300 famílias habitam

Mais uma habitação é, agora, ocupada, dando à família de emigrantes que vive no bairro de São João, em Olhão, o seu espaço próprio. O bairro de São João, em Olhão, é habitado por cerca de 300 famílias...

procuram autenticidade e informação sobre o mercado de habitação. A maioria das famílias que se deslocam para o Algarve habitam em centros urbanos, e a procura continua a crescer...

O PICO DA PROCURA DE IMOBILIÁRIO DEJÁ-SE NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2016, AGORA, A OFERTA JÁ ESCASSA

Quando se trata de comprar ou alugar uma casa em Olhão, os estrangeiros continuam a ser os principais interessados. A procura continua a crescer...

OLHÃO A LOPHTERISTAS vendem casas em Olhão e arredores por valores superiores a 1 milhão de euros. A procura continua a crescer...

O Algarve já não é o que era

Compreendemos como está a realidade imobiliária em Olhão e arredores. A procura continua a crescer...

Olhão é um destino turístico muito procurado por estrangeiros. A procura continua a crescer...

Em Olhão beneficiam de uma procura que já não quer apenas ir à praia. Turistas e famílias de Santo Amaro procuram pelo interior

Alguns turistas procuram o interior de Olhão, não apenas para ir à praia, mas também para conhecer o interior da cidade...

Advertisement for Century 21 Real Estate, featuring a woman sitting on a chair and the text 'Residencial' and 'Century 21'.

ECONOMIA

Os centros das cidades estão a ser reconstruídos ao ritmo de T0 e T1

A “financeirização” da habitação urbana está a impor tipologias pequenas nos prédios reabilitados. Arquitectos pedem cuidado e alertam para o regresso a estas fracções na ressaca do boom do turismo

Imobiliário
Luísa Pinto

A estratégia do Governo que está actualmente em consulta pública e preconiza uma “Nova Geração de Políticas de Habitação” defende “a promoção da reabilitação do edificado” e a dinamização “do mercado de arrendamento para fins habitacionais permanentes” nos centros urbanos. Surge numa altura em que a dinâmica da reabilitação está em alta e a colocação de fogos no mercado também. Contudo, estas casas não são para o arrendamento de longa duração, mas antes para o turismo e o alojamento local. E as tipologias que estão a ser colocadas, quase sempre de dimensões mínimas, a insistir nos T0 e T1, também parece adequarem-se pouco ao regresso das famílias aos centros das cidades, onde os que procuram habitação permanente esbarram com grandes dificuldades.

Hoje, é possível encontrar um T0 com 15 metros quadrados em plena Rua de Cedofeita, no Porto, a custar 1200 euros de renda mensal. Em Lisboa, um T1 em Alfama custa facilmente 2200 euros por mês. O discurso de quem procura é sempre o mesmo: o que existe disponível ou está em muito mau estado, ou tem rendas altíssimas, e há muito pouca oferta para arrendamento de longa duração. “Enquanto o turismo estiver com esta força toda no centro da cidade, vai ser muito difícil convencer um proprietário a tirar casas do alojamento local em troca de benefícios fiscais”, resume Adriana Floret, fundadora de um dos primeiros gabinetes de arquitectura dedicados à reabilitação urbana no Porto, em 2001.

O alojamento de curta duração, com pequenas tipologias que permitem colocar maiores números de fracções no mercado, e obter rentabilidade imediata é, ainda, demasiado apetecível. “Corremos o risco de

estarmos a perder diversidade cultural e social dentro da cidade, de estarmos a criar uma cidade com cafés, restaurantes e hotéis. Uma monocultura”, avisa Adriana Floret.

Contar a história de Adriana Floret, no Porto, é contar um pouco a revolução – “não há outro nome para nos referirmos ao tanto que mudou em tão pouco tempo”, refere – que viveram os centros históricos das cidades de Lisboa e Porto. Adriana começou a trabalhar na reabilitação em 2001, fez os primeiros levantamentos patrimoniais para a Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) do Porto e lembra-se de haver quarteirões inteiros, como um na Rua do Almada, em que havia apenas uma habitante, num quinto andar de um prédio envelhecido e sem elevador. E lembra-se de telefonar para um proprietário de três prédios na Rua de Mouzinho da Silveira para pedir autorização para fazer esse levantamento e este começar por negar que ali tivesse alguma propriedade. “Aquilo estava de tal modo esquecido que os proprietários nem se lembravam que ali tinham património que hoje em dia vale milhões”, ilustra.

A reabilitação urbana demorou a chegar. Entre 2000 e 2014, o atelier de Adriana esteve envolvido em cerca de 60 projectos. “Foi preciso uma espécie de evangelização”, acrescenta David Araújo, marido de Adriana, também arquitecto, dizendo que eles próprios tiveram de se acomodar. Tinham um edifício na Rua de Entreparedes (bem perto da Praça da Batalha): o escritório em baixo, a casa de ambos por cima.

“Comprámos há cinco anos uma casa para recuperar, achávamos que era um projecto para a vida”, relata David. Só que não: precisaram de alargar o atelier (hoje já trabalham 11 pessoas na Floret Arquitectura) e o preço que lhe ofereceram para comprar o imóvel foi irrecusável. Acabaram por se afastar do centro, mudaram-se para mais perto do



Marquês, onde encontraram o espaço adequado a preços comportáveis. O edifício de Entreparedes vai albergar um projecto turístico.

Preços aumentaram 88% em cinco anos

Uma consulta aos números da Confederação Imobiliária, uma empresa que se dedica à estatística do sector, revela que só no último ano e meio surgiram 129 hotéis em Lisboa e no Porto. Projectos turísticos, onde entram guesthouses ou alojamento

local, fortalecem estes números: em Lisboa 38 em construção nova, 62 em edifícios reabilitados; no Porto 34 projectos de construção nova, 66 em edifícios reabilitados.

Mas estes números não dizem tudo, porque há muitos projectos que são licenciados para habitação e só depois colocados no mercado do alojamento local. Olhando apenas para as obras de reabilitação, entre o primeiro trimestre de 2016 e o segundo de 2017, entraram na Adene, a entidade que faz a obrigatória certificação energética no

Em Lisboa, no último ano e meio, surgiram centenas de projectos dedicados ao alojamento de turistas, entre hotéis e casas

âmbito do licenciamento de obras, mais de 3200 projectos que vão colocar no mercado 7400 fogos. A oferta tem aumentado, mas a procura parece ser bem superior: nos últimos cinco anos os preços subiram 88% na Baixa do Porto e 56% no centro histórico de Lisboa.

Voltando ao exemplo do atelier de Adriana Floret, um dos muitos

PUBLICO, Jornal; Jornalista Luísa Pinto; Os centros das cidades estão a ser reconstruídos ao ritmo de T0 e T1; Secção Imobiliário; 14 de Novembro de 2017 às 6:30; <https://www.publico.pt/2017/11/14/economia/noticia/as-cidades-estao-a-ser-reconstruidas-a-base-de-t0-e-t1-1792363>, consultado pela última vez em 22.09.2018

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Revista Visão - 12 de Julho de 2018



Revista Visão - 5 de Julho de 2018



Revista Visão - 24 Abril de 2018



Revista Visão - 18 de Janeiro de 2018



Revista Evasões -20 de Julho de 2018



Revista Jamie - 23 de Agosto de 2013

Jamie Oliver e a sua equipa também passaram por Olhão e não pouparam nos elogios, referindo que se trata de “Uma cidade “maravilhosamente desalinhada, autenticamente piscatória, com os seus adoráveis mercados de comida”. É assim que Jamie Oliver e a sua equipa se manifestam rendidos aos encantos de Olhão, onde a pesca e a indústria conserveira teimam em não desaparecer, mantendo os traços de um Algarve típico e distante dos grandes resorts³⁶⁹.”



Revista Jamie - 23 de Agosto de 2013.

³⁶⁹ VISÃO; Olhão em destaque na revista do chef internacional Jamie Oliver; 23 de Agosto de 2013 às 11h58; <http://visao.sapo.pt/visaoviagens/comer/olhao-em-destaque-na-revista-do-chef-internacional-jamie-oliver=f746297> consultado pela última vez em 26 de Setembro de 2018.

«Os mercados têm uma sensação intemporal. Eles vivem a sua vida ao ritmo das estações e da subida e descida das marés. Quase nenhum dos produtos viajou mais de sete milhas, e todos os peixes e frutos do mar foram desembarcados ou apanhados há apenas algumas horas.»³⁷⁰

³⁷⁰ SUL INFORMAÇÃO; Jornal <http://www.sulinformacao.pt/2013/08/jamie-oliver-encantado-com-olhao-%C2%ABautentica-terra-de-pescadores%C2%BB/> consultado por ultima vez no 4 de outubro de 2018.

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Anexo 12



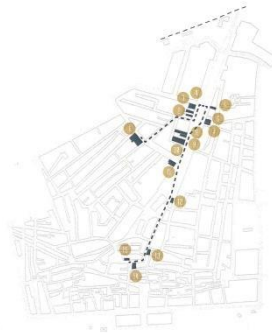
Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Anexo 13

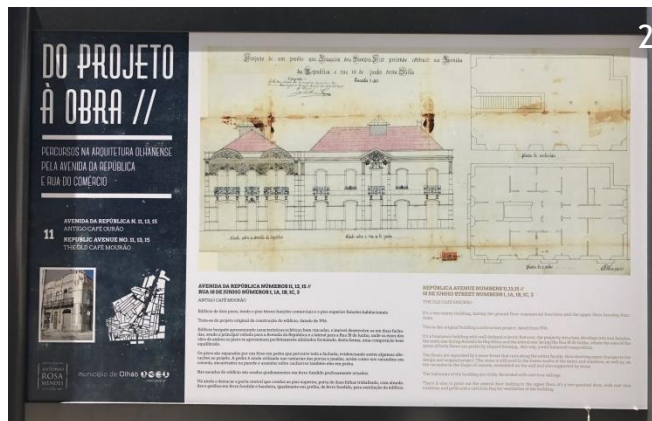


PERCURSO SUGERIDO
SUGGESTED PATH

FICHA TÉCNICA
Título: Do Projeto à Obra: Percursos na Arquitetura Olhanense pela Av. da República e Rua do Comércio
Coordenador: Arquitecto Municipal António Rosa
Artista: António Rosa Mendes
Colaboradora Técnica: Arquitecta Inês Torres
Espaço: Casa de Rua
Impressão: Gráfica Comercial
Tiragem: 500 exemplares
Local e ano: Olhão, 2017
ARQUIVO MUNICIPAL ANTÓNIO ROSA MENDES
Rua 8 de Junho, nº8
8500-648, Olhão
Telefone: 28272166
Correio eletrónico: arquivo.historico@cm-olhao.pt



- | | | | |
|---|---|----|---|
| 1 | RUA 16 DE JUNHO 35, 35a, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57 // RUA GONÇALO VELHO 36, 38, 40 // RUA DA CERCA 11, 13, 15
CASARÃO COM AZULEJOS AZUIS // THE LANCE HOUSE WITH BLUE TILES | 8 | AVENIDA DA REPÚBLICA 33
CLUBE DAS CAÇADORAS // HUNTER & CLAY |
| 2 | AVENIDA DA REPÚBLICA 55
LATERAL DA PASTELARIA OLHANENSE // OLHANENSE PASTRY
LATERAL SIDE | 9 | AVENIDA DA REPÚBLICA 31
ESCOLA DE CONDIÇÃO OLHANENSE // OLHANENSE DANCING SCHOOL |
| 3 | AVENIDA DA REPÚBLICA 59
CASA AMARELA // YELLOW HOUSE | 10 | AVENIDA DA REPÚBLICA 27
CASA AMARELA DE SERRA // AMARELO HOUSE |
| 4 | AVENIDA DA REPÚBLICA 67, 69, 71 // RUA GENERAL HUMBERTO DELGADO 1, 3, 5, 7
SOCIETY RECICLAÇÃO PROGRESSO OLHANENSE // PROGRESSO OLHANENSE RECREATIONAL SOCIETY | 11 | AVENIDA DA REPÚBLICA 11, 13, 15 // RUA 18 DE JUNHO 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19
ANTIGO CAFE, RESTAURANTE // THE OLD RESTAURANT CAFE |
| 5 | AVENIDA DA REPÚBLICA 126, 128
AVENUE HOSTEL & SUITE | 12 | PRAÇA DA RESTAURAÇÃO // RUA VASCO DA GAMA
ANTIGO BANCO POPULAR // FORMOSA POPULAR BANK |
| 6 | AVENIDA DA REPÚBLICA 94, 96, 98, 100
FABRICA DO QUELHO // CHEESE FACTORY | 13 | RUA DO COMÉRCIO
SOCIETY MARY JAMES |
| 7 | AVENIDA DA REPÚBLICA 90, 92 // RUA DIOGO MENDONÇA CORTE REAL 24, 26, 28, 30
CASA DAS BICICLETAS SIDONIA // SIDONIA'S BICYCLE HOUSE | 14 | RUA DO COMÉRCIO 32, 34, 35
CASA DA BICICLETA LOCAL // LOCAL BICYCLE SHOP |
| | | 15 | RUA DO COMÉRCIO 31, 33
LARGO SEBASTIÃO MARTINS MESTRE 2
TOP MARQUE'S PROPERTIES |



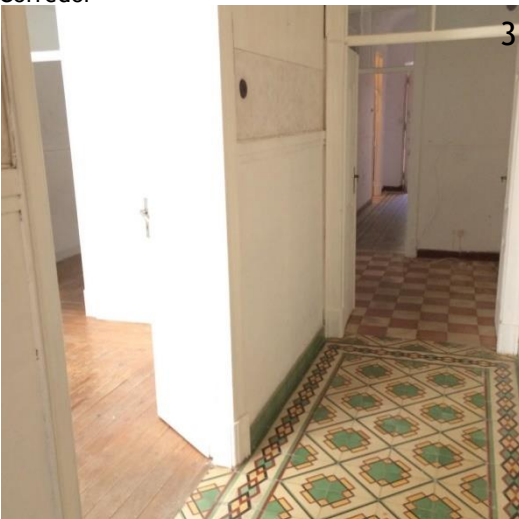
<http://www.cm-olhao.pt/destaques2/2240-olhao-assinala-dia-internacional-dos-arquivos-com-exposicao-sobre-arquitetura>

Anexo 14 - Casa Saudade, antes e depois.

Fachada



Corredor



Cozinha



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Sala de iantar



7



8

Casa de Fora



9



10

Pátio



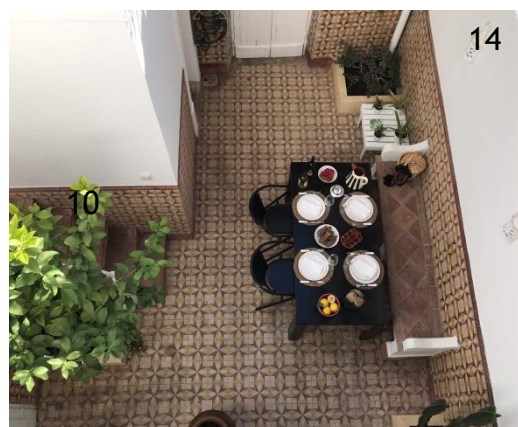
11



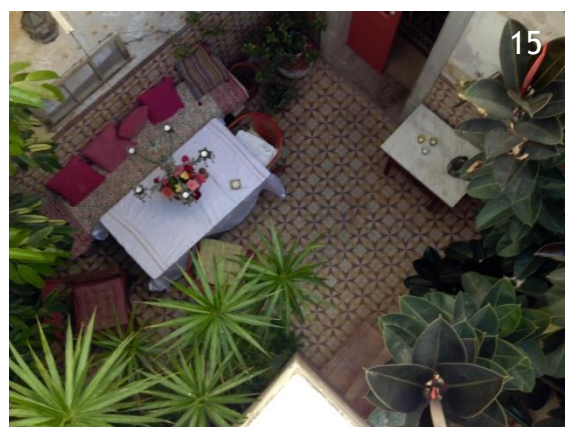
12

Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Pátio



Pátio



Outros detalhes da mesma casa, onde foram reutilizados antigos móveis e mobílias.



Anexo 15 - Casa Xadrez, antes e depois.

Fachada



“Casa-de-Fora”



“Casa-de-Fora”



Corredor



Instalação Sanitária



Instalação Sanitária

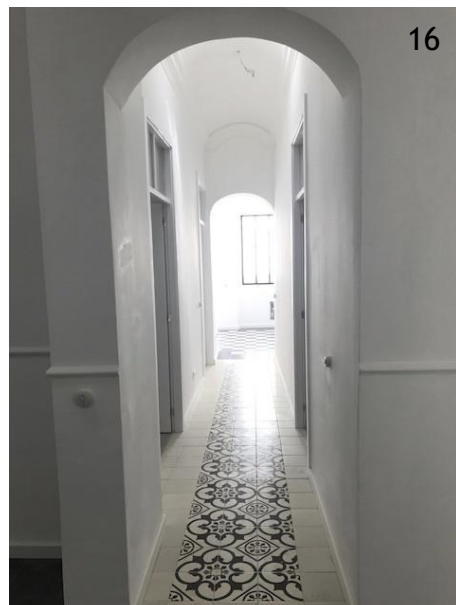


Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Cozinha



Corredor



Sala de Jantar



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Quarto



Pátio



Pátio



Instalação Sanitária



Açoteia



Açoteia



Anexo 16 - Casa Mirante, antes e depois.

Fachada



Pátio



Pátio



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Escadas para a Açoteia



Cozinha



Cozinha



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Quarto



Instalação Sanitária

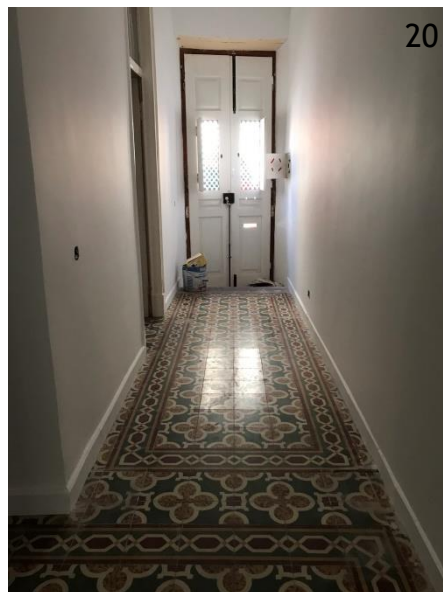


Corredor



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

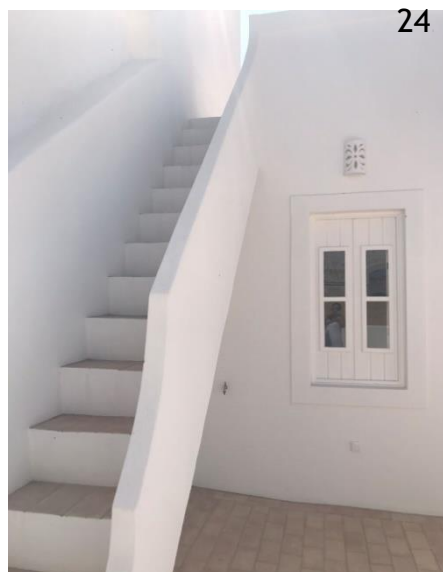
Corredor



Açoteia



Escadas para o Mirante



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão

Mirante



Fachada



Outros detalhes da mesma casa, onde foram reutilizados elementos arquitectónicos. Portas poço e pátio.



Algarve: Tradição Arquitectónica e Contemporaneidade
Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão



Claudia&Marcelo Lda, com número de contribuinte coletivo 514622806 através dos seus sócios Marcelo Carrasquinho Marreiros e Claudia Alexandra Gaspar da Graça Lichtenstein confirma que desde do dia 01/02/2018 a Vanessa Alexandra Rosa Afonso encontra-se a colaborar com esta empresa a tempo inteiro na área de arquitectura até ao presente dia e que autoriza a utilização de todo o material gráfico (desenhos e fotografias) realizados no âmbito das suas funções.

Os sócios gerentes:

Marcelo Carrasquinho Marreiros

Claudia Alexandra Gaspar da Graça Lichtenstein

Claudia & Marcelo, Lda
NIF: 514622806
A Gerência